

ANNATODD

BEFORE

A HISTÓRIA DE HARDIN ANTES DE TESSA

DA SENSACÃO DO **wattpad** IMAGINATORIO

O COMEÇO
DO INFINITO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





ANNATODD

BEFORE

A HISTÓRIA DE HARDIN ANTES DE TESSA

O COMEÇO
DO INFINITO



DA SENSÇÃO DO **wattpad** IMAGINATOR10

ANNATODD

BEFORE

A HISTÓRIA DE HARDIN ANTES DE TESSA



Tradução
CAROLINA CAIRES COELHO

PA
PA
LE
LA

“Eu, que já era fã da série, sacramentei meu amor eterno com este último livro lindo”

— *Blog Livros e Laços de Fita*

“Com Hardin e Tessa eu aprendi que uma história de amor não precisa ser linear e sem erros, não precisa ser incondicional, ela precisa ser verdadeira”

— *Blog Coração de Tinta*

“Ódio, amor, diversão, raiva, reflexão. Não importa, Anna vai conseguir arrancar alguma emoção de todos”

— *Blog Meu Mundinho Fictício*

“After foi uma série que me levou do céu ao inferno a cada volume”

— *Blog Histórias sem Fim*

“Sou completamente viciada na narrativa da Anna Todd e na história que ela criou”

— *Blog Por uma Boa Leitura*

“Acabei o livro completamente sem fôlego, me acabando de chorar, não só porque chegamos ao final, mas principalmente porque acabou e eu já sinto saudades de #Hessa”

— *Blog Every Little Book*

“Não há outro final mais lindo que ela poderia ter dado para #Hessa”

— *Blog Capa e Título*

“Amei e chorei rios no final do livro. Anna Todd, te amo ainda mais!”

— *Blog Once Upon a Time*

“After foi uma das melhores séries que li em 2015, um verdadeiro

presente literário. Mal posso esperar por mais”

— *Blog Fora de Forks*

“É um livro marcante, viciante e inesquecível”

— *Blog As Meninas que Leem Livros*

Também de Anna Todd:

After

After — Depois da verdade

After — Depois do desencontro

After — Depois da esperança

After — Depois da promessa

*A todos os meus brilhantes leitores,
que me inspiram muito mais do que imaginam.*



Playlist de Hessa

“Never Say Never”, The Fray

“Demons”, Imagine Dragons

“Poison & Wine”, The Civil Wars

“I’m a Mess”, Ed Sheeran

“Robbers”, The 1975

“Change Your Ticket”, One Direction

“The Hills”, The Weeknd

“In My Veins”, Andrew Belle

“Endlessly”, The Cab

“Colors”, Halsey

“Beautiful Disaster”, Kelly Clarkson

“Let Her Go”, Passenger

“Say Something”, A Great Big World, ft. Christina Aguilera

“All You Ever”, Hunter Hayes

“Blood Bank”, Bon Iver

“Night Changes”, One Direction

“A Drop in the Ocean”, Ron Pope

“Heartbreak Warfare”, John Mayer

“Beautiful Disaster”, Jon McLaughlin

“Through the Dark”, One Direction

“Shiver”, Coldplay

“All I Want”, Kodaline

“Breathe Me”, Sia



PARTE UM

ANTES

Quando era pequeno, o menino costumava sonhar com o que seria quando crescesse.

Talvez policial ou professor. Vance, o amigo de sua mãe, trabalhava lendo livros, e isso parecia divertido. Mas o menino não sabia ao certo quais eram suas habilidades — não tinha nenhum talento. Não sabia cantar como Joss, a menina de sua sala, não sabia fazer contas de somar e subtrair como Angela, não conseguia falar na frente dos colegas, como o engraçado e falante Calvin. A única coisa que gostava de fazer era ler páginas e mais páginas de seus livros. Ficava à espera que

Vance os trouxesse — um por semana, às vezes mais, às vezes menos. Va desaparecia

de tempos em tempos, e o menino ficava entediado, relendo as mesmas pá amassadas de seus livros preferidos. Mas ele aprendeu a confiar que o homem gentil sempre voltaria com um livro na mão. O menino ficou mais alto, mais esperto, parecia crescer dois centímetros e ganhar um livro a cada duas semanas.

Com o tempo, seus pais foram mudando. O pai gritava cada vez mais, foi se tornando mais negligente, e a mãe se mostrava cada vez mais cansada, e seu choro preenchia a noite, cada vez mais alto. O cheiro de tabaco e de coisa pior começou a se impregnar nas paredes da casa apertada. Tão constante quanto a louça acumulada na pia era o cheiro de álcool no hálito do pai.

Conforme os meses se passavam, às vezes ele se esquecia da aparência do próprio pai.

Vance aparecia com mais frequência, e ele mal notava quando o choro da mãe mudava à noite.

Havia

feito amizades nessa época. Bom, uma amizade. Quando o amigo se mudou, ele r se deu ao trabalho de arrumar outros. Achava que não precisava de amigo nenhum, não se importava de ficar sozinho.

Os homens que apareceram naquela noite abalaram profundamente o coração do menino. O que ele viu acontecer com sua mãe o tornou mais frio, e o afastamento de seu pai fez sua raiva crescer ainda mais. Logo depois, seu pai deixou de vez de cambalear pela casa pequena e imunda. Quando foi embora, o menino ficou aliviado. Não havia mais bebida, não havia mais móveis quebrados nem buracos na parede. A única coisa que ele deixou foi um menino sem pai e uma sala de estar cheia de maços de cigarro pela metade.

O menino detestava o gosto que os cigarros deixavam, mas adorava o modo como a fumaça preenchia seus pulmões, roubando seu fôlego. Acabou fumando todos e comprando mais. Fez novos amigos, considerando que fosse possível chamar de amigos uma turma de rebeldes e delinquentes reunidos que causavam mais encrenca do que se podia imaginar. Começou a ficar fora de casa até tarde, e as mentirinhas e brincadeiras inofensivas que os meninos revoltados inventavam foram ficando mais pesadas, e todos sabiam que era errado — mais errado impossível

—, mas achavam que estavam só se divertindo. Tinham esse direito, e não conseguiam ficar sem a adrenalina, sem a sensação de poder. A cada inocência roubada, eles sentiam suas veias pulsarem com mais arrogância, mais vontade e menos limites.

O menino ainda era o mais sensível deles, mas já tinha perdido o impulso que o fizera sonhar em se tornar bombeiro ou professor. A relação que vinha estabelecendo com as mulheres não era normal. Ele desejava tocá-las, mas se esquivava de qualquer tipo de elo emocional. Isso incluía

também a sua mãe, para quem ele parou de dizer até mesmo um simples “eu te amo”. E quase não a via mais. Passava a maior parte do tempo na rua, e sua casa passou a significar apenas um lugar para onde os pacotes eram entregues de tempos em tempos, com um endereço Washington rabiscado embaixo do nome de Vance, o remetente.

Vance também o havia abandonado.

O menino chamava a atenção das garotas. Elas se agarravam a ele, com as unhas compridas marcando seus braços enquanto ele as enganava, beijava ou transava com elas. Depois do sexo, a maioria tentava abraçá-lo. Ele as afastava, sem beijos nem carinhos. Na maior parte do tempo, ia embora antes mesmo que elas recuperassem o fôlego. Ele passava os dias chapado, e as noites ainda mais. Ficava na viela atrás da loja de bebida ou na loja do pai de Mark, desperdiçando a vida. Arrombando lojas de bebidas, fazendo vídeos caseiros imperdoáveis, ingênuas. Não conseguia mais sentir nenhum tipo de emoção além de arrogância e raiva.

Quando foi preso, sua mãe já estava esgotada. Não tinha mais dinheiro nem paciência para lidar com seu comportamento destrutivo. Seu pai havia recebido uma proposta para trabalhar em uma universidade dos Estados Unidos. Do estado de Washington, mais exatamente em que Vance morava, a mesma cidade, até. O mocinho e o vilão juntos no mesmo lugar de novo.

Sua mãe achava que ele não estava ouvindo quando conversou com seu pai sobre mandá-lo para lá. Pelo jeito, o velho tinha dado um tempo na bebida, mas o menino sabia se podia confiar nisso. Nunca saberia. Seu pai também estava namorando uma mulher bacana que o menino invejava. Ela ficou com a parte boa dele. Compartilhava com ele refeições sem bebidas alcoólicas e palavras gentis, coisas que o menino nunca teve.

Quando chegou à faculdade, mudou-se para uma república, para irritar seu pai. Mas, apesar de não gostar da casa, ao levar as caixas para o quarto grande que ocuparia, ele sentiu um pouco de alívio. Era duas vezes maior do que o quarto que ele tinha em Hampstead. Não havia buracos na parede, nem insetos subindo pelo cano do banheiro. Finalmente, ele teria um lugar para colocar todos os seus livros.

A princípio, ele se manteve retraído, não quis fazer amigos. Seu grupo se formou lentamente e, com isso, o comportamento destrutivo de antes voltou.

Quando conheceu um cara que era quase uma versão americana de Mark, começou a acreditar que a vida seria sempre daquele jeito. Começou a aceitar que sempre ficaria sozinho. Ele era bom em magoar pessoas, em arrumar encrenca. Magoou outra garota, como a anterior, e sentiu a

mesma tempestade percorrer seu corpo, tentando destruir sua vida com uma energia poderosa.

Começou a beber como seu pai, passou a ser um hipócrita do pior tipo.

Mas não dava a mínima para isso; era apático e tinha amigos que o ajudavam a ignorar o fato de que não havia nada verdadeiro em sua vida.

Nada tinha importância.



Natalie

Quando ele conheceu a garota de olhos azuis e cabelos escuros, percebeu que ela representava um novo desafio para ele em diversos sentidos. Ela era meiga, a alma mais gentil que já tinha conhecido até então... e estava apaixonada por ele.

Ele arrancou a menina ingênua de seu mundo limpinho e cheiroso, e a arrastou para dentro de um lixão, largando-a num mundo escuro e cruel, totalmente desconhecido para ela. A maldad dele a isolou, fez com que se afastasse primeiro da igreja, depois da própria família. As fofocas eram implacáveis, as mulheres a julgavam sem parar com suas bíblias nas mãos. não foi diferente. Ela ficou sem ninguém, e cometeu o erro de confiar demais nele.

Para a mãe do menino, foi a gota d'água. Ele foi mandado para os Estados Unidos, para o estado de Washington, para ficar com seu suposto pai. Por ter tratado Natalie como tratou, ele foi exilado de Londres, sua cidade natal. A solidão que sempre sentiu finalmente passou a ser real.

A igreja está lotada hoje, fileiras e mais fileiras de pessoas, todas reunidas para o tarde quente de julho. Toda semana, eram quase sempre as mesmas pessoas, que sobrenome.

Minha família vive como se fosse da realeza aqui em uma das menores casas de J

Minha irmã mais nova, Cecily, está sentada ao meu lado na primeira fileira, cutuc madeira lascado com as mãozinhas. Nossa igreja acabou de receber uma doação p nosso grupo de jovens vem ajudando a organizar as coisas doadas pela comunidade. nossa tarefa é conseguir tinta com os comerciantes da região e pintar os bancos n

Nos fins de tarde, eu percorri as lojas de materiais de construção uma a uma, pedi

Como se para mostrar que a tarefa era mesmo necessária, ouço um estalo baixinh vejo que Cecily arrancou um pedaço pequeno de madeira de seu assento. Suas un de cor-de-rosa para combinar com o laço de seus cabelos castanhos, mas, puxa, ela destruir as coisas.

“Cecily, vamos ter que consertar isso na semana que vem. Por favor, para.” Segui com as minhas, e ela faz um bico. “Você pode ajudar a pintar e deixar tudo bonito não?” Sorrio para ela. Ela sorri olhando para mim, um sorriso lindo com alguns d

balança a cabeça. Os cachinhos balançam todos juntos, deixando minha mãe trabalhar com o babyliiss hoje cedo.

O pastor está quase terminando o sermão, e meus pais estão de mãos dadas, olhando frontalmente para a nossa pequena igreja. O suor se acumula na minha nuca, escorrendo pelas minhas costas enquanto palavras sobre pecado e sofrimento tomam conta dos meus pensamentos. Está muito quente aqui dentro, e a maquiagem da minha mãe começa a desmanchar e a espalhar manchas pretas ao redor de seus olhos. Deve ser a última sessão sem ar-condicionado. É melhor que seja; pode ser que até eu finja estar doente para evitar que aqui se não for.

No fim do culto, minha mãe fica de pé para conversar com a esposa do pastor. Mesmo que eu não gosto muito daquela mulher — um pouco demais, na minha opinião. Pauline, a primeira-dama da igreja, é uma mulher durona e quase incapaz de demonstrar empatia com os outros, então minha mãe se interessa por ela.

Aceno para Thomas, o único garoto da minha idade que faz parte do grupo de jovens e sua família inteira, seguindo a fila de pessoas saindo da igreja, acenam para mim e tomam um pouco de ar fresco, eu me levanto e passo as mãos no meu vestido azul claro.

“Pode levar Cecily para o carro?”, pergunta meu pai, com um sorriso.

Ele vai tentar fazer minha mãe parar de falar, como em todo domingo. Ela é do tipo que fala sem parar mesmo depois de se despedir no mínimo três vezes.

Nesse sentido, eu não sou parecida com ela. Na verdade, prefiro ser como meu pai porque suas palavras costumam ter muito significado. E eu sei que meu pai adora ver que sou diferente das outras coisas, desde o jeito calado de ser até os cabelos escuros e olhos azuis, o fato de eu também ser na altura. Ou melhor, na falta de altura. Nós dois medimos menos de um metro e cinquenta, apesar de ele ser um pouco mais alto. Cecily vai ser mais alta do que nós dois quando crescermos, minha mãe sempre diz para nos provocar.

Balanço a cabeça para meu pai e seguro a mão de minha irmã. Ela anda mais depressa do que a animação da idade faz com que passe correndo pelo que sobra da pequena multidão, mas ela dá as costas para mim com um sorriso no rosto, e não consigo fazer nada para não deixar de correr atrás. Saímos em disparada, descendo as escadas em direção ao gramado.

um casal de idosos, e eu dou risada quando ela grita e quase derruba Tyl malcriado da nossa igreja. O sol está forte, e o ar úmido enche meus pulmões em vez
a até ela cair na grama. Fico de joelhos para examiná-la. Eu me inclino e afastos os cabelos do rosto dela. Lágrimas grandes ameaçam escorrer de seu inferior treme bastante.

“Meu vestido...” Ela passa as mãozinhas no vestido branco, concentrando as deixadas pela grama no tecido. “Está destruído!” Ela esconde o rosto sob o seguro, puxando-as para o colo dela.

Abro um sorriso e digo delicadamente: “Não está destruído. É só lavar, querida.”

Passo o polegar pela lágrima que tenta escorrer pelo seu rosto. Ela funga, não para acreditar em mim.

“Acontece o tempo todo; aconteceu comigo pelo menos trinta vezes”, eu gementira.

Os cantos de sua boca se contorcem para cima, mas ela se esforça para c

“Aconteceu nada.” Ela repreende a minha mentira. Eu a abraço e a puxo

Aproveito para examinar seus bracinhos para ter certeza de que não deixei de ver

Eu continuo abraçando-a enquanto atravessamos o pátio da igreja até o estacionamento. Meus pais estão indo até nós daquela direção, já que meu pai finalmente conseguiu fofocar.

Durante o trajeto para casa, fico sentada no banco de trás com Cecily, desenhando em seu livro de colorir enquanto meu pai conta a minha mãe que alguns guaxinins cesto de lixo no quintal. Meu pai deixa o carro ligado quando estaciona na frente dá um beijo no rosto e desce pela porta de trás. Eu faço o mesmo e abraço minha um beijo no rosto antes de eu me acomodar no banco do motorista.

Meu pai olha para mim. “Tome cuidado, querida. As ruas estão cheias hoje, por causa do sol.” Ele levanta a mão para proteger os olhos semicerrados. É o dia mais ensolarado nos últimos tempos. Antes estava calor, mas sem sol. Eu balanço a cabeça e prometo

vou ser cuidadosa.

Espero até sair do bairro para mudar a estação de rádio. Aumento o volume das músicas que tocam até chegar ao centro da cidade. Meu objetivo é conseguir comprar cada uma das três lojas em que passar. Vou me contentar se conseguir comprar uma e conseguir três para que a tinta seja suficiente para cobrir tudo.

A primeira parada, a Mark's Paint and Supply, tem fama de ser a mais barata da cidade. O Mark, é bem conhecido na região, e fico feliz porque vou conhecê-lo. Paro no estacionamento quase vazio; só vejo um carro clássico vermelho e uma minivan estacionados no espaço. A minivan é antiga, feita com placas de madeira e coberta com um reboco instável. A placa de identificação consigo ver o M. Quando abro a porta de madeira, ela range, e uma sineta toca. Uma caixa de papelão e para na minha frente. Faço um carinho na bolinha de pelo e então caminho até a caixa registradora.

O lado de dentro da loja é tão desorganizado quanto o de fora e, no meio do caminho consigo ver o garoto atrás do caixa quando me aproximo. A presença dele me chama a atenção; é alto e tem ombros largos; parece ser do tipo esportista.

“Mark...”, digo, sem conseguir lembrar o sobrenome dele. Todo mundo só o chama de Mark.

“O Mark sou eu”, diz alguém atrás do garoto de corpo atlético.

Inclinando-

me um pouco para o lado, vejo outro garoto sentado em uma cadeira atrás do caixa.

Ele está vestido todo de preto. Seu corpo é bem mais esguio que o do primeiro, mas ainda é bem marcante. Seus cabelos são escuros, compridos nas laterais, deixando o rosto bem visível. Ele tem tatuagens nos braços, espalhadas aleatoriamente em manchas de tinta escura e pele bronzeada.

Não faz muito meu tipo, mas, em vez de criticá-lo, só consigo me perguntar como pode todo mundo estar bronzeado neste verão menos eu.

“Ele não. Eu”, diz uma terceira pessoa. Olhando para o lado oposto ao do primeiro garoto, vejo um de estatura média, magro, com os cabelos raspados. “Mas eu sou o Mark, o Mark Junior. Se estiver procurando meu pai, ele não está aqui hoje.”

O terceiro garoto também tem algumas tatuagens, apesar de serem mais organizadas. O menino de cabelos bagunçados, e ele tem um piercing na sobrancelha. Eu me lembro para meus pais me deixarem colocar um piercing no umbigo, e até hoje não consigo me recordar da cara de susto deles.

“Ele é o melhor dos dois Marks”, diz o garoto de cabelos bagunçados, com uma voz lenta. Ele sorri, e duas covinhas bonitas aparecem em seu rosto.

Dou risada, desconfiando que isso não poderia estar mais longe da verdade, “mas duvido”, respondo. Todos riem, e Mark Jr. se aproxima, com um sorriso nos

O garoto da cadeira se levanta. Ele é tão alto que sua presença se torna ainda mais imponente quando se aproxima e para na minha frente. É bonito; tem um rosto forte. Uma nariz escuro, cílios escuros, sobrancelhas cheias. O nariz é fino e os lábios são rosados. Olho para mim.

“Está procurando meu pai por algum motivo?”, pergunta Mark.

Não respondo na hora, e Mark e o atleta olham para mim e para o amigo deles.

Voltando a me concentrar na minha tarefa, e um pouco envergonhada por estar sendo olhada, eu começo meu discurso: “Sou da igreja Batista de Hampstead e gostaríamos de receber doações de tinta ou materiais para nós. Estamos reformando nossa igreja e gostaríamos de receber doações...”.

Eu me interrompo, porque o menino charmoso de lábios rosados está falando com seus amigos com uma voz baixa demais para eu ouvir. Então eles param, e os três sorriem uma vez, uma fileira completa de sorrisos.

Mark é o primeiro a falar. “A gente pode fazer isso por você, com certeza”, diz ele.

Seu sorriso parece o de um felino, mas não consigo explicar por quê. Sorrio para agradecer. Ele se vira para o amigo com uma tatuagem enorme de navio no bíceps e pergunta: “Você também tem aí?”

Hardin? Que nome estranho; nunca ouvi.

A camiseta preta do tal Hardin mal cobre a parte de baixo do navio de naves, mas o efeito é bem-feito, os detalhes e as sombras formam um belo efeito. Quando olho para o rosto

por um instante nos lábios, sinto meu rosto esquentar. Ele está olhando para mim, o estou encarando intensamente. Percebo Mark e Hardin se entreolharem, e Mark diz para ele, sem emitir som.

“Que tal uma proposta?”, pergunta Mark, apontando com a cabeça para Hardin.

Estou interessada em ouvir isso. Esse Hardin parece engraçado, meio maluco, mas gostando dele. “E qual seria?” Enrolo as pontas dos cabelos com o dedo e espero. Ele olhando para mim. Ele passa a impressão de que está sempre tentando se resguardar do outro lado da loja. Fico muito curiosa em relação a esse garoto que está sempre querendo parecer durão. Eu me retraio, imaginando o que meus pais pensariam, em caso de eu aparecesse comigo lá em casa. Minha mãe acha que tatuagens são coisas de gente ruim. Sei lá. Elas não fazem muito a minha cabeça, mas acho que podem ser uma forma de expressão, sempre existe beleza nisso.

Mark passa a mão no rosto liso. “Se você topa sair duas vezes com meu amigo Hardin, dez galões de tinta.”

Olho para Hardin, que está me encarando, esboçando um sorriso. Que lábios bonitos, traços levemente femininos o tornam ainda mais atraente, e não tanto as roupas por serem bagunçadas. Será que era isso que eles estavam cochichando? Hardin gostou de mim.

Enquanto penso na ideia, Mark continua:

“De qualquer cor. Qualquer acabamento. Por nossa conta, dez galões.”

Ele é um bom vendedor.

Estalo a língua. “Uma vez”, digo.

Hardin ri; seu pomo-de-adoção se movimenta quando ele ri, e as covinhas aparecem em seu rosto.

Sim, ele é muito, muito gato. Não acredito que não percebi assim que cheguei aqui, concentrada em conseguir a tinta que mal notei seus olhos verdes reluzindo sob a luz da loja de tinta.

“Pode ser uma vez.” Hardin enfia a mão no bolso, e Mark olha para o outro rapaz raspado.

Sentindo-

me vitoriosa com o sucesso da negociação, eu sorrio e listo as cores de que preciso para os bancos, para as paredes, para as escadas, o tempo todo fingindo que não estou em encontro com Hardin, o garoto reservado e de cabelos bagunçados que é o ponto de se dispor a trocar dez galões de tinta por um encontro.



Molly

A mãe
dele contava histórias a respeito de garotas perigosas quando ele era pequeno. (mais uma garota maltratar você, quanto mais fugir de você, mais ela gosta de insistir, é o que os garotos aprendem.

O que esses garotos que
forçam a barra descobrem quando crescem é que, na maior parte do tempo, quando uma garota não gosta de você, simplesmente não tem jeito. A garota cresceu sem uma mulher para mostrar a ela como deveria ser. Sua mãe sonhava com uma vida acelerada, mais intensa do que aquela que poderia viver ao lado da filha, e a garota aprendeu como os homens deveriam se comportar observando as atitudes dos homens de seu convívio.

Conforme a garota foi crescendo, ela aprendeu o jogo e se tornou excelente jogadora.

Eu puxo a barra do vestido para baixo quando dobro a esquina no escuro

Ouçó o tecido se rasgar quando o puxo, e me repreendo por fazer isso de novo.

Peguei o trem para o centro da cidade na intenção de conseguir... alguma coisa.

Não sei bem exatamente o que, mas estou muito, muito cansada de me sentir assim.

fazer com que a pessoa se comporte de maneiras que nunca imaginou, e eu satisfazer o enorme buraco que existe dentro de mim. A satisfação vem e vai com o olhar. Eles sentem que têm direito ao meu corpo, já que me visto propositalmente para os atiçar. Eles são nojentos e estão erradíssimos, mas eu entro no jogo, incentivando-os com uma piscadinha. Um sorriso tímido para um homem solitário faz milagres.

Por precisar dessa atenção, eu me sinto enojada. É mais do que desconforto; é um aperto dentro de mim.

Quando dobro mais uma esquina, um carro preto se aproxima, e eu desvio o olhar. O homem ao volante diminui a velocidade para me observar. As ruas estreitas e serpenteantes ficam atrás de uma das partes mais ricas da Filadélfia. As ruas são cheias e as casas das ruas mais ricas têm seus depósitos no fundo.

Há dinheiro demais e alegria de menos em Main Line.

“Quer dar uma volta?”, pergunta o homem quando o vidro automático desce com um clique.

Seu rosto é levemente enrugado, e seus cabelos castanhos e grisalhos são cuidadosamente penteados para o lado. Seu sorriso é charmoso, e ele é bonito para a idade que tem. Ele me lembra o cara que sempre soa em minha mente em todos os fins de semana em que faço essa caminhada, em que me sinto um zumbi por algum motivo desconhecido. A falsa gentileza no sorriso dele é só imitação, como minha bolsa “Chanel”. É um sorriso que vem do dinheiro; já sei disso porque os dentes pretos e polidos a ponto de brilhar à luz da lua têm dinheiro, mas não consciência. Eles transam com eles há semanas — meses, até —, e eles buscam nas ruas a atenção que não conseguem em casa. É negada.

Mas não quero o dinheiro dele. Meus pais têm dinheiro, e não é pouco.

“Não sou prostituta, seu doente do caralho!” Dou um chute no carro brilhante com a minha bota de salto plataforma e percebo o brilho de um anel em um de seus dedos.

Seus olhos seguem os meus, e ele esconde a mão embaixo do volante. Imbecil.

“Bela tentativa. Vai para casa, ficar com a sua mulher. Tenho certeza de que o procriador que você arrumou para sair logo mais vai deixar de valer.”

Começo a me afastar, e ele diz mais alguma coisa para mim. A distância carrega o som dele em meio à noite, sem dúvida para um canto escuro. Eu não me dou ao trabalho de responder.

A rua está quase vazia, já que são mais de nove da noite numa segunda-feira. As luzes nos fundos das construções estão quase todas apagadas, o ar está calmo e tranquilo. Perto do restaurante de onde a fumaça sai do teto, e o cheiro de carvão toma meus sentidos agradável, e me faz lembrar dos churrascos no quintal que fazíamos com a família quando eu era mais nova. Na época em que eu os considerava minha segunda família.

Pisco algumas vezes para afastar esses pensamentos e sorrio para uma mulher usando um avental e um chapéu de cozinheiro, que sai pela porta dos fundos. A chama de seu isqueiro brilha forte na noite. Ela dá um trago no cigarro que acabou de comprar novo.

“Cuidado aí, menina”, ela me avisa com a voz rouca.

“Sempre tomo cuidado”, respondo com um sorriso e um aceno. Ela sacode o cigarro nos lábios de novo. A fumaça sobe para o ar frio, e o fogo intenso na ponta do cigarro no silêncio da noite. Ela joga a bituca no concreto e pisa em cima, fazendo barulho.

Eu continuo caminhando, e o ar fica mais frio. Outro carro passa, e eu vou para o lado. O carro é preto... Olho de novo e percebo que é o mesmo preto bem polido que sempre arrepiou minhas costas quando ele diminuiu a velocidade, com os pneus que cobrem a via.

Ando mais depressa, e decido ficar atrás de uma caçamba de lixo para a maior distância possível do desconhecido. Meus pés aceleram o passo, e eu me afasto um pouco.

Não sei por que estou tão paranoica hoje; faço isso quase todo fim de semana. É horrível, dou um beijo no rosto de meu pai e peço para ele o dinheiro do trem. Ele diz que eu passo tempo demais sozinha, que preciso me situar no mundo antes que seja tarde demais.

Seguir em frente. Se seguir em frente fosse tão simples, eu não estaria trocando de roupa e comprando outro vestido, nem enfiaria a bata na bolsa para voltar a vestir no caminho de volta para casa.

Seguir em frente. Como se fosse muito simples.

“Molly, você só tem dezessete anos, precisa voltar para a vida real antes que acabe os melhores anos da sua vida”, diz ele todas as vezes.

Se estes são os melhores anos da minha vida, não vejo motivo para viver mais do

Sempre concordo balançando a cabeça, abrindo um sorriso e desejando, em silêncio, de comparar sua perda com a minha. A diferença é que minha mãe foi embora po

A noite de hoje está meio diferente, talvez porque o mesmo homem está do meu l
vez em vinte minutos.

Começo a correr, deixando meu medo me levar pela viela toda esburacada
movimentada adiante. Um táxi buzina para mim quando entro na rua e volto para
recuperar o fôlego.

Preciso ir para casa. Agora. Sinto o peito arder, e me esforço para respirar o ar fri
calçada e olho em todas as direções.

“Molly? Molly Samuels, é você?”, uma mulher grita atrás de mim.

Eu me viro e vejo o rosto familiar da última pessoa que gostaria de encontrar. Pre
para não correr na direção oposta quando meus olhos encontram os dela, c
marrom de compras em cada mão, quando caminha na minha direção.

“O que você está fazendo aqui, e tão tarde?”, pergunta a sra. Garrett, com uma m
caída sobre o rosto.

“Estou só dando uma caminhada.” Tento cobrir as coxas com o vestido antes de e

“Sozinha?”

“Você também está sozinha”, digo, num tom mais do que defensivo.

Ela suspira e segura as duas sacolas com um dos braços. “Vamos, entre no carro.”
direção à van marrom estacionada na esquina.

Com o clicar de um botão, a porta do lado do passageiro se destranca, e eu entro,
melhor estar dentro do carro com ela e suas críticas do que na rua com c
parece não aceitar um não como resposta.

Minha salvadora temporária entra pela porta do motorista e olha para a frente por
de se virar para mim. “Você sabe que não pode se comportar assim pelo
termina num tom forte, mas suas mãos tremem no volante.

“Não estou...”

“Não tente fingir que nada está acontecendo.” Pela resposta, percebo que ela não é simpática. “Você está se vestindo de um jeito completamente diferente de antes, e não aprovaria. Seus cabelos estão cor-de-rosa... nada a ver com o seu loiro natural. Você está no meio da rua à noite, andando sozinha. Sabia que eu não fui a única a notar sua presença frequente a minha igreja, viu você por aí uma noite dessas. Ele contou na frente de

“Eu...”

Ela faz um gesto com a mão quando ensaio um protesto. “Ainda não terminei. Se você não vai mais para a Ohio State, apesar de ter se preparado para ir com o Curtis nos próximos anos.”

A menção ao nome dele me abala, destruindo uma casca dura dentro da qual eu moro. O grande vazio em que venho me escondendo. O rosto de seu filho toma a forma dele surge nos meus ouvidos.

“Para”, consigo dizer em meio à dor.

“Não, Molly”, diz a sra. Garrett.

Quando olho para a frente, vejo que ela está vermelha, como se tivesse muitos sentimentos acumulados dentro de si, sentimentos que foram se misturando nos últimos meses e agora estão prestes a explodir.

“Ele era meu filho”, diz ela. “Então nem tente agir como se tivesse mais motivos para chorar e sofrer do que eu. Perdi meu filho, meu único filho, e agora estou aqui vendo você crescer, se perder também... e não vou mais ficar calada. Você precisa ir pra sair daqui, como você e Curtis queriam. Seguir em frente. É o que todo mundo pode fazer, por mais que me doa, você também consegue, pode apostar.”

Quando a sra. Garrett para de falar, tenho a sensação de que ela passou os últimos meses dando nós no meu estômago. Ela sempre foi uma mulher discreta, seu marido sempre foi, mas em questão de cinco minutos se tornou menos frágil, de certo modo. Sua voz ganhou um tom renovado de determinação, e isso me impressiona. Faz com que eu também, pelo fato de ter deixado minha vida se transformar numa existência sombria,

Mas era eu que estava dirigindo o carro.

Concordei em dirigir a picape de Curtis um dia antes de pegar minha cart

Estávamos animados, e o sorriso dele me convenceu. Eu o amava com toda a mir
ele morreu, eu fiquei destroçada. Ele era minha fonte de tranquilidade, minha gar
acabaria como minha mãe, uma mulher que vivia e respirava para ser mai
alguém numa casa grande, num bairro rico. Ela passava os dias pintando e
residência espaçosa, cantando e prometendo que logo sairíamos daquela cidadezi

“Não vamos morrer aqui... um dia eu convenço seu pai”, ela sempre dizia.

Ela só cumpriu metade da promessa e foi embora de casa no meio da madrugada,

Não consegui encarar a vergonha que aparentemente vinha do fato de ser mãe e
das mulheres não enxergava vergonha nenhuma nisso, mas minha mãe era diferen
centro das atenções — precisava que as pessoas soubessem seu nome. Ela punha
não saberem, apesar de sempre tentar negar esse fato. Sempre sentiu vergo
fazia lembrar do que fiz a seu corpo. Ela me disse, muitas vezes, que tinha um co

engravidar. Agia como se eu tivesse escolhido entrar no seu ventre de mulher e g
mostrou as marcas que deixei em sua barriga, e eu me retraí ao ver a pele toda en

Apesar de eu não concordar com seu estilo de vida, ela me prometia o m
cidades iluminadas com outdoors enormes nos quais ela gostaria de ser bo
aparecer.

E, certa manhã bem cedinho, depois de tê-
la ouvido falar na noite anterior sobre o mundo em que
queria viver, eu a vi pelo parapeito de metal da escada, arrastando a mala pelo cai
porta da frente. Ela soltou um palavrão e afastou os cabelos dos ombros. Vestida
indo para uma entrevista de emprego, estava totalmente maquiada, com um
cabelos — deve ter usado metade de uma lata de spray para deixá-
los daquele jeito. Estava animada e confiante quando os tocou para ajeitá-los.

Um pouco antes de sair de casa, olhou ao redor da sala de estar lindamer
maior sorriso que vi em seu rosto. Então fechou a porta, e eu consegui imaginá-
la feliz, encostada do
lado de fora, ainda sorrindo como se estivesse indo para o paraíso.

Não chorei ao descer a escada na ponta dos pés, tentando me lembrar de como ela se comportava. Queria me lembrar de cada interação, de cada conversa, de naquele momento, que minha vida estava mudando de novo. Observei pela janela quando ela entrou num táxi. Fiquei olhando para a rua. Acho que sempre fui confiável. Meu pai podia ter medo de sair da cidade em que foi criado, o incrível, mas ele é confiável demais.

A sra. Garrett toca as pontas de meus cabelos cor-de-rosa com um gesto cuidadoso. “Enfiar a cabeça em uma tigela de corante cor-de-rosa não vai mudar nada do que aconteceu.”

Abro um sorriso ao ouvir seu jeito de falar, e digo a primeira coisa que me vem à mente: “Tintura escura parecia com sangue escorrendo pelo ralo quando enxaguei os cabelos”.

Afasto a mão dela e, sim, minhas palavras são duras, *mas quem diabos ela é para me julgar?*

Enquanto ela pensa no que eu disse, tenho certeza de que está pensando no corpo com o qual fiquei por duas horas até aparecer alguém para nos ajudar. Teve segurança dele do local onde eu estava, no assento do motorista, mas não depois da pancada contra a grade de proteção não me deixava mexer os braços e gritei quando as ferragens rasgaram minha pele. Meu amor não estava se mexendo nenhum, e eu gritei com ele, com o carro, com o universo inteiro enquanto tentava salvar.

Um universo que me traiu e que se tornou sombrio quando o rosto dele empalideceu e ficaram imóveis. Agradeço por meu corpo ter se desligado quando ele morreu e por eu ter sido forçada a ficar olhando para aquela coisa que não era mais ele, esperando voltasse à vida.

Com um leve suspiro, a sra. Garrett liga o carro e arranca. “Compreendo sua dor, alguém capaz de compreender, sou eu. Também estou tentando encontrar um sentido para minha vida, mas você está acabando com a sua por causa de uma coisa impossível”.

Fico perplexa, e tento ordenar meus pensamentos passando a mão pelo volante do carro. “Impossível de controlar? Eu estava dirigindo o carro.” O barulho contra uma árvore, e então com a barreira de metal, toma meus ouvidos, e sinto a dor no meu colo. “A vida dele estava nas minhas mãos, e eu o matei.”

Ele era a vida, a própria definição de vida. Era inteligente, carinhoso e conseguia encontrar alegria nas coisas mais simples e idiotas. Eu não era como ele principalmente depois que minha mãe foi embora. Mas ele me ouvia sempre que cometer um erro. No aniversário dele, ajudou meu pai a limpar a sala de depois que eu a destruí espalhando tinta preta pelos valiosos quadros que ela deixou não me perguntou por que eu desejei que ela morresse em mais de uma ocasião.

Ele nunca me julgou, e me manteve firme de um modo que eu não pensei que ele seria o motivo pelo qual eu encararia a faculdade ou faria nova. Nunca fui boa em esconder minha verdadeira opinião sobre as pessoas, fácil para mim fazer amigos. Ele sempre dizia que tudo bem, que meu jeito de ser pouco sincero demais, e que ele teria que assumir o papel do mentiroso no nosso fingia gostar dos riquinhos pretensiosos de blusa de lã amarrada na cintura sempre era o simpático, aquele que todo mundo adorava. Eu era a pessoa que vinha.

Passávamos tanto tempo juntos que todo mundo começou a aceitar a minha maneira de comportamento. Ele compensava isso, acho, com seu charme. Ele era minha desculpa porque aparentemente via alguma coisa em mim. Era a única pessoa que me respeitava mas ele também me deixou. Foi por culpa minha, assim como tenho certeza que ele também estava cansado da vida numa cidadezinha, da normalidade do meu cabelo loiro e lacinhos.

O último vestígio da minha necessidade de fingir ser normal se foi quando a pia fudeu de rosa e o loiro se foi.

“Tenho um amigo com alguns contatos em Washington.”

Eu tinha quase me esquecido de onde estava enquanto a minha mente revivia cada pedaço da minha vida em menos de dez minutos.

“Posso perguntar se ele toparia mexer uns pauzinhos e colocar você numa faculdade num lugar bonito. Bem verde, revigorante. Estamos no fim do ano, mas posso tentar oferecer ela.”

Washington? Que diabos existe para fazer em Washington?

Penso na oferta dela, analisando se ainda quero fazer faculdade ou não. E, enquanto considero a pergunta, percebo que quero,

sim, sair dessa cidade horrorosa, então talvez seja melhor eu

concordar. Eu pensava em outras cidades quando era mais nova. Minha mãe em Los Angeles, com seu clima perfeito todos os dias. Falava de Nova York e de cidades cheias de gente. Contava sobre as cidades glamourosas nas quais queria morar. Mas encarar essas cidades, eu devo conseguir encarar Washington.

Mas é longe, do outro lado do país. Meu pai ficaria sozinho aqui... mas talvez isso seja melhor para ele. Ele quase não tem amigos porque está sempre muito preocupado comigo, então talvez ele se sinta feliz. Desistiu até de tentar se preocupar com a própria vida. Talvez o trabalho na faculdade ajude. Talvez restaure um certo senso de normalidade.

E pode ser que eu também consiga fazer amizades. Meus cabelos cor-de-rosa podem não ser tão intimidadores para pessoas de uma cidade com alguma sofisticação. Minhas pernas podem não ser tão ameaçadoras para meninas da minha idade em outra cidade.

Eu poderia começar de novo e deixar a sra. Garrett orgulhosa.

Eu poderia dar a Curtis um motivo para se orgulhar também.

Washington poderia ser exatamente o que eu mais preciso.

E nesse momento, sentada no carro dessa mulher, dessa mãe gentil do garoto que juro que vou ser melhor.

Não vou pegar o trem para as partes mais perigosas da cidade em Washington.

Não vou viver no passado.

Não vou desistir de mim mesma.

Só vou fazer coisas que ajudem meu futuro — e não vou me importar com o que acontece no caminho.



Melissa

Ele não demonstrou o mínimo interesse pela garota quando a viu pela primeira vez. Não sabia nada sobre ela naquele momento, e até hoje não sabe muito. Conheceu primeiro o irmão dela e passou noites se embebedando com ele, conhecendo-o e notando que era uma pessoa terrível. O

irmão dela era uma cobra, usando o campus como um mero campo de caça pes sua presa.

Mas, por meio da observação constante, ele viu que aquela cobra tinha uma fraqueza: sua irmã, que era uma fortaleza, alta, com cabelos bem pretos e pele bronzeada. À medida que crescia sua raiva pela cobra, ele notou que sua fraqueza era frágil, que era capaz de se concentrar na garota como se não existisse mais nada de importante na Terra — além de seus próprios desejos malignos, claro. E, convencendo a si mesmo de que a cobra estava fugindo de controle, e que ela espalhava sua imundície como uma praga poderosa que precisava ser contida, o menino elaborou um plano.

Aquela imundície tinha que ser eliminada, e sua irmã não passava de uma simples consequência de guerra.

A casa está vazia demais para uma sexta à noite. Meu pai está num janta promoção no hospital, e todos os meus amigos estão em outra festa. Nenh interessante.

A festa seria uma boa se não fosse na república onde meu irmão sempre divertir ali, porque ele é sempre muito protetor comigo, o que é muito irritante.

O jantar pode ser uma opção melhor, mas não muito. Meu pai, o médico cidade, é melhor na medicina do que na paternidade... mas ele se esforça. Seu ter

caro, e não consigo competir com os doentes cujas contas de serviços médicos enorme na qual estou reclamando da vida.

Sentindo uma certa culpa, pego o celular para enviar uma mensagem de texto para Dan, dizendo que vou, sim. Quando percebo que já são mais de nove da noite, e que o jantar já acabou, percebo que vou atrapalhar e dar mais um motivo para a namorada juvenzinha de

Tasha é só três anos mais velha do que eu e já está saindo com meu pai há mais de

um pouco mais compreensiva se não tivesse frequentado a mesma escola que ela não me lembrasse de como ela é reclamona. Ou se ela não agisse como se não sendo que eu sei muito bem que não é o caso.

Por mais grosseira que Tasha seja comigo, não reclamo dela com meu pai. Ela o faz quando ele a olha. Ri das piadas bobas dele. Sei que não gosta dele o quanto deve se transformar numa versão melhor de si mesmo desde que ela entrou no mundo do dedo quebrado e seios arrebitados. Meu pai sofreu muito mais com o divórcio que logo revelou que voltaria para o México para viver com meus avós até conseguir

Não sei quem ela pensa que engana. Ganhou dinheiro suficiente na separação e mordomia pelo resto de seus dias.

Em vez de perturbar Tasha e meu pai, envio uma mensagem de texto para Dan. Ela é uma garota com quem estudei no ensino médio. Ela, ao contrário de mim, ainda e irmão é protetor e leal comigo até cansar, mas é um canalha. Vou repetir: um canalha completo.

Faço o melhor que posso para não me meter nos seus joguinhos amorosos. Os meus não prestam, costumam ser mais novos e piores do que ele, que gosta de se cercar de pessoas quanto, para se sentir melhor consigo mesmo. Quer ser o rei dos ratos, acho.

Dan responde depressa: Passo aí em vinte minutos.

Envio um sorriso de volta e saio da cama para me arrumar. Meu rosto sem a camiseta cinza da WCU não vão dar conta do recado. Preciso estar um pouco mais assim, tenho que tomar cuidado com a roupa que escolho se não quiser ouvir meu pai toda a noite toda.

Remexo dentro do armário, procurando no mar de roupas pretas e lantejouladas demais. Minha mãe sempre me dava seus vestidos depois de usar apenas uma vez de tentar deixá-

la feliz com vestidos brilhosos e um carro esporte vermelho, mas, de alguma forma, essa felicidade nunca chegou. Quando ela estava prestes a ir embora, me deu a oportunidade para o México com ela. Mas, por mais engraçado que possa parecer, eu não consigo parar de nadar. É mais importante para mim do que qualquer coisa em Washington. Era a única coisa — além do meu pai e de Dan — de que eu sentiria falta em ir para lá, mas não quis me deixar aqui. Ou não *conseguiu*, já que está sempre de olho em mim.

Depois de experimentar os dois vestidos e de jogá-los de volta no armário, pego um macacão que nunca usei. É todo preto, exceto por uma estampa pequena nas alças grossas nos ombros, o suficiente para mostrar meu quadril, casual o suficiente para ser usado na festa e o suficiente para calar a boca do meu irmão.

Quando termino de me trocar, a buzina irritante de Dan toca na frente de casa, e eu desço a escada correndo. Se não me apressar, os vizinhos vão reclamar do barulho.

Rapidamente digito o código de segurança do alarme e saio. Quando chego ao apartamento, vejo que ele trouxe dois de seus amigos.

“Logan, deixa ela ir na frente”, diz Dan.

Já vi Logan algumas vezes, e ele sempre foi legal comigo. Deu em cima de mim na festa. Quando me levantei do sofá em que estava sentada e ele percebeu que eu estava centímetros mais alta, disse que seríamos ótimos amigos. Dei risada e concordei, aproveitando seu senso de humor. Desde então, ele se tornou o meu preferido entre os irmãos.

“Tudo bem. Eu vou atrás”, digo quando Logan solta o cinto de segurança. Vou para o banheiro e encontro um cara de cabelos escuros e ondulados escondendo o rosto. Os cabelos são cortados para o lado de um jeito meio emo esquisito, mas combina perfeitamente com a sobrancelha e no lábio dele. O cara não desvia os olhos do telefone quando me cumprimenta e digo oi.

“Pode ignorar esse cara”, diz Dan, me encarando pelo espelho retrovisor.

Revirando os olhos, eu pego meu telefone. É melhor me distrair durante o trajeto.

Na fraternidade, não tem nenhum lugar para estacionar. Dan se oferece para me dirigir em casa para que eu não tenha que andar. Eu saio, mas quando fecho a porta, ouço a buzina de novo.

também. Olho para a frente e vejo o cara que estava no banco de trás caminhando

“Cuzão!”, Dan grita com ele.

O desconhecido ergue a mão com o dedo do meio em riste.

“Com certeza ele ia preferir que você fosse andando com eles”, digo engramado. Um grupo de garotas olha para ele quando passamos; uma delas sussurra e todas olham para mim.

“Algum problema?”, pergunto para elas, observando seus rostos desesperadamente maquiados. As três fazem que não com a cabeça de um jeito que mostra que elas eu fosse encará-las.

Bom, estavam enganadas. Não reajo bem a loirinhas nojentas que falam e sentem importantes.

“Elas devem ter se mijado de medo”, comenta o garoto de cabelos ondulados e olhar muito grave, e posso jurar que ouvi um sotaque britânico. Ele diminui o olhar para mim. Seus braços são cobertos de tatuagens. Não consigo ver com clareza, mas consigo perceber que são todas feitas com tinta preta, sem cor. Combinam com jeans preta e com a camiseta da mesma cor. As botas emitem um som abafado na

Tento acompanhar seu ritmo, mas seus passos são largos demais. Ele é alto, tem a a mais que eu.

“Espero que sim”, digo a ele, e olho para as garotas mais uma vez. Elas olhando e apontando uma garota embriagada de vestido curto que passa aos tropeços

Ele não diz mais nada para mim quando entramos na casa. Não olha para trás quando cozinha nem quando desrosqueia a tampa de uma garrafa de uísque e toma um gole

quando Dan e Logan aparecem na sala de estar, decido saber mais sobre as suas tatuagens. Pego o vinho de um balde sobre o balcão e me aproximo do meu irmão no sofá com uma cerveja na mão. Já cheira a maconha, e seus olhos estão vermelhos e encontram os meus.

“Quem era aquele cara do banco de trás?”, pergunto a ele.

Sua expressão muda. “Quem, o Hardin?”

Ele não gostou de eu ter perguntando. E *Hardin*? Que nome é esse?

“Fica *longe* dele, Mel”, Dan me avisa. “Estou falando sério.”

Reviro os olhos e decido que não vale a pena brigar com meu irmão por isso. Ele nenhum dos meus namorados, mas, mesmo assim, tentou me aproximar de seu irmão que de longe é o mais nojento deles. Está na cara que os padrões do meu irmão são tão altos quanto os altos e baixos do seu consumo de maconha e álcool.

Quando meu irmão dá um tapinha numa almofada ao seu lado, eu me sento em si mesmo entre as pessoas por um tempo. A música fica mais alta, as pessoas estão cada vez mais envolvidas pela atmosfera da festa.

Alguns minutos depois, quando Logan pergunta a meu irmão se ele quer ficar no redor à procura de Hardin. Acho que não vou me acostumar com esse nome.

Mas ele está no meio da cozinha, de pé, encostado no balcão. A garrafa de uísque cheia do que quando o vi pela última vez — cerca de quinze minutos antes.

Então ele curte baladas. Que bom.

Eu me levanto do sofá depressa, depressa demais, e quando Dan segura meu braço preciso inventar um motivo para me afastar. Se eu disser que vou procurar Hardin seguir.

“Aonde você vai?”, pergunta ele.

“Fazer xixi”, minto. Ele sempre me convida para essas festas, mas age como se não quando saio de perto dele, o que eu detesto.

Ele fica me olhando, observando meus olhos como se soubesse que estou mentindo para ele. Sinto seus olhos sobre mim enquanto atravesso a sala de estar até os banheiros da casa enorme ficam no andar de cima, o que, claro, não faz sentido, mas são assim mesmo.

Subo a escada devagar, e quando chego ao andar de cima olho para meu irmão. Quando volto, dou de cara com uma parede preta.

Mas não é uma parede — é o peito de Hardin.

“Nossa, desculpa!”, digo, passando a mão na camiseta dele, que molhei com minhas mãos, “menos não vai manchar”, comento, brincando.

Os olhos dele são de um verde tão intenso que preciso desviar o olhar.

“Ha, ha”, ele responde, sem a menor animação.

Grosso. “Meu irmão me falou para ficar longe de você”, digo sem pensar. É tão intenso que me deixa louca. Não quero continuar a encarada, mas também não quero

Ter a sensação de que ele está acostumado com isso. Tenho a sensação de que afasta as pessoas.

Ele ergue a sobrancelha com o piercing. “Ora, é mesmo?”

Sim, sem dúvida, o sotaque é britânico. Sinto vontade de fazer um comentário a respeito, mas sei que é irritante quando as pessoas reparam no modo como falamos. Acontece com

Faço que sim com a cabeça, e o menino inglês abre a boca para falar de novo. “E

Não sei... mas quero saber.

“Você deve ser péssimo, para o Dan não gostar de você”, digo, brincando.

Ele não ri.

Meus ombros estão tensos agora; a energia de Hardin já me envolveu.

“Se a gente for seguir o juízo de caráter dele, está todo mundo fodido”, responde

Meu primeiro impulso é brigar, dizer que meu irmão não é tão ruim, só incompreensão e obrigação de sair em sua defesa.

Mas então me lembro do dia em que a família toda da última namorada de Dan agarrou com a pobre menina grávida se escondendo atrás do pai furioso. Meu pai e todos eles desapareceram com meu sobrinho ou sobrinha, e nunca mais tivemos notícias. De mim sabe que o meu irmão tem um lado obscuro, mas me recuso a admitir.

Com minha mãe tão longe e meu pai tão vidrado em Tasha, ele é tudo o que tenho

Dou risada. “Tenho certeza de que você é bem melhor.”

Hardin levanta a mão tatuada e afasta os cabelos da testa. “Não, sou pior.”

Ele encara diretamente os meus olhos castanhos, e percebo que está falando sério o sinal de alerta por trás de suas palavras, mas, quando ele me oferece a metade, tomo um gole.

O uísque arde tanto quanto os olhos dele...

E tenho a sensação de que Hardin é feito de gasolina.



Steph

Quando ele viu pela primeira vez a garota de cabelos vermelhos como o fogo e braços cobertos por tatuagens, enxergou algo obscuro nela. Notou a forma competitiva como ela olhava para a amiga de cabelos mais claros. Ela comparava tudo o que as duas faziam, e ele viu o desespero por atenção que ela guardava dentro de si. Isso o fez se lembrar de uma donzela chamada Rouse de um conto de fadas que ele leu na infância. A princesa ruiva sentiu inveja das irmãs mais jovens quando elas se casaram com príncipes, apesar de ter se casado com um almirante bastava; ele não era bom o bastante por não conseguir fazer com que ela se sentisse superior às irmãs. A garota detestava a ideia de perder o que quer que fosse, mesmo que fossem coisas que sabidamente nunca foram dela. Não suportava ficar em segundo plano, sentia necessidade de ser o centro das atenções. Não suportava a ideia de que outra pessoa recebesse o que ela sentia que merecia, e acreditava merecer tudo o que havia no mundo.

Meu pai vai chegar tarde do trabalho de novo. Tem sido assim todas as vezes que ele vai ao carro dele para comprar meu vestido de formatura esta semana. Todas as minhas irmãs e seus vestidos há um mês, e eu estou começando a entrar em pânico. Se eu não tiver formatura, não sei o que sou capaz de fazer. Estou muito irritada, e acho um absurdo voltar tarde de novo, mas a minha mãe está ocupada demais cuidando da minha sobrinha e suas reclamações mais do que justificadas.

Tudo gira em torno da minha irmã e do bebê. As pessoas vivem dizendo que o bebê da casa. Parece legal, mas eu cresci usando roupas usadas e ganhando festas de aniversário na última hora só com os parentes mais próximos e mais ninguém. Sou a rejeitada da casa que se tornou um fantasma em sua própria casa. E nem sei o porquê.

A última vez em que minha mãe dirigiu mais de duas palavras para mim foi quando eu andava de cima de vermelho com tinta de cabelo barata. Ela ficou irritada porque eu troquei o chá de bebê da Olivia, a minha irmã. Posso ter espirrado um pouco de tinta no trocador do bebê, e usado as toalhas bordadas dos meus pais para cobrir o bebê, mas ela deixava a tintura cor de sangue colorir minhas madeixas.

Mas eu não tive a *audácia* de estragar a camisa que Olivia usava quando tinha a minha idade.

Isto é outra coisa que detesto ouvir: “Quando Olivia tinha dezessete anos, ela era a menina do grêmio estudantil”; ou “Quando Olivia tinha dezessete anos, ela só tirava o diploma de uma faculdade com um namorado popular com quem se casou logo depois do ensino médio”.

Estou de saco cheio de ser comparada com minha irmã — ela era a menina que eu queria ser. Não sei nada que eu possa fazer para ganhar pelo menos a prata, ao que parece. Mal posso esperar para a faculdade. Por causa da pressão incessante de meus pais, vou estudar na Wabash onde Olivia se formou com honras.

Eles nunca deram bola para essa faculdade antes de minha irmã estudar lá, mas não consigo conseguir me igualar a ela, mas já cansei de tentar. É mais fácil dizer sim e sumir.

Assim que o jipe de meu pai aparece na entrada da garagem, pego minha bolsa, o celular e uma última vez e desço correndo a escada, onde quase trombo com minha mãe — ela está usando sua meia arrastão ou na blusa vermelha de couro. Ela só murmura qual livro eu devo ler para seu e-reader. É só o que ela faz na vida.

A porta da frente se abre, e minha irmã entra na sala de estar com meu pai. Sierra está dormindo nos braços de minha irmã.

“Estou tão cansada”, anuncia Olivia ao entrar.

Minha mãe aparece correndo, fechando a capa do tablet e colocando-o em cima do aparador da lareira de um jeito distraído. Claro, pela Olivia, ela pode desviar os olhos de sua p

“Stephanie pode levar você para casa, querida”, meu pai oferece por mim.

“Pai, preciso comprar meu vestido de formatura, e a loja fecha em trinta minutos! sobre o ombro e pego as chaves.

“Olivia e Sierra podem ir com você.”

Minha irmã entra na conversa. “Por mim tudo bem. Só vou ao banheiro, rapidinho

Seus cabelos castanhos balançam quando ela fala. Está usando calça caqui mangas curtas com flores coloridas. Meu pai sorri como se sua filha mais velha fo prestativa do mundo.

É *muito* irritante.

“Certo”, eu respondo. “Mas hoje é o último dia que vão reservar o vestido para m não puder ir à formatura, a culpa é sua.” Olho para a minha irmã. Olivia assente, e pai para poder sair. “Vou esperar no carro.”

Ligo o carro e fico esperando Olivia. Cinco minutos se passam. Dez minu duas mensagens de texto e ela não responde. Sei que ela leu porque vejo o indica

Mas ela ainda está dentro da casa. Imagino que ela e minha mãe estejam despedida. Minha mãe faz isso quando vamos à casa de minha avó também abraços para satisfazer sua necessidade de afeto. Doze minutos se passam, e eu fi carro para voltar a casa.

Quando começo a fechar a porta do carro, minha irmã sai com passos lentos e um tudo. Ela ainda precisa colocar Sierra na cadeirinha.

“Olivia, precisamos ir”, digo para apressá-la.

Ela suspira e murmura um pedido de desculpas nada convincente.

São 8h03 quando estaciono na frente da loja às escuras. A placa na porta indica q e as luzes estão apagadas.

E agora não vou conseguir comprar meu vestido. Era o último dia, e isso depois c extensão do prazo de reserva. Implorei por mais tempo, mas disseram várias veze dia. Droga.

“Que pena, Stephanie”, diz Olivia quando encosto a cabeça no volante.

Viro a cabeça para o lado e olho feio para ela. “É tudo culpa sua.”

“Não é culpa minha”, responde ela, com a audácia de parecer surpresa. “O papai para comprar sapatos novos para a Sierra. Ela perde sapatos muito depressa...”

Novos sapatos para um bebê? Está falando sério, porra?
Perdi o vestido da minha formatura porque a filha dela precisava de sapatos novos — e a criança nem anda ainda!

“Por que o papai não levou você direto para casa? Vocês poderiam estar o argumento, levantando a cabeça e minha voz.

“Eu não estava cansada naquela hora... sei lá.” Olivia dá de ombros como significasse nada para ela. Como se não tivesse a menor importância.

“Que puta absurdo!” Balanço a cabeça e levo as mãos ao rosto.

“Não fala assim na frente dela!” Minha irmã sussurra em reprimenda.

Eu solto um resmungo e saio do estacionamento. Permanecemos em silêncio casa. Olivia não parece nem perceber que fez algo errado, e eu estou brava demais ela agora. Estou de saco cheio de ela roubar tudo de mim — e, ainda por cima, o prestes a rachar o meu crânio.

Odeio a minha vida.

Quando chegamos à casa de Olivia, ela me agradece pela carona. Não quero pisar então fico feliz por não ser convidada para entrar. Uma casa que com certeza me comprar. Roger, o marido dela, é caladão, não fala muito perto de minha

provavelmente o manda ficar quieto. Tenho certeza de que todo mundo recebe mais de ser exposto a mim.

Eu não quero entrar, mas preciso fazer xixi, e o caminho de volta para a casa dos pais mais quinze minutos. Ao entrar na casa de Olivia, percebo logo de cara que está *muito forte*. Olivia acende velas a óleo em todos os cômodos.

Roger está sentado no sofá com um controle remoto em uma das mãos e um copo de vinho na outra.

Quando nota que entramos na sala, sorri para a esposa e pergunta para mim como estou. Digo que estou como estava na última vez em que nos vimos, apesar de não lembrar de quando foi isso.

Depois de alguns minutos de amenidades trocadas num clima desconfortável, Olivia vai colocar a bebê na cama. Sobe a escada com um ursinho de pelúcia num colo e uma mamadeira na outra. Roger quase não olha para mim quando passo, observando tudo da família deles no aparador acima da lareira falsa. Roger se levanta e caminha para o lado da porta para evitar uma conversa comigo, sem dúvida.

Na última foto, a família perfeita posa com roupas brancas e pretas combinando com a decoração pequena. Ao seguir em direção à cozinha, encontro, pendurada na parede com uma moldura grande de metal, uma foto de Olivia e de Roger no dia do casamento. Ela está na imagem: cabelos perfeitos, maquiagem perfeita e com um vestido lindo. Um vestido que chega ao chão. Ela parece uma princesa, como se tivesse nascido para usar aquele vestido.

Seu vestido é o oposto do que eu usaria na formatura. O vestido que eu usaria é de algodão preto e tule. O corpete é justo, com barra de tule na saia com pedras preciosas. Graças a Olivia, nunca terei. Começo a pensar que gostaria de ter um balde de tinta preta para pintar com o vestido perfeito e idiota dela. Olho para a foto seguinte na parede e deparo com Roger com as mãos sobre a barriga de Olivia.

Ela acabou com meu vestido de formatura. Vou acabar com o vestido do casamento.

Quando entro na cozinha, Roger está de pé na frente da geladeira, com o rosto escondido pelas portas. Bato a mão contra o balcão de pedra para chamar a atenção dele e ele se vira, puxo a barra da camiseta, expondo um belo decote para ele. Roger respira um pouco.

Abro um sorriso. Aposto que minha irmã não transa com o marido dela desde que deles.

“Desculpa.” Enrolo os cabelos com os dedos enquanto os olhos de Roger tentam minhas pernas, observando a meia arrastão.

“Oi”, digo, e continuo caminhando em direção a ele.

Meu coração está acelerado, e não sei que merda estou fazendo, mas estou irmã e bem cansada de vê-la conseguindo tudo, e estou lembrando que tudo sempre gira ao redor da Olivia perfeita e que nada nunca é meu, e por isso ela não deveria ter nada tão um marido fiel e bonitinho.

“O-
o que você está fazendo, Stephanie?”, pergunta Roger, com o rosto muito mais pálido segundos antes.

“Nada, só estou conversando.” Seguro o elástico de minha saia e a puxo para cima barriga, mostrando minha calcinha de renda para ele. Quando Roger se afasta armários de madeira, fechando uma das portas.

“O que foi?”, pergunto, rindo. Sinto o estômago embrulhado, e parece que qualquer momento, mas me sinto incrível e poderosa ao mesmo tempo. Deve ser Quero mais. Eu me aproximo ainda mais, e seguro o zíper na frente de minha can Roger cobre o rosto. “Para com isso, Stephanie.”

Merda, ele é mesmo um cachorrinho fiel, como pensei. Saber disso só aumenta m

“Vamos, Roger. Não seja tão...”

“Stephanie! Porra, o que você está fazendo?” A voz de Olivia toma a cozinha.

Olho para a porta e a vejo encostada ali, com um pijama de flanela com brava.

Depois de alguns segundos, ela se vira para o marido. “Roger?”

“Sei lá, linda, ela entrou aqui e começou a tentar tirar a roupa.” Ele ergueu a cabeça para que sua esposa veja como a vaca da irmã dela é louca.

Ela se vira na minha direção, arregalando os olhos para mim. “Fora daqui, Stephanie.”

“Você nem me perguntou se era verdade”, respondo, irritada. Jogo a bolsa por cima e abaixo a saia de novo para cobrir meu corpo.

“Conheço você”, ela retruca com firmeza.

Ela
me conhece? Não me conhece coisa nenhuma, na verdade. Se conhecesse, deveria ser tão egoísta.

“E...?” Olho para Roger, que se afasta como se eu fosse uma cobra. Quem é ele para me assustar?

Se não estivesse com medo de ser flagrado, garanto que ele teria me pegado por trás das costas de granito brilhoso.

“Então, você tentou dar em cima de meu marido ou não?” Os lábios de Catherine tremem controlando as lágrimas. Eu deveria negar, virar o jogo contra os dois e parecer patético que ela acreditaria em mim. Consigo forçar o choro também e, se necessário, convencê-la de qualquer coisa.

Ah, por favor.

“Você é uma mimada de merda!”, ela grita comigo, e Roger atravessa a cozinha e sai correndo.

Eu sou uma mimada de merda? Sério? Ela consegue tudo o que quer, que ódio. Ela tem o palco para os shows dela. Ela tem sorte por eu não ter feito coisa pior. Poderia ter feito coisa para prejudicar os dois de um jeito muito mais sério. Inclusive, algumas das coisas que ela está fazendo tendo agora me surpreendem... gosto disso.

“Fora daqui, Stephanie.” Olivia balança a cabeça enquanto seu marido esfrega as mãos.

É o que faço. Em pouco tempo não vou ter mais que aguentar essa merda toda.

Vou para a faculdade em breve.

E, quando estiver lá, vou *dominar* aquela porra de campus.



PARTE DOIS

DURANTE



Hardin

Ele estava desorientado, seguindo pela vida com expectativas mínimas em relação

Acabaria se acostumando à vida naquele lugar desconhecido — chegou a sotaque desaparecia um pouco a cada noite que passava longe de casa. Organizou a vida numa repetição robótica das mesmas ações, mesmas reações, mesmas consequências. As m estavam se misturando, seus nomes se tornavam uma repetição sem fim de Sarahs, Lauras e Marias.

Ele não sabia como sua vida poderia continuar daquele jeito, dia após dia.

E então, na primeira semana do ano seguinte, ele a conheceu. Era como estrategicamente colocada na Washington Central por alguém ou algo mais poderoso do que ele

— para tentá-lo. Ele — ou aquilo — o conhecia muito bem, sabia de sua reputação, e tinha um plano. Estava tudo pronto para que mais uma inocência fosse roubada, para que a vida de outra garota fosse arruinada. Não vai ser tão difícil desta vez, ele pensou. Não chegaria aos mesmos extremos de antes. Aquela era diferente, mais juvenil. Seria só diversão.

E foi, até o vento esvoaçar os cabelos que emolduravam seu rosto. Até o tom acinzentado dos olhos dela assombrarem seu sono e até o cor-de-rosa dos lábios dela o enlouquecerem. Ele estava se apaixonando por ela — no início, foi tão rápido que não

tinha certeza se estava mesmo sentindo aquilo ou só imaginando. Mas era possível sentir... ele sentia o que estava acontecendo com intensidade. Começou a depender dela para respirar, para pensar.

Certa noite, no meio de tudo, com a neve caindo, cobrindo o concreto, ele se viu sozinho no estacionamento. Suas mãos apertavam o volante de seu velho Ford Capri, e ele mal conseguia enxergar, muito menos pensar direito.

Como podia ter feito aquilo? Como a coisa tinha ido tão longe tão depressa? Ele não tinha certeza de nada, mas sabia, no fundo do coração, que não deveria ter feito o que fez, e sabia que se arrependeria. Já estava se arrependendo.

Era para ela ter sido um alvo fácil. Uma garota bonita com sorriso inocente e oli incomum que não deveriam ter profundidade nem significar nada para ele. Não era para ele se apaixonar, e não era para ela querer fazer com que se tornasse uma pessoa melhor.

Ele achava que antes estava bem.

Estava se virando bem antes de cometer o lindo erro de permitir que ela se tornasse seu mundo.

Mas ele a amava, ele a amava tanto que sentia medo de perdê-la — já que perdê-la seria perder a si mesmo, e ele sabia que não seria capaz de enfrentar tamanha perda depois de passar a vida toda sem nada a perder.

Suas mãos faziam mais força, os nós de seus dedos empalideciam em contraste preto, e seus pensamentos se tornaram mais confusos. Ele se tornou irracional e desesperado, e percebeu naquele momento, com o silêncio do estacionamento vazio afogando seus medos, que faria qualquer coisa — absolutamente qualquer coisa — para tê-la para sempre.

Ele a tivera, perdera, e a conquistara de novo nos meses seguintes. Não conseguia entender. Ele a amava. Seu

amor por ela brilhava mais intensamente que qualquer estrela, e ele grifaria frases de dez mil dos romances preferidos dela para provar isso. Ela lhe deu tudo, e ele viu que ela se apaixonou, e queria parar de decepcioná-la. A fé que ela sentia nele fazia com que ele quisesse ser bom. Queria provar que ela estava certa, e que todas as outras pessoas estavam erradas. Ela trazia um tipo de esperança que ele nunca tinha sentido. Nem sequer sabia que existia.

A presença dela fazia com que ele ficasse à vontade; o calor em seu peito esfriava, e ele se viu viciado nela. Desejou-a até conseguir tê-la e, quando a teve, nenhum dos dois conseguia parar. O

corpo dela se tornou sua segurança, a mente dela se tornou seu lar. Quanto mais a amava, mais a feria. Não conseguia ficar longe e, em meio a brigas e amadurecimento, ela se tornou a normalidade que ele sempre desejou a vida toda.

Seu relacionamento com o pai continuava a se tornar, lentamente, algo familiar. Alguns jantares em família, e ele estava começando a esquecer o ódio que sentia do sujeito. Via a si mesmo de um jeito diferente, e isso o ajudava a ver os erros de seu pai de outra maneira. E então ele precisou que ela o ancorasse, quando sua vida mudou de novo, inclusive sua família. Ele começava a se importar com um monte de desconhecidos de um jeito que jurava que jamais seria capaz.

Não foi fácil para ele lutar contra vinte anos de padrões destrutivos e reações animalescas

Era preciso lutar, todos os dias, contra o chamado por álcool de seu sangue, contra a raiva da qual tentava se desvencilhar... mas ele não sabia como fazer isso. Jurou que lutaria por ela... e lutou. Perdeu algumas batalhas, mas nunca perdeu de vista a vitória na guerra. Ela o ensinou como rir e como amar... e ele já disse isso para ela muitas e muitas vezes, mas ni deixar de dizer.



Os últimos dias das férias de verão sempre são os melhores. Todo mundo vivendo seus planos e desejos de verão de última hora. As festas ficam mais malucas... mas, mesmo assim, mal posso esperar para que o semestre termine porque sou um calouro idiota, encantado com o mundo da universidade. Não, mesmo se fizer tudo direito, vou me formar na primavera, um ano antes do previsto.

Nada mal para um delinquente que todo mundo achava que não faria faculdade, não se formaria.

Minha mãe estava tão aterrorizada em relação ao meu futuro que me mandou para outro mundo, para o grande estado de Washington, para viver perto do meu pai. Ela usava o que queria que me “reconectasse” com ele, mas eu não sou idiota. Sabia que ela conseguia e não estava mais disposta a lidar com os meus problemas, então fui para os Estados Unidos, como um exilado.

“Está quase lá?” Cabelos cor-de-rosa e lábios carnudos me encaram entre minhas pernas. Quase tinha me esquecido de que ela estava aqui.

“Estou.” Apoio as mãos em seus ombros e fecho os olhos, deixando o prazer físico proporcionando tomar conta. Ela é uma distração. Todas elas são.

A pressão na minha coluna aumenta, e não me dou o trabalho de fingir que não quero dela por qualquer coisa que não seja o prazer sexual enquanto gozo em sua boca e

Segundos depois, ela seca os lábios com as costas da mão e se levanta.

“Sabe...” Molly pega a bolsa e tira um batom escuro. “Você poderia pelo menos ser interessado, cuzão.” Ela comprime os lábios e passa um dedo pelo excesso de maquiagem.

“Eu estou.” Dou uma tossida. “Estou fingindo, quero dizer.”

Ela revira os olhos e levanta o dedo do meio para mim. Estou interessado — sexualmente. Ela é boa de cama e uma companhia razoável, às vezes. Somos bem parecidos.

dois fomos rejeitados pela família. Não sei muito sobre o passado dela, mas sei que alguma merda aconteceu para que quisesse vir para Washington, uma cidadezinha cheia de endinheirados na Pensilvânia.

“Imbecil”, diz ela, tampando o batom. Ela fica mais bonita com os lábios naturalmente inchados por terem chupado meu pau.

Molly é uma conhecida minha. Bom, uma amizade colorida, eu diria. Nossa relação é exclusiva, não mesmo, e nós dois temos total liberdade para fazermos o que quisermos, do jeito que quisermos. Na maior parte do tempo, ela me odeia, mas não o meu sentimento é recíproco.

Nossos amigos pegam no nosso pé por causa disso, mas vamos levando. Ela está aqui. Ela sabe me chupar e vai embora logo depois que termina. Para mim é assim, mas para ela também.

“Vai estar aqui hoje à noite, na festa?”, pergunta ela.

Também fico de pé, puxando a cueca e a calça jeans para cima. “Eu moro aqui, sobranceira ao olhar para ela.

Odeio este lugar, e todos os dias me pergunto como vim parar nesta merda de fraternidade. Começo de conversa.

O bosta que doou o esperma para me pôr no mundo. Foi por causa dele. Ken Scott é o maior, do pior tipo. Um alcoólatra com merda na cabeça que destruiu a minha vida e transformou sua vida como mágica e foi morar com uma mulher e seu filho, um cara mais novo do que eu.

Ele deu uma guinada na vida, acho. Ken Scott deu uma guinada na vida e eu sou obrigado a agradecer a fraternidade da faculdade por quem ele é responsável, basicamente. Além de não poder implorar para morar em sua casa, como se fosse uma ideia sensata viver sob o controle. Quando me recusei, pensei que ele me daria um apartamento, mas não.

Então aqui estou, nessa casa idiota. Ele ficou muito puto por eu ter escolhido esse lugar. Seu palacete limpo e imaculado.

A bosta da fraternidade tem suas vantagens, acho. Uma casa enorme com muitas salas, noites, um fluxo constante de mulheres. E a melhor parte: ninguém me enche o saco.

Nenhum dos caras da fraternidade parece ligar para o fato de eu não fazer nada pra casa. Não uso os moletons ridículos deles, nem colo os adesivos horrorosos deles participo de porra nenhuma de voluntariado, e com certeza não saio gritando fraternidade. Eles fazem algumas coisas legais pela comunidade, mas na verdade fodendo para a comunidade, então isso não tem a menor importância.

Quando olho ao redor, percebo que estou sozinho. Molly deve ter saído sem que eu

Eu me levanto e abro a janela para ventilar o quarto antes de usá-lo à noite de novo. A casa cheia de quartos é uma vantagem para mim, já que não suporto gente no meu. É uma coisa que sei lá, mas não gosto, e todo mundo aprendeu, de um jeito ou de outro, a não entrar em qualquer outra garota que aparecer, sabe que vamos para um dos quartos vazios, e

Quando me aproximo da porta, vejo Logan atravessando abraçado a uma garota com cabelos encaracolados. Ela não faz questão nenhuma de esconder o que quer com ninguém, e eu não faço questão nenhuma de esconder o nojo que sinto.

“Vão para um quarto!”, grito para eles.

Ela ri e me mostra o dedo do meio, e eu fecho e tranco a porta. É assim que as coisas

Todo mundo meio que me ignora ou simplesmente me manda à merda, de um jeito ou de outro. É bem melhor mesmo ficar aqui, sozinho no meu quarto, esperando pela próxima sessão de animação.

Passo os dedos pelas tábuas empoeiradas da minha estante de livros. Não sei se quero romance ou não, mas não quero viver agora... Hemingway, talvez? Ele me dá uma boa dose de romance. Brontë do meio? Seria bom ler uma história de amor disfuncional agora. Pego *O morro dos ventos uivantes* e tiro as botas antes de deitar na cama.

Não sei o que tem nesse romance para me fazer ler e reler tantas vezes, mas gosto de folheando as páginas de sua triste história. É bem maluca, na verdade — duas partes separadas. Destruindo a si mesmas e a todos ao redor porque são egoístas e teimosas e não sabem entender.

Mas, para mim, é o melhor tipo de história. Quero sentir algo enquanto estou lendo. E os personagens muito certinhos me dão vontade de vomitar nas páginas e queimar a evidência de

“Isso, isso!” Ouço uma voz feminina pelas paredes finas.

“Cala a boca, caralho!” Dou um soco na madeira antiga, pego meu travesseiro e me cubro com as orelhas.

Mais uma merda de ano. Mais um ano de cursos idiotas e provas fáceis. Mais um ano de salas de aula chatas cheias de pessoas que se importam demais com o que os outros pensam, enquanto eu me aguentando firme para poder voltar para Londres, onde é meu lugar.



2

Até hoje, ele ainda se lembra do cheiro de baunilha no pequeno quarto de alojamento primeira vez em que ficou sozinho com ela. Os cabelos dela estavam ensopados, uma toalha escondia seu corpo cheio de curvas, e foi a primeira vez em que ele prestou atenção no modo como seu peito avermelhava quando ela ficava brava. Ele a veria irritada de novo, brava de verdade, mais vezes do que seria capaz de contar, mas nunca, de jeito nenhum, se esqueceria de sua tentativa de ser educada com ele, no começo. Ele entendeu isso como uma demonstração de arrogância.

Outra garotinha teimosa que finge ser mulher, ele pensou. A garota desconhecida continuou sendo tão paciente quanto conseguia. Sem qualquer motivo. Ela não devia nada a ele, e ainda não deve, e ele só espera poder vê-la irritada com ele, sempre, pelo resto da vida.

Ele resgata as lembranças daqueles dias agora, sozinho, preso em seus prêmios de suas raivas, da raiva dela, são algumas das únicas coisas que o mantiveram vivo depois que ela o deixou.

O primeiro dia do semestre de outono é o melhor de todos para observar idiotas correndo de um lado para o outro como galinhas sem cabeça, muito

roupas preferidas numa tentativa desesperada de chamar a atenção dos mac todos os anos e em todas as universidades do mundo. A Washington Central Univ que eu frequento. Até gosto daqui; é fácil, e os professores não pegam muito no n minha falta de interesse, tenho um desempenho bem decente como aluno. Se eu n poderia ser melhor ainda, mas não tenho nem tempo nem energia para gas qualquer outra obsessão. Não sou tão idiota como os professores sempre imagina perder uma semana inteira de aulas e ainda assim tirar nota máxima na prova. Ap puder fazer isso, eles me deixarão em paz.

A frente do Centro Acadêmico é o melhor lugar para ver o show. Ficar sentado ac os pais chorando é minha parte preferida. É divertido para mim porque minha mã se livrar de mim, mas alguns dos pais parecem prestes a ter seus braços c filhos — filhos crescidos, sou obrigado a constatar — vão para a facultad felizes, não chorando como crianças irritantes, por seus filhos estarem fazendo al;

Se dessem uma volta pelo meu antigo bairro, beijariam o chão da Washington Ce dar a seus filhos uma chance na vida.

Uma mulher com seios siliconados enormes e cabelo tingido de loiro abraça seu f de camisa xadrez, e eu dou risada quando ele começa a chorar no ombro da mãe. pai está mais para trás, longe da cena patética, no seu relógio caro, esperando que parem com a baboseira.

Não consigo imaginar como seria se meus pais fossem obcecados por mim. Minh tinha tempo, trabalhando desde o nascer até o pôr do sol, e eu precisava me virar ela compensava a falta de noção do merda do meu pai. Ela tentava compensar da podia, mas depois de perder tanto não restava muito o que fazer. E eu recusava a

Não aceitava na época e ainda não aceito agora. Nem dela, nem de ninguém.

“E aí, cara.” Nate se senta na minha frente à mesa de piquenique e pega

“Quais são os planos para hoje?”, ele pergunta enquanto risca o isqueiro.

Dou de ombros e tiro o telefone do bolso para ver que horas são.

“Não sei, vamos buscar a Steph no quarto dela.”

Enquanto ele fuma, Nate me perturba até eu concordar em passar no alojamento c passar no Centro Acadêmico. Não é longe, uma caminhada de quinze minu

vezes ir dirigindo a passar pelos montes de alunos animados.

Quando chegamos aos quartos, Nate está falando a respeito da festa do fim de semana. Qual é a graça nisso?

Tudo é sempre igual para mim. O mesmo grupo de amigos, a mesma que as mesmas festas, a mesma merda de sempre em dias diferentes.

Estou prestes a entrar no quarto quando Nate diz: “É melhor bater. Lembra como última vez?”.

Eu dou risada. Sim, eu me lembro daquele dia. Semestre passado, entrei no quarto e a encontrei de joelhos na frente de um idiota. Eu digo idiota porque... bom usando chinelos. Um cara de chinelos se torna um idiota automaticamente para mim. Vergonha, e a Steph, puta da vida. Quando ele saiu, Steph jogou todos os objetos da minha cabeça.

Ganhei a semana ao vê-la tão apavorada. Até hoje, eu a provooco por causa disso.

Finalmente paro de rir da lembrança quando ouço Steph gritando para entrarmos.

E quando entro, deparo com um cara loiro de cardigã de lã no meio do quarto. Nate e eu, olhando para os recém-chegados com cara de quem está se divertindo. Demoro um pouco para notar uma mulher com cara de tensa e uma garota mais nova com quem observo o corpo dela: alta, cabelos loiros e compridos, peitos decentes.

“Oi, você é a colega de quarto da Steph?”, pergunta Nate, e eu finalmente dou um sorriso para a garota.

Ela é bem bonita: lábios carnudos e cabelos loiros compridos. É só o que consigo ver. Está usando roupas três vezes maiores que seu tamanho. Percebo que sua expressão é tensa, e eu me retraio por dentro. Só de olhar, consigo perceber que ela está se divertindo para essa menina.

E, além disso, ela está olhando para os próprios pés, muito nervosa. Qual é o problema?

“Hã... sou. Meu nome é Tessa”, ela resmunga. Sua voz é tão fraca que chega a se perder no silêncio.

Olho para Steph, que abre um sorriso malicioso e se senta na própria cama para a menina.

Nate reage com um sorriso, sempre mais simpático que nós dois. “Sou o Nate. Não tão assustada.”

Não vejo motivo para trocar amenidades, principalmente com essa garotinha. Ela com os olhos arregalados, e ele estende o braço e toca seu ombro.

“Você vai gostar muito daqui”, diz ele.

Ele é cheio de papo furado.

A colega de quarto de Steph parece aterrorizada ao ver os pôsteres na parede. Essa poderia ser uma escolha pior. É calada, tímida, e parece ter medo do mundo estar me sentindo legal hoje; caso contrário, teria feito com que se sentisse desconfortável.

“Estou pronta, meninas”, diz Steph, levantando-se da cama. Ela passa a alça da bolsa pelo ombro e caminha na direção da porta. O cara loiro — provavelmente o irmão da mãe para mim, e eu o encaro também.

“A gente se vê, Tessa.” Nate acena para a menina, e eu percebo que ela está olhando para mim.

Seus olhos passam do piercing que tenho na sobrancelha para o piercing que tenho nos meus dois braços. Então, percebo que a mãe e o pai estão fazendo a mesma coisa.

O que foi? Nunca viram tatuagens na vida?
Sinto vontade de perguntar, mas tenho a sensação de que a mãe dela não é tão bacana quanto a pose que tem, então é melhor não fazer.

Assim que chegamos ao corredor, ouvimos a mulher gritar: “Você vai trocar de quarto?”

Steph começa a rir, e Nate e eu rimos juntos enquanto atravessamos o corredor.



Na manhã seguinte, eu não estou a fim de ir para a minha primeira aula, por isso vou ficar na casa da Steph. Ela provavelmente ainda está dormindo, mas estou entediado, e o quarto onde vai ser minha próxima aula, mais perto do que o quarto de qualquer grupo. Envio uma mensagem de texto para ela e digo que estou indo, mas não espero resposta.

O corredor do prédio antigo está quase vazio, só tem alguns apressados correndo cheios de livros. Bato na porta, para não causar um ataque cardíaco na dona Fresco. Ela responde, entro com a chave que Steph me deu.

Para não acabar dormindo no colchão horroroso da Steph, zapeio os canais do pay per view e TV a cabo. Enquanto um “médico” cheio de si dá conselho amoroso a dois idiotas no sofá, a colega de quarto de Steph entra apressada. Está enrolada numa toalha molhada e seus olhos vermelhos e inchados estão grudados em seu rosto de um jeito quase caricato. Ela arregala os olhos, surpresa, desligo a TV e olho para a criatura à minha frente.

“Hã... Cadê a Steph?”, ela quase grita. Olha para o chão, para mim e para o chão novamente.

Abro um sorriso porque ela está envergonhada, mas fico em silêncio.

“Você me ouviu? Perguntei onde está a Steph.” A voz dela está mais suave agora.

Meu sorriso se abre ainda mais. “Não sei.”

Ela está se remexendo, e chego a achar, ao vê-la puxar as pontas da toalha, que acabe rasgando o tecido. Eu volto a ligar a TV e me sento.

“Certo. Você poderia... hã... sair daqui enquanto me visto?”

Bom, não vou sair. Não depois de encontrar a única posição confortável nessa cama.

Viro para o lado e cubro o rosto com as mãos para tirar um sarro. “Quem vê pensando em olhar para você?”

Quanta pretensão achar que eu ficaria sentado aqui olhando para ela.

Bom... certo, provavelmente eu faria isso, principalmente porque a toalha envolve seu corpo de um jeito bem legal.

Ouçó quando ela se remexe, o som de um sutiã sendo fechado, e sua respiração o está nervosa, e eu adoraria ver seu rosto enquanto tenta vestir as roupas com o má que consegue. Eu descobriria meus olhos só para irritá-la, mas estou de bom humor. Além disso, só vou ver essa garota muito de vez em quando, então posso manter a civilidade.

“Já terminou?” Reviro os olhos embaixo das mãos.

“Que tal mostrar um pouquinho de respeito por mim? Não fiz nada pra você. *Qual é a sua?*”, ela grita.

Como é? Eu não pensei que uma garota tão inocente pudesse ser tão espertinha. E ser paciente comigo, e estou me esforçando para fazê-la explodir. Só consigo rir.

Enquanto fico olhando para a colega de quarto de Steph, parece esquisito expressão dela é impagável. Está *muito* puta.

A porta se abre e Steph entra, vestida com as roupas de ontem. “Desculpa o atraso ressaca infernal”, ela resmunga.

Reviro os olhos de novo. Claro que está de ressaca... quando não está?

“Desculpa, Tessa, eu me esqueci de dizer que o Hardin ia passar aqui.”

Ela encolhe os ombros. Como se ligasse.

“Seu namorado é bem grosso”, diz a loira.

É o que me basta para cair na risada de novo. Steph olha para mim, erguendo a sobrancelha para ver rir tanto.

“Hardin Scott *não* é meu namorado!”, ela exclama, talvez meio enfaticamente demais, e começa a rir comigo.

Já transamos, mas nunca namoramos.

Eu não namoro.

“O que você falou para ela?” Steph se vira para mim e apoia as mãos na frustrada de me repreender. Então, ela se vira para a garota. “Hardin tem um... um problema de se comunicar.”

Me comunicar? Não estou nem tentando falar com elas. Dou de ombros e volto a porcaria para assistir.

“Tem uma festa hoje à noite, você devia vir com a gente, Tessa”, diz Steph. Ah, se essa menina fosse a festas.

Puxo meu piercing do lábio entre os dedos para não rir de novo. Olho fixamente p

“Não sou muito chegada em festas. Além disso, tenho que sair e comprar alguma na minha mesa e nas paredes.”

“É só uma baladinha! Você é uma universitária agora, uma festa não vai i praticamente implora, tentando convencê-la.

“E como você vai sair para fazer compras? Não sabia que tinha carro.”

“Vou de ônibus. E não posso ir a essa festa... Não conheço ninguém”, diz ela. D

“Eu ia ficar lendo e conversando pelo Skype com o Noah.”

Porque ir fazer compras é muito divertido. Aposto que ela vai à merda da Target; o encontro pelo Skype... aposto que vai mostrar o tornozelo para o coitado do na

“Não dá para andar de ônibus de sábado! Fica tudo lotado. Hardin pode dar uma c for para casa... certo, Hardin?”, Steph olha para mim.

Não vou dar carona a ninguém para lugar nenhum.

“E você me conhece, e eu vou estar na festa”, Steph continua. “Vamos lá, vai... p

“Não sei... E não quero carona nenhuma do Hardin”, a chatinha resmungava. Eu m sorrio para as duas; é tudo o que posso fazer, já que elas estão me irritando demai

“Ah, não! Eu estava tão a fim de passar mais tempo com você”, digo. “Steph, você garota não vai topiar ir à festa.” Demoro um pouco para olhar para a camiseta branca no peito e no quadril. Ela deveria se vestir desse jeito, e não com aquela saia usando outro dia. Os shorts cáqui ainda são compridos demais, mas não se pode t

“Pensando bem, eu vou, sim”, diz a garota. Tessa era o nome dela, acho. Sim, isso e comemorações, e nesse momento percebo que está na hora de dar no pé.

“Eba! A gente vai se divertir muito!”, Steph promete à garota quando saio do qua

Dirijo para o campus e assisto às aulas do dia. Depois, recebo uma mensagem de me chamando para encontrar com ele e com Tristan no Blind Bob’s. Aumento o volume do carro e desço o vidro. Quando eu era adolescente, costumava achar que as coisas eram mais interessantes quando tocavam música alta com as janelas abertas, mas agora tenho vontade de abafar o mundo ao meu redor, e a música e a leitura são as únicas coisas que fazem isso. Todo mundo tem uma mania, e essas são as minhas.

Quando preciso de silêncio, o barulho ajuda.

Melhor do que uísque, pelo menos. Minha mãe, chorando ao telefone na madrugada

“Por que demorou tanto?” Tristan dá uma mordida num hambúrguer; metaforicamente, prato na frente dele.

“O trânsito estava uma merda.” Eu me sento no banco ao lado do Nate. Nossa garota meneia a cabeça para mim e, momentos depois, aparece com um copo de água.

“Ainda está sóbrio, hein?”, pergunta Nate; seus olhos evitam meu copo quando tomo sua cerveja.

“Sim. Ainda estou sóbrio.” Tomo metade do copo de água, tentando não pensar na minha cerveja.

“Que bom, cara. Sei que todo mundo enche seu saco por isso, mas eu acho ótimo. Mas não quero que você tem.”

Eu me remexo, todo sem jeito, ao ouvir isso.

Tristan ri, passando um guardanapo pelo queixo.

“Autocontrole? Ouvi a Molly gritando o seu nome ontem à noite.”

“Bom, estou falando de bebida. Não de garotas, claro que não.” Nate ri junto, encostando o ombro no meu, e fico feliz com a mudança de tom. A conversa estava ficando pessoal de gosto.

Nate acaba me convencendo a deixá-lo dirigir meu carro. Só tomou uma cerveja, e eu não estou a fim de dirigir, então concordo em deixar se ele for comigo buscar a Steph e a cole

“Ela está me ligando para dizer que você não atende”, diz Nate quando saímos de

Reviro os olhos. “Eu já respondi, há uma hora, que daria carona para as chata pra caramba.

“Acabei de avisar que estamos indo. Que bom que a tal Tessa vai com ela”, come vidro do motorista.

“Por quê?”

“Porque ela parece ser legal e deveria sair mais. A Steph disse que ela acha que o único amigo que ela tem, ou coisa assim.”

“Namorado? Quer dizer que a Madre Theresa tem namorado?” Dou risada. Esper quarto? Os dois parecem irmãos, não namorados. É com ele que ela vai falar no S vai ser uma conversa por vídeo totalmente vestida — e com um blazer por cima,] garantir.

“Sim, ele estava aqui com ela, aquele engomadinho.”

“Vai entender.” Dou risada e aumento o volume. Tess e seu namorado com cara c essa música. Aumento o volume ainda mais.

Quando entramos no estacionamento do prédio da Steph, meu telefone toca. Vejo então ignoro.

“Senhoritas.” Nate cumprimenta as garotas quando elas se aproximam do carro.

Steph está usando um vestido arrastão, e sua amiga veste o que mais parece ser um

Não entendo. Vi o contorno do corpo dela com aquela toalha — por que horrorosas?

“Você sabe que estamos indo pra uma festa, e não pra igreja, certo, Theresa? Ela entra no carro.

“Por favor, não me chama de Theresa. Prefiro Tessa”, diz ela de modo sucinto. Ela

Eu sabia que o nome dela era Theresa. Já li romances demais para não saber que toquei num ponto fraco.

“Como quiser, Theresa”, digo. No trajeto, olho para ela pelo espelho retrovisor.

Ela não parece irritada quando não sabe que estou olhando. A fraternidade fica pesada ao enfrentar alguns minutos de silêncio desconfortável até chegarmos. Nate estaciona atrás de uma fila de carros.

Ela resmunga e revira os olhos. “Olha o tamanho disso... Quanta gente será que tem aqui? pergunta Theresa. O gramado lotado não dá uma ideia?”

“Está lotada, vamos logo”, digo a ela, fechando a porta do carro. Ela perrecocha, acho, e eu atravesso o jardim da frente.



Ele soube desde início, desde o primeiro encontro até a primeira vez em que ela voltou sua língua afiada contra ele, que sentia algo diferente em relação a ela. Ele não sabia ao certo... não, na verdade não fazia a menor ideia de que o fogo dentro dela enfraqueceria, e depois seria extinto pela mania dele de cometer um erro atrás do outro, mas com frequência

ele se pega sozinho, revivendo os dias em que ela estava em chamas. Quando a voz e o comportamento dela eram tomados por tamanha intensidade que o ar entre eles chegava a ficar pesado. Ele deveria saber que tanta intensidade causaria destruição, consumiria a alma dela, e faria cada fibra de seu ser se desintegrar, levando a garota que ele amava, a garota sem a qual ele não conseguia e ainda não consegue respirar, e teria que vê-la se afastar com os últimos resquícios de fumaça.

Ando pela festa lotada, passando por um grupo de idiotas chapados fazendo uma bebida para passar o tempo enquanto tentam desesperadamente se entrosar. Seus sorrisos idiotas me deixam enojado quando passo por eles. Um por um, eles me lembram o tipo “que babaca”, enquanto jogam bolas de plásticos em copos cheios de cerveja como se tivessem ganhado alguma medalha por sofrerem uma lavagem cerebral com a cerveja vagabunda todos nos mesmos copos.

Quando chego ao corredor lotado, vejo Steph e sua sombra. A loira parece deslocada no meio de um mar de pessoas em movimento. Entregam uma bebida a Steph sem educação, apesar de não querer. Percebo pelo olhar dela. Mas ela aceita e leva o copo para a boca.

Mais uma maria vai com as outras. Que previsível.

“Oiii, planeta Terra chamando Hardin!” A voz de Molly se eleva acima do barulho percebendo a expressão irritada em seu rosto enquanto apoia a mão no quadril. Ela olha para Steph.

“O que você está olhando?”, pergunta ela, com a voz firme.

“Nada. Cuida da sua vida.” Continuo caminhando até a escada em direção ao meu quarto, ouvindo o barulho excessivo e incômodo de pulseiras, um som irritante. Eu me olho para trás e vejo seus olhos de cachorro pidão. “Está me seguindo por algum motivo?”

Ela afasta os cabelos cor-de-rosa dos ombros. “Estou entediada”, ela reclama.

“E...?” Tiro meu telefone do bolso de trás e finjo que estou fazendo alguma coisa para ouvi-la.

Molly passa a mão pelo meu braço. “Venha me divertir, cuzão.”

Olho para ela de cima a baixo, gostando de ver que seu vestido minúsculo mostra que já vi. Ela crava as unhas na minha pele e sorri mais.

“Vamos, Hardin, quando foi a última vez que você gozou?”

Ela não tem vergonha. Gosto disso.

“Bom, considerando que você me chupou há dois dias...”

Ela me beija antes que eu consiga dizer mais uma palavra. Eu me afasto, ela avan

Ah, tudo bem. Ela não é tão ruim, e eu poderia estar fazendo coisas piores com m a Steph, que vai passar a noite com a Theresa Santinha. Seria de fazer qualquer u

Molly me leva para o último quarto à direita; ela já sabe que é melhor nem tentar quarto. Ninguém entra no meu quarto. Ela fecha a porta quando entramos, e em s de mim. Sua boca é quente, os lábios estão pintados com um batom grudento.

O contato físico, com Molly ou com qualquer uma, é uma válvula de escape sentido, mas quando minha mente se desliga por um tempo fica mais fácil pensar adrenalina, a única vez em que sinto alguma coisa.

Molly me leva para a cama, uma desocupada, sem nem um maldito lençol fazem diferença quando não existe nenhum sentimento envolvido. Molly de sobre o meu e se esfrega na minha perna. Eu seguro seus cabelos cor-de-rosa, afastando seus lábios dos meus.

“Não”, aviso. Ela geme, resmungando como faz quando lembro que ela não deve

“Você é um babaca”, ela reclama, mas se movimenta para se posicionar sobre mi

A porta se abre, e ela para de movimentar o quadril. Ela se vira e se sen cotovelos.

“Quer alguma coisa?” O tom de Molly está tomado pela impaciência e pelo desej

E claro — claro!
— que de pé à porta está Tessa, a colega de quarto de Steph, com uma cara que

deixa claro que está mais envergonhada do que Molly e eu juntos.

“Ah... não. Desculpe, eu...”, ela gagueja. “Estou procurando um banheiro; derrubi mim.” Ela olha feio para o próprio vestido como se isso provasse alguma coisa. E muito tempo olhando para baixo, pelo que parece.

“Então vai logo encontrar um banheiro.” Molly a dispensa com um gesto de mão. um banheiro.”

Tessa sai do quarto imediatamente e fecha a porta.

Mas, quando Molly começa a beijar meu pescoço, vejo a sombra dos pés porta. Ela está escutando o que estamos fazendo? Que puta esquisitice. Alguns se desaparece, e Molly leva a mão ao meio das minhas pernas.

“Nossa, aquela menina me irrita”, ela reclama.

Para alguém que não é lá muito querida, Molly se “irrita” com gente demais.

“Eu devia ter pedido para ela brincar com a gente?” Eu encolho os ombros e careta.

“Credo. De jeito nenhum. Bianca ou Steph, talvez, mas essa Tessa, não. É quase o dobro do meu tamanho.”

“Você é uma megera, sabia?” Balanço a cabeça olhando para ela. Tessa, por seja, tem um belo corpo — o tipo de corpo que os caras adoram, o tipo de corpo que em num instante se ela aprendesse a domar aquele temperamento.

“Não importa. Você só gosta dos peitos dela.” Molly beija meu pescoço.

“Eu não *gosto* dela”, digo, sentindo a necessidade de me defender.

“Ora, claro que não gosta dela.” Molly se afasta e olha nos meus olhos. Como se estivéssemos dividindo um segredo ou coisa assim. “Isso não quer dizer que transar com ela.”

Ela beija meu queixo, mordiscando a pele. Suas mãos me seguram, uma delas vai não para de mexer o corpo pequeno sobre o meu.

“Chega de falar.” Levo a mão entre suas pernas abertas e passo os dedos ali. Ela se encoço, e eu me concentro no prazer que está me proporcionando. Molly é mais tímida do que seria capaz de admitir. Ela também acha seus dias sem graça e chatos fisicamente para fugir de seus pensamentos. Não sei muito a seu respeito, na verdade, mas sei que sua vida não foi fácil.

O corpo de Molly estremece quando enfio os dedos nela, e agora já sei como ela gosta de ser tocada. Quando geme, percebo que murmura “Lou”, mas ela logo se recompõe depressa. Quando geme, percebo que murmura “Lou”, mas ela logo se recompõe

Lou? Que merda é essa?

Tento não rir ao pensar que ela pode estar falando de Logan, dizendo o apelido dele enquanto eu proporciono prazer a ela. Molly sabe que ele não ia querer

Ele a trata bem, porque é um cara legal, mas tem parâmetros.

Se eu me importasse, reclamaria com ela, mas não estou nem aí. Eu a uso e ela me dá prazer. Sabemos disso. Penso na festa que está acontecendo no andar de baixo. Tonto imagino a colega de quarto de Steph já chorou. Ela é bem emotiva, mas com um jeito abusivo que esconde sua fragilidade.

Molly puxa minha calça jeans, abre o botão. Fecho os olhos quando ela envolve meus lábios quentes.

Depois, ela não diz nada, nem eu, quando limpa os lábios inchados com o dedo e se levanta, puxando o vestido para baixo para cobrir o corpo até onde é possível, e se

Eu fico deitado, em uma cama que não é minha, e olho para o teto por alguns minutos para o corredor. A festa ainda está rolando; a casa está ficando cada vez mais

garotas bêbadas de mãos dadas passam por mim.

“Vocês são minhas melhores amigas”, a mais baixa delas diz.

Uma delas, com uma blusa de lã azul, está com os olhos vermelhos ao atordoado quase tropeça. “Amo vocês duas!”, ela responde com os olhos marejados.

Garotas bêbadas choram e são “melhores amigas” de qualquer um...

Logan aparece no fim do corredor, com um sorriso torto e uma bebida em

oferece uma, mas eu recuso balançando a cabeça.

“O seu é água”, diz ele, estendendo o copo vermelho entre nós.

Eu o pego, levo ao nariz e sinto o cheiro do líquido. “Hum... obrigado.” Tomo um gole e ignoro o modo como Logan me julga em silêncio por beber água.

“A casa está lotada, cara”, diz ele, pigarreando com uma careta. “Essa vodca bara cacete.”

Não digo nada, só observo o corredor enquanto caminhamos em direção à escada.

“Olha, eu vi aquela tal de Tessa entrando no seu quarto”, diz ele atrás de mim. Eu não respondo.

“O quê?”

“Ela entrou lá com a Steph, que está passando mal, vomitou no banheiro.”

“Por que elas entrariam no meu quarto?”, falo mais alto. Poderia jurar que tinha tido uma ideia.

Ninguém entra no meu quarto, passando mal ou não. E certamente ninguém entra com minhas coisas.

Ele dá de ombros. “Sei lá. Só estou avisando.”

Logan desaparece na multidão enquanto caminho em direção ao meu quarto. Devo entrar no meu quarto... por que não avisou a sombra dela?

Entro depressa e, como era esperado, ao lado de minha estante de livros e, agora, percebo que ela está segurando meu exemplar mais antigo de *O morro dos ventos uivantes*. As páginas desgastadas indicam que já foi muito manuseado.

“O que você está fazendo no meu quarto?”, pergunto a ela, que nem se mexe. Fico segurando o livro que está segurando.

“Perguntei o que você está fazendo no meu quarto”, repito com a mesma grosseria.

Atravesso o quarto, pego o livro da mão dela e o enfio de volta na estante. Ela responde; ela está ali, perto da minha cama, com os olhos arregalados e a boca aberta.

“Nate me disse para trazer Steph aqui...”, ela sussurra, apontando para a minha cama apagada no colchão, e não fico feliz com isso. “Ela bebeu demais, e Nate disse...”

Eu já tinha ouvido o suficiente.

“Eu ouvi da primeira vez”, eu a interrompo sem me alterar.

“Você faz parte dessa fraternidade?”, pergunta ela com a voz curiosa e um tanto como esteja surpreso com isso. Estou me acostumando a ser julgado, principalmente por

com atitude esnobe. Mas não acho que ela seja rica. Seu vestido parece ser de uma loja de uma butique, o que me surpreende, por algum motivo.

“Sim, e daí?”, eu me aproximo da menina enxerida, e ela se afasta, batendo a porta surpresa, Theresa?”

“Para de me chamar de Theresa”, ela rebate.

Briguenta.

“É seu nome, não?”

Suspirando, ela dá as costas para mim. Olho para a minha cama quando ela tenta

“Ela não pode ficar aqui”, digo. De jeito nenhum a Steph vai dormir na minha cama

“Por que não? Pensei que fossem amigos.”

Que meiga... que ingênua.

“Somos, mas ninguém pode ficar no meu quarto.” Cruzo os braços e a observo com os olhos estão percorrendo as tatuagens nos meus braços. Gosto do jeito como ela me olha, tentando me decifrar. Chega a ser excitante ser analisado assim... ela está interessada

De repente, parece cair na real e para de me observar.

“Ah... entendi”, ela ri. “Então, só as garotas que topam beijar você podem ir ao quarto”

Não consigo deixar de sorrir para a calourinha briguenta. Cabelos loiros compridos e olhos azuis escondidas embaixo dessa roupa horrorosa... mas alguma coisa nessa garota me atrai de um jeito mais profundo do que Steph, até mesmo Molly. Não sei o que é, mas ela cor

sério com muita facilidade, e eu preciso pôr um fim nisso.

“Aquele não era meu quarto. Mas, se está falando isso porque está a fim sabendo que você não faz meu tipo.”

Sorrio e observo o rosto dela se contorcer de vergonha e raiva.

“Você é... Você é...”

Eu me sinto desconfortável enquanto ela luta para encontrar as palavras para me c

“Bom... então arranja
você outro quarto para ela, enquanto arrumo um jeito de voltar para o
campus.”

Eu? Ela é tão segura de si que está me irritando cada vez mais.

Ela não deixaria Steph aqui. Deixaria? Ela abre a porta e sai.

Droga, ela é mais corajosa do que eu pensei. Estou um pouco impressiona
Irritado... mas impressionado.

“Boa noite, Theresa”, grito quando ela bate a porta do meu quarto.

Olho ao redor do quarto para ver o que mais pode ter sido mexido. O espelho da p
minha atenção, principalmente porque o cara que vejo nele está quase irreconheci
me tornei nos últimos anos.

Mas a surpresa maior é que eu não sei de onde veio o sorriso idiota que vejo em r

Estou acostumado a discutir com gente chata nessas festas. Por que curti essa disc

do que o normal? Foi por causa dessa garota nova? Ela não costuma ser meu tipo
divertido brincar com ela.

O barulho que vem do andar de baixo toma meu quarto e, com Steph na
fazer nada. Vou ter que pedir ao Nate para tirá-
la daqui... para o corredor, se for o caso. Com
certeza, ela já dormiu em lugares piores. Eu me pego pensando em Tessa

jeito como ela levou a mão à cintura, com teimosia, e me enfrentou.

Vou até o corredor e convenco um novato da fraternidade a levar o corpo de Step vazio mais adiante. Fico esperando para ter certeza de que ele não vai ficar ali com saí do quarto, eu volto para o meu.

Passando pelo banheiro, ouço uma voz desesperada lá dentro. É a tal de Tessa... dela imediatamente.

“Sim. Quer dizer, não. Vim para uma festa idiota com minha colega de quarto e a em uma república sem ter onde dormir e sem saber como voltar para casa.”

Ela está chorando agora. Eu deveria me afastar da porta. Não tenho energia lidar com uma garota chorosa e supersensível.

“Mas ela...”

Não consigo entender o que ela diz enquanto chora. Encosto a orelha na porta.

“Isso não importa, Noah”, ouço quando ela diz.

Tento abrir a porta. Nem sei por que faço isso, então ainda bem que está trancada

“Só um minuto!”, ela berra, perdendo a paciência.

Bato de novo. “Eu disse só um min...”

Ela abre a porta, e seus olhos estão arregalados quando me vê. Desvio o olhar que por mim. Seguro seu braço para impedi-la.

“Não encosta em mim!”, ela grita e se afasta.

“Você estava chorando?”, pergunto, apesar de já saber a resposta.

“Me deixa em paz, Hardin”, diz ela, sem convicção na voz. Parece exausta. *Com quem estava falando ao telefone? Com o namorado?*

Abro a boca para provocá-la, mas ela ergue um dedo para mim. “Hardin, por favor. Estou pedindo, se você tiver o mínimo de decência, me deixa. Pode guardar seus para amanhã. Por favor.” Seus olhos cinza-azulados brilham porque estão marejados, e o comentário

maldoso que eu planejei de repente perde a graça.

“Tem um quarto no fim do corredor onde você pode dormir. Foi lá que deixei a S

Ela me olha como se eu fosse um monstro de três cabeças.

“Certo”, ela diz simplesmente depois de um momento.

“É a terceira porta à esquerda.” Caminho em direção ao meu quarto. Sinto muita afastar dessa garota, e depressa.

“Boa noite, Theresa”, digo, e entro no meu quarto. Fecho a porta e me recosto nel

Eu me sinto tonto. Não estou bem. É melhor que o Logan não tenha me enganado coisa na minha água.

Ando até a estante e pego *O morro dos ventos uivantes*, e abro o romance em uma página aleatória. Catherine é a personagem feminina mais irritante que já li, e não consigo Heathcliff aguenta os chiquetes dela.

Ele é um idiota também, mas ela é a pior.

Demoro um tempo para dormir, mas, quando durmo, sonho com Catherine, loira e mais jovem dela, entrando na universidade. Mas o som dos gritos da minha e eu me levanto depressa, suando, e acendo a luz.

Quando essa merda vai acabar? Isso já me atormenta há anos.

Depois de passar algumas horas olhando para o teto e para as paredes, incapaz de convencer de que devo ter dormido esse tempo todo, tomo um banho e desço para o saco de lixo e decido ajudar a limpar a sujeira, pela primeira vez. Talvez, se eu fiz para alguém, tenha uma noite de sono inteira, qualquer dia desses.

Na cozinha, encontro Tessa, ainda aqui, rindo e encostada no balcão.

“Qual é a graça?”, pergunto, tirando um monte de copos vazios do balcão, jogando-os dentro do saco.

“Nenhuma... Nate mora aqui também?”, ela me pergunta.

Eu a ignoro.

Sua voz meiga aumenta um pouco de volume. “Sim ou não? Quanto antes me disse vou embora daqui.”

“Certo, agora você me convenceu.” Dou um passo na direção dela para tirar um pedaço de papel molhadas de cima do balcão. Sorrio para a garota irritada. “Mas não, ele

Por acaso ele parece um cara de fraternidade?”

“Não, mas nem você”, ela diz.

Não respondo. Droga, essa casa está um desastre.

“Tem algum ônibus que passa aqui perto?” Ela bate o pé no chão como uma criança com olhos.

“Tem, a um quarteirão daqui.”

“Você pode me dizer onde fica o ponto?”

“Claro. A um quarteirão daqui.”

Algo na irritação dela me faz sorrir.

Ela caminha depressa com suas sapatilhas. Dou risada sozinho e ignoro o modo como ela está sorrindo para mim do outro lado da cozinha. Caminho em direção a ela, mas mudando o rumo quando Tessa se aproxima de Steph.

“Nem ferrando que vamos de ônibus. Um desses idiotas vai levar a gente de volta só provocando você”, ouço Steph dizer. Ela entra na cozinha, parecendo o rosto com maquiagem escura está manchada ao redor dos olhos. Olho para Tessa, que nada no rosto, e percebo a diferença. “Hardin, está pronto para levar a gente embora está latejando.”

“Sim, claro, só um minutinho.” Largo o saco de lixo no chão e dou risada sem parar. É muito fácil irritar essa garota.

Tessa e Steph me encontram perto do meu carro, e acabo escolhendo uma das mi

metal preferidas, “War Pigs”, durante o trajeto de volta ao campus. Desço brisa.

“Pode subir o vidro?”, Tessa pergunta do banco de trás.

Olho no espelho retrovisor e puxo o piercing do lábio entre os dentes para não rir. Seus cabelos loiros batem em seu rosto. Finjo não escutar e aumento o volume.

Quando o passeio termina e elas estão saindo do carro, digo: “Volto mais tarde, S. Ver a calcinha dela por baixo da roupa, mas tenho certeza de que é esse o meio de meias arrastão.

“Tchau, Theresa.” Abro um sorriso, e ela revira os olhos. Eu me pego rindo quando ela sai do carro.



5

Ele acordou uma noite, meses depois de tê-la conhecido. Rolou para o lado e a viu aconchegada contra ele, com as pernas ao redor de seu corpo. Nunca tinha sentido nada assim antes, a dor estava muito menor, mas seu coração e sua mente estavam elétricos ao mesmo tempo — e ele não tinha experiência com nada parecido. Ele queria despertá-la, confessar seus segredos a seu anjo naquela noite, mas ela acordou no momento exato em que pediria perdão... e ele não teve forças.

Era um covarde mentiroso, e sabia disso. Só podia esperar que ela tivesse piedade dele. Os olhos trêmulos dela o procuraram, e ele sentiu um peso forte sobre si. Não podia arruinar quem ela pensava que ele era, mas estava aterrorizado em relação ao futuro, já que tinha aprendido na infância que toda mentira criada no escuro se torna uma verdade terrível sob a luz.

Os sons do riso e de um cachorro latindo me acordaram do sono de três horas. Eu muito mesmo, mas adoraria ter um pouco de sossego nos corredores, considerando segunda e tenho aula em... pego meu telefone e confiro a hora.

São 8h43.

Merda.

Tenho menos de trinta minutos para chegar à minha aula de literatura... e por que na casa mesmo?

Pegando a calça jeans preta de ontem à noite do chão, eu a visto, cambal reclamando do corte justo. Minhas pernas são compridas demais para usar parecendo um palhaço. Joguei minhas chaves no chão ontem à noite, e preciso re de bagunça para encontrá-las. Camisetas pretas, jeans pretos e meias imundas tomam o chão.

Abro caminho pela casa, ignorando os sinais da festa de ontem à noite. L com olheiras e um energético na mão.

“Estou um lixo, cara”, ele resmunga, tentando sorrir. Ele está sempre sorrir pensando em como seria. Ser feliz o tempo todo como ele. Mesmo de ressaca. Nu

“Você é que está certo por não beber.” Ele se aproxima da geladeira. Puxa dois li bebe direto do galão.

“Ótimo.” Balanço a cabeça, e ele sorri, dando mais um gole. A cozinha começa a

outros membros da fraternidade e, como não estou a fim de ficar com eles, pego u entre os restos de ontem à noite, quando o pessoal decidiu pedir dez pizzas às qua

Quando saio, ouço Neil perguntando a todo mundo se querem ir a um res festa. Não pensei que eles fossem me convidar... nunca me chamam. Não que eu um monte de caras de fraternidade idiotas que usam gel demais nos cabelos, só v outra em que eles estejam.

Minha mãe sempre me perturba para que eu “faça amizades”, mas ela não nem divertido. Por que eu me exporia para ter a aprovação de pessoas que não su sentir um pouco mais importante na vida? Não preciso de amigos. Tenho um grup mal tolero, e é mais do que o suficiente.

Quando chego ao campus, o estacionamento está quase lotado, e tenho que passar com um BMW para conseguir a vaga dele.

O professor já está falando sem parar quando entro na sala. Olhando ao redor, a cadeira vazia e percebo a garota na fileira da frente. Consigo reconhecer o comprido, mas é a saia chegando até o chão que confirma. Tessa, a colega de Steph.

Ao lado de Landon Gibson. Claro! Vai ser divertido: Tessa numa sala comigo, um do lado dela. Isso logo se tornou o ponto alto de meu dia.

Quando me aproximo, ela olha para trás e arregala os olhos. Ela se vira depressa e eu me apresso para me sentar ao seu lado. Como sabia que aconteceria, ela me ignora uma camisa azul de botões que deve ser dois tamanhos maiores do que deveria, e os botões presos, deixando o rosto à mostra.

Quando chego perto deles, meu telefone vibra no bolso. É uma mensagem de texto de esperma: Karen está preparando um belo jantar, você deveria vir.

Ele enlouqueceu, porra? Olho para Landon, que por acaso é o filho perfeito engomadinho com uma camisa polo.

Claro que não vou. Até parece que um dia vou aparecer naquela casa nova em folia com a namorada dele e com o Landon. O Landon perfeito, que ama esportes e o mundo para ser o cara mais bacana e respeitoso do mundo.

Blé.

Espero meu querido “irmão” Landon me dizer alguma coisa, mas ele fica em silêncio de meu pai de “unir nossa família” não vai rolar. *Idiota.*

“Acho que essa vai ser minha aula favorita”, diz Tessa para ele.

Estranhamente, deve ser minha preferida também, apesar de eu só frequentar a aula para me divertir.

Consegui que fosse uma das minhas eletivas, apesar de já ter cursado essa matéria.

Ela se vira para mim quando nota que estou observando os dois. “O que você que

Já está funcionando.

Sorriso para ela, um sorriso inocente, como se não quisesse irritá-la. “Nada. Nada. Só estou contente porque vamos fazer uma matéria juntos.” Meu tom é sarcástico, e meus olhos continuam olhando para ela durante toda a aula, adorando todas as vezes que ela remexe desconfortavelmente. É muito fácil afetá-la, e adoro isso. A aula termina antes do que eu gostaria, e Tessa começa a arrumar a bolsa antes de o professor nos dispensar. Ca

Eu me levanto, pronto para seguir Tessa e Landon. Não quero que a diver

Quando chegamos ao corredor, Landon se vira para Tessa. Ela parece nervosa ao frente.

“A gente se fala, Tessa”, diz Landon sem olhar na minha cara.

“Você conseguiu fazer amizade com o maior otário da classe”, provoco Tessa e ela desaparece na multidão de alunos tentando descobrir para onde ir.

Imagino a mãe de Landon e meu pai, de mãos dadas daquele jeito meloso que os dois sempre amamos”. A mãe dele segurando a mão do meu pai, Ken Scott, também conhecido como Pai do Ano, me deixa irado. Não consigo me lembrar de uma única vez em que ele segurou a mão da minha mãe assim.

“Até parece! Ele é um cara legal, ao contrário de você!”, ela rebate.

Eu me viro para ela, surpreso com a demonstração de lealdade. Ela já o conhece?

Ela gosta dele?

Por que me importaria com isso, porra?

Afastando as perguntas de minha mente, sinto vontade de provocá-la ainda mais. “Você está se tornando mais arredia a cada conversa, Theresa.”

Ela começa a andar mais depressa para se afastar de mim, então eu acelero para acompanhá-la.

“Se me chamar de Theresa mais uma vez...” Seus lábios carnudos se cont

arregalar os olhos para mim. Mas seu olhar fica mais doce no meio do café acinzentado e ganhando um tom mais azulado, e a tensão desaparece dos meus ombros, algo subindo por minha espinha, e meu corpo começa a relaxar.

Eu afasto a sensação esquisita. Ela continua olhando para mim. Mudei de gostava do jeito como ela olhava para mim, tentando me decifrar, mas agora julga. Está olhando para meus braços tatuados como minha avó faz. Não posso questionar minhas escolhas, porra.

“Para de me olhar desse jeito!”, digo e me afasto. Dobro a esquina e me sinto sereno que eu me lembre daquelas noites em que fumava cigarros demais. Não foi por isso, tenho que dizer a mim mesmo, e recosto na parede de tijolos aparentes para não cair. É estranha aquela loira cheia de atitude.

A semana toda foi uma merda. Festa após festa, barulho após barulho. Todos os dias. No máximo, dormi um total de vinte e quatro horas na semana passada, e estou exaustivo consigo enxergar direito porque minha cabeça está latejando, e não consigo encontrar o sono. Estou muito irritado e com vontade de brigar com meio mundo.

Enquanto reviro meu quarto, alguém bate à porta. Penso em ignorar, mas batem de novo dessa vez.

Quando abro, uma garota com uma blusa da WCU está de pé na minha porta, com os olhos vermelhos.

“Posso entrar?”, pergunta ela, com as mãos trêmulas.

“Não. Desculpa.” Fecho a porta na cara dela. Segundos depois, ela bate de novo. É quem é a menina, mas ela precisa encontrar outra porta na qual bater. Ela continua batendo, e eu abro.

Neil, um dos maiores idiotas da fraternidade, está ali. Seus cabelos loiros estão bagunçados, e ele cheira a cerveja e a boceta.

“O que você quer, porra?”, pergunto, e volto a entrar no quarto, jogando uma calça

“Você vi-viu a Cady?” Seu tom de voz é esquisito, as palavras saem arrastadas.

“Quem?”

“A garota com quem eu estava ontem à noite? Você viu?”

Lembro dos olhos vermelhos da garota, do modo como ela andava pelos corredores balançando a cabeça. A princípio, pensei que ela estivesse drogada, e talvez estivesse bom tirar conclusões precipitadas.

“Ela foi embora e não vai voltar. Deixa a garota em paz.” Pego um livro da minha estante e vou para casa.

Resmungando, ele me xinga de otário e vai embora.

Ainda estou puto no trajeto até o campus, e sigo em frente com meu novo hábito de quarto de Steph.

“Estou animado para fazer essa aula. Ouvi coisas muito boas sobre ela”, Landon me aproxima deles por trás. Eles devem ser mais amigos do que eu pensei. Ela rebaixa, e ele sorri. O sorriso dela é caloroso, tão caloroso que desvio o olhar por um momento.

Eles gostam um do outro? Ela tem um namorado modelo. Ele tem namorada, até ter terminado, pelo jeito como ele olha para a Tessa.

No meio da aula, Landon vai embora e Tessa literalmente afasta a cadeira de mim.

“Na segunda-feira, vamos começar a discutir *Orgulho e preconceito*, de Jane Austin”, diz o professor Sei-lá-o-quê para a sala. Olho para Tessa, que está sorrindo. Não é um sorrisinho. É um sorriso de orelha a orelha.

Claro que está sorrindo. As garotas adoram *Orgulho e preconceito*. Amam Darcy e sua babaquice de orgulho charmoso. Observo Tessa guardar suas coisas: uma agenda enorme e um estojo de lápis no campus. Estou tentando enrolar, mas sério, fica difícil, porque ela demora demais a guardar o estojo e guardar a pilha organizadinha na bolsa.

Eu vou atrás dela quando ela sai da sala e digo: “Me deixa adivinhar. Você é apaixonado por ela?”

Darcy”.

Preciso provocá-la com isso. *Preciso.*

“Toda mulher que já leu esse livro é apaixonada por ele”, ela responde, com a boca pouco para fora da boca e os olhos concentrados em algum lugar que não é meu rosto atrás dela, observando sua maneira de olhar para os dois lados antes de at cruzamento.

“Pois é.” Dou risada, parando um momento até perceber que ela atravessou quase mim. Caramba, ela anda depressa.

“É claro que você não consegue entender o apelo do sr. Darcy.” Tessa tenta me ir corro atrás, mas volto a rir.

“Um homem grosseiro e insuportável que se transforma em um herói romântico? Elizabeth tivesse alguma noção, teria mandado o cara se foder logo de cara.”

A Senhorita Fresca se vira para mim e, para minha surpresa, ouço uma risada baixa risadinha inocente e não intencional que aparentemente desapareceu do mundo há a boca assim que ri, mas eu ouço. Ouço como se o som tivesse reverberado profu

“Então você concorda que a Elizabeth é uma idiota?”, insisto.

“Não, ela é uma das personagens mais fortes e complexas de todos os tempos.”

Ela defende Elizabeth Bennet de um jeito que a maioria dos adolescentes de dezo seria capaz de fazer, com um toque dos filmes de Tom Hanks para incen rindo de verdade, e ela ri junto. Sua risada é suave como algodão.

Que porra foi essa que eu...

Imediatamente paro de rir e desvio o olhar. Isso é esquisito demais.

Ela é esquisita. E chata.

“A gente se vê por aí, Theresa.” Eu me afasto, andando para o outro lado.

Suave como algodão? A risada dela reverberou profundamente em mim? Que merda foi essa?

Afasto essas ideias malucas e ando até meu carro. Tem outra festa hoje à noite, vou me esquecer dessa merda me enfiando numa bela de uma...

Meu telefone vibra no bolso e me distrai de meus pensamentos pervertidos. Pegoo nome de Jace aparecer na tela, e atendo depressa.

Ele anda sumido, e vou ficar feliz se voltar. Todo mundo tem alguém com quem é agradável. Comigo, é o Jace. Ele é um idiota — um baita imbecil, todo mundo se diverte com ele e sempre deixa tudo mais interessante.



6

Quanto mais se aproximava dela, mais ele precisava saber. Quando se pegou tentava descobrir em que ela pensava quando acordava de manhã, ou quanto tempo demora para se lembrar de que ela estava se tornando mais importante do que qualquer uma em sua vida. Ela passou a ser mais do que o joguinho que fazia com ela. Ao seu modo doentio, ele estava feliz por poder usar isso como pretexto para passar mais tempo com ela. Tinha um motivo para tudo o que havia a ser descoberto sobre ela sem que seus amigos desconfiassem. Ele queria passar muitas horas com ela, quantas pudesse.

Para poder vencer, ele tinha que fazer isso, certo?

“Por que ela tem que ir de novo?”, pergunta Molly ao pequeno grupo enquanto tenta convencer os outros a ir com ela.

“Porque ela é colega de quarto da Steph, e a Steph gosta dela por algum motivo, por isso vou com ela”, Nate explica.

“Ela é uma idiota completa. Chata pra caralho.” Resmungo, esfregando a cabeça com as mãos mesmo quando não está por perto. Molly deve gostar da minha reação, porque se eu me afastar antes de ela me tocar, fingindo que não percebi sua intenção.

Passo a tarde transando com ela, enfiando meu pau nela e pensando em outra pessoa para sentir as curvas suaves do quadril de Tessa, os seios fartos. Ouvi a voz de

Segurei meus cabelos cor-de-rosa que imaginei como loiros e gozei com força na camisinha. Molly ficou toda orgulhosa de si por finalmente me fazer gozar sem a boca.

Se ela soubesse...

“Mas ela é gostosa”, diz Nate.

Será que *todo mundo* já percebeu que a Tessa é gostosa?

“Gostosa? Não, não é”, eu minto, cerrando os dentes.

Passando a mão bronzeada em cima dos cabelos penteados com gel, Zed é surpreendente: “Ela é muito gostosa, cara. Eu comeria sem pensar duas vezes”.

“Até parece. Ela é toda travada, está na cara. Tipo... quem é virgem na faculdade de sarro de Tessa.

Nate ri. “Sei... desde quando você é amiga dela para saber dessas coisas?”

Molly faz uma careta para ele. “Eu? Nem falo com ela, mas a Steph sim, sobre isso quando a ‘Princesa’ estava falando com o namorado, parece.”

“Deve ser por isso que ela é tão chata, porque nunca foi comida como se deve”, diz um pouco de Molly, torcendo para ela não vir atrás de mim.

“Pode ser que eu tenha que fazer isso, então”, diz Zed, tentando fazer todo o possível para conseguir.

“Ah, claro. Você não conseguiria nem se tentasse”, digo para provocá-lo.

“E você sim? Eu teria mais chances do que você!”, diz ele.

Ele não pode estar falando sério. Não se lembra da sua querida Samantha?

“O que eu perdi?” Jace se senta no concreto e pega um baseado do bolso.

“Steph tem uma colega de quarto totalmente esnobe, e Zed e Hardin aqui

transaria com ela primeiro”, Molly informa com um resmungo.

Zed acha mesmo que ela transaria com ele? Olho para todos, irritado por pensando isso dela. Se o corpo dela é tão puro como dizem, consigo imaginar o que faria com ela. Ela vibraria embaixo de mim, implorando por mais. Zed nunca Tessa gozar como eu faria.

Mas ela deixaria que ele tentasse? Se nós dois fizéssemos uma tentativa, ela o escusaria no lugar?

“Olha... podemos deixar tudo isso muito mais interessante. Está a fim?” Eu me viro para Zed.

Zed sorri. “Depende.”

“Humm... Beleza, então vamos ver quem consegue sair com ela primeiro.”

Para que isso? É o que me pergunto assim que digo essas palavras.

E outra parte de mim responde que poderia ser divertido. *Pelo menos, vou ter o que fazer e um motivo para irritá-la ainda mais.*

“Não sei...” A voz de Zed está cheia de dúvida. Pensei que ele adoraria tentar derrotar em alguma coisa, por causa do nosso passado e da mágoa que guarda de mim.

“Vamos, não seja cagão. Não vai ser tão difícil. É só pedir para a Steph vir na próxima festa, e ela vai virar nossa amiga”, explico a eles. “Ela é novinha moleza.”

Já fiz esse tipo de coisa antes — em situações diferentes e com vítimas diferentes — mesmo assim.

“Que coisa idiota. Quem se importa em tirar a virgindade de uma garota com uma pergunta, resmungona como sempre.”

“Se tem tanta certeza de que consegue, eu dou uma semana para você.” Jace engole em seus pulmões e passa o baseado a Molly.

“Uma semana? Cara, ela é superchata, e a gente não se dá muito bem. Acho que vou precisar de mais tempo.” Eles não imaginam o quanto essa garota é teimosa. Ela é toda nervosa.

“Quanto tempo? Duas semanas? Olha, se você conseguir em menos de um dólar”, diz Zed, recostando-se no concreto.

“Quinhentos?”, pergunta Molly, incrédula. Sua raiva é divertida. Ela adora atenções, e odeia Tessa por roubar os holofotes.

“E eu dou mais trezentos. Oitocentos. Acha que consegue?”, pergunta Jace vermelhos.

“Sim, claro que consigo. Só espero que ela não fique toda louca e grudenta”, responde devo ou não me gabar das vezes em que ganhei apostas assim antes. Decido não impressionado com a rapidez com que meu sorriso, minha marca registrada sorriso que meu velho amigo de Hampstead, Mark, costumava chamar de “o selo” quando sei que vou ganhar alguma coisa ou alguém. Aqui estou eu, sorrindo para em minha mente enquanto o grupo espera que alguém me faça mudar de ideia.

“Duvido”, diz Nate rindo, acendendo outro cigarro.

“Ela não vai cair na sua. Não parece tão idiota.” Zed arregala os olhos para mim.

Jace ri, me dando uma encarada. “Então, precisamos de provas quando rolar.”

Prova? Não deve ser tão difícil. Sei ser criativo.

“Que tal um vídeo? Seria legal ter um pouco de material novo”, Jace se ri para mim.

“Não, não, é arriscado demais”, digo. Já passei por isso antes e quero ficar longe partir de agora. “Podem acreditar, vocês vão ter a prova sem precisar apel diretamente para Zed e sorrio de novo. “Nunca transei com uma virgem. Vai ser c

Abro um sorriso falso e levo os dedos ao piercing do lábio como se quisesse esco lo.

Molly se intromete. “Espera aí, e como os dois idiotas vão fazer para armar esse t faz sentido, de repente, os dois parecerem tão interessados em transar com cabelos, irritada. “Pelo menos tentem fazer a coisa direito”, diz ela, e este isqueiro de Nate emprestado.

“Pois é”, concorda Jace. “O que acham de fazermos uma brincadeira?”

“Uma brincadeira?” Zed parece curioso.

“Tipo Verdade ou Desafio. Podemos fazer umas perguntas sobre sexo e confirma para que vocês dois não percam seu tempo, para começo de conversa.” Jace apon mim.

“Verdade ou Desafio? Você só pode estar brincando”, resmungo. Ninguém mais

“Que ideia idiota.” Nate balança a cabeça, e a decepção surge em seu rosto.

Ninguém que não esteja no sexto ano brincaria de Verdade ou Desafio.

“Na verdade, é uma boa ideia. Fica uma coisa menos óbvia”, diz Steph. “Ela é tão vai achar que é algo que as pessoas fazem na faculdade para se divertir. É imprevis para parecer perigoso, e infantil o suficiente para que ela entenda.”

Quando olho ao redor, todo mundo está concordando e rindo. Que idiotas.

Dou de ombros, concordando com a ideia, mas só porque não tenho uma melhor.

“Então, Verdade ou Desafio é o que vai ser”, Jace finaliza.

A festa está lotada, ainda mais do que a da semana passada, e estou sóbrio, como no meu quarto ouvindo a música cada vez mais alta, e então decidi descer.

Ao andar pela sala de estar para encontrar Nate, paro quando vejo Tessa e pelo menos *acho* que é a Tessa. Está vestida de um jeito diferente. Bem diferente. Os azulados intrigantes se destacam ainda mais com a maquiagem, e as roupas estão corpo cheio de curvas.

Ela é gostosa demais. Eu não diria isso a ela, mas porra, como é gostosa.

“Você está... diferente.” Não consigo parar de olhar quando ela se levanta

caramba, aquele quadril deveria estar envolvido pelas minhas mãos. “Sua r maior do que você dessa vez.” Minha voz sai acompanhada de uma risada, mas n comentário fosse uma piada.

Ela revira os olhos para mim e puxa a parte de cima da camisa para cobrir o deco

“E é uma surpresa ver você aqui”, digo, ainda observando seu corpo.

Ela suspira. “Até eu estou um pouco surpresa de ter vindo aqui de novo.” Ela se a
repente, e eu hesito por um momento, tentando decidir se devo ir atrás de
agora que ela está vestida assim, estou ainda mais disposto a colocar a coisa toda
não segui-la, ainda não. Deixo que ela se misture às pessoas um pouco.

Alguns minutos depois, estou encostado no balcão da cozinha quando Molly se a

“Está pronto para essa besteira ou não?”, ela pergunta.

Ela está irritada e com ciúme do novo centro das atenções. Eu entendo. E interesse do sexo oposto; é assim que se sente desejada.

Entendo isso mais do que ninguém.

“Você está?” Ergo uma sobrancelha ao olhar para ela.

Ela revira os olhos marcados pelo delineador para mim. “Vou pedir para a Steph e trazê-la à sala de estar, já que está na cara que você não vai ajudar nisso.”

Quando eu me sento com um copo de água na mão, Tessa está se aproximando, inquieto, mas por algum motivo também animado, quando a brincadeira começa. Natalia nem em Melissa, nem em ninguém. Não é culpa delas o fato de terem nas e terem que conviver com o pior tipo de gente, inclusive eu.

“Vamos brincar de Verdade ou Desafio”, Zed começa, e nosso pequeno grupo de se reúne ao redor do sofá. Molly está passando uma garrafa de vodca na roda, e eu bebendo minha água como se queimasse minha garganta de um jeito bem familiar.

Steph, Nate, o colega de quarto dele, que se chama Tristan, Zed e Molly se revezam para gargalar. Tessa observa, mas não bebe. Acho que não é viciada como eu. Não gosto de beber. Mesmo na faculdade, numa festa.

“Você devia participar também, Tessa.” Molly sorri para ela. Eu conheço esse tipo de coisa boa. Ainda não consigo acreditar que estamos levando adiante essa merda de festa.

“Não, acho melhor não.” Tessa cutuca as unhas, e eu olho para Zed. Ele parece preocupado. Talvez esteja intimidado pelo modo como ela olha para mim, e não por nada.

“Para participar da brincadeira, ela precisaria deixar de ser uma puritana por um momento. Todo mundo ri. Todo mundo menos Steph, que está disfarçando o riso.”

Sei bem como ela é.

Observo Tessa sofrer com a pressão, pronta para ceder, e então me recosto em Zed. “Fácil. Você pode até me pagar agora”, digo a ele.

Talvez essa brincadeira tenha sido uma boa ideia, afinal.

Durante as primeiras rodadas, Zed bebe uma cerveja, Molly mostra seus piercings. Eu me divirto ao ver os olhos de Tessa se arregalarem e seu rosto avermelhar. Não consigo não imaginar os seios fartos de Tessa, arrebitados e macios, decorados com piercings. “Verdade ou Desafio, Theresa?”, pergunto, começando o espetáculo. Finalmente.

“Verdade?” Ela parece insegura. Percebo que ela não me corrigiu por chamá-la de Theresa dessa vez, nem fez uma cara de quem quer cortar meu saco e dar de comer para o cachorro que é seu namorado.

“É claro”, digo. Ela arregala os olhos para mim, e Nate esfrega as mãos enquanto ainda não decidimos o que perguntar.

“Certo. Você é... virgem?”, pergunta ele, por fim.

Tessa arregala os olhos, mais do que o normal, e emite um som grave no fundo da garganta, chocada, aterrorizada e ofendida por um desconhecido fazer uma pergunta corada do pescoço ao peito, remexendo as mãos, e eu tenho a sensação de decidir se deve xingar Nate ou sair correndo daqui.

“E então?”, pergunto. Durante todo o tempo, imagino seu corpo nu embaixo de uma saia leve e sutil, emitiria sons que nenhum outro homem já ouviu. Essa ideia é pra lá também bem idiota, já que não consigo conversar com a garota sem me irritar por causa do jeito esnobe.

Por fim, a mocinha inocente meneia a cabeça depressa e em silêncio.

Todo mundo está pensando na aposta, e no fato de que essa garota meiga e ingênua vai tornar a nossa atração principal.

Tessa é virgem, acabou de admitir na frente de todo mundo. Eu sabia que era antes de assumir. Sabia pelo modo com que ela agia em nossas conversas. Pensar em ser casado com ela, a mostrar o que ela tem perdido, faz meu pau latejar. Imagino o que tem dentro dela. A pele macia, os seios fartos, os mamilos endurecendo sob meu toque começou, e meu sangue está pulsando forte. Estou ansioso para entrar nela.

Ela mexe nos cabelos do outro lado da roda, e eu imagino minhas mãos segurando puxando seu corpo para mais perto do meu enquanto a pego por trás. Dar redondinha, para deixar marcas. Ela gemeria meu nome com aqueles lábios cor-de-rosa e inchados.

Meu nome vai ficar lindo naquela boca. Arrumo minha calça e olho para Tessa de Ela passa a língua pelos lábios, e eu solto um gemido por dentro.

Fico tentando imaginar quantos paus ela já chupou, se já sentiu o gosto de conforme a conversa continua, fico sabendo que não fez quase nada em re mostrar cada detalhezinho do que ela perdeu.



7

Muitos erros podem ser cometidos na vida, e ele cometeu todos. Todo o respeito que ele tinha por ela parecia desaparecer em meio à confusão em sua mente. Ele a amava e valorizava mais do que o ar que respirava, mas não conseguia demonstrar, de jeito nenhum. Ou se lembrar disso quando era preciso. Ele brincava com ela, fazia brincadeiras imaturas, e não mostrava sua verdade. A verdade que ele tinha escondido, trancafiado a sete chaves e protegido ao longo da vida, pelo fato de não conseguir se lembrar de quantas vezes havia sido abraçado e valorizado na infância. Não estava tentando inventar desculpas, só estava acostumado a isso. Sempre culpava outras pessoas, nunca assumia a responsabilidade pelo que fazia ou dizia. Era mais fácil assim.

Mas, no fim, ele aprendeu a lição.

“Desafio.” Reviro os olhos ao participar da brincadeira infantil. Como se alguém que eu escolheria outra coisa.

Olho para Tessa e observo a Madre Theresa sofrendo com a dificuldade de desafio.

“Eu... hã... desafio você a...” Ela se interrompe. Todo mundo está esperando, ansioso para ver o que ela tem a dizer quando entra na brincadeira.

“A fazer o quê?”, eu a apresso para acabar logo com essa porcaria.

Essa garota sequer imagina a encrenca em que está se metendo com esse bando de gente. Ela permanece em silêncio, olhando ao redor, em pânico. É só uma brincadeira de festa e ela cobra demais de si mesma até nas coisas mais banais. É divertido ver como ela se dá ao algo tão pequeno. Ela tem o hábito de morder o lábio inferior, da mesma maneira que eu com meu piercing. Em pouco tempo, eu a imagino com uma argola no lábio. Ficaria uau.

“Tira a camisa e só ponha de volta depois que a brincadeira acabar!”, diz Molly para ela.

E Tessa fica corada. Para variar.

“Que criança.” Levanto a camiseta preta, tiro e vejo os olhos de Tessa em meu rosto. Ela está olhando fixamente, tão fixamente que nem vê que percebo. Steph dá um cutucão nela e ela desvia o olhar, com o rosto vermelho, baixando a cabeça. Estou vencendo esse jogo.

Zed não tem chance.

A brincadeira continua, e eu estou sentado aqui sozinho, vendo Tessa tentar.

Não consigo entender o que ela está pensando — não sei se está enojada ou curiosa com as minhas tatuagens. Ela não para de mexer a mandíbula. Está se esforçando ao máximo para não perder.

Interessante.

“Tessa, verdade ou desafio?”, pergunta Tristan.

Eu me apoio com as mãos abertas. “Precisa perguntar? Todo mundo sabe a resposta, verdade...”

“Desafio”, responde a teimosa, e me surpreende com a rebeldia em sua voz. É diferente do que eu teria pensado ser possível alguns instantes atrás.

“Hum... Tessa, desafio você a... beber uma dose de vodca.” Tristan sorri.

“Eu não bebo.” Ela levanta o queixo, recusando-se.

Logo imaginei, e fico feliz com essa revelação. Todo mundo aqui mal com próxima bebedeira; é bom ver alguém que não depende disso.

“Por isso é que é um desafio”, responde Tristan.

“Escuta só, se você não quiser fazer...”, Nate começa a dizer a ela.

“Ela é uma cagona”, diz Molly em meu ouvido.

Cagona? Porque não quer beber?

“Certo, uma dose”, diz ela. E, do nada, a srta. Cheia de Não Me Toques cede com

Para ser sincero, estou um pouco decepcionado. Não sei bem por que, mas pensei diferente. Pensei que não fosse como todos nós, desesperados para impressionar u

Mas é claro que me enganei em relação a ela.

“O mesmo desafio”, Zed diz a ela, e toma um gole grande antes de entregar a vod ao vê-los bebendo da mesma garrafa; é nojento, de verdade.

Conforme a brincadeira continua, com cada vez mais bebida, ela faz uma para secar o líquido forte de seus lábios. Seus olhos estão vermelhos, assim parece perdida e sem equilíbrio, mesmo estando sentada.

Ela leva a garrafa aos lábios de novo, e eu me pego puxando a garrafa de sua mão me impedir — será que percebeu que já bebeu demais?

Será que ela vê isso como seu primeiro gosto de liberdade? Uma garota tí mundo de pessoas cruéis que bebem para se anestesiarem dos problemas p merda. Talvez o problema dela, como o meu, seja o abandono. Será que ela tamb

Eu olho para a gola bem passada de sua camisa. Não, com certeza ela nã

possível que sua baixa autoestima seja só uma fase. Ela quer se livrar do controle mostrar a si mesma que também pode ser um pouco louca. É totalmente c grupinho de ovelhas negras e beber até passar mal.

A outra possibilidade é que somos especialistas em arrastar as pessoas para a lam

“Acho que você já bebeu o suficiente”, digo, e entrego a garrafa a Nate. Mas Tessa dá o último segundo e toma mais um gole. Ela abre um sorrisinho quando seca garganta quando ela engole a bebida de um jeito desafiador, e sinto vontade de beber o destilado de sua boca.

Sou obrigado a afastar essa ideia. Molly olha para mim, balançando o dedo no ar e dizendo que sou maluco.

Talvez eu seja.

“Não acredito que você nunca ficou bêbada, Tessa. É divertido, não?”, pergunta Molly.

Ela dá uma risadinha, e eu reviro os olhos.

“Hardin, verdade ou desafio?”, pergunta Molly.

“Desafio.” Ela precisava perguntar? Talvez eu devesse ter feito o mesmo com ela para provar.

“Desafio você a beijar a Tessa.” Os lábios pintados de Molly abrem um pouco e soltam um suspiro de susto.

Ela responde antes que eu consiga falar. “Não, eu tenho namorado.”

“E daí? É só um desafio. Beija logo”, incentiva Molly, cutucando as cutículas.

“Não.” Tessa ergue o tom de voz. “Eu não vou beijar ninguém.” Ela se levanta e sai.

Tomo um gole de minha água e observo quando ela sai pela porta da frente. Passo para mim e para meu peito nu, mas ficou tão enojada com a ideia de me beijar a p e fugir?

Ou é possível que um beijo significasse mais para ela do que um simples desafio?

“E lá vai ela, senhoras e senhores!”, Nate ri, encostando em mim. A cerveja transborda e cai no carpete na frente dele, que não se importa em secar. O chão já é pior.

“É melhor você correr atrás dela, ou então vai perder”, ironiza Steph.

Cara, ela anda tão chata ultimamente, qual será o problema dela?

“Quem de vocês, imbecis, vai atrás dela?”, pergunta Nate. Olho ao redor. Ela não nenhum. Zed me observa, analisando minha reação ao chiliquinho de Tessa: neutra, não expresso nem um pouco de interesse ao observar a sala de novo. Não ele seja o primeiro a chegar nela. Ela está puta porque a desafiaram a me be idiota não foi ideia minha, e já deu errado. Eu falei que era uma ideia ruim. Enquanto Zed, eu estico o pescoço e olho para a cozinha. Vejo Tessa e me levanto.

“Aonde você vai?” Molly segura meu braço quando me levanto.

“Hã... Vou pegar mais água.” Olho para meu copo quase cheio, e não ligo se ela mentira.

Olho ao redor, abrindo caminho em meio à aglomeração enquanto procuro Tessa. Quando entro na cozinha, ela está de pé ao lado do balcão, segurando uma

Quando levanta a garrafa, eu sinto a vontade familiar no fundo da garganta.

Fico assustado ao ver essa garota entrando num esquema perigoso assim tão depressa, os olhos com força e emite um som de ânsia quando termina... O líquido queima, mas toma mais um gole. Será que vai querer mais? A bebida vai fazer com que se anestesiando sua mente das lembranças, como anestesiava a minha? Essa garota tem precisem ser anestesiadas? Ao que parece, tem.

Continuo observando quando ela abre a torneira e procura um copo. Quando abre na direção da porta. Eu me afasto para não ser visto.

O que estou fazendo aqui? Por que estou atrás dela, observando sua busca pela água pela bebida?

Eu me viro depressa e volto até onde está o grupo. Molly está perturbando encontro dele de ontem à noite, e Nate está acendendo um cigarro quando me sento.

“Vamos sair daqui. Estou entediada e estou vendo que você também.” A respiração quente em meu pescoço quando ela me abraça pelos ombros. Eu a afastar negando. Ela dá em cima de novo.

“Vou subir”, digo a ela. Seus braços parecem de aço, me puxando para baixo.

“Boa ideia.” Ela beija meu pescoço.

Pela combinação de sua bebedeira e de meu movimento brusco, ela cai no carpete abraçar. Eu me levanto.

“Nossa, que vexame”, Logan a provoca. Ela mostra o dedo do meio para ele e se

“Sério, Hardin?”, ela resmunga.

“Sério, Molly.” Eu me viro de costas e subo a escada.

Quando chego ao topo da escada, meu telefone toca dentro do bolso da frappe aparece na tela, e eu ignoro a chamada. Não estou a fim de falar com ele. Normal fim. Só quero ficar sozinho, longe de toda essa música e dessas vozes. Quero que pare de tentar se “conectar” comigo. Quero me perder no mundo de um romance. Os personagens têm problemas muito piores do que eu para poder me sentir um pouco menos que sou.

Mas, quando me aproximo do quarto, vejo que a porta está entreaberta o suficiente para que alguma coisa está errada. Sempre tranco a porcaria da porta; será que esqueci

Do lado de dentro, Tessa está sentada na minha cama, com um dos livros de música tocando de novo. Minha raiva se transfere do Ken para ela, que acha que pode fazer c

Que pode entrar no meu quarto, mais de uma vez, sem minha permissão? Por que não tinha avisado. Qual é o problema dela?

Caminho em sua direção.

“Que parte de ‘ninguém pode ficar no meu quarto’ você não entendeu?”

Ela endireita os ombros, surpresa.

“D- desculpe... Eu...” Sua voz falha, e os olhos se arregalam não de medo...

... tentando fazer aquilo de novo, se esforçando para ser paciente comigo.

Eu aponto para a porta.

“Sai daqui.”

“Por que você precisa ser tão babaca?”, ela grita comigo.

“Você está no meu quarto outra vez, mesmo depois de eu ter dito que não quero v
se manda!”

“Por que você não gosta de mim?”, pergunta ela. Consigo perceber que está tenta
mas seu tom mudou, e seus olhos grandes fazem minha pulsação acelerar.



8

*A pergunta, tão sincera e direta, o surpreendeu, e fez com que
ele percebesse que estava à beira
de um abismo. Um sopro do vento e ele cairia.*

Por que ela perguntaria isso? Não está na cara o motivo por que não gosto dela?

Ela é chata pra caramba. Ela...

Bom...

É crítica. Está sempre me julgando e me enchendo por causa do meu com
começo a provocá-la. E ela...

Acho que ela não é tão ruim assim.

“Por que está me perguntando isso?”, questiono, tentando manter um tom de voz

Ela está me encarando. Faço a mesma coisa com ela. Ela acha que pode me intim
quarto, fazendo perguntas idiotas, olhando para mim assim...

“Sei lá... porque sempre fui legal com você, e você só me trata mal. E achei que j
amigos.”

Seus olhos vermelhos estão intensos, guardando muita coisa que não sei se não quero saber.

Amigos? Ela está falando sério? Não tenho amigos. Não preciso de amigos.

“Nós dois? Amigos?” Forço uma risada. “Não está na cara por que não podemos

“Pra mim, não”, responde ela, e a princípio quase chego a achar que é piada. A voz, porém, me diz que ela está falando sério. Essa garota é maluca mesmo. Pense eu pode ser amigo de alguém como ela? Não sabe que mal consigo tolerar as pessoas mesmo meu grupo de “amigos”? Por onde começar a relacionar os motivos pelos certos?

“Bom, pra começar, você é certinha demais... Deve ter sido criada em um mundo ideal, em uma casa igual a todas as outras do bairro”, começo, pensando no bolo de teto do quarto que eu tinha na outra casa. “Seus pais deviam comprar tudo o que você deixaram faltar nada. E aquelas saias de prega...” Olho para a roupa que estou ignorando o modo como o material se agarra a seu quadril. “Fala sério, que dezoito?”

Ela fica boquiaberta e dá um passo na minha direção. Eu me afasto sem meus olhos acinzentados e tempestuosos dela que entrei numa encrenca.

“Você não sabe nada sobre mim, seu babaca arrogante! Minha vida não é nada de álcoolatra que foi embora de casa quando eu tinha dez anos, minha mãe tem que trabalhar para eu poder entrar na faculdade, e eu arrumei um emprego assim que consegui para ajudar a pagar as contas. E eu gosto, sim, das minhas roupas...” Ela balança a cabeça ao que está vestindo, gritando, irritadíssima, a ponto de suas mãos pequenas tremendo se não me visto como uma piranha, como as outras meninas que você conhece! Por tanta questão de ser diferente, você é bem preconceituoso com pessoas que não são...

Com isso, ela se vira de costas para mim, olhando para a porta.

Ela está dizendo a verdade? Essa garota perfeita realmente faz parte do grupo que precisam amadurecer rápido demais? Se for esse o caso, por que está sempre sorrindo e vejo?

Preconceituoso? Ela está me chamando de preconceituoso depois de rotular como pessoas que se vestem de um determinado jeito? Ela está me encarando agora, esperando

não tenho nenhuma. Estou sem palavras diante dessa mulher intensa, intrigando.

“Quer saber, Hardin, não quero ser sua amiga”, diz ela antes de eu sair de meu es

Tessa leva a mão à maçaneta da porta, e eu penso em Seth, o primeiro amigo que família dele também não tinha dinheiro, mas, quando um de seus avós ricos, que morreu, ele ganhou uma grana. Seus sapatos puídos foram trocados por tênis embaixo. Eu adorava aqueles tênis. Pedi de aniversário para a minha mãe, sorriso triste e, na manhã de meu aniversário, me deu uma caixa de sapatos. Eu fui para abrir o presente, esperando aqueles malditos tênis. Dentro da caixa havia um mas sem luzes embaixo. Percebi que o presente a deixou triste, mas só entendi me passei a falar com Seth cada vez menos, até que só passei a vê-lo quando ele passava na frente da minha casa com seus novos amigos, todos usando tênis com luzes embaixo.

Ele foi meu primeiro e último amigo, e minha vida tem sido muito mais simples s

“Aonde você vai?”, pergunto a Tessa, uma garota que pensou que pudesse interromper o movimento, confusa. Assim como eu.

“Pegar o ônibus pra voltar pro meu quarto e nunca mais pôr os pés aqui. Estou cansada de tentar ser amiga de vocês.”

Eu me sinto um fracasso total. Por um lado, no longo prazo, vai ser melhor que eu por outro... bom, quero que ela goste de mim o suficiente para transar comigo depois que eu ganhar a aposta.

“Está muito tarde pra pegar o ônibus sozinha”, eu aviso. Considerando seu

bebido destilado a noite toda, seria uma péssima ideia ela ir para o ponto de ônibus

Ela se vira para mim, e percebo pela primeira vez que seus olhos estão marejados diferença para você se vai ou não acontecer alguma coisa comigo?”, ela ri, balanç

“Não estou dizendo que faz... só estou avisando. Não é uma boa ideia”, e minha estante, comparando-a com Catherine, a protagonista do livro que ela estava lendo quando eu entrei. As duas são muito parecidas: temperamentais e com muito a provar mesma coisa, sempre que abre a boca tem algo para provar. Gosto disso. As univ

em dia parecem ter perdido a noção. Só querem agradar aos homens, não a si mesmas graças nisso?

“Bom, Hardin, não tenho nenhuma outra opção. Todo mundo está bêbado, começa a chorar de novo. Eu a acalmo um pouco. Por que está chorando? Parece.”

Tento animá-la da única maneira que sei... com sarcasmo.

“Você sempre chora em festas?”

“Pelo jeito, sim, ou pelo menos quando encontro você. Como estava nas duas últimas festas? Tessa abre a porta, mas, quando vai sair, tropeça e se segura na ponta da minha cama.”

“Theresa...” Minha voz está suave, mais suave do que nunca. “Está tudo bem?”

Ela balança a cabeça afirmativamente. Parece confusa, irada, e linda; mas acima de tudo, preocupada.

De que me importa se ela está bem? Ela está passando mal, bêbada, e de jeito nenhum vai sair na frente do Zed hoje. Não quero, e seria trapaça, de qualquer modo; ela está bêbada.

“Por que você não senta um pouco antes de ir pegar o ônibus?”

“Pensei que ninguém podia ficar no seu quarto.” A voz dela sai baixa e cansada quando se senta no chão. Se ela soubesse de tudo o que já caiu nesse chão, não estaria tão preocupada com certeza.

Eu me pego sorrindo, e me interrompo quando percebo o que estou fazendo com minha postura. Ela balança a cabeça e soluça, dando a impressão de que vai chorar a qualquer momento. “Se você vomitar aqui...”, aviso.

Ela vai limpar tudo, sem dúvida.

“Acho que preciso beber água”, diz Tessa.

Entrego a ela meu copo. “Toma.”

Ela empurra o copo enquanto revira os olhos, irritada. “Eu disse água, não cerveja.”

“Isso é água. Eu não bebo.”

Ela solta um risinho de deboche. “Que ironia. Mas você não vai querer ficar aqui

Porra, vou, sim. Não vou deixá-la sozinha aqui para mexer nas minhas coisas e vomitar em cima dos meus livros.

“Você desperta o que existe de pior em mim.” O comentário dela me surpreende em silêncio.

“Agora você pegou pesado”, digo a ela. Eu desperto o que existe de pior que conhece. Continuo: “Mas, sim, vou ficar aqui de babá. Você está bêbada pela primeira vez com mania de mexer nas minhas coisas quando não estou por perto”.

Eu me sento na cama enquanto ela toma um gole da minha água. Foi o que pensei que deve estar começando a rodar para ela. Coitada. Eu a observo com atenção enquanto

ela bebe no mesmo modo como seus olhos se fecham e ela lambe os lábios quando termina, com um jeito profundamente. Olho para ela sem que perceba e faço o melhor que posso para não parecer que estou fazendo isso, para começo de conversa.

Tem muita coisa que não sei sobre ela, tanto que quero saber.

Ela parece tão fácil de entender por fora. É loira, bonita de um jeito simples e, apesar de parecer antiquado como fala, deve passar horas e horas com o rosto enfiado num temperamento e a desconfiança que demonstra me fazem questionar o que pode haver por trás de tudo isso.

“Posso fazer uma pergunta?”, falo sem pensar. Tento sorrir para ela, mas tenho a sensação de um tarado.

Ela franze o cenho. “Claro”, diz ela, prolongando o som da palavra.

O que diabos vou perguntar a ela?
Eu meio que pensei que ela fosse me mandar para o inferno.

Escolho a pergunta mais fácil que me vem à cabeça. “O que você quer fazer depois disso?”

Sei que deveria ter perguntado algo mais pessoal, que me ajude a ganhar a disputa.

Tessa parece refletir sobre a pergunta, tamborilando o dedo no queixo, e então res-

quero ser escritora ou editora, o que acontecer primeiro”.

Eu já sabia disso, fácil.

Não digo a ela que pretendo fazer exatamente a mesma coisa. Em vez disso, só olho com uma expressão vazia depois de revirar os olhos.

“Esses livros são seus?” Tessa aponta para as estantes.

“São”, resmungo.

“Qual é seu favorito?”

Meu Deus, ela é curiosa.

“Não faço listas”, minto. Ela está entrando em assunto muito pessoal, e não para o fato de saber quais são meus livros preferidos não vai me ajudar a conseguir o que

Preciso mudar o rumo da conversa, tornar tudo menos pessoal. Preciso irritá-la. “O seminarista sabe que você saiu de novo?”

Minha risadinha a faz fechar a cara de vez. Missão cumprida.

“Seminarista?”

“Seu namorado”, explico. “O maior bobalhão que já vi na vida.”

“Não fale assim, ele é... ele é bonzinho.” Não consigo deixar de rir do jeito comedido para elogiar seu namorado bobalhão.

Ela ergue um dedo para mim. “Você jamais conseguiria ser como ele.”

“*Bonzinho*? Essa é a primeira coisa que vem à sua cabeça quando fala do seu namorado? É uma forma educada de dizer que ele é chato.”

“Você não sabe nada sobre ele”, ela insiste com um admirável destemor.

“Bom, que ele é chato eu sei. Dá para dizer isso só de olhar pro cardigã usar.” Estou rindo agora, rindo de verdade, com dor na barriga. Não consigo evitar a expressão de raiva dela, gargalho ainda mais, imaginando o boneco Ken human

encontrar um furo em sua blusa.

“Ele não usa mocassim.” Tessa cobre a boca para esconder a vontade de rir, mas também riria. Ela toma mais um gole de água e continua.

“Bom, se vocês namoram há dois anos e ele ainda não comeu você, está na cara que não vai. Quando digo isso, Tessa cospe a água de volta no copo.

“O que foi que você disse?”

“Você ouviu o que eu disse, Theresa.” Sorrio para ela, aumentando sua raiva.

“Você é um cretino, Hardin.”

Cara, adoro ver como ela fica...

Sinto a água fria em meu rosto.

Solto um suspiro de susto, surpreso com sua audácia. Pensei que estivesse trocando comentários grosseiros. Eu a estava provocando de propósito, e parecia divertindo tanto quanto eu.

Pela cara de nojo dela, penso que talvez não estivesse se divertindo, não.

Por que diabos eu fui falar do namorado dela, para começo de conversa? estava bem, sentada no meu quarto, rindo comigo, e eu tinha que estragar tudo.

Tessa sai às pressas do meu quarto enquanto seco meu rosto e caminho em direção que ela desce a escada de dois em dois degraus.

No meu quarto, o zumbido baixo do ventilador de teto é minha única companhia. Se pela primeira vez desde que me mudei para essa casa, gostaria de não estar sozinho.



No momento em que os lábios dela tocaram os seus pela primeira vez, ele sentiu. Sentiu uma mudança no fundo da alma, em algum ponto escondido e coberto pela poeira. Ele intocado fazia muito tempo, provavelmente desde sempre. Ela o despertou, o levou para a luz, para o riso, para o desejo, e ele soube assim que suas bocas se encontraram que nunca mais seria o mesmo.

Tessa acabou de jogar água na minha cara e saiu do meu quarto batendo a porta e estou, descendo a escada atrás dela depois de passar alguns minutos sentada resmungando como uma criancinha que dá chique depois de quebrar seu brinquedo.

Mas Tessa não é meu brinquedo preferido; ela é brilhante e nova demais para sujar a toalha.

Eu só estava tentando deixar o clima mais leve, agradável, mas é claro que fracassei. Deveria saber que tocar no assunto de seu namorado de merda a deixaria com raiva.

Ela é muito irritante. Acha que está sempre certa, e é muito inconstante. Sensível me irrita pra caramba. Quem joga uma bebida, ainda que seja água, na cara de outro jeito? Para alguém que se acha tanto, seu comportamento lembra demais o de um bebê.

Quando chego lá embaixo, Tessa está na cozinha, pegando a garrafa de água de um lugar de redor à procura de alguém e, enquanto a observo, meu telefone toca no bolso. É o texto de Ken: Karen está preparando o jantar, se quiser vir. Quero conversar sobre o assunto. Você não respondeu às minhas outras mensagens, então pensei que você acordasse pelo menos seria lida quando você acordasse.

Quer conversar comigo? Tenho coisas melhores para fazer, como mostrar a Zed o meu novo projeto.

Olho para trás, para onde Tessa está, e percebo que Zed se aproximou dela. Claro que vai querer dar o bote quando não estou por perto.

Tessa ainda está bebendo; não deveria beber tanto assim. Vai se sentir péssima assim que Zed quer que ela fique.

“Olha que bonitinho, os dois juntos.” Ouço uma voz e, quando olho para o lado, vejo

uma bebida na mão. Seus cabelos vermelhos estão despenteados, cobrindo seu ro

Olho de novo para Zed e para Tessa, dessa vez prestando mais atenção ao modo c enquanto olha dentro dos olhos dele. Ela parece à vontade; seus ombros estão relax é tranquilo. Nem um pouco parecida com a maneira como fica perto de mim. Zed desconhecido para ela, então por que essa diferença? É porque, ao contrário recostado no balcão com o olhar concentrado somente nos olhos dela? Ele não de dela o distraia. Ele se aproxima, e ela sorri para ele. Parece que ele é o mocinho, c

Caramba, ele é melhor do que eu tinha imaginado.

Tessa lança um olhar em direção à porta, e Steph dá um pulo para trás, puxando r afastado.

Os olhos de Steph estão totalmente embriagados, e as pupilas são pontinhos vermelho. “Não diga a ela que estou aqui. Estou cansada de bancar a babá”, avisa olhos. Steph nem sequer tenta bancar a amiguinha quando Tessa não está marca maior.

Uma loira bêbada com um vestido superjusto passa, piscando para mim. E lembro?

“Ela veio com você”, eu digo a Steph, mantendo a voz baixa. Não estou interessado direito por que estou tocando nesse assunto, na verdade.

“E daí? Não estou com paciência para ela hoje, e ela veio aqui para ser u vocês dois, lembra?” Ela dá de ombros e se afasta de mim.

Bom...

“Você vai perder se ficar parado aí feito um idiota!”, Steph grita quando chega à segura a mão daquele cara esquisito de quem estava reclamando semana passada.

Qual é. Não tem a menor chance.

Mas também não vou ficar aqui na porta como um idiota.

Volto para a sala de estar e encontro um lugar no sofá. Vou esperar que ela venha se entediar com Zed e com o papo idiota dele sobre ciência e plantas, salvar o mu

vez, essa merda toda. Acho que ele acredita nisso, mas com esse cara nunca dá pra provável que saiba, inconscientemente, que só as plantas conseguem ficar perto d

Um tempo depois, Tessa entra na sala de estar, com Zed grudado nela como um c

Ela nem sequer nota que estou na sala quando se senta no chão com meu grupo, a mim.

Sinto um apertão no braço e me viro a tempo de ver a loira de um instante atrás p pelo meu corpo, me abraçando com força.

“Hardinnnnn...”, ela tenta dizer, mas está tão bêbada que não consigo entender se molestar ou só tentando fazer a sala parar de girar. “Que bom ver você d sentir você...”

Eu a afasto um pouco, tentando me desvencilhar. Mas o álcool a transform

polvo insistente, e ela me agarra de novo. Por fim, eu me aproximo de u fraternidade cujo nome não consigo lembrar e passo um dos braços dela pelo ombr era esperado, a coisa toda se encaixa, e ela diz: “S- Steeeeve, há quanto tempo...”. Eu me afasto, e minha irritação com a noite aumenta a cada passo que dou com minha bota no ca

“Os ônibus circulam a noite toda?”, ouço Tessa perguntar, e está claro que alegrinha; agora, está totalmente embriagada. Sua voz está mais grossa. Observo baixo está mais protuberante do que o de cima. Está falando devagar, prat palavras. Eu me forço a parar de escutar e volto para a cozinha. Ela não tenho motivos para me importar se está bêbada ou não. Menos de dez segundos d sala de estar e paro na frente de Tessa, que está sentada no chão.

Quando me vê, a garota esnobe revira os olhos. Parece que está acostumada vezes.

Não para o Zed, claro. Nunca para o Zed.

“Você e o Zed, então?” Ergo uma sobrancelha para ela, que tropeça ao se bebeu? Seus olhos estão opacos quando encontram os meus; não sei dizer.

Estendo a mão para segurá-la quando ela passa. “Me larga, Hardin!” Ela balança os braços, e

tento não rir de seu jeito dramático. Ela observa a sala como se estivesse pudesse jogar em mim. “Só estou tentando descobrir como voltar de ônibus.”

Ela passa por mim, e seu ombro esbarra no meu. Com um gesto delicado, eu a seguro para equilibrá-la.

“Desencana... são três da manhã. Não tem mais ônibus.” Eu solto seu braço e olho para ela quando ela se dá conta. “Seu recém-descoberto gosto pela bebida fez com que ficasse presa aqui.”

A graça disso é inegável. Ela está determinada a odiar este lugar, mas vai ficar aqui.

Ela olha para mim com uma expressão vazia, com os olhos arregalados e os lábios entreabertos. Espero um pouco antes de jogar um pouco de sal em seu ego ferido.

“A não ser que você queira ir para casa com o Zed...” Aponto com a cabeça para ela faz uma careta.

Sem dizer nada, ela se afasta.

Para que isso? Por que estou atrás dela, tentando provocá-la? Não tem motivo, e é uma perda de tempo. Ela parece jogar esse jogo tão bem quanto eu.

Quando volto para meu quarto, pego um livro da estante, arranco a camiseta, joo e acrescento meu jeans à pilha de bagunça. Abro o romance numa página qualquer: *Para que serviam a raiva e os protestos em relação a sua credulidade tola? Nós naquela noite... hostil; mas o dia seguinte me colocou na estrada a caminho de Uivantes, ao lado do pônei de minha jovem senhora. Não suportei testemunhar seu*

seu rosto pálido e triste, e os olhos pesados; e eu cedi, na leve esperança de que ela me provar, ao nos receber, que pouco da história se baseava em fatos.

Uma Catherine loira estava ali, sobre os campos alagadiços, com os cabelos vermelhos como o sangue que corria em suas veias. Ela não estava pensando; estava se preparando para ele, com a voz soando entre eles. “Hardin?”

A voz de Catherine, tão alta que adentra meu sono. Estou sonhando?

“Hardin, Hardin! Por favor, abre a porta!”

Saio da cama num pulo, confuso e em pânico quando vejo alguém girando a maçaneta da porta.

“Hardin!”, a voz grita de novo.

Essa é...?

Destranco a porta e a abro. Tessa está ali, com o rosto vermelho e tomado pelo suor, os olhos arregalados de medo. Os pelos da minha nuca se arrepiam, e entro no quarto instantaneamente.

“Tess?” Seco os olhos para ver melhor, tentando afastar o sonho e me concentrar no que está acontecendo.

“Hardin, por favor, posso entrar? Tem um cara...” Tessa olha para o corredor e volta para o quarto para ver do que ela está com medo.

Neil está andando na nossa direção, com os olhos vermelhos e a camisa manchada de sangue. E, quando bate na parede, vejo como ele está embriagado.

Por que ela está fugindo? Ele...

Os olhos de Neil encontram os meus, e ele para imediatamente. Se tiver alguma dúvida, ele vai se virar e se afastar. Se não tiver, Tessa e todas essas pessoas no corredor parecem interessadas em ajudá-la, vão testemunhar um baita show.

Olho para ela depressa, para ter certeza de que ele não fez nada para que eu tenha meu cadáver da polícia.

“Você sabe quem é?”, pergunta ela, com a voz esganiçada.

Sinto minhas mãos tremendo ao lado do corpo.

“Sei, sim, entra aí.” Eu a levo para dentro do quarto e me sento na cama. Os olhos dela me observam com intensidade, e esfrego meus olhos de novo. “Você está bem?”

Ela parece bem — nervosa, talvez, mas não está chorando. É um bom sinal... não

“É... estou”, respondeu ela, baixinho. “Desculpe ter vindo aqui acordar você. Não
As palavras de Tessa saem rápidas e trêmulas.

Ela está se desculpando por ter me acordado?

Passo a mão pelos cabelos, afastando-os da testa.

“Não se preocupe com isso.” Vejo que suas mãos, como as minhas, estão
pergunta que tomou minha mente desde o instante em que abri a porta. “Ele enco
Ideias assassinas surgem na minha mente. Ninguém sentiria falta do Neil, com ce
“Não”, ela começa, e então hesita. “Mas tentou. Fui burra o suficiente para me tra
um quarto com um bêbado desconhecido, então acho que a culpa é minha.”

Culpa *dela?* *Como assim?*

“Não é culpa sua. Você só não está acostumada com esse tipo de... situação.” Te
calma para não assustá-
la ainda mais. Já vi isso acontecer com muitas garotas na minha vida. Desde
a minha própria mãe a garotas embriagadas em festas. Tive que salvar Molly, tota
Neil, ano passado mesmo. Pensei que ele tivesse aprendido a lição com o nariz qu
deslocado, mas acho que não. Está na cara que ele precisa de um lembret
como da última vez.

Tessa caminha na minha direção, e eu faço um gesto para que ela se sente ao meu

Ela obedece e coloca as mãos no colo. A expressão vulnerável de repente faz con
que estou usando só uma cueca preta. Quero vestir mais alguma coisa, ma
dela para o fato, e não quero que se sinta mais desconfortável, já que ve
abrigo, um refúgio.

“E não quero me acostumar. É a última vez que apareço aqui ou em qualquer out
nem por que vim. E aquele cara... Ele foi tão...” Ela estremece, e as lágrimas cor
seu rosto.

“Não chore, Tess”, sussurro, e levo a mão ao seu rosto.

Meu polegar ampara as lágrimas à medida que caem, e ela funga. É um ser vulnerável que tento desviar o olhar dela, mas não consigo.

“Não tinha notado que seus olhos são meio cinza”, confesso.

Não tinha prestado muita atenção em muitos detalhes além dos seios dela e de suas às minhas provocações até agora. Estava ocupado demais, e sendo raso demais.

Mas então interrompo meus pensamentos. Estou mentindo. Venho prestando detalhezinho a respeito dessa garota desde que a vi.

Minha mão está pousada no seu rosto, e ela ainda está me olhando, com entreabertos. Puxo o piercing de metal entre os dentes, como sempre faço. grudados na minha boca e, quando afasto a mão, ela se inclina para a frente, pressos nos meus.

Respiro fundo, totalmente desprevenido. O que ela está fazendo? O que eu estou

Mas não paro. Não consigo parar. Passo a língua pelos seus lábios macios soluços enquanto seguro seu rosto com as duas mãos. Ela suspira dentro de estivesse aliviada por estar me beijando. Sua pele está quente, sua boca é macia e as mãos ao seu quadril.

Quando sinto o gosto de vodca em sua língua, me afasto.

“Tess...”, digo, ofegante. Ela suspira, e eu passo a língua por seus lábios, afastando os de novo.

Respiro fundo, tentando clarear a mente. Como chegamos a esse ponto?

Eu me sinto tranquilo, apesar do calor que arde dentro de mim. É bom. É constante. Nunca senti essa calma antes; é ameaçador.

Minha mente não está mais no controle; sentir os lábios dela nos meus insentidos. Eu a puxo para mais perto, apertando a mão em seu quadril, e r sobe em mim e apoia as mãos no meu peito. Sua língua provoca a minha, não sai é ótima nisso. Porra, como é boa nisso.

Seus cabelos caem sobre a minha pele, e eu afasto os lábios dos dela. O assim que faço isso me deixa duro na hora. Ela me quer. Suas mãos sobem e desc

agora, testando seus limites, eu sei.

Não vou deixar isso ir muito longe. Não hoje. Ela andou bebendo, e não desejo... porra, eu a desejo sem parar. Vou senti-la por completo. Mas não hoje. Ela é virgem, mas até onde foi com o namorado? Será que ele já a pegou assim, em cima da cueca, com ela movimentando o quadril contra o dele, provocando-o assim? É assim que ela age com ele, mas se mostra toda santinha e pudica para todo mundo?

Será que ele já passou a língua na pele macia do pescoço dela? Pelo modo como com o toque de minha língua, acho que não. Ela geme, e eu a seguro pelos cabelos do pescoço. Desço mais, mordiscando seus ombros, e ela geme de novo, dizendo me

Levo seus lábios aos meus, e ela continua se esfregando em mim. Sei que está se tornando duro, como a desejo.

“Hardin... para”, ela geme, com a língua ainda passando na minha. “Hardin!”, ela se afasta e olho para ela. Seus lábios estão inchados, pecadoramente rosados, arregalados.

“Não podemos fazer isso”, diz ela. Seus dedos se afastam de minha pele, e o calo em gelo.

Eu sabia que não duraria; foi só um... impulso no calor do momento. Foi queria prolongar, mas tudo tem que terminar no fim das contas. Eu me apoio nos quadris de cima de mim e vai para o outro lado da cama.

“Desculpa, desculpa”, ela diz. A voz dela está baixa, rouca, e não parece julgar pela respiração ofegante e pelo modo como seus olhos continuam fixos na

Olhando para ela, penso num livro que li no qual as mulheres da cidade pediam desculpa no dia a dia. Foi bem interessante elas perceberem que noventa por cento das desculpas que davam eram em relação a coisas pelas quais não eram responsáveis. Nessa cidade, ela se encaixaria.

“Pelo quê?”, pergunto com toda a calma do mundo, e me levanto para pegar a bolsa bagunçada cheia de camisetas pretas. Quando pego uma delas, vejo que ela está olhando para a minha cueca. E fica corada.

“Por beijar você...”

Por que ela se desculparia por me beijar? Se não quer nada comigo, então tudo bem. Não dei nenhum sinal de que não estivesse a fim.

“Foi só um beijo... As pessoas se beijam o tempo todo.” Mantenho a voz neutra e não faço nada para não fazer com que ela se sinta pior. Ela já está arrependida e pronta para fugir a qualquer momento.

Sei muito bem disso e, se ela fugir, tenho que ir atrás. Não posso perder pontos no progresso como esse. Ela já me tocou, eu já senti seu gosto, fiz com que ela quisesse vantagem em relação ao Zed agora, e não posso deixar isso escapar. Ela vai dar a mim o que eu preciso muito maior do que a necessária. Se eu acalmá-la agora, tenho mais chances de ganhar sua confiança, o que pode me render outra chance para ir ainda mais longe da próxima vez.

Ela olha para o chão. De novo. Já está toda arrependida e nem consegue olhar para mim. Não consigo sentir o gosto disso.

Ela não pode estar arrependida tão cedo; se não conseguir superar isso, estou foda. Não vou desistir de vencer.

“Então podemos fingir que isso nem aconteceu?”, pergunta Tessa.

“Pode acreditar que também não quero que ninguém fique sabendo. Já chega de fingimento.”

Ela se retrai ao ouvir o que digo, e eu me arrependo do que falei. Sou péssimo com as palavras.

“Pelo jeito você já voltou a ser o mesmo Hardin de sempre.” Seus olhos estão mais vivos, preparados para uma batalha. Quero responder, mas mantenho a boca fechada.

Ela não sabe porra nenhuma sobre mim. Fico irritado por ela achar que, de vez em quando, algumas vezes, já é especialista em Hardin Scott. Ela se acha muito melhor do que eu, morrendo de medo que as pessoas descubram que me beijou porque... bom, porque eu sou a Mocinha Perfeita. Não consigo ficar quieto.

“Nunca fui nada diferente disso”, retruco. “E não pense que, só porque me beijou, eu vou mudar contra a minha vontade, a gente tem algum tipo de intimidade agora.”

Percebo que minhas palavras percorrem o corpo dela como um maldito choque elétrico. Ela se levanta. A fúria é evidente em seus olhos arregalados. Uma Joana d’Arc n

se para *me* queimar na fogueira.

“Você podia ter me impedido”, responde ela, com raiva. Ela cerra as mãos em pu
achar que são feitos de fogo.

Minha boca reage antes que eu consiga pensar em algo a dizer. “Até parece.”

Tessa suspira e cobre o rosto com as mãos. Desvio o olhar. Ela é tão emotiva, ma
parte mais estranha. Ser emotiva é normal, acho, mas ela se deixa levar demais p
amigo nem parente, mas ela está revelando suas emoções como se eu a co

Não tem medo de mostrar como se sente; não parece se importar em ser exposta a

Theresa Young é um baita mistério para mim. É muito indefesa e frágil, r

afiada como faca. Não consigo entendê-
la. É muito esquisito. A tranquilidade que parece sentir em
relação a me deixar vê-
la desse jeito é levemente enternecedora, mas ainda assim é esquisita.

“Você pode passar a noite aqui, já que não tem pra onde ir”, ofereço baixinho.

Tessa recusa sacudindo a cabeça com as mãos na cintura e faz uma careta para m
de dizer que talvez esteja arrependido por ter sido duro com ela, que talvez eu fal
vezes, coisas que não deveria dizer, mas por que gastar energia com uma desconh
conhece e nunca vai me conhecer.

“Não, obrigada.”

Quando ela desaparece no corredor, eu me apoio no batente da porta e em silênci
uma boa noite de sono, sabendo que não terei a mesma coisa.

“Tessa”, digo seu nome baixinho, sem saber muito bem se quero que ela ouça.



Ele sempre foi teimoso, desde o começo. Ela o irritava de um modo que ele não sabia ser possível, e fazia com que encarasse o mundo de um jeito diferente. Ele nunca imaginou que alguma coisa fosse surgir daquela aposta, e não sabia que cada olhar recebido dela, cada sorriso com que o presenteava, o estavam mudando. Ele passou a agir de modo protetor em relação a ela desde o início, e não reconheceu quando seu instinto protetor se transformou em impulso controlador. Tentou lutar contra isso, mas só teve forças quando já era tarde demais.

Faz vinte minutos que ela saiu correndo, e não consigo encontrá-la em lugar nenhum. Por que ela não é como Molly ou qualquer outra garota com quem fiquei? Por que não pode ser tão decidida?

Pelo que a conheço — pelo pouquinho que sei sobre ela —, chego a acreditar que toda ideia preconcebida que eu tinha sobre todas as garotas.

Putá que pariu. Vai ser tão divertido.

“Ela foi embora, cara.” Logan entra na cozinha com uma garrafa de vodca na mão.

Foi embora? Ela não iria embora. Não sabe nem como voltar ao campus, e seu celular vai ajudar em nada caso se perca.

“Até parece.” Balanço a cabeça e pego um copo vazio. Quando abro a torneira, N para mim com uma das sobrancelhas erguidas e um sorriso idiota no rosto.

“O que foi, idiota?”, questiono, bebendo a água.

“Nada, cara.” Ele ri e troca um olhar esquisito com Logan.

“Aconteceu alguma coisa aqui que eu não estou sabendo?” Balanço a mão para o

“Não.” Logan apoia a mão em meu ombro, e eu me afasto. “Por que está afinal?”

“Por que você acha?”, pergunto depressa, sem saber se estou mentindo para eles e a aposta. Sim, eu ainda estou no jogo, mas nesse momento só quero saber para on

“Sei.” Nate cutuca Logan como eu e meus amigos costumávamos fazer qu escola. “Bom, ela foi embora mesmo. Vi quando ela saiu pela porta.”

“E você deixou ela ir embora?”

“Como assim, deixei? Que diferença faz para mim se ela foi embora? Você tamb importar... pelo menos era o que eu achava”, diz Nate, olhando nos olhos de Log

“Onde está o Zed?”, pergunto a eles. Espero que a pergunta faça com que penser preocupado com a possibilidade de ele ganhar vantagem sobre mim do que qualq

Os dois sacodem a cabeça e dão de ombros, e então voltam a conversar c perdido o interesse no assunto.

Quando me afasto deles, cerro os punhos. Ela pode ter ligado para alguém ir busc la, não? Essa garota tem amigos? Parece ser do tipo que julga todo mundo e com quem ninguém

parecida comigo, nesse aspecto. Só que ela é um pouco mais simpática. Um pouc

Tenho certeza de que não é tonta o suficiente para tentar encarar uma caminhada quilômetros até o alojamento.

Tonta o suficiente? Não.

Teimosa o suficiente? Com certeza sim.

Passo pelos corredores do andar de cima mais uma vez para me certificar de que da casa. Meu quarto está vazio; queria que ela desse uma de irritante e er novo. Estava meio que esperando encontrá-la sentada na minha cama com um dos meus livros na mão.

Mas não, claro que ela precisava dar uma de difícil e ir embora. Sozinha.

Sozinha.

Que merda, ela está andando sozinha pelas ruas.

Por que ela foi inventar de... Nossa, como ela me irrita. Poderíamos ter e mais difícil para a aposta? Duvido.

“Nate!”, grito o nome dele mais alto do que a música quando desço a escada.

“O que foi? Está com pressa?”, pergunta ele para mim, com um sorriso na velocidade ao chegar ao andar de baixo.

“Não, eu só...” Afasto os cabelos da testa. “Estou procurando aquela morena... a usando uma blusa preta, a dos peitões.” Levanto as mãos na frente do peito para a mulher que estou inventando.

Nate olha para baixo e sorri. Mal consigo ver as palavras tatuadas dentro quando ele diz: “Ah, entendi”.

Ele pisca e Logan ri.

“Bom, vou atrás dela...” Dou as costas para eles depressa. Consigo ouvir a conversa dois quando me afasto. Saio da casa sem olhar para trás e entro no carro.

Totalmente vazias, e ela não está em lugar nenhum.

Depois de rodar mais algumas vezes pelo bairro, decido ir até o alojamento agora. Tem que estar.

Quando chego lá, percebo que estive fora por cerca de duas horas. A porta do quarto, depois de um esforço, e encontro Steph e Tristan deitados na cama dela. Ela está sem camisa e o pelo corpo nu dele. Steph para de beijá-lo e se senta.

“Pois não?” Steph lambe os lábios, borrando o resto do batom.

“Onde está Theresa?”, pergunto a eles. Tristan pega a camiseta, e Steph a arranca jogando no chão. “E então?”, insisto.

“Não está aqui. Passamos por ela no caminho.” Steph gruda os lábios no pescoço e sinto meu estômago se revirar.

“Passaram por ela? Vocês viram que ela estava andando sozinha na rua e não ofe-

Eu me abaixo e pego a camisa de Tristan, jogando-a para ele, cobrindo o rosto dos dois com ela.

Tristan sai da cama, e eu me afasto em direção à porta.

“A Steph me disse para não parar”, diz ele enquanto se veste.

“Como assim?”, pergunto para ela.

Steph dá risada. “Ela está bem. Andar um pouco faz bem para a saúde.”

“Ei.” Tristan a cutuca, com uma cara de desaprovação.

Steph revira os olhos.

“Vistam-se, vocês dois, e saiam. Ela deve chegar daqui a pouco”, digo a eles.

“Aqui é meu quarto. Não vou sair”, responde Steph.

“Vamos.” Penso num motivo para ela sair. “Preciso de um tempo a sós com ela.”

Ela ri. “Para quê? Para comer ela?”

“Para preparar o terreno para isso.”

“Vamos lá para casa. Nate provavelmente não vai estar lá”, diz Tristan, prendendo Steph atrás da orelha dela. Ela sorri, assentindo e concordando.

Quando o quarto fica vazio, eu me sento na cama de Tessa. Enquanto decido se vou à curiosidade e mexer nas coisas dela, a porta se abre. Ela para na entrada do quarto alta, com os punhos cerrados. Seus olhos estão arregalados, e sua irritação parece contida. Quando sorrio para ela, ela começa a gritar.

“Não acredito!” Sua voz sai bem aguda, e ela joga as mãos para o alto.

“Onde você estava?”, pergunto a ela sem perder a calma, e meu tom de voz é o que cresce lentamente dentro dela. “Rodei quase duas horas de carro tentando te enco-

“Quê? Como assim? Por quê?”, pergunta ela, e sua expressão é uma mistura

confusão. Seu rosto está rosado por causa do ar frio do outono, e os cabelos estão não impecáveis, como costume vê-los.

Eu procuro algo para dizer que explique tudo, mas consigo responder apenas: “Só era uma boa ideia você andar por aí sozinha de madrugada”.

Ela começa a rir. Quem diria! Qual é o problema dela? É um riso solto, totalmente seus sorrisos controlados e de suas risadinhas falsas. Ela parece meio brava.

“Sai daqui, Hardin... some da minha frente!”

“Theresa, eu...”

Mas uma batida na porta me interrompe.

“Theresa! Theresa Young, abra essa porta!”, a voz de uma mulher surge ao gritos

“Ai, meu Deus, Hardin, entra no armário”, Tessa sussurra, segurando meu braço e me empurrando para o armário. Ela parece desesperada ao andar até a porta. Sua mão treme quando ela gira a maçaneta.

“Não vou me esconder no armário. Você tem dezesseis anos”, respondo. Tessa corre até o espelho, observando o rosto com atenção e alisando os cabelos despenteados. Ela corre até o banheiro com um tubo de pasta de dente, pega um pouco com o dedo e passa na língua. Ela parece desesperada ao andar até a porta. Sua mão treme quando ela gira a maçaneta.

“Oi. O que estão fazendo aqui?”, pergunta ela à mãe quando esta entra pelo corredor. Ela parece desesperada ao andar até a porta. Sua mão treme quando ela gira a maçaneta.

É o cara da outra vez. Noah.

Vejo que a mãe de Tessa está vindo direto em minha direção, mas estou surpreso. O namorado de Tessa, o famoso Noah. Seus cabelos loiros são um pouco mais escuros do que os de Tessa, seu cardigã é bem alinhado e desce até a calça cáqui bem passada. É tão cedo ele pareça um bonequinho ainda na embalagem. Mas por que está aqui? Por que ele parece tão sério assim?

Ele telefonou para a mãe dela como um defensor da moral?

A mãe dela respira fundo e então descarrega: “Então é por isso que você não está no telefone? Porque estava com esse... esse...”. Ela agita os braços da mesma maneira.

“Arruaceiro tatuado no seu quarto às seis da manhã!”

Arruaceiro

tatuado?

De onde essas mulheres tiram esses insultos de escola primária?

Tessa endireita os ombros, e eu observo quando ela corrige a postura, pronta para

Bom, agora eu sei onde Tessa aprendeu a julgar os outros desse jeito. E também a estrutura física, suas curvas e sua intensidade. Ela está lançando um olhar fulminante. A mulher parece não notar o modo como a filha cerra os punhos. Ou como ficou um pouco cor-de-rosa. Ela não parece notar. Nem o seminarista.

Isso me irrita — o fato de Tessa estar sendo repreendida por se comportar como uma normal. No mínimo, ela é muito mais comportada do que as pessoas que conheço e sinto orgulho dela.

“É isso que você anda fazendo na faculdade, mocinha? Fica acordada a noite inteira no quarto? O coitado do Noah estava morrendo de preocupação. Então, viemos encontrar você com esse garoto.”

Esse

garoto?

O modo como Noah se afasta lentamente em direção à porta sem perceber confortavelmente a mulher vai falando mais alto... tenho a sensação de que ele recebeu uma lavagem mais forte do que a de Tessa.

Não consigo me controlar. Falo antes que Tessa tenha chance de responder. “Não dá para chegar. E ela não estava fazendo nada de errado.”

Tessa arregala os olhos para mim como se eu fosse louco por contrariar sua mãe, acreditar. E a indignação delas me faz rir por dentro; essas pessoas não têm ideia

“Como é? Eu não estava nem falando com você. E não sei o que alguém como você tem a minha filha, por falar nisso.”

O idiota permanece calado em seu canto, como deve ficar.

“Mãe...”, diz Tessa, tentando soar ameaçadora. Ela olha para mim brevemente, com

firmes do que o normal. Não sei se está com vergonha ou raiva da situação.

A mãe dela não se dá por vencida. “Tessa, você está fora de controle.” E entre os dentes cerrados: “Dá para sentir o cheiro de bebida daqui, e não venha me tudo não é influência de sua coleguinha de quarto e *dele ali*”, diz ela, olhando diretamente para mim.

Apontando para mim.

Se ela me conhecesse, abaixaria esse dedo.

“Tenho dezoito anos, mãe. Nunca bebi antes e não fiz nada de errado. Sinto muito meu celular tenha acabado, e que por isso vocês tenham vindo até aqui, mas está

Tessa se senta na ponta de sua cadeira. Não gosto de vê-la assim tão desconfortável na presença deles. Ela parece uma desconhecida quando se senta toda tímida, esperando bruxa.

Não me mexo. Nem mesmo quando a tempestade dos olhos dessa mulher se volta

“Poderia nos dar licença um minutinho?”

Ela não está pedindo, na verdade. E seu tom pode parecer educado, mas ela só está uma megera, me humilhando e tentando parecer cheia de razão. Eu cresci perto de como elas agem.

Olho para Theresa, tentando mostrar que só vou embora se ela estiver bem para o namorado sozinha. Ela balança a cabeça afirmativamente, mas consigo ver a confiança acinzentados.

Eu vou embora, conforme o solicitado, com o peito ardendo.



Quando ele começou a vê-la em seus sonhos, ficou apavorado. Ela agora o engolia inteiro, tomando cada parte de sua vida e fugindo com elas. Ficou aterrorizado ao pensar nas coisas que ela poderia fazer com ele quando entrasse em sua vida de vez. Ele não queria permitir, mas não tinha força para resistir. Sempre pensou que fosse forte, que mandava em tudo, até ela chegar e tirar sua coroa.

Espero durante muito tempo para que a porta do quarto se abra e para que sua mãe saiam. A cada minuto que passa, mais questiono minha sanidade.

Por que estou esperando por ela? O que vou dizer para ela quando as visitas forem embora?

Ela vai querer falar comigo? Talvez sim, se eu pedir desculpas por tê-la deixado me beijar. Isso pode ser a solução para todos os problemas.

Finalmente, a porta se abre e a mãe dela sai, lançando um olhar intenso para mim e para a porta de um vizinho. Atrás dela, vem Tessa, de mãos dadas com Noah. Ela não sabe direito o que dizer, mas sentindo que preciso falar ou fazer *alguma coisa*.

“Vamos até a cidade”, avisa Tessa, e o que posso fazer além de assentir e deixar a mãe sair.

Não consigo parar de olhar para a mão de Tessa na de seu namorado. Ela fica ver enquanto sua mãe abre o sorriso mais falso que já vi.

“Não gosto nem um pouco desse cara”, ouço o seminarista dizer.

“Eu também não”, responde Tessa, baixinho.

Melhor assim. Porque também não gosto dela.

Quando chego ao meu carro, meu telefone está vibrando no porta-copo. Eu o pego e atendo quando vejo o nome de Molly na tela. Ela diz uma palavra — “pegação” — e desliga.

Cinco minutos depois, entro no apartamento de Molly sem bater, e sua colega de mim, com a fumaça saindo de sua boca. Os brancos de seus olhos brilham embaixo

e ela traga o cigarro de novo. “Ela está no quarto dela.”

Molly está deitada na cama, com a cabeça apoiada num monte de travesseiros totalmente abertos. Seu quarto é pequeno, com as paredes azul-claras cobertas de pôsteres de revistas de moda. Em sua maior parte, são imagens em preto e branco, que ela gosta. A cama está posicionada contra a parede mais distante da porta, e o quarto não gostaria de ficar preso num quarto sem janelas. Não é à toa que ela nunca fica aqui.

Ela faz um gesto para que eu vá para a cama com ela; os cabelos cor-de-rosa estão presos no topo da cabeça num coque. “Ora, ora, veja quem está aqui”, ela diz quando me

Levantando a saia ainda mais, ela mostra a calcinha preta. Em seguida desce as pernas levando com elas a calcinha de renda.

“Você me chamou”, digo a ela.

“E você veio”, responde ela, dizendo a frase de modo sarcástico e orgulhoso.

“Vê se não se empolga demais. Eu estava entediado, e você estava disponível.” De olho para ela. Está com o cenho franzido, fingindo estar ofendida.

“Verdade.” Ela ri, e eu balanço a cabeça por causa de seu jeito sem-vergonha.

A mão de Molly está fria quando ela segura meu braço e me puxa para mais perto. Os anéis em seu pulso brilham à meia-luz da luminária da mesa de canto.

Molly pressiona os lábios no meu pescoço, e tento não pensar nos lábios carnudos que sobe pelo meu corpo, e leva as mãos aos botões de minha calça jeans. Ela os abre e desce minha calça e a cueca. Eu me levanto para ajudá-la a me despir enquanto tento me convencer de que quero mesmo isso. É divertido. É disso que as pessoas como eu gostam de

Pessoas como eu e Molly, pessoas que têm uma vida de merda. Eu tenho meus problemas, os dela, sobre os quais nem tentou me contar, problemas com os quais não sei lidar. Sei que ela é como eu. É só o que preciso saber.

Ela passa a língua na cabeça do meu pau, me provocando. Não gosto desse tipo de

seguro os cabelos cor-de-rosa dela, guiando-a para me enfiar inteiro na boca. Ela engasga um pouco, e eu a solto. Sei que ela gosta que a coisa seja intensa — na verdade, mais intensa com ela.

Os cabelos de Tessa são fartos em minha mão, e eu puxo com mais força molhada, muito quente. Sua língua passeia por mim com mais agressividade imaginar. As mãos dela sobrevoam minhas coxas; as unhas são mais compridas d

“Hardin”, ela geme, e lambe de novo, me segurando entre os lábios. Sua brochante.

“Porra, Tessa.”

Assim que digo essas palavras, os lábios carnudos de Tessa param.

Molly fica tensa no mesmo momento e se afasta de mim. “Sério mesmo?”

Eu limpo a garganta. “O quê?”

Ela revira os olhos. “Ouvi o que você disse.”

“Você não ouviu nada e, mesmo que tivesse ouvido, não vem querer agir como se chamado de Log...”

“Cala a boca.” Ela levanta uma das mãos e a agita de modo dramático. “termine?” E, do nada, o tom muda e volta a ser brincalhão, e eu percebo que ela e uma expressão esquisita de compaixão, como se precisasse sentir pena de mim ou

Essa ideia me enfurece. Ela é tão solitária e fodida quanto eu... quem pensa que é mal por mim?

“Não.” Volto a vestir a calça e, quando me levanto e enfio o telefone no bolso, ela a mesma cara. Minha raiva não significa nada para ela.

“Não vou acompanhar você até a porta”, diz ela, aos risos, voltando ao niilismo d então acrescenta: “Cuidado com essa merda. Garotas como ela nunca ficam com no fim das contas”.

Ela me encara com ainda mais tristeza, e sinto vontade de vomitar em cima que ela não está nem tentando me ofender — está sendo verdadeira e honrando seus conselhos.

Não quero ficar com a Tessa “no fim das contas”. Quero transar com ela e vencer

Sem dizer mais nada, saio e dirijo de volta para a minha casa.



12

As batidas na porta não param. O homem do lado de fora diz meu nome, e tento fazer o mínimo de barulho ao abrir a porta do armário para me esconder. Fecho a porta e espero, tampando os ouvidos conforme as batidas aumentam.

“Saia agora mesmo!”, diz ele.

Meu pai está bêbado de novo; fica assim todas as noites agora.

Com uma última batida, seu soco atravessa a madeira da porta, e o barulho da superfície se rompendo causa um arrepio em minha espinha. Odeio ter medo dele, não deveria ter. Tenho doze anos e sou bem alto para a minha idade. Eu deveria ser capaz de me defender.

Por que estou com medo? Porque sou muito ridículo.

A voz dele se mistura às vozes dos outros homens... eles estão aqui de novo? Não sei bem. Não deveriam estar, porque ele está, mas talvez ele não nos protegesse no fim das contas.

A porta do armário se abre e eu me recosto contra a parede até não ter mais onde me esconder.

Acordo com um grito forte no quarto vazio e solitário. Estou nesse quarto seguidos, e ninguém chamou, ninguém bateu na porta. Mas fiz um monte encontrá-la. Não quero ver Zed nem ninguém. Eles também não me procuraram.

É o que acontece com quem é invisível: ninguém se importa com você, e você não se importar. Pego a camiseta preta e suja que está no chão ao lado da cama e seco suor. Meus cabelos estão úmidos e minha visão está borrada, misturando p mantendo minha falta de futuro longe dessa bagunça por enquanto.

Acho que eu não diria “falta de”. Vou acabar sendo um daqueles homens transam demais e voltam para uma casa vazia toda noite. Vou ser bem-sucedido financeiramente e comprar uma casa até maior que a do Ken, e nunca vou convidá-lo para ir lá, só para me vingar.

Não sei do que estaria me vingando, mas deve ter alguma coisa em algum lugar.]

Vou sair dessa cama hoje.

Quando chego ao campus, procuro Tessa imediatamente. Faz um tempo que tentando imaginar se Zed a encontrou... Será que ele ganhou alguns pontos durar

A esta hora da manhã, ela deve estar saindo da aula de literatura. A não ser que te

Até parece. Chego ao prédio quando a aula está terminando e a tempo de vê-la sair da sala. Ela fez alguma coisa diferente com os cabelos. Acho que só os cortou. Estão boni mudança é suficiente para eu notar. Fico me perguntando se mais alguém vejo Landon caminhando atrás dela, percebo que *é claro* que ele notou.

Caminho para perto dos dois e digo: “Cortou o cabelo, Theresa?”.

Eu a surpreendi, mas ela se vira e me cumprimenta baixinho. “Oi, Hardin.” Em se passo. Seus sapatos sem salto fazem um barulho alto enquanto ela anda. Por que t

E então eu me dou conta: ela não quer que seu amigo angelical saiba que praticamente se jogou em cima de mim. O desconforto dela é como um desafio q

“Como foi o seu fim de semana?”, pergunto com um sorriso.

Em resposta, ela segura o braço de Landon e o puxa para mais perto de mim e corre depressa para longe de mim. “Foi bom, a gente se vê por aí!”, grita ela, olhando para trás.

Ela sai com Landon pela porta principal do prédio, e eu os deixo ir, já que minha mãe vê-la estava satisfeita.

Ando pelas ruas do campus, chegando ao carro lentamente. Na verdade, estudar a noite é difícil.

Depois de alguns minutos, encontro Zed sentado em um banco na frente do prédio com um cigarro entre os lábios.

Ele olha para mim, soprando fumaça pela boca. “E aí?”

“E aí.” Não sei se devo me sentar ou me afastar.

“Você fez algum progresso com a garota?”, pergunta ele.

“Sim, um pouco”, minto. “E você?”

Espero pacientemente enquanto ele traga de novo. “Nem. Estou me sentindo entediado. Você não?”

“Nem”, respondo, do jeito que ele sempre diz. É sempre “nem” para cá e “nem” para lá. Nada fosse bom o suficiente para chamar sua atenção, desimportante demais para que ele queira que eu diga algo.

Zed dá de ombros, e eu decido encontrar Tessa enquanto ele fica aqui sentado, entupindo de cigarros. Odeio o cheiro de cigarros — faz com que eu me lembre da minha mãe. Na infância, eu não conseguia respirar em meio à fumaça densa, e aquelas manchas amarelas e grudadas cobrindo o papel de parede desbotado da sala de estar.

Para matar um pouco o tempo, paro e tomo um café, mas acabo engolindo tudo em poucos minutos. Minha garganta queima com o calor, e me pergunto por que estou tão arrependido.

Depois de me levantar sem nenhuma meta em mente, decido ir ao prédio de administração devagar, observando todas as pessoas que andam pelo campus. Casais andando juntos, reunidos em conversas animadas, grupos de atletas batendo bola. É demais para a

Enquanto atravesso o corredor do alojamento, vejo os cabelos vermelhos de Steph

“Hardin! Está me procurando?”, pergunta ela com a mão levantada.

“Não exatamente.” Olho para o outro lado do corredor, em direção à porta de seu

“Ahhhh, entendi.” Ela ri e arruma o decote. “Bom, vou procurar o que fazer, para tempo com ela.” Quando se afasta em direção à saída, ela se vira no fim nada, cuzão!”.

“Eu não vou agradecer”, murmuro, e bato à porta dela.

Ouçoo o barulho de papéis e de um livro sendo fechado. Tessa dá seis passos até a uma baforada dentro da camiseta para conferir meu hálito.

Sério mesmo que eu fiz isso...

“Steph ainda não chegou”, Tessa diz assim que abre a porta. Surpreendente mim nem uma vez antes de caminhar até sua cama — e não bate a porta começo.

“Vou esperar.” Eu me sento na cama de Steph e olho para o lado de Tessa no qua

“Fique à vontade”, responde ela com um resmungo e, de maneira infantil, cobrir a cabeça. Dou risada e observo seu corpo inerte, tentando imaginar o que e sua mente. Será um método de esconde-esconde para fazer com que eu desapareça ou coisa assim?

Começo a tamborilar com os dedos na cabeceira de Steph, torcendo para irritá-la o suficiente para que fale comigo. Não acontece, mas quando, alguns minutos depois, um desperta um braço por baixo do cobertor e o desliga.

Ela vai a algum lugar? Com quem?

“Você vai sair?”, pergunto.

“Não.” Ela se senta, o cobertor cai e revela seu rosto, cheio de atitude. “I cochilo de vinte minutos.”

“Você programou o alarme para garantir que seu cochilo durasse só vinte minutos, mentalmente desejando que pudesse dormir mais do que isso de vez em quando.

“Sim. E o que você tem a ver com isso?”

Observo enquanto ela organiza os livros em ordem de horário de aula. Eu não devo isso que ela faz, mas não tem jeito. De algum modo, parece que sei muito de fichário pequeno e o coloca do lado de uma pilha bem organizada de livros. É ob-

“Você tem TOC ou coisa do tipo?”, pergunto, meio surpreso.

“Não, Hardin. Gostar de ordem não significa ser maluca. Não tem nada de organizada.”

Ela se acha muito. É bem desagradável, apesar de parecer muito meiga. Dou risos que ela deve pensar que é tão perfeita e educada, mas tem um dos piores temperamentos: julga as pessoas como se fosse seu trabalho.

Eu me aproximo, tentando pensar numa nova maneira de irritá-la. Ela se irrita fácil, não precisa ser nada sério. Rapidamente, passo os olhos pelo quarto organizado, vendo

feita com pilhas organizadas de papel e de livros. Entendi.

Pego um monte de papéis da cama assim que ela se vira para mim. Ela baixa os olhos para pensar numa maneira de negociar comigo. Em seguida tenta pegá-los, mas eu a provoco, erguendo-os muito alto para que ela não consiga alcançá-los. Fico me perguntando até onde devo ir com isso, observando sua respiração, o modo como seu peito se enche e os lábios tremem de que me excita, e quero ir um pouco além. Não é o suficiente para irritá-la, só para perturbá-la a ponto de poder jogar meu charme de novo. Jogo os papéis para cima e observo as folhas pela sala e caírem espalhadas no chão. Ela abre a boca, e seu rosto fica corado de

“Pode recolher isso agora!”, ela grita.

Abro um sorriso, tentando imaginar se ela realmente acha que vou lhe obedecer e chupar meu pau, talvez. Eu pego mais um monte de papéis e espalho tudo no chão.

“Hardin, para!”, ela grita, ameaçadora.

Repito a ação, e então ela me surpreende quando me ataca e me afasta da cama.

“Como assim, você não gosta que mexam nas suas coisas?”, eu a provoco

Tessa está muito brava agora, muito mais do que uma pessoa normal ficaria por a

“Não, eu não gosto!”, ela grita e me empurra de novo.

Eu me alimento da raiva dela. Sua energia me dá vida. Estou tão bravo quanto ela
la.

Agora.

Dou um passo em sua direção, segurando seus braços e encostando-
a contra a parede. Ela me
encara, determinada a não ceder, e vejo seu olhar passar da frustração para o dese
sei alguma coisa sobre mulheres, é que elas ficam assim quando estão excitadas. I
está. Ela se alivia com essa raiva intensa, assim como eu. Depois de passar pelos
olhar rapidamente se concentra na minha boca, e é quando tenho certeza q
aconteça. Ela me quer, porra. Pode não gostar de mim, mas se sente atraí
A *atração* é
mútua, sinto vontade de dizer. Eu a encaro, me segurando para não falar que tam
que essa coisa entre nós não passa de tesão. Que estamos na mesma frequ
desejo animal — um nível muito alto de desejo, mas desejo mesmo assim.

“Hardin, por favor”, ela sussurra.

Seu tom grave me mostra que ela quer que eu vá embora e que a beije ao mesmo
porque quero correr para longe dessa garota, mas estou aqui também, olha
peito sobe e desce depressa. Estendo a mão, sentindo a necessidade de toc
la, e assim que meus
dedos encostam em sua pele ela suspira. Está olhando para mim, me desejando. E
mas uso a outra mão para segurar seus dois punhos. Ela coloca a língua para fora,
inferior, e eu perco a cabeça. O som é tão baixo, tão fraco, que acho que
emituiu. Mas eu sim. Ouvei e fui vencido por ele.

Pressiono meu corpo contra o dela, prensando-
a delicadamente contra a parede. Ela geme em

minha boca, e estende os braços para envolver meus ombros. Sua língua segue a r
se

em perfeita sincronia com meus lábios. Aperto suas coxas e a puxo para r
contra meu corpo, meu coração bate muito acelerado e estou tão excitado que não
com isso. O corpo de Tessa se gruda ao meu, e sua boca contra a minha é insaciáv
volta para a cama.

Tessa puxa meus cabelos e me deixa maluco. Sinto como se cada centímetro do n
se espalhado pelo quarto; e então ela geme, com a respiração descontrolada, e eu
levando-

a comigo. Eu a posiciono no meu colo, com as mãos em seu quadril. Sei
estão apertando sua pele, um sinal de meu corpo tentando entender o que está acc
antes, muitas e muitas vezes, então por que não consigo me controlar? Não consiç
ela.

“Caralho”, digo, sentindo meu pau duro dentro da calça. Passo as mãos pela cintu
a barra de sua camisa; ela geme, e eu interrompo o beijo para tirar sua camisa. M
para seus lábios carnudos e inchados, e então para seu peito. Seus seios estão cob
preto: não tem renda, não tem brilho, nada especial. Só tecido preto gasto.
simples que acabo por achá-
lo bem interessante. Mordo meu lábio, tentando ter algum controle sobre
mim mesmo e não rasgar a peça do corpo dela. Seus seios são grandes, i
baixo do tecido. Tem uma pintinha ali, logo abaixo da linha do pescoço, e sinto v
la.

Quero cobrir o corpo todo dela com a boca e senti-la gozando na minha língua.

“Como você é gostosa, Tess”, digo aos sussurros. Ela respira fundo, gemendo, e r
esse som incrível.

Meu controle continua a diminuir quando ela se esfrega com força contra
braços pelas costas dela para trazê-la ainda mais para perto de mim...

Tessa sai de meu colo e pega a blusa de volta. O transe no qual estávamos é queb
se veste e cobre o corpo, e só então ouço o barulho da porta se abrindo.

Como ela ouviu... não estava tão envolvida quanto eu? Eu não teria parado de jei
se sua mãe megera e o seminarista tivessem entrado por aquela porta.

Mas é Steph, fingindo estar chocada. Já vi essa cara antes, e logo me pergunto se que ela viesse nos interromper. Espero que Tessa não goste dela de verdade amiga. A personalidade de Steph é mais falsa do que a cor de seu cabelo.

“O que foi que eu perdi aqui?”, pergunta Steph, com as mãos na cintura.

“Nada de mais”, respondo e me levanto. Steph pisca para mim enquanto Tessa olha evitando encará-la.

Saio do quarto sem olhar para trás.

Não posso dizer nada, caso contrário, vou explodir. Meu peito está apertado forte, e eu sinto que estou enlouquecendo.

Numa espécie de transe, volto para casa, para o meu quarto e imediatamente decido que mais demorado da minha vida para tentar esquecer o modo como essa garota desc

que eu me sinta. Eu não deveria desejar seus lábios e sua mente da mesma maneira pensar em como ela deve ser apertadinha sentada em cima de mim. Não deveria ter minhas mãos em seu corpo.

Eu deveria conseguir o que quero, ganhar a aposta e seguir com a droga da minha

Depois de um bom tempo, a água começa a esfriar, e eu finalmente saio do banheiro para pegar uma toalha, a garrafa de líquido marrom escondida sob o se-lá-por-quem se oferece, fazendo com que eu me lembre do controle que exerce sobre mim. Passei a abrir esse armário — por que estou olhando para ela agora? Eu meio que esperava que a casa fosse acabar com ela, mas também desejei secretamente que não fizessem

Tenho uma necessidade escrota de controlar tudo na vida. Até agora, desde que eu fiz um ótimo trabalho em me manter alerta e no controle dos meus pensamentos; mas os olhos acinzentados de Tessa não param de olhar para mim, e sua mente brilha me implorar para descobrir mais de seus segredos.

A garrafa me chama, e eu bato a porta do armário.

Ainda tenho controle.

Não vou deixar Tessa nem aquela merda de garrafa me controlar.

Não vou.

Olho para o teto quando finalmente chego à cama, e sei que a noite vai ser longa.

Está muito escuro, muito escuro dentro do armário. Estou cansado de me esconder aqui, mas não tenho para onde ir. Os gritos da minha mãe não vão parar e, por mais que eu a procure no andar de baixo, não consigo encontrá-la. Eu a ouço, mas não a vejo. Mas vi os homens. Eu os vi e ouvi suas vozes ecoando pelas paredes da casa pequena e para dentro de minha

A porta do armário se abre e eu me retraio, torcendo para não ser visto, mas querendo que eles acabem com os sons dos gritos de minha mãe.

Uma mão aparece ali, e eu olho ao redor à procura de algo com que possa me defender que não seja um cabide.

“Hardin?”, uma voz suave me chama no escuro.

As roupas penduradas são afastadas, e ela aparece, olhando para mim.

Tessa.

Ela está aqui? Como?

“Não tenha medo, Hardin.”

Ela se senta ao meu lado, com seu corpo muito quente e destemido. Tem uma flor atrás da orelha, e está segurando minhas mãos. Suas unhas pequenas estão cheias de terra, com cheiro de floricultura ou estufa.

Os gritos da minha mãe pararam, o ritmo dos meus batimentos diminui, saindo do pânico para

a tranquilidade quando ela segura minha mão.

Quando chego ao campus, a cafeína já tomou meu corpo, afiando minha vontade de esquecer o sonho esquisito que tive.

Por que ela estava lá? Por que eu sonharia com Tessa?
Não era nem a Tessa como a vejo agora; era uma versão mais jovem, com o rosto arredondado e os olhos claros e prematuramente maduros. Foi esquisito — muito esquisito, na verdade —, pouco.

Mas adorei dormir. Adorei conseguir dormir pelo menos uma vez na vida, e hoje hã... descansado? Bom, mais calmo, pelo menos.

Na aula de literatura, eu me sento na fileira da frente, ao lado de duas cadeiras vazias na frente da sala, esperando a aula começar. Estou me controlando para não olhar para a cadeira vazia esperando por ela.

Quando finalmente olho para trás, alguns minutos depois, Tessa e Landon entram sorrindo, concentrada só nele. Sua amizade com o cara se desenvolveu além do que eu esperava.

Não fiquei surpreso por eles terem se dado bem... mas não pensei que a amizade fosse mais ameaçadora do que a concorrência de Zed na aposta.



13

“Hoje vai ser o último dia de discussão sobre *Orgulho e preconceito*”, informa o professor.

“Espero que tenham gostado e, como agora já leram até o fim, podemos discutir sobre como Jane Austen lida com as expectativas criadas em suas histórias. Esperavam que Elizabeth e Darcy terminariam juntos?”

Tessa levanta a mão no mesmo instante, e eu me recosto em meu assento. Ela nunca foi uma sabichona. Assim como Landon... o casal americano perfeito.

“Srta. Young”, diz o professor, e eu vejo o rosto dela se iluminar. Ela adora coisas felizes ou satisfeitos. Eu poderia usar isso ao meu favor, com certeza.

Interrompo o diálogo interno e pacientemente espero até que ela termine de falar sobre o bom e velho *Orgulho e preconceito*. Se ela for tão esperta quanto acho que é, isso vai ser interessante.

“Bom, na primeira vez que li, fiquei desesperada para saber se eles terminavam juntos.”

Ah, eu apostaria que os dois terminariam juntos, assim como aposto que Tessa e Landon perfeitozinho vão ter um relacionamento perfeito.

“Mesmo agora, depois de já ter lido umas dez vezes, ainda sinto a tensão que existe no relacionamento deles. O sr. Darcy é muito cruel e diz coisas tão terríveis sobre ela dela que parece impossível que ela seja capaz de perdoá-lo e ainda mais amá-lo.” O sorriso no rosto de Tessa está largo quando ela termina, e suas mãos estão muito bem posicionadas sobre o livro. Ela espera com ansiedade para que o professor a elogie e diga que ela é um

Landon olha para ela como se seu corpo reluzisse com todas as cores do arco-íris e seus dedos emanassem glóbulos de luz.

Vou acabar com isso.

Fala, Hardin.

Minha voz emite um rosnado no fundo da garganta. Só preciso dizer algumas palavras de minha mãe: “Respire, Hardin. Você pode falar na frente das pessoas”, ela sempre me diz para eu não me preocupar. “Muitas pessoas têm ansiedade social, Hardin. Não se preocupe em envergonhar.”

Mas eu, eu não tenho ansiedade social. Só não gosto de gente.

“Que papo furado.” Minha voz sai bem alta, e se espalha pela sala silenciosa.

“Tem alguma coisa a acrescentar, sr. Scott?”, pergunta o professor, claramente surpreso com a minha participação.

“Tenho, sim.” Eu me inclino para a frente em minha cadeira. O rosto de Tessa está

ela está chocada, mas esconde bem. “Eu disse que é papo furado. As mulheres que podem ter. É a grosseria do sr. Darcy que atrai Elizabeth, então está na cara que o juntos.”

Depois de dizer isso, olho para baixo e começo a cutucar a pele rasgada e avermelhada de minhas unhas.

“Não é verdade isso de as mulheres quererem o que não podem ter”, esbraveja Tessa para ela com a maior tranquilidade de que sou capaz. “O sr. Darcy só foi cruel e orgulhoso demais para admitir que estava apaixonado. Quando parou com ela, percebeu que a amava de verdade.” E, para reforçar o discurso intenso, ela bateu a mão na mesa, com força.

Olho ao redor para a sala cheia de olhos piscando para nós. A irmã de Tessa está sentada na fileira da frente, sorrindo abertamente para mim.

Consigo sentir os olhares de meus colegas voltados na minha direção. Preciso resistir para não me manifestar. “Não sei com que tipo de sujeito você costuma lidar, mas se você está apaixonado por ela, não seria grosseiro”, rebato. Assim como tenho certeza de que não sou o futuro namorado e seu futuro namorado Landon não seriam. Eles não a desafiariam dela em casamento porque ela ficou se jogando em cima dele.”

Elizabeth deu em cima de Darcy? Não, foi exatamente o contrário.

Tessa se joga em cima de mim? Não, de novo, exatamente o contrário.

Mas não poderia deixar que ela vencesse assim.

“Ela não se jogou em cima dele! Ela se deixou iludir e pensou que ele estava sendo gentil e aproveitou desse momento de fraqueza!”

“Ela se ‘deixou iludir’? Conta outra...” Eu me interrompo quando meus pensamentos começam a interferir na minha fala. “Ela está... Quer dizer, ela estava tão entediada que foi atrás de emoções em outro lugar... então se jogou em cima dele.”

Paro de falar, um pouco chocado por ter gritado essas palavras para ela, por minhas mãos cheias de hematomas estarem segurando a borda da carteira antiga.

“Bom, se ele não fosse tão promíscuo, talvez pudesse ter parado por ali e...”

quarto dela!”

Quando ela termina, os risinhos, as expressões de surpresa e as gargalhadas do mundo na sala definitivamente ficou surpreso com nosso show. Poderiam ter escrito e pendurado do lado de fora.

Promíscuo?

Posso ter transado com metade do campus, posso ter errado mais do que ela e metade desses erros, mas pelo menos não sou um fresco, um cara que julga tudo e eu a chamasse da versão feminina do que ela me chamou?

“Muito bem, uma discussão bastante animada, mas acho que já chega desse assunto professor, aparentando pânico, provavelmente preocupado porque a emoção da sua aula perfeitamente planejada.

Tessa pega a bolsa, segura contra o peito e corre em direção à saída. Lanço sempre sem saber o que fazer em qualquer tipo de situação estressante. Tessa sempre foi perfeita. Sua mãe provavelmente fazia bolinhos frescos cobertos com leite de manhã para ele antes da aula.

Eu comia cereal murcho, e tinha que cheirar o leite da caixa para saber se estava com leite.

Não existem precedentes para o que Tessa e eu parecemos estar fazendo.

Saio da sala também. Tessa não vai fugir de todos os conflitos que cria. Ela é acostumada com isso, a sempre ter o que quer.

“Você não vai fugir de mim desta vez, Theresa”, grito para chamá-la.

Todo mundo no corredor olha na minha direção, mas ela continua andando para alcançá-la. Quando ela se vira para sair, eu a seguro pelo braço para detê-la. Ela puxa o braço e eu diminuo a pressão.

“Por que você sempre fica me segurando assim? *Se pegar no meu braço de novo vai levar um tapa na cara!*” Ela está furiosa, e sua voz está muito alta.

Seguro o braço dela de novo. Ela não faz nada.

“O que você quer, Hardin? Dizer que estou desesperada? Rir da minha cara por não conseguir pegar de novo? Estou cansada desse seu joguinho...” Ela bate os pés no chão e suas mãos balançam no ar, como sempre. Acho engraçada sua maneira de falar com ela.

Ela não parou ainda. Sinceramente, não consigo distinguir o que ela está dizendo. Ela está muito irada comigo, e perdeu a cabeça. Quando ela está perto do Landon, é toda essa

Comigo, é raiva e eletricidade. Seus olhos estão brilhando de raiva ou tristeza. Pelo menos sei que ainda consigo extrair uma reação emocional dela.

“Eu desperto mesmo o que existe de pior em você, né?” Meus dedos tocam o cigarro na barra da minha camiseta preta. “Não estou fazendo joguinho nenhum com

Ao ver uma plateia se juntando, passo as mãos pela cabeça. Por que tudo é tão *dramático* com ela?

Tessa esfrega as têmporas com as pontas dos dedos. “Então está fazendo o quê? Seu humor me deixam louca.”

Seguro os braços dela com delicadeza para chamar sua atenção. Ela não resiste, e eu faço uma passagem estreita entre dois prédios, fazendo cara feia para as pessoas que estão passando e que se afastem. Não quero que ninguém ouça nossa conversa, nem que ela tente manter sua aparência de “garota perfeita”.

Olho para ela, admirando sua imobilidade. Ela parece muito calma, neutra, mas a proximidade de nossos corpos. Vejo que ela se abala quando olha para mim, puxando os lábios trêmulos.

“Tess, eu... Não sei o que estou fazendo. Foi você que me beijou primeiro, lembra? Não importa se o gosto de seus lábios não sai da minha cabeça desde então. Foi ela que me beijou, isso sempre será um argumento ao meu favor.

“Pois é... Eu estava bêbada, lembra?” Ela olha para baixo, envergonhada. “O primeiro beijo foi você.” Ela nunca vai admitir que me queria. Sempre vai ter uma desculpa e cada vez mais irritado com essa negação constante. Senti que ela se abriu para mim

Pode até me odiar, mas seu corpo não odeia.

“Pois é... E você não fez nada para impedir.” Paro um pouco, observando a curiosidade em seus olhos. “Deve ser cansativo.”

“O que deve ser cansativo?”, questiona ela, com o queixo erguido de forma desaf

“Fingir que não quer nada comigo, sendo que nós dois sabemos que você passo à frente de propósito, fazendo com que suas costas toquem a parede. Ela nã seu corpo tivesse percebido sua verdadeira vontade.

Mas então sua mente assume o controle de novo e ela diz: “*Quê? Eu não quero nada com você.*

Tenho namorado”. Ela está se esforçando para manter a voz calma.

Dou um sorrisinho. “Um namorado que entedia você. Pode admitir, Tess. Não pa si mesma. Você está entediada.” Digo cada palavra do modo mais lento que consi rosto do dela cada vez mais. Ela olha para os meus lábios — claro. Está

Deve estar se lembrando dos meus beijos, porque toca os lábios de leve c totalmente na minha. Seu desejo e a enorme curiosidade sexual em relação a mim se afaste, não dessa vez.

“Ele já fez você se sentir como eu faço?” Faço essa pergunta por curiosidade gen

“Q-quê? Claro que sim”, ela tenta insistir.

Não estou acreditando. Ela parecia mais sincera falando sobre um romance clássi a capacidade do namorado de satisfazê-la.

“Não... não fez, não. Dá para ver que você nunca foi tocada... *de verdade.*”

Os lábios dela se entreabrem, e quase consigo ouvir seu coração batendo no peito imaginar como ela me vê. Será que consegue perceber que sua respiração ofegant estão me deixando maluco? Tem alguma coisa nos meus olhos que mostra para e seus cabelos, virar sua cabeça para mim e beijá-la?

O corpo dela sabe, o corpo dela sabe.

“Isso não é da sua conta.”

Ela não deve saber. Quando se usa uma máscara por tanto tempo, como ela tem fi tirá-la. Ou então é ela quem se sente invisível.

“Você não tem ideia do que sou capaz de fazer você sentir”, digo e me a
Quero *te*
convencer, quero te mostrar, é o que sinto vontade de implorar para ela.

Ela se encosta na parede de novo, olhando ao redor à procura de uma maneira de mim. Está ofegante agora, claramente afetada por mim. Enfim.

“Tudo bem, você não precisa admitir. Eu já sei.”

Ela solta um suspiro de susto — um som aparentemente inocente, mas sei que não quer mais; sua mente e seu corpo desejam isso.

“Seu coração acelerou, não? Sua boca está seca. Você está pensando em r inquietação... lá embaixo. É ou não é, Theresa?” Imagino seu corpo nu ex percorrendo a umidade que vem de sua boceta.

Ela puxa o ar com força e tenta desviar o olhar, mas não consegue.

“Você está errado.” Ela sabe que estou certo.

“Nunca estou errado.” Abro um sorriso. Ela hesita, prendendo uma mecha orelha. “Não sobre isso.”

Tessa respira fundo, e sei que estou certo. “Por que dizer que eu me joga em cima você que está vindo atrás de mim agora mesmo?”

“Porque o primeiro passo foi você quem deu. Não me entenda mal, fiquei você.”

“Eu estava bêbada e tive uma noite difícil... como você já sabe. Fiquei co sendo legal comigo. Bom, sua versão de alguém legal, pelo menos.”
Minha versão de alguém legal?

Costumo ser legal com ela. Bem mais agora, que tenho motivo. A aposta ronda m lembro de pegar mais leve do que normalmente pegaria.

Tessa passa por mim e se senta na calçada. Olho ao redor para ver se alguém está mas parece que não tem ninguém prestando atenção em nós.

“Eu nem trato você assim tão mal”, digo, apesar de estar começando a me pergun

mesmo isso.

“Trata, sim. E faz absoluta questão disso. E não é só comigo, é com todo mundo. ainda mais pesado comigo.”

Pegar

pesado?

Eu não pego mais pesado com ela do que pegaria com um filhotinho inc

Tenho pegado bem leve com ela.

“Não é verdade. Trato você da mesma maneira como trato qualquer outra pessoa’

Ela não acha a menor graça. Se pudesse, me mandaria para longe num piscar de c

Tessa se levanta. “Não sei por que ainda perco meu tempo!”

Ela vai embora. Mas eu não quero que ela vá, certo?

Não, não quero. Não sou muito bom em pedir desculpas, principalmente quando i
necessárias, mas tenho que parar de ser um idiota e me desculpar. Ela costuma se
pedido de desculpas, como eu logo aprendi.

“Ei, desculpe. Volta aqui”, digo, usando o tom persuasivo que sei que as
levanta, e eu me sento na calçada perto de onde ela estava.

“Senta aqui.” Dou um tapinha no chão ao meu lado. Ela resmunga um pouco e se
cruza as pernas e suspira. Fico surpreso com a calma que sinto quando recebo seu

“Você está muito longe”, reclamo. Ela revira os olhos. “Não confia em mim
resposta para essa pergunta.

Claro que não, mas quer confiar. Quero que ela confie em mim mais do que seria

“Não, claro que não. Por que confiaria?” Suas palavras saem rápidas e afiadas.

Eu me afasto um pouco. Também
não confio nela, mas ela não precisa ser tão rápida nas respostas.

Obviamente, se sente atraída por mim; caso contrário, não estaríamos conv
estaria aqui se não se sentisse.

“Que tal a gente combinar de manter distância um do outro ou ficar só no estômago para essas briguinhas.” Não acho que brigamos muito; só conversamos dois esperávamos. Eu brigo com Tessa menos do que com Ken, e conversar significa alguma coisa.

Nós dois nos acostumamos com isso. Seria estranho pensar em não ver Tessa; acostumei com sua língua afiada e de ver nos seus olhos quando ela está contagiante. Está se tornando um vício para mim, como se precisasse ouvi-la chamando meu nome para me acalmar.

“Não quero manter distância de você”, admito. Detesto ter que me comportar tão escorregão, e ela sai correndo. Gostaria de pensar que nos aproximamos um pouco e ela não fosse fugir tão depressa. Preciso dizer a ela como me sinto, ser mais confortável, e sem receber quase nada em troca. Parece que estou casado sem os benefícios e do jantar na mesa toda noite.

“Quer dizer... acho que não tem como a gente manter distância, já que uma das minhas amigas é sua colega de quarto e tudo mais. Então é melhor tentarmos ser amigos. Ela quer ganhar aqui, e ela não é um prêmio dos mais fáceis.

“Certo, então somos amigos agora?”, pergunta ela, com a voz de alguém que está falando de um assunto profissional. Eu poderia oferecer metade dos lucros para ela. Que tipo de amigo seria.

Amizade? Amizade colorida, talvez? Amigos porra nenhuma.

“Somos.” Estendo a mão para ela.

Meu sorriso é enganador, feito sob medida para conquistá-la. Ela segura minha mão e balança a cabeça para mim. Percebe um pouco do perigo que está correndo, mas não afasta.

“E nada de amizade colorida”, ela insiste, mas acaba corando. Eu não tinha percebido que a inocência pode ser atraente.

Levo a mão à sobrancelha para mexer no piercing. “Por que está dizendo isso?”

“Como se você não soubesse... Steph me contou.”

“Sobre ela e mim?” Ela foi legal, interessante à sua maneira. Tem os prof qual quer um, mas sabe levar numa boa, esconde tudo do mundo, ao contrário de l fico me perguntando o que a ruiva poderia ter dito a Tessa a respeito do tempo qu

Acho que ela exagerou quando contou essa história. Steph sempre quis mais do q adora uma competição, não sabe aceitar um não.

“Sobre você, ela e mais um monte de meninas”, Tessa complementa.

“Bom, eu e Steph... foi divertido.” Sorrio para Tessa, e ela desvia o olhar. “E sim mais um monte de meninas. Mas por que isso teria alguma coisa a ver com você,

Imagino Tessa como uma dessas garotas, deitada embaixo de mim, com a boca al

Ela fecha os olhos e respira fundo. Imagino sua respiração falhando enqua dedos e na minha boca ao mesmo tempo. Tenho certeza de que nunca nin enquanto enfiava o dedo lentamente...

“Não tem mesmo”, diz Tessa, interrompendo meus pensamentos. “Só não quero c ser mais uma dessas meninas.”

“Ah... Você está com ciúme, Theresa?”

Ela me empurra de novo. “Não, claro que não. Só lamento muito por elas cabeça, e eu dou risada. Ela não lamentaria coisa nenhuma... sentiria prazer, mui nem imagina.

“Ah, mas não tem por quê.” Não consigo parar de imaginar seu corpo nu. Preciso esconde sob essas roupas largas. Ela ficaria louquinha quando sentisse as r corpo todo. “Elas gostam, pode acreditar.”

“Tudo bem, tudo bem. Já entendi. Podemos mudar de assunto, por favor?” Tessa joga a cabeça para trás. Em seguida resmunga e diz: “Então você vai tentar me tra

“Claro. Você vai tentar parar de ser tão certinha e reclama o tempo todo?”, pro

“Não sou reclama; você que é irritante.”

Nós dois rimos quando ela termina a frase. Sua risada sai suave, pairando ao meu sinto leve, de um jeito esquisito, mas bom.

Leve? S3rio, Hardin?

Preciso me controlar e colocar esse Trem da Amizade nos trilhos.

Eu me aproximo um pouco de minha nova amiga. “Olha s3 para n3s, dois amigos

Tessa se levanta. Passa as m3os na saia, e eu me contendo, pensando em arranc3-la de seu corpo.

“Essa saia 3 horrorosa, Tess. Se vamos ser amigos, voc3 precisa prometer isso.” N3o 3 t3o feia, mas com certeza n3o 3 bonita.

Tessa demonstra toda sua vergonha no olhar, e eu sorrio para acalmar a situa33o. ofend3-

la. S3 estava provocando. S3rio, se quer usar roupa sem gra3a, problema 3 as mesmas cal3as e camisetas manchadas de sempre.

O telefone de Tessa come3a a vibrar, e ela o tira da bolsa. “Preciso voltar estudar”, diz ela.

Olho para o aparelho de pl3stico em sua m3o. 3 um Nokia?

“Voc3 coloca um alarme para estudar t3b3m?”, pergunto, pensando que o telefone *flip* deve ser o 3ltimo que existe no mundo. Parece que ela *tenta* ser desatualizada.

Ela d3 de ombros. “Coloco alarmes para um monte de coisas. Sou assim mesmo.”

Esse comportamento a deixa t3mida, como se houvesse motivo para se envergonhar

Por que pensaria isso? Algu3m em sua vida deve ter feito com que ela tenha esse comportamento esquisito. A m3e, com certeza. Bom, estou fazendo isso de certo. Aquela mulher parece ser um saco. A m3e de Tessa provavelmente colocava alarmes para mijar, de t3o controladora que parece ser.

“Bem, ent3o coloque um alarme para fazermos alguma coisa divertida amanhã.”

Quero ficar com ela. Preciso.

Ela olha para mim franzindo o cenho, confusa. “Acho que minha ideia de diversã sua.”

Ela não está errada. Nossos conceitos de diversão são diferentes. A ideia dela seri juntos, com um monte de anotações e livros pesados espalhados na cama entre nó índio acadêmico.

Minha ideia de diversão é muito diferente. Minha ideia de diversão é me sentar n costas na cabeceira enquanto Tessa chupa meu pau. Eu adoraria incluir um copo cubo de gelo dentro, estalando contra o vidro enquanto ela enfiasse meu pau cada boca.

Mas não posso beber, então acho que posso ganhar um boquete sem uísque.

Em vez de dizer tudo isso a ela, falo apenas: “Bem, vamos sacrificar *alguns* gatos, vamos incendiar *algumas* casas...”.

Tessa dá risada, e eu não consigo conter meu sorriso. Mas me distraio um pouco passa por nós, de mãos dadas e rindo de alguma piada que o cara fez. Não entend estão dizendo, mas sei que é bobo, porque os dois estão usando meias listradas. S o relacionamento deles na cara dos pedestres inocentes. Besteira. Tessa nem pare deles; está olhando para o chão.

“Mas, falando sério, você está precisando se divertir, e como agora somos amigos alguma coisa juntos.”

Antes que ela possa dizer não, eu viro as costas e me afasto. “Legal, que bom que se vê amanhã.”

Quando atravesso a rua, olho para ela sentada no meio-fio. Não tentou recusar, concordou em me

ver amanhã, e agora não sei o que vou fazer, porque pensei que ela me rejeitaria a de decidir sair comigo.

Quando chego ao carro, tento pensar no que fazer com Tessa. Nunca vou a lugar a festas ou à casa das pessoas. Fora isso, fico o tempo todo no campus ou sozinho

Ligo o carro e continuo pensando em algo para fazer. Um filme? De qual tipo de

Alguma coisa baseada em um romance de Nicholas Sparks, com certeza. Ela.

Poderia comprar pipoca ou um chocolate caro para impressioná-la. O problema de ver um filme é que não podemos conversar no cinema. Alguém reclamaria, e eu acabaria arruma

Os encontros eram muito menos complicados no passado. Se vivêssemos e Austen, eu a cortejaria e a levaria para passear pela mata, devidamente acompanhada. Se tivesse coragem, seguraria sua mão por cima da luva. Ela coraria e lábios carnudos, olhando para nosso acompanhante com os olhos atentos.

Os encontros modernos são muito diferentes. Hoje, se eu tivesse coragem, tocaria seus mamilos por cima da blusa, e ela levaria minha mão ao calor acompanhante, sem regras.

Meu planejamento é interrompido pelo toque do celular.

Tessa tem meu número? Por falar nisso, preciso conseguir o dela com a Steph.

Quando vejo o nome de Ken na tela do aparelho, eu me retraio, mas atendo, finalmente merece um prêmio pela persistência.

“Alô?”, digo, entrando na via expressa. Posiciono o telefone entre o rosto e o problema com meu lindo Ford Capri 1970 é que não tem conexão Bluetooth.

“Oi, Hardin”, ele gagueja.

Está confuso porque atendi. Ele me liga às vezes, e tenho certeza de que considera de sua parte. Ele telefona para “perguntar como estou” porque sabe que não vou falar com ele a menos que fique bem na fita por se esforçar para se relacionar com o filho rebelde. Ele provavelmente o elogia, o abraça com força e o incentiva. “Ele vai ceder um dia” promete. “Essa raiva passa.”

Ela também ficaria com raiva se tivesse um pai de bosta como o meu.

“Oi.” Pressiono o botão do viva voz e coloco o telefone no porta-copo.

“Como você está, filho?”, pergunta ele, imediatamente me irritando.

“Bem.”

Ele pigarreia. “Que bom saber. Queria convidar você para vir jantar amanhã fazer um frango, e nós adoraríamos receber você.”

Ele quer que eu vá jantar? Por que diabos eu iria à casa dele para comer família e conversar sobre como adoramos estar uns com os outros? De jeito nenhum.

“Tenho planos para amanhã”, respondo. Não estou mentindo dessa vez.

“Ah. Bom, você poderia vir mais tarde. Karen vai fazer sobremesa também.”

“Meu compromisso é para a noite toda”, digo. Fico tentando imaginar com amanhã. As nuvens estão carregadas, como sempre, nessa merda de estado. Passar por aqui — é por isso que está sempre chovendo e frio.

“Vai chover amanhã?”, pergunto a Ken. Mais fácil do que consultar a previsão do tempo.

“Não, vai esquentar entre hoje e amanhã e só volta a chover semana que vem”, ele responde.

Se eu tivesse um relacionamento normal com o cara que ajudou a me criar, poderíamos fazer um jantar e falar sobre o respeito do que fazer no meu encontro. Mas não tenho. Não posso.

Só o que posso perguntar a esse homem é quando cada formulário da faculdade é preenchido e entregue. Não temos nada em comum, e estou muito longe de pedir ajuda a ele.

Talvez Vance tenha algumas ideias. Prefiro perguntar a ele do que a qualquer outro.

“Preciso desligar”, aviso, e então desligo e ligo para Vance.

Ele atende depois do primeiro toque. “E aí, Hardin?”

“Tem alguma recomendação de um lugar para levar alguém?”, pergunto. Minha voz é baixa quando digo essas palavras apressadas.

“Tipo um cadáver?” Ele ri ao telefone. Abro um sorriso. Ele é um idiota.

“Não, não dessa vez.” Procuro uma maneira de pedir sua ajuda sem mencionar Terrence ou sair com alguém.”

“Um encontro, então?”, ele conclui.

“Não, não exatamente. Mas algo assim.”

Não sei exatamente como chamar esse programa com Tessa. Não é um en-
Somos amigos.

Amigos até eu trepar com ela, lembro a mim mesmo.

Ela é toda pudica. Usa roupas que não lhe caem bem e quase não fala pa-
levá-
la para que se soltasse? Tento pensar no meu lugar favorito desde que me
Washington.

O riacho perto da Highway 75 é bacana. Se o tempo estiver bom, pode se
fundo, e dá para ver as pedras dentro da água. Tessa nadaria numa corren-
cristalina? Provavelmente não, mas posso tentar.

“Bem, sempre apostei muito nas caminhadas no mato”, diz Vance.

E, nesse momento, eu me lembro da aposta pela primeira vez em várias horas.



14

*Na primeira vez em que ficou sozinho com ela, ele notou que algo fervia dentro d-
que seria capaz de controlar, que talvez estivesse amolecendo um pouco, e não se
para todos em sua vida... com certeza. Ele havia passado a vida toda sozinho, de
de evitar qualquer forma de intimidade além do sexo. Não precisava de amigos, e
família funcional que lhe ensinasse a interagir com as pessoas. Gostava de*

*isso mantinha sua vida simples. Sentiu-
se sufocado durante seu primeiro encontro com ela, mas,
conforme o tempo passou e começou a sentir algo mais, algo que poderia*

prometeu se apegar ao status quo.

Estava acostumado à solidão absoluta, e ela estava acabando com isso.

A manhã chegou, e eu mal dormi ontem à noite. Não foram os malditos j mantiveram acordado; foi Tessa.

Ela apareceu assim que fechei meus olhos, e não da maneira como eu gos nua, gemendo enquanto eu a penetrava, estava furiosa e entediada durante qual decidi que vou levá-la. Em uma cena assustadora, parecida com a de um filme que minha mente insone e atormentadora criou, ela estava um saco, reclamou a tarde toda. Em outr demais e queria que seu namorado de merda fosse ao campus para buscá-la. Quando ele chegou, parecia ser um *cardigã ambulante*. Um enorme monstro de cardigã assustador e patético ao mes tempo.

É frustrante o tempo que perdi pensando nessa garota. Nada disso vai importar er ou menos. Se esse “encontro” for bem, espero ganhar a aposta em menos

Caramba, se eu conseguir pegá-la de jeito, talvez no riacho mesmo...

O alarme do meu telefone toca do outro lado do quarto, e saio da cama para desli lo.

Hoje é o dia. Minha cabeça já está latejando, e fico incomodado com a pressão qu o tempo que tenho com ela a meu favor. Seria melhor tomar um banho. I rapidamente no que ela está fazendo agora... será que está tão estressada c sim; ela é sempre tão certinha o tempo todo, deve literalmente ter anotado seu cor na agenda assim que sugeri que fôssemos amigos.

Depois do banho, remexo na gaveta para encontrar uma camiseta preta limpa. A c amarrotada, mas vai servir. Lá fora, ao ligar o carro, ouço algo sendo ama encontro uma garrafa de água vazia embaixo do pedal do acelerador. Em meu est o som é tão irritante que saio e encontro um lugar onde descartá-la.

Gostaria muito de dormir melhor.

Chegando ao campus um pouco cedo, acabo esquecendo meus livros, algumas an blusa preta no banco de trás. Só percebo quando estou indo para a aula, mas não v nenhum.

Na aula de literatura, as cadeiras de Tessa e de Landon estavam vazias qu pequena parte de mim fica se gabando por isso. Ela está mais atrasada do que eu, sei que isso vai deixá-la irritada. Bem, é preciso encontrar alegrias nas coisas simples.

Passo meu tempo olhando para a porta e para as chamadas e mensagens c Molly, Jace e de uma garota esquisita cujo nome eu me esqueço. Quando Tessa e entram, eles estão tagarelando, e *ela* parece feliz e bem descansada. *Sem* olheiras, *sem nenhum* sinal de uma noite insone.

“Está pronta para nosso encontro de hoje à noite?”, pergunto quando Tessa quadril na minha carteira. O contorno do quadril dela é muito atraente. A mulheres, na lateral do quadril, é uma das partes de que mais gosto no cc sensual.

“Não é um encontro”, retruca ela, e então se vira para Landon e diz: “Vamos sair

“Dá no mesmo.” Olho para ela e observo a roupa que escolheu. Está usando calça suficiente para eu conseguir ver o formato de suas coxas e de seu traseiro. *Caramba.*

Tessa consegue me evitar durante toda a aula. Eu também não olho na direção de

Depois da aula, não ouço o que Landon diz a ela — o imbecil fala baixo demais - resposta dela. “Ah, a gente está só tentando se entender, já que ele e mini amigos.”

Só tentando se entender, né?

Dou alguns passos em direção ao Nerdácula e sua amiga nerdinha gostosa. Landon está por dentro da calça social. Esse cara sabe que deveria ser um univers

Ah, espera... ele tem grana. Mora numa casa grande perto daqui, com um homen meu pai, enquanto minha mãe vive na Inglaterra num buraco. E o que eu antiga de fraternidade cheia de caras esquisitos que não fazem nada para a incrível como quem banca tudo isso acha que ajudam. O namorado de Tessa prov

em uma fraternidade. Cabelos loiros, olhos azuis, mocassins, cardigã. Seria a com na verdade.

Bem, se ele aprendesse a beber pra cacete...

Landon olha nos meus olhos e não tenta disfarçar o que diz: “Eu sei, e você é ótir Hardin merece sua amizade”.

Sério? E o que eu mereço, Landon? Um paizinho novo e bacana que não ame a b ama seu filho biológico?

“Você não tem nada melhor para fazer a não ser falar mal dos outros? Se manda, maneira mais gentil que consigo. Se eu falasse o que realmente estava per nosso passeio, com certeza.

Landon não responde, só franze o cenho para Tessa, dizendo algo que de novo nã Quando ele se afasta, ela se vira para mim.

“Ei, não precisa ser assim tão cruel com ele... vocês são praticamente irm cuspindo fogo.

Praticamente *irmãos?*

Em que mundo maluco Landon e eu somos alguma coisa parecida com irmãos? Somos dois desconhecidos que por acaso têm um terceiro desconhecido

“O que foi que você disse?”, pergunto para ela, com raiva.

Só porque o merda do meu pai colocou o Landon e sua mamãe em uma mansão c com gotas de chocolate... espera... como Tessa sabe disso?

Passo os dedos pelos cabelos.

“Você sabe, por causa do seu pai e da mãe dele...”, responde ela, parecendo muit seguida sacode a cabeça e franze a testa como se tivesse acabado de deixar um se

Olho para o local por onde Landon desapareceu para ver se consigo encontrá-lo. “Isso não é da sua conta.”

Por que ele acha que tem o direito de falar das coisas da minha família? “Não sei

imbecil foi contar isso a você, mas pelo jeito vou ter que calar a boca dele.”

Estalo os dedos e ignoro o ardor da pele rasgada em meus dedos sempre machuca

Ela arregala os olhos para mim. “Não faça isso, Hardin.” Essa garota é m

“Praticamente tive que arrancar essa informação dele.”

Então, ela sabe sobre minha família agora? Por que seria justo? Ela não precisa sa
mim. Isso está indo longe demais. Isso tudo.

“E então, aonde vamos à noite?”, pergunta ela.

Está se aproximando de mim agora; sua curiosidade chegou a um nível pe
bem com isso. Ela provavelmente procurou respostas para outros questionar
também. Por que não moro com Ken e sua nova família, por que não cor

Provavelmente até perguntou como eu era na infância, e Landon deve ter despeja
a meu respeito. Ela já está me julgando, dá para perceber.

“A lugar nenhum. Não foi uma boa ideia”, digo a ela, e a deixo ali, plantada.

Eu não a quero ainda mais próxima do que já está. É invasiva demais, crítica dem
mais saber dela. Preciso ficar longe dessa garota. Quando chego ao carro,
latejando, e minhas mãos estão suadas. Por que ele fez isso? Por que Lan

minha família? Isso deve significar que ela sabe de tudo. Ou, pelo menos, das coi
Landon contaria: que meu pai é o reitor da universidade, que foi o terceiro melho
na faculdade, que adora esportes.

O que ela não sabe é que ele era um bêbado — da pior espécie — porque o queric
não conhece esse lado dele.

Fico me perguntando se ele sabe alguma coisa a respeito do cara, alguma coisa re
foi totalmente enganado pelo meu paizão querido?

Adoraria poder contar as coisas para ele enquanto comemos o bolo de coco de su.

De repente, eu me sinto claustrofóbico e desço o vidro para pegar um ar. A maçã
eu faço força, irritado por esse carro lindo ser tão velho. Recupero o fôlego depoi

segundos e finalmente saio da vaga do estacionamento. Se Tessa tivesse me seguido teria feito.

Estou no quarto há menos de dez minutos quando recebo uma mensagem está com a Barbie virgem no alojamento. É melhor correr, garanhão.

Quê? Como você sabe?, respondo, me perguntando como posso estar recebendo isso por ninguém menos do que Molly...

Ela está me zoando?

Não posso revelar minhas fontes.

Praticamente consigo ouvir sua risadinha pela tela enquanto calço as botas dentro está tão rápido que posso, a qualquer momento, ficar sem sapato no meio dos anos, e não existe nada mais confortável.

Sei que Molly não vai dizer mais nada, então, antes de ir para a rua, envio uma mensagem para Steph: Tessa está com o Zed?

A resposta dela vem na hora: Não, aqui, não J.

Percebo na hora que ela está mentindo, e piso mais fundo ainda no acelerador.



15

Quando abro a porta, Tessa está na cama de Steph com Zed, apesar de a sua estar uma cama pequena, com Zed. E com Steph e Tristan também, e Tessa só está sentada no mesmo assim. Está com Zed. Numa cama. Numa cama com Zed.

Parece a pior história de terror do mundo.

E me deixa puto da vida.

“Puxa, cara, você poderia pelo menos bater na porta primeiro”, Steph reclama, tei

de idiota. Ela sabe muito bem que eu entro direto. E é o que ela queria que eu fizesse. Contou para Molly, com certeza. Mas estou surpreso por Molly ter me contado. Sorri com os olhos e ri. “Eu poderia estar pelada ou coisa do tipo.”

Poderia?

Estava, seus olhos agitados me dizem. Sim, já a vi totalmente nua, então os peitos não são nem metade do tamanho que o sutiã com enchimento faz parecer. Mas ela tem uma das melhores bundas que já peguei...

Entro mais no quarto, e comento: “Não seria nenhuma novidade para mim”.

Tessa e Tristan fazem cara de coitados.

“Ah, cala a boca.” Steph ri, adorando receber a atenção que sempre quer.

“O que vocês estão tramando?”, pergunto, e me sento de frente para eles na cama. Sem falar que, menos, Zed não foi para a cama dela. Acho que isso é um consolo, de certo modo.

Zed sorri do outro lado do quarto minúsculo. *Por que* ele está sorrindo, porra?

“Vamos ao cinema mais tarde”, conta ele. “Tessa, você devia vir também.”

Tessa olha para mim e então, para ele. Parece nervosa. Vai dizer sim!

“Na verdade, Tessa e eu já temos planos”, respondo antes que eles possam dizer qualquer coisa.

Olho diretamente para Zed, lançando um aviso. Ele pisca lentamente, e me dá um sorriso calado quando olho para ele, não quer se meter em nosso drama. Ele não é um cara que está namorando uma bruxa.

“Quê?”, Zed e Steph perguntam juntos.

“Pois é, só passei aqui para isso.”

Mas Tessa continua sentada, não faz nenhum movimento para me acompanhar.

“Está pronta?”

Ela parece indecisa, como se estivesse em conflito consigo mesma. Quando toma uma atitude para convencê-la, ela concorda e levanta da cama.

“Bom, vejo vocês mais tarde!” Minha voz sai muito alta, e eu empurro Tessa para trás como se estivesse com pressa ou coisa assim.

Do lado de fora, ela me segue, dando passos largos para me acompanhar. Seus passos são compridos. As coxas são meio grossas. Não consigo parar de pensar que quero se abraçar com ela enquanto estiver trepando com ela em cima do capô do meu carro. Tento não pensar nisso.

Consigo sentir meu pau doendo, me implorando para pensar em como deve ser quando ela me abraçaria apertá-la...

Interrompo os pensamentos quando noto que chegamos ao meu carro e que ela está esperando o passageiro para Tessa de modo automático. No entanto, olhando para ela, vejo que ela não faz nenhuma menção de entrar, por algum motivo. Em vez disso, está de braços cruzados, esperando que seus seios subam.

Tenho certeza de que está tentando demonstrar raiva, mas só está conseguindo me fazer parecer mais gostosa.

“Certo, vou me lembrar de nunca mais abrir a porta para você...”, digo, ladeando o carro de sarcástico.

Ela sacode a cabeça para mim, e sei que está prestes a cuspir fogo. “O que foi isso que você não veio aqui para me buscar, porque acabou de dizer que não queria me abraçar?”

Agora, ela está gritando. Olho ao redor no estacionamento, que não está vendo ninguém notar as pessoas por perto. Tessa não me parece o tipo de mulher que gosta de chamar a atenção de todo mundo, apesar de já termos discutido em público duas vezes.

Ela me deixa maluco.

“Pois é, disse mesmo, agora entre no carro.” Faço um gesto para que ela entre. Eu sei que tudo — é melhor ela entrar.

“Não! Se você não admitir que não veio até aqui pra me ver, vou voltar lá para de cima do cinema com Zed!”, diz ela, cheia de confiança.

O que deu nela? Sempre diz que eu sou grosseiro, e veja como ela fala comigo! Uma hipócrita, isso sim.

Caralho, e agora?

Digo que Molly me contou? Claro que não... se fizer isso, a Tampinha nunca mais nada. E por que Tessa me ameaçaria dizendo que vai sair com Zed? Será que ela é sobre a aposta? Ela está armando alguma com Steph?

Não sei quase nada sobre ela, e já percebo que alguma coisa em sua cabeça não é bem que a Steph contou tudo.

“Trate de admitir, Hardin, se não quiser que eu volte lá para dentro”, ameaça ela.

Não sei se está de brincadeira ou não. Parece irritada de verdade, e suas narinas e — é bem engraçado. Vou aproveitar esse acesso de raiva.

“Certo, tudo bem. Eu admito. Agora entre na porcaria do carro. Não vou pedir de vencer a aposta, mas ela está se tornando um projeto bem complexo, e não vou in nisso para entregar o troféu a outro. Eu vou até o lado do motorista e de aberta caso ela queira entrar.

E, como eu esperava, ela entra.

Estou muito irritado quando saio do estacionamento. Eu havia decidido não fora —, e agora estou aqui com ela de qualquer modo. Minha cabeça está parece em conflito. Uma parte de mim quer gritar e descer os vidros para mas outra parte encontra um meio de manter a calma, lentamente, mas um imobilidade. Aumento o volume para desligar minha cabeça; isso costuma resolv aos berros cantando sobre morte e depressão em refrãos repetitivos, com s bateria para tornar a coisa ainda mais intensa.

Tessa parece não concordar com o Slipknot e estende o braço em direção ao rádio muito corajosa para fazer isso.

“Não encosta no meu rádio.”

“Se você vai ser um babaca o tempo todo, não quero ser sua amiga”, Tessa ameaça recostar no assento de couro para deixar bem claro o que pensa.

“Não estou sendo babaca. Só não encosta no meu rádio.”

Mal consigo respirar, e o barulho está encobrendo meu pânico. Quando vir vejo que está olhando para o rádio com muito ódio. Isso me tira de meu estado e apesar de provavelmente não ser o melhor momento para isso.

“Que diferença faz pra você se eu for ao cinema com Zed? Steph e Trista ela, elevando o queixo determinada.

Ah, claro, um encontro com dois casais. Acorda...

“Acho que Zed não tem boas intenções com você.” Não sei o que dizer e continuo só olhando para a frente.

Depois de um momento desconfortável de silêncio, Tessa começa a rir.
Qual é o problema dela?

“Ah, e você tem? Pelo menos o Zed é legal comigo.”

Ela ainda está rindo. O Zed é legal com ela? *Legal?*

Ele entrou numa aposta para tirar sua virgindade, querida, é o que não posso dizer.

Porque estou nessa também.

Fico quieto, e Tessa mantém a guarda de pé.

“Você pode baixar o som, *por favor?*”, ela grita mais alto do que a música.

Concordo. É melhor deixá-la de bom humor.

“Essa música é horrível.” Eu sabia que ela não ia gostar; só de olhar para ouve um certo tipo de música. O oposto do que eu gosto.

Tamborilo os dedos no volante e observo enquanto Tessa faz a mesma coisa distraidamente.

“Não é, não. Mas adoraria saber o que você considera música boa.”

Sorrio pensando no que ela ouvia na adolescência: 'N Sync, Jessica Simps alguns daqueles grupos horrorosos de garotas que a Mãe Inglaterra produz de ter

“Bom, eu gosto de Bon Iver e The Fray”, diz ela depois de pensar no assunto por

“Ah, sim, claro.” Uma banda de músicas cristãs e outra super-hipster. Não surpreende nem um pouco.

Certo, as duas fazem música boa, mas não no meu estilo. Prefiro uma coisa mais

“E qual é o problema? São supertalentosos, e a música deles é maravilhosamente boa. Quando viro a cabeça em sua direção, ela olha pela janela.

“Ah, sim... eles têm *talento*. Para fazer as pessoas dormirem.”

Tessa estende a mão e bate no meu braço de modo brincalhão. É uma coisa que todos os casais fazem o tempo todo, mas ninguém nunca fez isso comigo.

“Bom, eu adoro.” Ela sorri com orgulho. Parece estar se divertindo. “Para onde eu vou?”

“Para um dos meus lugares favoritos.” Não dou uma resposta exata. Ela já é curiosa.

“Onde é?” Ela continua a insistir, como sabia que aconteceria. É certinha demais.

“Você sempre precisa saber de tudo com antecedência, né?”, pergunto, virando o rosto para ela.

“É... eu gosto de...” Ela começa a se explicar.

“Controlar?”

Ela fica em silêncio.

Decido parar por enquanto. Não quero irritá-la demais. “Só vou contar quando chegarmos lá... o que, aliás, não deve demorar mais que uns cinco minutos.”

Seguimos em frente, e Tessa olha ao redor, confusa. Consigo perceber que está se esforçando para não perguntar de novo. Está tentando relaxar, e isso torna tudo mais fácil para mim. Depois de alguns minutos, vejo que está olhando para o banco traseiro.

“Está vendo alguma coisa interessante aí atrás?”, provoco, e ela nega sacudindo a cabeça. Uma mecha de seu cabelo comprido cai por cima do ombro, e ela a prende de novo. São cabelos muito macios. Fico tentando adivinhar se ela é loira natural, e me lembro da mãe. Sim.

“Que carro é este?”, pergunta ela, olhando para seus sapatos de pano.

“Ford Capri... um clássico”, digo a ela. Amo meu carro mais do que a minha própria vida. Tessa mantém a conversa, e eu conto a ela sobre o motor e o câmbio. Ela sorri e assente o tempo todo e, apesar de eu saber que ela não está interessada, é estranhamente bom conversar com um ser humano de verdade.

Depois de alguns minutos, olho para ela de novo, e ela está olhando diretamente para mim. Há uma pressão crescente na nuca, descendo pela espinha.

Perto demais. Ela está se aproximando demais.
É um jogo, Hardin. E ela faz parte disso.

“Não gosto que fiquem me encarando desse jeito.” Tento manter a seriedade.

Ela é curiosa demais, e estou percebendo que gosto disso mais do que deveria.



16

Entro em mais uma estrada estreita e estaciono no fim do caminho de cas
várias árvores frondosas. Eu adoro tudo aqui; ninguém nunca vem para cá, e isso

Principalmente num dia bom e raro como hoje, quando não está chovendo na Oly

céu nublado é uma coisa com a qual estou acostumado desde a infância em Hampt
na maior parte do outono.

Tessa olha ao redor, e então franze o cenho.

“Não se preocupe, nós não viemos aqui para eu matar você”, digo, tentando
dela enquanto saímos do carro.

Ela olha na direção do campo de flores selvagens amarelas, e seus ombros relaxam
O

que está pensando?

“O que viemos fazer aqui?”, pergunta ela.

“Bom, pra começar, uma caminhada.”

Tessa suspira e me segue pelo caminho de terra que costumava ser de gra
aborrecida. *Onde* eu estava com a cabeça? “Mas não muito longa.”

Ela não confia em mim, e parece estar de mau humor hoje. Vai entender. Quando humor? Foco minha atenção na nuvem de poeira que minhas botas levanta caminho seco e cheio de terra. Os passos de Tessa são quase silenciosos, incrivelmente devagar.

“Bem, se nos apressarmos, vamos chegar antes do pôr do sol”, eu a provo aproximamos de uma árvore com uma bicicleta velha e abandonada e amarrada a que marca o meio do caminho, e o percurso tem cerca de um quilômetro

Tessa diminui o passo, mas sua cara quando chegamos à água vale cada r surpreende um pouco, como se esse riacho simples no meio da mata fosse arregala os olhos.

Ela gosta de nadar? Eu provavelmente deveria ter perguntado.

Fico quieto, deixando que ela analise a paisagem antes de fazer qualquer p estamos juntos e a sós, não consigo pensar sobre o que falar. Talvez eu devesse e está de pé no mesmo lugar onde estava da última vez em que olhei para ela. Está com o sapato para não olhar para mim.

Que merda. Vou entrar na água.

Tiro minha camiseta e espero Tessa reclamar. Ela não diz muita coisa, mas conse que combinam muito bem com suas expressões. Com um sorriso, costuma irritação vem um bufar, e com a excitação, a respiração ofegante.

“Espera aí, você está tirando a roupa por quê?”, pergunta ela. Acho que não perce com que olha para meu peito. Em seguida limpa a garganta e pergunta: “Você vai

Ela aponta a água com uma cara de nojo. Claro que a Fresquinha não quer molhar cabelos.

“Sim, e você também. Faço isso o tempo todo.” Abro o botão de minha c continua reclamando.

Mas, mesmo assim, ela observa enquanto tiro a roupa.

“Eu não vou nadar aí.”

A água daqui é mais clara do que a da maioria dos lagos que já vi, na verdade, e é

isso que não suporta meninas de nariz em pé que têm medo de sujar de terra as unhas.

“E daí? Deve ter peixes e sabe Deus o que mais aí dentro!”, ela exclama.

Peixes? Sério? É com isso que essa garota esquisita está preocupada?

“Além disso, você não me avisou, então não trouxe biquíni.”

“Está me dizendo que você é do tipo que não usa calcinha e sutiã?” Sorrio para ela para vê-la só de roupa íntima. “É só entrar assim.” De jeito nenhum ela vai aceitar. Considero minha raiva crescendo atrás daqueles olhos acinzentados, e mal posso esperar pela resposta.

“Não vou nadar só de calcinha e sutiã, seu tarado.” Ela se senta na grama a alguns metros da barranca. “Vou ficar só olhando.”

Ela sorri e cruza as pernas.

Está olhando para meu corpo de novo. Dessa vez, está olhando para o contorno da cueca. Seu rosto está corado, e ela está se esforçando para desviar o olhar e se concentrada no monte de grama em sua mão.

“Você não é nada divertida. Azar o seu”, digo a ela quando pulo na água fria.

Caraaallo, a água está mais fria do que pensei. Nado em direção à margem e bate na água o dia inteiro e a temperatura muda drasticamente.

“A água está quentinha, Tessa!”, digo a ela.

Ela desvia o olhar do monte de grama que está acumulando para se distrair. Está olhando para mim e eu não tenho a menor ideia de como mudar isso. Ela nem sequer quer entrar na água, eu faço?

“Até agora essa amizade está bem entediante...”

Tessa revira os olhos e vira o rosto para o sol.

“Pelo menos tire os sapatos e molhe os pés. Está bem gostoso, mas daqui a pouco vai esfriar.”

Tessa concorda e tira os sapatos, colocando-

os bem alinhadinhos ao seu lado. Os sapatos que ela usa são esquisitos, parecem umas porcarias de pano presas a um solado de papelão confortáveis. Ela dobra a barra da calça e morde o lábio inferior ao enfiar os pés r

Espero pela reclamação, mas ela abre um sorriso. “Está boa, né?”, pergunto a ela

Ela desvia o olhar, inclinando a cabeça para o sol.

“Então entra.” Mergulho a cabeça na água e molho os cabelos, tentando convencê-la.

Quando me levanto, Tessa está recusando com um gesto de cabeça. Ela nã

Cacete, essa mulher é difícil. Espirro água nela, que dá um grito e volta c

Nunca estive aqui com outra pessoa; é meio esquisito ter companhia.

Como fazer para que ela entre? O dia todo vai ser uma enorme perda de tempo se água. Preciso negociar. Mas o que ela pediria em troca?

Ela não parece gostar de se comprometer...

“Se você entrar, topo responder uma das suas perguntas indiscretas de sempre. Pco coisa, mas só uma.” Digo minha ideia em voz alta assim que ela me ocorre. Tessa vai ficar interessada.

“Minha oferta expira em um minuto.” Tenho que dar um limite de tempo ou ela, c demorar o dia todo. Mergulho na água e prendo a respiração enquanto nac

Tessa provavelmente está com cara feia. Pensar nisso me faz rir, e eu quase engas

“Tessa...” Queria que ela parasse de pensar tanto. “Para de pensar tanto e pula lo

Ela olha para a roupa que está usando. “Não tenho roupa para isso. Se entrar na áq ter que entrar ensopada no seu carro.”

“Usa minha camiseta.” Com essa oferta, ela franze o cenho e olha para a roupa er que está perto da grama. “Sério, pode vestir minha camiseta. Ela é bem comprida de calcinha e sutiã também, se quiser”, acrescento. Claro que gostaria muito que c não ficasse de sutiã e calcinha, mas depende dela, claro.

Tessa olha ao redor de novo, observando a água e meu corpo seminu, e e minha camiseta do chão. Venci.

“Tudo bem, mas vire de costas, e nada de ficar me olhando enquanto eu me troco sério!”

A gatinha brava voltou. Dou risada, e ela faz um movimento esquisito com o qual para a frente e para trás para prender a camiseta preta entre as coxas enquanto tira depressa. Sou um cavalheiro... sério.

“Anda logo ou vou virar”, digo impacientemente depois de contar até trinta em si ela enquanto está abaixada colocando a calça jeans bem ao lado dos sapatos psicopata, alinhando os sapatos desse jeito. Por alguns segundos, eu me pergunto se eu jogasse seus sapatos na água. Ficaria puta da vida. Controlo um sorriso e fixo o corpo dela. As pernas são bronzeadas — é a primeira coisa que noto. Notei perfeitamente em seu corpo. Porra, por causa do tamanho dos seios dela, e das coxas. Puxo a argola de meu lábio entre os dentes e aproveito a vista.

“Hã... que tal você entrar na água?” Tento tossir e paro de olhar para suas coxas.

“Tá bom! Tá bom!”

“Pega um pouco de impulso antes.”

“Certo.”

Tessa respira fundo antes de correr em direção à água de um jeito tenso, cobre o rosto quando chega à beirada e para um passo antes de pular.

“Ah, qual é? Você estava indo tão bem!” Minha risada toma conta do espaço entre nós para Tessa de novo. Ela está me encarando, sorrindo e rindo à luz do sol, e isso me faz pensar: estamos fazendo aqui? Rindo um para o outro num riacho? O que é isso? Um dos Sparks nos quais a briga do casal é tão bonitinha que o trailer se espalha como fogo na internet? Mulheres entediadas achando que têm um herói literário para salvá-las. É mentira, e elas sempre, sempre, acabam com um marido de merda que não liga e nunca ligará para a família, só para si mesmo.

“Não consigo!”

Ela parece bem assustada. Será que tem medo de água? Meu Deus. “Está com me

“Não... Sei lá. Um pouco.”

Caminho pela água para me aproximar dela. Bato o dedão numa pedra grande no

“Senta aí na beirada que ajudo você a entrar”, ofereço. Estendo os braços quando

Ela tenta esconder a calcinha juntando as pernas, o que é bom. A última coisa de uma distração.

Minhas mãos seguram as coxas dela, e meu pau reage na hora.

Caralho, ela tem coxas muito macias e bonitas, no meio das quais estou louco par

“Está pronta?” Respiro fundo e passo as mãos para a cintura dela. Seu quadril se :
mãos, e preciso manter o autocontrole. Minhas mãos estão coçando para apertar s
la para a frente e trepar com ela aqui mesmo.

O que está acontecendo comigo? Eu não sou esse tipo de tarado. Seriam sua inoc
que é um convite ao pecado, ou seria o desejo competitivo de tomar seu corpo pa

Sua pele está quente quando ela entra na água, e eu a solto. A água bate logo abai

Ela estica as mãos e sente a água. Sua pele está toda arrepiada, o que dá para ver :

“Não fica aí parada.”
Preciso que você se mexa para que eu não fique aqui olhando para você o dia todo.

Ela parece me ignorar, mas entra um pouco mais no riacho. Ao passar pela água c
levanta como se tentasse decolar. Antes que eu consiga desviar o olhar, T
esticando-o dentro da água da melhor maneira que consegue.

“Você podia tirar isso de uma vez”, digo. Certamente eu não reclamaria.

Tessa torce o nariz e passa a mão pela água — ela
espirrou água em mim? É irritante como acho graça nisso.

“Está espirrando água em mim?”

Tessa ri e bate as mãos espalmadas na água.

Balanço a cabeça para tirar a água dos cabelos e parto para cima dela. Se puxando-a para dentro da água. Com as mãos pequenas, ela tapa o nariz. Ela ainda tapa o n

Dou muita risada. “Não sei o que é mais engraçado: o fato de você estar precisar tapar o nariz para afundar a cabeça.” Mal consigo falar porque estou rind

Tessa se movimenta na minha direção, com a cara de uma mulher muito determir braços e tenta afundar minha cabeça na água. É uma tentativa cômica. Para dizer tentava ignorar o fato de minha camiseta estar toda erguida ao redor de seu corpo ela ri de si mesma e minha barriga dói de rir. Sua risada é baixa; faz coi flores selvagens amarelas que vi no começo de nosso encontro.

“Acho que você ainda me deve uma resposta”, diz ela. Eu sabia que ela r pensei que fosse esperar um pouco mais antes de perguntar.

“Certo, mas só uma.”

Ela provavelmente vai perguntar alguma coisa idiota, tipo: “Você sentiu do tatuagens?”. Olho para a margem do riacho e espero pela intrusão.

Sua voz rompe o silêncio. “Quem você ama mais que qualquer coisa no mundo?”

Que porra é essa?

Que tipo de pergunta é essa? Estranha pra caralho. Não quero responder is *tenho* uma resposta. Agora estou ainda mais desconfiado sobre suas conversas com Landon : *Amor?*

Quem eu amo mais que qualquer coisa no mundo?

Quem eu mais amo? Bom, eu amo minha mãe, acho. Não digo isso a ela há anos,

Além dela, só eu. Eu me amo mais. Mas não acho que “eu me amo mais resposta.

Dane-

se: “Eu mesmo”, respondo com sinceridade. Não tive muitas namoradas na por isso nunca precisei fazer juras de amor falsas antes de ter idade para significava. Mergulho na água e desapareço por alguns segundos enquanto constrói uma série de ideias a meu respeito.

“Isso não pode ser verdade”, diz ela assim que sinto o ar fresco bater na pais?” E, assim, ela passa do limite. Tessa Young não tem limites para suas perguntas. Seus olhos estão com uma expressão suave, e seus lábios estão entreabertos em resposta. Detesto os olhos dela quando estão cheios de piedade.

Para, Theresa.

“Nunca mais fale dos meus pais, entendeu?”

“Desculpa, só fiquei curiosa. Você disse que podia perguntar qualquer coisa baixo. “Desculpa, Hardin, não vou mais falar sobre isso.”

Não sei bem se acredito nela. Está armando alguma. Consigo sentir isso. É muito intrometida. Eu nem a conheço, e com certeza ela não me conhece. Por que pode perguntar qualquer coisa?

Podem acontecer duas coisas hoje: vamos brigar até ela voltar correndo para o quarto ou vou seduzi-la e fazer com que queira ficar perto de mim.

Decido manter a civilidade. Prefiro não ter que voltar para casa num silêncio.

Estendo os braços na direção dela e envolvo sua cintura com minhas mãos. Seu corpo mergulha na água quando a levanto e a jogo para o lado. Ela grita e bate os braços no ar como seguida aparece na água com os cabelos ensopados e os olhos arregalados.

Está feliz.

A situação poderia tomar dois rumos, e eu, de algum jeito, fiz com que ela ficasse

“Você vai pagar por isso!”, ela grita, animada, e parte na minha direção. Ela é o mesmo que tem como se vingar. Tessa se aproxima de mim, com a água escorrendo pela pele está molhada e brilhando, e por que ela ainda está se aproximando?

Eu me assusto quando Tessa passa as pernas ao redor de minha cintura e ergue o direção que o meu. Eu deveria estar no comando aqui.

Ela fica tensa e relaxa a pressão das pernas. “Desculpa.”

Não, não.

Eu seguro as pernas dela, incentivando-a a envolver meu corpo de novo. É ótimo senti-la pressionada contra mim, tão quente. Quando passa as mãos pequenas ao redor do uma onda de pânico na base da coluna. Olho para ela e tento ler sua mente. É imp

“O que está fazendo comigo, Tessa?” Eu lhe pergunto enquanto passo o p inferior trêmulo. Sua respiração quente sai em baforadas profundas. O gosto de si fresco na minha memória. Eu quero sentir de novo, preciso.

“Não sei...”

Ela não sabe. Eu também não. Nenhum de nós entende isso, e podemos p depressa.

É o que eu quero.

Essa garota faz ideia de como é sensual? Sabe que só o contorno de seus lábios fa imagine coisas muito, muito obscenas com nós dois? Imagino Tessa de joelhos n: os lábios carnudos entreabertos, língua molhada e muita vontade de me ch

Quero esfregar meu pau contra seus lábios e provocá-la. Posso enlouquecer seu corpo, como ela está fazendo comigo. Sua boca tem um tom cor-de-rosa claro, e a curva do lábio superior é muito acentuada, como a de uma personagem de desenho animado. Uma personaj Jessica Rabbit.

Porra, estou perdendo a cabeça por ela. Isso não tem como ser bom.

Ainda bem que eu não tenho nenhum pudor em ser mau.

“Essa boca... as coisas que você poderia fazer com ela.” Paro e me lembro de cor em meu quarto e depois, no dela. “Você quer que eu pare?” Olho para el

nervosismo. Suas coxas ficam tensas ao redor do meu corpo, e encaro isso como se ela tivesse levado alguns segundos para reagir antes de agir.

Ela se aproxima mais, pressionando o corpo contra o meu embaixo da água.

“Não podemos ser só amigos, você sabe, né?”

Quando digo isso, ela respira fundo e eu me aproximo, pressionando os lábios contra o contorno de sua mandíbula, perto do queixo. Suas pálpebras tremem um pouco a boca, tocando sua pele molhada com carinho. Quando meus lábios tocam o pescoço logo abaixo da orelha, um gemido é emitido, me surpreendendo. “Ai, Ha

As palavras causam um choque em mim. A voz dela está muito rouca, muito dese

Está parada nos meus braços, e meu coração acelera ao pensar que tenho controle

Ela nunca foi fodida, apesar de eu ter certeza de que, pelo menos, já se masturbou

Quero ouvi-
la gemer meu nome de novo, assim como preciso sentir seu gosto outra vez.

“Quero fazer você gemer meu nome sem parar, Tessa. Você deixa, por favor, estranha quando imploro isso a ela.

O silêncio é total, exceto pela respiração ofegante e pelo correr da água ao redor de mim em uma onda calma. Ela assente.

“Fala pra mim, Tessa”, continuo. Eu puxo o lóbulo da orelha dela entre meus dedos e cuidadosamente mordero sua pele. Ela geme e se encosta em mim enquanto asse

Assentir não basta, Theresa. Você quer, então me diga.

“Preciso que você me diga, linda, pra eu saber se me quer de verdade.” Levo as mãos à barriga dela e embaixo da água.

“Eu quero...” A declaração de Tessa vem sussurrada, desesperada. Sorrio contra seu pescoço, e ela suspira. Essas duas palavras são um convite suficiente para meu corpo dela, que fica tenso — com receio de que eu a largue, acredito. Começo a beijar Tessa agarrada a mim. Suas pernas estão abertas, e ela pressiona meu pau duro a

Eu a solto quando chegamos à margem, e ela geme, literalmente. O som faz o sar para minha virilha. Eu subo a barranca e me viro para ajudá-la a sair da água. Ela estende o braço para mim; seus olhos estão fixos no meu peito. Eu observo enquanto ela olha para minha barriga, para a árvore seca desenhada na minha pele. Ela provavelmente tem tatuagens, por ser da cidade pequena e cheia de frescuras da qual deve ter vindo. Deus provavelmente ensinou a ela que pessoas com tatuagens são más e devoram tipo.

Tessa provavelmente está acostumada a ver o peito de pele clara e de pele do meu namorado. Observo com atenção enquanto ela continua me olhando, tentando dec

Seu namorado não tem tatuagens. Com certeza. Ele provavelmente também não tem tatuagens na pele nem na mente.

Eu me afasto, e ela permanece parada, esperando instruções.

Eu me vejo sem saber o que fazer. Ela ainda está olhando para a minha pele... Por que está olhando para a minha pele? Mais importante, por que isso me irrita tanto? Fiz isso para mim, não para uma garota que julga todo mundo.

Por que estou me justificando, porra? Eu nunca dou a mínima para o que as mulheres pensam; só penso em fodê-las e senti-las se desmancharem ao meu toque, numa distração mútua.

Para de pensar, Hardin. Estou como ela, pensando demais em tudo. O que está acontecendo comigo?

Vou direto ao ponto: “Você quer que seja aqui? Ou no meu quarto?”.

Será que posso trepar com ela aqui? Eu poderia deitá-la na grama, abrir suas pernas e fazer com que grite meu nome enquanto passo a língua em seu clitóris.

Tessa dá de ombros enquanto eu arrumo minha cueca. “Aqui”, ela decide.

“Apressadinha, hein?”, comento. Consigo sentir a atração do corpo dela ao meu, e ela também está sentindo. Sei que ela está excitada por minha causa, isso é óbvio, mas essa necessidade tremenda de me tocar, como eu sinto?

“Vem cá”, digo. Ela obedece com o rosto corado e passos lentos na minha direção
Mais rápido...

Sinto vontade de apressá-la.

Não tenho paciência para fazer joguinho agora, preciso senti-la. E preciso que ela me sinta. Vou comer Tessa aqui na grama. Vou deitá-la e tocar cada parte de seu lindo corpo. Minha camiseta preta está encharcada, totalmente moldada ao corpo dela como uma luva de borracha. E

Eu puxo a barra da camiseta para cima. Não é fácil tirar o tecido molhado; parece ficar grudado nela, assim como eu.

A primeira parte de nosso dia ficou sujeito à vontade dela, e proporcionei bacana. A segunda parte será como eu quiser. Não estou acostumado a co-responder quem mais amo no mundo. Estou acostumado a usar um corpo meu.



17

Ele estava prestes a vencer. Estava pronto para vencer.

E então percebeu que não estava pronto para ela de jeito nenhum.

Estendo a camiseta molhada sobre a grama como um lençol improvisado sobre o deitar. Meus dedos estão tremendo.

“Deita aí”, digo, e a ajudo a se deitar no chão comigo. Eu me coloco ao lado dela cotovelo para poder observá-la melhor. Seu corpo está exposto a mim, os seios fartos à mostra; a pele levemente bronzeada literalmente reluzindo ao sol. Ela é uma maçã su esperando que eu lhe dê uma mordida. Já vi muitas, muitas outras mulheres mais

mas Tessa está em outro nível. Enquanto admiro a curva de seu quadril até o cont arrebitados, duas mãos pequenas tentam interromper meu passeio visual. Eu me s macia sob meu corpo, uma coisa boa que a maldita chuva faz.

Seguro os braços dela com os dedos e os puxo para os lados. “Nunca tente se esc de mim”, digo, e ela olha em meus olhos.

“É que...” Seu rosto está corado, e ela desvia o olhar. Não deixo que ela termine

“Não, você não vai se esconder, porque não tem motivo nenhum para ter vergonh parece convencida. Quem arruinou a confiança dela? “Estou falando sério, olha s

“Você já ficou com tantas meninas...” Claro que ela tocaria nesse assunto. Que d estive com outras garotas? Não temos um relacionamento e nunca teremos. Nenh quem fiquei era como a Tessa; poucas eram parecidas, mas não costumo escolher que nunca foderam. Gosto de mulheres que já tenham experiência suficiente para que estão fazendo. Não sou professor de ninguém, muito menos na arte do sexo.

Tirando a Natalie. Aquela vozinha irritante soa em minha mente. Natalie, a igreja com uma bunda grande demais para não ser admirada e cabelos pretos com tão inexperiente que nem conseguia colocar a camisinha no meu pau. Ir à igreja t nascimento não deixou tempo para que aprendesse.

“Mas nenhuma como você.” Digo quando olho para ela. Tessa parece nerv novata, e quero me enfiar fundo nela.

“Você tem camisinha?” A voz de Tessa fica mais baixa quando ela diz “camisinh uma? Natalie não.

Por que diabos estou pensando na Natalie agora?

Posso foder Tessa aqui mesmo e vencer o lance todo. Posso penetrar seu corpo pu aquilo de que estava atrás. Ela está olhando para mim agora. Esperando. *A* traz meninas aqui para comê-las na mata. Principalmente as que nunca fizeram sexo na vida.

“Camisinha?” Dou risada, decidindo naquele momento que a transa não va vamos transar”, digo, apesar de querer.

“Ah”, diz Tessa com a voz envergonhada.

“Aonde você vai...”

Por que ela acha que vamos embora se eu não vou comê-la?

“Ei... Não, Tessa, não foi isso que eu quis dizer. É que você nunca fez r
mesmo, então não posso transar com você.” Tento perceber se ela acredita em mi

“Hoje”. A leve vermelhidão em seu rosto desaparece.

“Tem tantas outras coisas que quero fazer com você primeiro...” E tem mesmo. N
ela implora por mim. Preciso que seu corpo se entregue ao meu toque. Ca
pertencer a mim nesse momento. Eu a tenho aqui, com o corpo exposto e pronto,
que puder, por ela.

Subo em cima dela, que treme um pouco quando gotas de água caem de meus cal

Eu sorrio e observo quando ela fecha os olhos, esperando mais água.

“Não acredito que ninguém nunca comeu você.” Estou sendo muito sincero
corpo no dela para que ela tenha uma leve ideia de como seria se eu a fodesse hoj
cotovelo e coloco a mão no pescoço de Tessa, passando as pontas dos dedos entre

Parecem muito macios, grandes o bastante para que eu possa enfiar o pau
vezes, mas eles permanecem arrebitados, com os mamilos apontados para cima, c
à espera da minha boca. Se eu parar aqui para admirá-
los com meu toque, não vou conseguir me
controlar. Ainda bem que ela está usando sutiã.

Meus dedos descem por sua barriga, pela curva suave e modesta de sua barriga. S
arrepada, e ela suspira. Enfio a mão por dentro de sua calcinha, passando o poleg
baixo da costura. Meus dedos passam por cima da boceta, procurando pela umida
clitóris.

“Está gostoso?”, pergunto, e seguro o clitóris com o polegar e o dedo indicador.

Ela não responde. Está molhada e quente; seu corpo está se entregando a
toque. Acabei de começar a mostrar o que posso fazer que ela sinta. Abai
lábios sobre os seus.

“É mais gostoso do que quando você mesma faz?”, pergunto. Solto seu clitóris e o

por sua abertura. Fico tentando imaginar como ela faz para gozar quando está sozinha. Ela esfrega o dedo no clitóris ou enfia o dedo? Tenho a sensação de que ela deve ir direto ao ponto, ao contrário de mim. “É ou não é?”, pergunto de novo.

“O-o quê?”

“Quando você se toca... É assim também?”

Ela continua sem responder... Por que não me diz?

É sensual, sensual pra caramba, imaginá-la deitada em sua cama, com as pernas abertas e os dedos pequenos estimulando seu corpo. Ela teria que fazer silêncio porque sua cabeça está dormindo, mas se masturbaria até gozar e cobriria a boca com uma mão. Ela pode até morder seu lábio carnudo ou conter a respiração ofegante enquanto se masturba.

Preciso saber como ela faz isso, mas Tessa ainda está olhando para mim como se eu fosse uma alienígena. Só perguntei como ela se masturba.

Ah.

De repente, me ocorre que a Fresquinha nunca fez isso.

“Espera aí... você nunca fez isso também, né?”, pergunto enquanto continuo a praticar meu toque, curtindo a umidade que sua excitação causa. “Você reage tão bem ao meu toque, fica tão ruidosa...”

Ela geme. O som é incrível. Presto atenção ao seu clitóris e delicadamente o aperto e esfrego até ele ficar molhado.

“O que... foi... isso?” A voz de Tessa não passa de um sussurro, e toda a resistência desaparece. Repito o toque prazeroso e o esfrego em círculos pequenos com meu dedo indicador, ofegante agora, as pernas se contraindo, e sei que ela está perto. Muito perto. Mal consigo conter a respiração. Ela se descontrola por minha causa. Não acredito que ela nunca sentiu a euforia que sinto.

Porra, ela não sabe o que está perdendo.

Suas costas se arqueiam na grama, aproximando seus seios do meu rosto. Só uma faria mal.

Sim, faria. Eu me distrairia. Eu a beijo de novo, dessa vez pra valer, dando a ela o que ela precisa. Estou oferecendo a ela algo que nunca sentiu. Ela está se desconectando a causa disso. Meu toque. Eu.

Enfio a mão livre dentro do sutiã, segurando seu seio perfeito. Eu o massajeio, fazendo ela sentir mais de uma sensação por vez. Suas pernas tremem agora.

“Isso mesmo, Tessa, goza pra mim”, eu a incentivo. Ela está deitada na grama, com o rosto corado, e seus olhos... seus olhos estão enlouquecidos.

“Olha pra mim, linda”, imploro, mordiscando a carne que transborda de seu sutiã

“Hardin”, ela geme, com a voz rouca, recusando-se a me deixar desviar o olhar. Ela é muito sensual, erótica, mesmo sem tentar.

“Hardin...” Ela me puxa mais para perto ao dizer meu nome. Está ofegante, tenta controlar.

“Vou dar um minutinho pra você se recuperar”, digo ao tirar a mão de dela lentamente. O rastro molhado de seu orgasmo brilha em sua barriga onde minha respiração suspira, e eu passo a mão na cueca para limpá-la.

Meu pau está muito duro agora, e mal consigo pensar com clareza. Ela aí com cara de quem acabou de ter o melhor momento da vida. E gostaria de sentir isso. Deus sabe que eu daria isso a ela num piscar de olhos. Quero penetrá-la com toda a minha vontade.

Quero ouvi-la respirar fundo e sentir sua boceta apertada.

Não hoje, não posso. Fico de pé e pego minha calça jeans e os sapatos da barranca.

Sinto que Tessa me observa enquanto me visto de novo. “A gente já vai?” Ela pergunta baixa, tomada pela incerteza.

Ela quer que eu a faça gozar de novo? Deve estar querendo, já que agora

reage deliciosamente.

“Já, você quer ficar mais?”

“Só pensei que... sei lá. Achei que você fosse querer alguma coisa...”

Ela parece humilhada. Por quê? Já está arrependida por ter me deixado fazer com

Eu deveria ter imaginado.

Tessa muda a posição em que está, cobrindo o corpo. Já está tentando se disse que pensou que eu ia querer alguma coisa...

“Ah, não. Tudo bem.”

Eu adoraria ver sua língua quente na cabeça do meu pau agora, isso não está no plano.

Mas, em vez disso, acrescento: “Agora não”, para que ela saiba que vou gostar m acontecer. Tessa assente e veste a calça jeans e a camiseta.

Observá-

la se vestir mexe com minha cabeça. Sinto vontade de me aproximar e despi-la de novo.

Ela se remexe como se estivesse sentindo desconforto entre as pernas. Não deve e não a penetrei. Provavelmente não está acostumada a sentir a calcinha molhada a me faz querer rir e me excita demais ao mesmo tempo.

“Algum problema?”, pergunto a Tessa no carro quando pegamos o caminho desceu um pouco, e o vento está úmido. Vem chuva por aí.

“Não sei. Por que você está sendo tão esquisito?”

Esquisito? Como assim?

“Quem está sendo esquisita é você.”

“Nada disso, foi você que não me disse uma palavra desde que... você sabe.” Ela para ser específica.

Digo por ela: “Desde que fiz você gozar pela primeira vez?”.

“Humm, é. Depois disso, você não falou mais nada. Já foi logo se vestindo, e a gente fica parecendo que estou sendo usada ou coisa do tipo.”

Usada? Para quê?

Ah, ela está *mesmo* sendo usada. Droga.

Mas ela não sabe disso. É só sua insegurança fazendo com que pense assim.

“Quê? Claro que não estou usando você. Quem usa as pessoas geralmente quer a troca”, respondo e dou uma risadinha.

Quando olho para ela, vejo que não está rindo. Seus olhos estão vermelhos, e uma lágrima rola de seu rosto. Merda.

Está chorando?

“Você está chorando? O que foi que eu falei?” Não compreendo. Por que ela é tão sensível que precisa fazer com que eu me sinta tão culpado? Ela transforma tudo que eu digo em grosseiro. Não me considera muito legal, e não posso criticá-la por isso. Ela é sensível demais.

“Não foi isso que eu quis dizer... desculpe. Não estou acostumado ao que acontece com alguém, mas também não ia deixar você no alojamento para depois cada um ir para casa.”

Que tal sair para jantar ou coisa do tipo? Tenho certeza de que você está morrendo de fome. Ela sorri para mim, e a dor em meu peito diminui muito.

“Então, de que tipo de comida você gosta?”, pergunto a ela. Não sei aonde levá-la. Nunca saí para comer sozinho com uma mulher. Triste, eu sei, mas a maior parte do meu tempo acontece em outro lugar.

Tessa enrola os cabelos embaraçados com as mãos para puxá-los para cima. Acho que gosto dos cabelos dela presos... assim, consigo ver mais de seu rosto.

“Bom, na verdade gosto de tudo, desde que saiba o que estou comendo... ketchup.”

“Você não gosta de ketchup? Os americanos não são malucos por aquilo?” Que g

“Não faço ideia, mas acho nojento.”

Ela é muito determinada, orgulhosa e certa de seu ódio por ketchup. Chega a ser c

Ela ri comigo. “Então podemos ir a uma lanchonete mesmo?”

Quando ficamos muito quietos, pergunto: “Quais são seus planos para depois da t

Droga, já perguntei isso a ela. Sou péssimo em puxar conversa.

“Vou me mudar para Seattle para procurar emprego em uma editora ou então con

Sei que é bobagem.” Ela olha para as mãos. Não é bobagem; tenho o me
perguntou isso antes, lembra?”

“Não é bobagem. Conheço uma pessoa na Editora Vance. É meio longe, r
pena se candidatar para um estágio. Posso falar com ele.” Vance faria qualquer co
inteligente como a Tessa naquele lugar.

“Como é? Você faria isso por mim?” Ela está surpresa. Consigo perceber em sua

“Claro, não é nada de mais.” Dou de ombros. Odeio a atenção que estou recebenc

Consigo sentir Tessa toda animada na minha frente. Não é nada de mais c
alguém na Vance. Eu ajudaria qualquer um. De verdade.

“Uau, obrigada. De verdade. Vou precisar de um emprego ou de um estágio

trabalhar numa editora seria, literalmente, realizar um sonho!” Ela bate pal
literalmente, como uma criança que acabou de ganhar um urso de pelúcia
diversões. Sinto vontade de sorrir.

Quando estaciono, Tessa parece um pouco incerta em relação ao restaurant
seus olhos observam a fachada antiquada.

“A comida daqui é boa demais”, prometo, e saio do carro. O restaurante está quase nos sentamos. Uma mulher mais velha e atarracada traz os cardápios, e eu tento o lugar, menos para Tessa.

Ela começa a conversar comigo depois de pedirmos a comida. Tenta saber sobre mas eu não deixo.

“Meu pai bebia muito; quando ele foi embora, eu era menor”, diz ela, de repente.

Não digo nada, só olho para meu prato e tento não imaginá-la criança, escondendo-se do pai que teve, tão merda quanto o meu.

Eu fico calado durante o trajeto de volta, e me concentro em usar os dedos para dar na perna de Tessa.

“Você se divertiu?”, pergunta Tessa quando chegamos ao campus. É um questionamento de expectativas.

Eu me diverti, sim. Gostaria de ter me divertido mais, fazer com que ela gemesse meu nome enquanto eu a penetrasse sem parar.

Mas só digo: “Ah, sim, foi divertido. Escuta só, eu até queria acompanhar você at não quero ficar sendo interrogado pela Steph...”.

Eu me ajeito no banco para olhá-la. Está decepcionada, apesar de estar se esforçando para manter o sorriso falso no rosto.

“Tudo bem. A gente se vê amanhã”, diz ela, com um tom de lamento.

Percebo que ela não quer ir, e saber disso me agrada. Ela me olha, esperando que eu diga algo. Não digo nada, mas estendo a mão e pego uma mecha de seus cabelos. Não tenho muito a dizer, mas quero senti-la de novo. Quero sentir essa calma enorme que ela traz consigo quando me toca. Ela vira o rosto para repousá-lo em minha mão, e parece bem mais jovem, receptiva e aberta a mim. Seguro seus braços, pedindo para que se aproxime e fique mais perto. Ela cede e passa por cima do câmbio para se sentar no meu colo quente depois da tarde ao sol, e as mãos de Tessa contornam os desenhos em min

da camiseta fina. Cada toque de seus dedos cria um arrepio.

Toco sua língua com a minha, recebendo tudo o que ela pode me dar. Pa-
costas, puxando-
a para bem perto. Ainda não basta, preciso de mais. Não me canso dessa

Minhas mãos sobem por sua barriga quente, e somos interrompidos por um toque

“Outro alarme?”, pergunto enquanto ela procura o telefone na bolsa. A tela de seu
pequena, mas grande o suficiente para eu conseguir ver o nome que aparece nela:

Seu namoradinho querido resolveu ligar enquanto ela está no carro com a língua

Ela aperta ignorar e sorri para mim. Sério? Acho que não é tão inocente
orgasmo parece ter tirado sua moral, um pouco a cada gemido.

Percebo que ela nunca vai contar a ele nada do que aconteceu hoje. Nadinha. Vai
carro e telefonar para seu namoradinho assim que entrar no carro. Vai dizer
responder que também a ama, e ela vai sorrir da mesma maneira que sorriu quan-

Ela passa a língua pelos lábios e se inclina para me beijar de novo.

Não, não.

“Acho melhor eu ir embora”, suspiro e olho pelo para-brisa.

“Hardin, eu ignorei a chamada. Vou conversar com ele sobre tudo isso. Se
quando... mas vai ser em breve, prometo.”

Bem, eu estava enganado quando disse que sua moral tinha desaparecido, mas isso
pensei. Ela passou uma tarde comigo e agora vai terminar com o namorado de infância
de que eu o substitua?

Não, não.

O clima no carro está pesado, sufocante, enquanto Tessa espera pela minha resposta

“Conversar com ele sobre o quê?”, pergunto, sabendo que não deveria iludi-la
inocente ainda mais.

“Sobre tudo isso.” Ela movimentava as mãos, e tenho certeza de que não vou

respirar. Onde eu estava com a cabeça quando fiz isso com ela? Deveria ter só tra jantarzinho depois, e sem discussão sobre ketchup, sem falar de futuro. Co fazem, agora ela quer fazer parte da minha vida. É uma doida de pedra se possível. “Sobre nós.”

Ela está usando palavras como nós, e isso é assustador. “Nós? Você não está me dizendo que vai terminar com ele... por minha causa, né?” Ela parece mais pesada em me sólida do motivo por que as virgens não são meu alvo prioritário. Nem mesmo N; tinha perdido a virgindade com um cara da igreja enquanto “dava uns amassos”.

“Você não... não quer que eu faça isso?” Tessa franze a testa, confusa.

Cara, isso está degradingolando depressa.

“Não, por que ia querer? Quer dizer, se você está a fim de dar um pé na bunda de mas não vem me dizer que é por minha causa.”

“É que... eu pensei que...”

“Já disse pra você que não namoro, Theresa.”

Ela se retrai, magoada com minhas palavras. Isso está pior do que pensei que seri sinto vontade de dizer que não quero ser um cretino, mas que isso está enraizado

de meu ser, não é culpa minha. Nem dela. Só que é, sim, culpa minha, é culpa minha não ter um pingão da vontade que as pessoas têm de se unir e viver felizes para sempre enq bocados. Simplesmente não consigo.

“Você é um escroto.” Ela sai do meu colo e logo pega o telefone e a bolsa. Sua au colo me afeta. Assim como a tempestade que aparece em seus olhos. “Fica longe diante... Estou falando sério!”, ela grita e sai correndo.

A voz de Natalie dizendo exatamente a mesma coisa para mim, com os olhos che resoa em minha mente. Os olhos de Tessa estão marejados, mas ela está orgulho. Somos parecidos nesse aspecto; o tamanho irracional do orgulho e perigoso.

Tessa abre a porta do carro e sai sem nem olhar para mim. Bate a porta com força

estacionamento. Imediatamente, arranco com o carro e aumento o som. Pre silenciar o furacão que toma conta da minha mente. Minhas mãos estão formigan a toda velocidade.

Natalie, Theresa. Natalie, Theresa.

Natalie de pé no terraço na casa da minha mãe em Hampstead, com uma estampa de flores presa ao peito e os olhos vermelhos cheios de lágrimas.

“Por favor, Hardin”, ela chorava. “Não tenho para onde ir.” Ela implorou. Uma n se projetou no ar frio enquanto ela falava. Eu não consegui colocá-la para dentro. Não consegui, simplesmente. Soube que sua família e a igreja a haviam abandonado, exp a de seus santuários. Ela pareceu tão pequena naquele momento; seus olhos azuis bri enquanto ela esperava, torcendo para que eu mudasse de ideia.

Mas eu não mudaria, não podia mudar, porra. Não podia permitir que ela ficasse

Minha mãe mal ficava em casa, assim ela ficaria sozinha comigo o tempo fazer por ela? Eu não queria nada com a garota e, mesmo se quisesse, nã ajudá-

la. Meu pai era um alcoólatra que a acordaria quando entrasse na casa cheirando a paredes manchadas de fumaça de cigarro, com um fedor que já tinha impregnado dormiria se de repente ele voltasse? Já estava longe havia alguns anos, ma acreditava que pudesse voltar. Eu era um tonto.

Agora ele voltou, e tem uma bela família e um casarão, e eu odeio pensar tanto nisso. Já me para outro país para morar perto dele, e agora ele entrou nos meus pensar minha cabeça o dia todo.

Uma buzina me leva de volta ao presente, e rapidamente viro o volante, fazendo a para mim de novo. Meus olhos não conseguem ajustar o foco; o mundo do lado d para-brisa é um borrão.

Piscando algumas vezes, levo a mão ao botão do volume do rádio. Preciso parar r

Meu peito está doendo, uma batida constante e forte dentro de mim. Meus ossos e

a força dela. Consigo sentir gotas de suor, talvez lágrimas, encharcando minha pele passo a mão no rosto.

“Porra!”, grito. Preciso de ar. Parece que minha garganta está se fechando, então o frio do outono entra no carro, acalmando minha respiração.

O rosto de Natalie está vívido em minha mente. Tessa se une a ela, e as duas estão gargalhando e me provocando. Estão rindo do poder que têm sobre mim. O espaço se amplia, e Natalie desaparece. Que porra é essa que está acontecendo comigo? Preciso de Tessa, independentemente da aposta idiota que tenha feito, mesmo que eu não possa ganhar quando Zed ganhar.

Zed.

Ele é sempre um problema. Não consigo tolerar a ideia de que ele possa tê-la. Penso nele e nas gotas de suor em sua pele enquanto pressiona o corpo contra o dela.

Fecho os olhos e encosto o rosto quente no volante frio. Em que bagunça eu fui n

Quando vou à aula de novo, Tessa não está sentada em sua cadeira. Está vazia, assim como a de Landon. Eu me sento e pego meu telefone. Recebo uma mensagem de texto de Landon para tomar alguma coisa na hora do almoço. Recuso e enfio o celular de volta no bolso preto. Ela é meio justa, mas tudo bem. Minhas pernas são compridas demais para o shorts largo, fico parecendo um palhaço. Tem uma mancha de caneta — ou talvez seja de café que não sai na água — na manga da minha camiseta branca. Eu não quero que as merdas que as mulheres passam no rosto devem fazer mal ao meio ambiente.

Eu me esqueço da realidade nojenta sobre minha higiene pessoal quando Tessa entra.

Olho diretamente para ela, chamando sua atenção para mim quando ela caminha para mim da frente. Fico surpreso por não ter escolhido outro lugar. Acho que a raiva que sinto é forte no momento.

“Tessa?”, sussurro na pequena distância entre nossas cadeiras. Ela me ignora, mas se retrai quando eu disse seu nome.

“Tess?” Ela engole em seco, e respira num ritmo nada natural. A tensão é palpável.

consigo senti-la com toda a força, irradiando de nós dois.

“Não fala comigo, Hardin.” Ela ajeita os ombros para mostrar que está falando sério.

“Ah, qual é?” Tento desarmá-la com um sorriso, mas ela não está nem aí.

Ela lambe os lábios e diz: “Estou falando sério, Hardin, me deixa em paz”.

“Tudo bem, como você quiser.” Se ela quer ser difícil, eu também sei ser difícil. A dificuldade.

Landon entra na conversa parecendo um cãozinho ansioso. “Está tudo bem?”, pergunta.

“Está, sim.” Ela assente e se ajeita para me dar as costas de vez.

A semana se passa com noites em claro e apelos irresistíveis das garrafas empoeiradas da pia. Está cada vez mais difícil ignorar o canto das sereias. Na sexta-feira, estou exausto. Estou um caco e me sinto um caco. Quando chego à aula de literatura, Landon está sentado olhando nos meus olhos imediatamente.

“Preciso falar com você”, ele insiste. Olho ao redor para ver se tem mais alguém que poderia estar se referindo. Não pode ser comigo, mas Tessa acabou de entrar nela.

“Sim, você”, diz ele, parecendo mais irritado do que antes.

Eu me sento na cadeira e o ignoro. Cruzo as pernas embaixo da carteira e me recosto de plástico.

“Gostaria de reforçar um convite para um jantar em alguns dias. Nossos pais com você.” Ele deve perceber sua própria estupidez, porque se corrige: “Minha mãe e

Nossos pais? Ele é demente ou o quê?

“Nunca mais diga isso, seu merda.”

Em um movimento para se levantar, Landon pousa a mão em cima da mesa. Que

“Deixa o Landon em paz, Hardin!”, Tessa grita e segura meus braços para que eu não vá embora. Ela realmente não sabe cuidar da própria vida. Abaixo os braços: *Merda*. Por que ela tinha que chegar logo agora?

“Você precisa aprender a cuidar da sua própria vida, Theresa.”

Tessa se inclina na direção de seu melhor amigo e sussurra alguma coisa para ele. Seu melhor amigo é uma idiotice, mas aposto que é assim que esses dois trouxas se comunicam.

“Ele é um imbecil, nada mais. Isso resume tudo”, Landon diz com o sorriso mais largo que eu já vi. “Ele é capaz.”

A risadinha de Tessa me irrita profundamente.

Ela se vira para Landon: “Tenho uma boa notícia!”. *Eca.*
Ela está fazendo showzinho por minha causa, provavelmente pensando que não percebo essas táticas infantis.

“Sério? Qual?”

“Noah está vindo me visitar hoje e vai ficar aqui o fim de semana todo!”

O ciúme começa a me invadir, e não parece disposto a me abandonar. A cada vez que ele sorri, sinto meu olhar fulminante aquecendo sua pele, e cada watt de claridade do sorriso faz minhas mãos formigarem sobre a mesa mais e mais.

“Sério? Que ótima notícia!” Landon puxa o saco de Tessa, e nenhum dos dois percebe quando eu finjo vomitar.



Conforme ele foi conhecendo a garota, seus medos começaram a aumentar. Ele nunca havia enfrentado muita concorrência no que dizia respeito a casos com garotas. Suas breves aventuras

amorosas nunca eram ameaçadas por outros homens.

Isso até o cara perfeito de cabelos dourados entrar na dança, conhecendo dela. Ele sabia que o garoto havia visto a garota crescer, que permaneceu ao lado dela na maior parte do tempo e provavelmente a conhecia melhor do que ninguém. Era fácil odiá-lo, mas no fim ele notou que a presença do garoto não oferecia risco nenhum.

Enquanto atravesso o corredor do alojamento de Tessa, tento afastar os pensamentos. Imagino Tessa nua sob o corpo de seu namoradinho. Ele mantém os ombros enquanto transa com ela.

Se esse pensamento não me deixasse enojado, eu acharia a imagem hilária.

Bato à porta de Tessa uma vez antes de girar a maçaneta e entrar. Não está trancada, claro que ela e o namorado não estão planejando nada muito louco. Ela e o namorado estão na cama no escuro, e Tessa se sobressalta quando me vê, abrindo espaço entre eles.

“O que você está fazendo aqui?” Tessa eleva o tom de voz assim que percebo chegar. “Não pode ir entrando desse jeito!”

Abro um sorriso para o casal adorável.

“Vim ver Steph.” Eu me sento na beira da cama de Steph, sabendo que estou me

Eu me viro para Noah, querendo irritá-lo. Ele é tranquilo ou chato como a Tessa? Tessa provavelmente vai mijar na calça assim que eu disser o nome dele. “Oi, Noah, tudo novo.” Penso em propor um aperto de mãos. Tenho certeza de que ele está cumprindo no clube de campo do qual é sócio.

“Ela está com Tristan, provavelmente lá na sua casa.” Ela diz isso como se estivesse mandando embora.

Ainda não, loirinha.

“Ah, é?” Brinco com os nervos de Tessa. “Vocês dois vão à festa?” Isso é divertido. Consigo imaginar o carinho se adaptando bem à fraternidade — encont

mesmo cabelo loiro que o receberiam muito bem. Sua alma pura seria maculada, encontrar outro modelo da Abercrombie. Que vida dura.

“Não... não vamos. Estamos tentando ver um filme”, responde Tessa. Noah se mureta quando ele segura a mão de Tessa. Consigo perceber o desconforto dela, m

“Que pena. Eu já vou indo...” Eu me viro, e um pouco da pressão desaparece de : Noah...” Faço uma pausa entre minhas palavras e observo Tessa ficar tens cardigã.”

Tessa parece aliviada quando percebe que não vou fazer escândalo.

“Obrigado. É da Gap”, responde ele, sem perceber que estou tirando sarro de sua

“Percebi. Divirtam-
se”, digo e saio do quarto. Meu peito arde quando fecho a porta. Ele é u
trouxa.



19

Quando sua vida estava começando a fazer um pouco de sentido, voltou a ser sacudida. Ele acreditava ter total controle sobre si, sobre ela, sobre tudo. Estava resistindo à dose do destilado amargo. Só voltou a querer beber como antes quando conversou com o pai ao telefone, ao receber um resumo da vida nova — e melhor — do sujeito.

Quando desligou o telefone, não teve opção.

Estava totalmente sozinho com sua única amiga. A garrafa de uísque estava quase vazia; nesse aspecto, era como ele.

Quando chego à casa dos Scott, estaciono bem no meio da entrada para carros. O

linda dos infernos. Fica bem no meio de um gramado perfeitamente verde. Ken e grana para cuidar do jardim, sem dúvida; também gastam uma grana com os cuidados si mesmos. A futura esposa de Ken ama morar aqui, tenho certeza. Provavelmente dinheiro dele para cuidar de si também.

Estou puto da vida.

Estou irado, e ainda não bebi o bastante para conseguir lidar com essa porra. Que merda diz ao único filho que vai se casar com outra mulher bem quando reaproximar? É exatamente por isso que eu não queria saber dele. Estou puto com o quarto da garrafa de uísque no armário. Minha cabeça está latejando, a garganta e sinto o ardor do uísque. Scott tem umas belas garrafas que ganhou de seus colegas ao voltar das férias na Escócia. O merda do meu pai vai se casar, e ele diz que casaremos. Em breve, muito em breve”.

Nos casaremos? Por que ele está falando assim, todo empolado? E me conta isso

“Nos casaremos”, repito ao subir os degraus da varanda com dois passos compridos por tanto mato em casa que acabo me sentindo na selva. Porra, acho isso horrível.

Antes de qualquer coisa, preciso de mais uísque.

“Cheguei!”, exclamo para a escuridão.

E estou ferrado. Estou bêbado, mas não tanto quanto quero. Preciso de mais uísque. Preciso de mais destilado. Sempre tem.

Bato à porta, e ninguém atende. A casa do cara é grande demais. Casa idiota de tijolos

“Oi?”, grito para o quintal escuro, e ouço grilos atrás de mim. As varandas de todas as casas estão com as luzes acesas, e toda casa tem uma picape estacionada na frente, com

choques e adesivos da WCU. Todos os acadêmicos mais bem pagos moram aqui, e eu sou um pouco de touca para baixo, torcendo para parecer mais ameaçador do que o normal.

Landon abre a porta antes de eu perceber que estou batendo de novo. Meus olhos se

“Hardin?”, pergunta ele com a voz baixa, como se eu o tivesse acordado.

“Não”, digo, passando por ele na varanda. Caminho diretamente para a cozinha para que ele possa me ouvir enquanto me segue. Meus olhos param por um instante em uma garrafa de flores cor de vômito e cheio de frescura me incomoda. “É outra pessoa idêntica ao modelo acha você ainda mais idiota do que o outro.”

Abro um armário na cozinha e começo a procurar. Meu doador de esperma desde que ficou sóbrio, jogou fora a maioria de suas bebidas, mas sei que mantém uma garrafa de um uísque raro aqui. Talvez seja um lembrete, talvez uma tentação, mas não sei. Eu já o ouvi falar mais dessa garrafa idiota, e com mais prazer, do que fala sobre qualquer coisa que estou aqui. Ele sempre a deixa num canto diferente; não sei se esconde a garrafa ou se a usa como marco constante de sua sobriedade. De qualquer modo, ela é minha.

“Eles não estão em casa. Minha mãe e o Ken estão passando o fim de semana em Landon explica o que eu já sei.

Fico quieto, não quero conversar com esse cara que logo vai ser meu irmão postico. Ele me dá nojo. Eu não deveria ter família, nem irmão para cuidar de mim e vice-versa. Sou sozinho e cuido do meu nariz.

Continuo procurando, e passo para o quarto de Ken e de Karen. O cômodo é bastante suficiente para três camas *king size* como essa com dossel que eles têm no meio do quarto. A penteadeira, as cômodas e a cama são de cerejeira escura, a mesma da mesa de Ken.

Idiota metuculoso.

O quarto é horroroso e é de péssimo gosto, então espero que Ken e Karen sejam felizes com sua mobília combinando e vida perfeita. Puxo a cordinha dentro do armário e passo a mão pelas estantes. Depois de encontrar um pouco de pó e uma caixa, me lembro de um objeto de vidro. Na mosca.

Desço a garrafa com cuidado e limpo uma camada fina de poeira que se acumulou durante a exibição pública realizada por Ken. Na mesma hora, abro a tampa, sentindo uma explosão quando o plástico se rasga, estragando o selo ainda intacto.

O scotch queima minha língua, e faz arder um pequeno corte que tenho dentro da boca. O ardor lento e profundo da bebida. Ken Scott sempre amou uísque, é um gineleiro de destilado. O gosto é incrível... tão suave, mas tem um sabor bem intenso. Pessoal

scotch uma bebida um tanto pretensiosa, e fiquei decepcionado ao descobrir uísque que de fato vem da Escócia. Idiotas exibidos. Ainda assim, adoro o herdeiro da curta lista de contribuições de Ken para a minha existência.

Já bebi metade da garrafa, minha cabeça está girando, e acho melhor virar logo tu

Meu pai não merece isso; ele nem bebe mais. Quando decidiu parar de abraçar o direito de ser dono de uma garrafa tão espetacular.

Além disso, ele já tem muitas coisas preciosas e perfeitas. Como seu novo filho, p agora mesmo parece achar que pode me deter em minha missão de fazer seu novo merda, assim como eu. Ken tem uma futura esposa perfeita que mantém sua desp cheios.

Ela não precisa cumprir turnos de oito horas e depois ainda correr para outro emp precisa enfileirar as contas na mesa da cozinha com uma perna quebrada e decidiu pagar naquele mês. Nas vezes em que falei com ele, Ken parecia achar qu Hampstead, e coloco a culpa dessa ilusão, em parte, na minha mãe, cujo orgulho cérebro.

A casa dele é limpa, até mesmo a geladeira é limpa — não há marcas de dedos no

Lambo os dedos e os passo pelo metal.

Landon me repreende, esbravejando atrás de mim. “Você bebeu essa garrafa ele. Seus olhos estão arregalados quando se fixam na garrafa que estou segurando

“Não, ainda tem metade. Quer um pouco?”, ofereço.

Ele vai para a sala de jantar, jogando as mãos para cima, e eu o sigo. “Não.”

O filho perfeito que não bebe. Que lindo.

“Pensei que você não bebesse mais”, diz ele. Eu me viro para ele, me segurando no armário grande e cheio de pratos caros e brilhantes para não cair. Como é que ele não, porra?

Cravo os dedos na madeira. “Por que diz isso?”

Ele percebe que não deveria ter dito nada na presença do filho traumatizado, o co os olhos. “Só quis dizer...” Ele tenta me enganar.

“Para.” Levanto a mão que segura a garrafa, e ele dá um passo para dentro da sala: o jeito não vai parar de falar. Vai ficar insistindo e insistindo. Não tenho controle nenhum sobre o que está acontecendo agora. O merda do meu pai vai se casar, estou bêbado e esse filho da puta não sabe quando parar de me encher o saco.

Eu seguro a borda do armário de louças ao meu lado.

Ele não sabe quando parar. “Seu pai disse...”

E agora é a minha vez de *insistir*: antes que ele possa acabar a frase, puxo o armário. Uso mais força do que o necessário, derrubando a garrafa. Landon grita alguma coisa, mas logo em meio ao barulho da porcelana se estilhaçando toda.

“Fora! Você precisa sair daqui!”, Landon grita. Eu me inclino para a frente em meio da bagunça de vidros quebrados, madeira lascada e pedaços e fragmentos de azulejos azuis. Corto a ponta do meu dedo e lambo o sangue enquanto fecho a garrafa de uísque.

“Tessa ficaria impressionada com isso!” Ouço a voz dele quando abro a porta dos fundos. *Tessa?*

Sinto vontade de perguntar o que Tessa tem a ver com isso, mas não quero a satisfação de saber que pode usá-la contra mim. Independentemente do motivo, ele acha que dizer o nome dela vai me fazer cair na real, e não vou deixar ele pensar que isso é verdade. Diz, apesar de não querer, e vou até o deque no quintal dos fundos.

O ar está quente, mas calmo; o começo do outono está chegando, e as noites vão tornar-se frias e, depois de frias, ficarão geladas. Na próxima vez em que eu estiver em um lugar quente.

“*Tessa ficaria impressionada*”, digo em voz alta, imitando a voz de Landon. Ele estava tentando dar uma de espertinho, para mostrar que não concorda com as besteiras que estou falando de chiquete.

“Tessa, Tessa, Tessa!”, grito na escuridão.

Até o quintal é perfeito. É quase do tamanho de um campo de futebol americano.

árvores altas, mantendo a propriedade protegida do sol durante o dia e escurecendo à noite.

Minha cabeça está rodando, e o silêncio não ajuda em nada. Tomo mais um gole.

Alguns minutos depois, o ranger da porta de tela faz com que eu me levante. Tessa vem da frente com Landon. Ela vem andando na minha direção, e, a cada passo, a garrafa fica mais pesada. Seus olhos claros estão fixos nos meus.

Ela é de verdade? Seus cabelos loiros estão brilhantes demais à luz do quintal. Ela sorri inteira. Franzindo o cenho, mas radiante.

Ela está aqui mesmo? Acho que sim... a menos que haja algum alucinógeno nessa

“O que está fazendo aqui?”, pergunto a ela. Vejo que ela olha para Landon

Aquele idiota.

“Foi Landon... Ele...”, ela começa.

“Porra, você ligou para ela?”

Landon me ignora, entra na casa e fecha a porta de tela ao passar.

Tessa aponta um dedo para mim. “Pare de implicar com ele, Hardin... Landon só está com você”, diz ela, defendendo o amigo.

O irmão perfeito tem a amiga perfeita.

Ela costuma ser tranquila, mas não quando está brava. Seus olhos são lindos para um rosto tão delicado. Não consigo ficar olhando para ela. Me dá do

sempre adivinhar o que ela está pensando, e já tive uma noite bem longa. Eu me a

quintal e faço um gesto para que ela se sente à minha frente.

Quando ela se senta, tomo mais um gole, e ela olha para mim, com um olhar
Bato a garrafa no vidro e ela se sobressalta. Ela deveria ir embora; não deveria estar
não deveria ter ligado para ela pedindo para que viesse. E por que ela veio? O nar

aqui para o fim de semana, e tenho certeza de que queria ficar agarrado nela.

Pensar nisso me irrita. Landon não tinha de jeito nenhum o direito de chamá-la aqui.

“Ah, vocês dois são uma coisa mesmo. Tão previsíveis. O coitadinho do F então vocês se juntam e tentam me fazer sentir culpado por ter quebrado com as vagabundas.” Sorrio para ela, mostrando que estou dando uma de vilão hoje.

“Pensei que você não bebesse”, diz ela.

É mais uma pergunta do que uma afirmação. Ela está tentando entender quem sou e ela detesta isso.

“E não bebo mesmo. Quer dizer, não bebia. Não vem querer dar uma de superior. um pouco melhor do que eu.” Aponto um dedo para ela, usando sua conhecida técnica.

Ela não parece impressionada com minha atitude. Dou mais um gole.

“Não disse que sou melhor do que você. Só quero saber por que resolveu beber juízo.”

Nunca vou entender o que faz essa garota achar que pode perguntar o que bem en

Ela não tem.

“Que diferença faz para você? Cadê seu namorado?” Faço a pergunta sem cabeça para o outro lado, incapaz de olhar em meus olhos.

“Ficou no meu quarto. Só estou querendo te ajudar, Hardin.” Tessa segura o braço antes que ela possa me tocar.

O que está fazendo? Deve ser alguma piada de mau gosto. Landon deve ter pedido aqui e ser toda gentil, toda boazinha para me acalmar. Ela não deveria encostar em mim.

“Ajudar?”, dou risada. “Se quer me ajudar, então vá embora.” Balanço a cabeça na direção à porta.

“Por que você não me conta o que está acontecendo?”, ela insiste. Seus cabelos cobrindo os ombros em ondas. Está usando roupas casuais, parecendo mais jovem.

Seus olhos se desgrudam dos meus, e ela olha para as mãos no colo.

Por hábito, eu tiro a touca da cabeça e passo a mão pelos cabelos. Consigo sentir por meus poros, e ouço a respiração ofegante de Tessa. Minha respiração também me pergunto que merda estou fazendo.

Prefiro que ela fale a ficar nesse silêncio tenso. “Meu pai decidiu me contar que vai casar com Karen... e o casamento vai ser no mês que vem. Ele já devia ter me contado antes, e não pelo telefone. Tenho certeza de que Landon, o menino perfeito, já sabe disso há algum tempo.”

Tessa olha para mim, e parece um pouco surpresa por eu ter falado com tanta sinceridade. Eu não pretendia dar tantos detalhes.

Deve ser culpa do uísque.

“Com certeza ele tinha um bom motivo para não contar”, argumenta ela, e eu lembro que Ken Scott é como ela; educado, bonito e sempre bonzinho.

“Nem conheço o cara. Ele não está nem aí pra mim. Sabe quantas vezes conversa com ele por ano? Umas dez! Ele só se preocupa com seu casamento, com sua nova esposa e com o filho perfeito.” Bebo mais da garrafa e passo as costas da mão nos lábios. “Você precisa falar com ela que a minha mãe vive na Inglaterra. Ela diz que gosta, mas sei que é mentira. A culpa é do quarto do meu pai! Minha mãe praticamente me obrigou a vir fazer faculdade mais perto dele... pra ver se a gente se dava bem!”

“Quantos anos você tinha quando ele foi embora?”, pergunta Tessa. Não sei se estou sendo intrometida, se está sentindo pena de mim ou só querendo saber.

Hesito antes de responder. “Dez. Mas mesmo antes de ir embora, ele nunca esteve em casa. Estava sempre em um bar qualquer. Porém agora ele é o cara perfeito e tem tudo o que eu quero. Está apontando para a casa. Vasos de flores coloridas se estendem pelo quintal, e a paisagem é mais beleza ao cenário.”

“Lamento muito que tenha abandonado vocês, mas...”

“Não preciso que você tenha pena de mim.” Eu a interrompo. Ela está se desculpar para todo mundo ao seu redor. É muito irritante. Ela não consegue tolerar as merdas dele até cansar, nem sentiu sua falta quando ele se foi.

“Não tem nada a ver com pena. Só estou tentando...”

Me julgar?

“Tentando o quê?” Eu insisto para que ela complete a frase.

“Ajudar você. Apoiar.”

É legal ouvir isso dela. Pena que ela não saiba nada sobre mim. Não sabe ajudar. Precisa entender que não posso ser consertado e que está perdendo embora e nunca mais falar comigo.

“Você é patética. Não está vendo que não quero você aqui? Não quero se tivemos um lance não significa que estou interessado em algo mais. E, mesmo as deixando de lado seu namorado bonzinho — que pelo menos quer sua companhia tentar me ‘ajudar’. Isso, Theresa, é a definição clássica de patético”, retruc acinzentados se transformarem em pedra.

“Sei que não é assim que você pensa.” Ela não me conhece, mas sabe me sacar.

Dou um golpe final. “É, sim. Vai pra casa.” Levanto a garrafa num gesto triunfal repente, a garrafa é arrancada da minha mão e jogada no gramado do quintal.

“Que porra é essa?”, grito com ela. Está maluca para jogar uma garrafa cara de uí no chão? Olho para ela e depois para a garrafa, e então a observo pegar a garrafa la no canto

do quintal, perto da mesa. Meu equilíbrio está precário, mas consigo parar na frer

“Aonde você vai?” Olho para ela, impedindo-a de entrar na casa. A luz fraca ilumina seus cílios de um modo que parecem estar roçando seu rosto. Eu a encaro enquanto ela olha

“Vou ajudar Landon a limpar a bagunça que você fez e depois vou emboi determinada, e ela não me deixa margem para argumentar. Mas sou mestre na art brechinha, uma fresta, por menor que seja, para argumentar.

“Por que vai ajudar Landon?” O cara me apunhalou pelas costas ligando para Tes de conversa, e agora ela vai me deixar para ir com ele?

“Porque ele, ao contrário de você, merece minha ajuda”, diz ela.

Sinto o impacto de suas palavras em meu peito quando ela me encara com um olhar

Ela tem razão. Ele é o cara perto de quem todo mundo quer ficar. Não quer escândalo quando recebe notícias ruins. Merece o tempo e a atenção dela, assim como nessa casa grande e ser bem recebido antes de ir para seu quarto. Ele merece uma cama não deveria ter que comer comida congelada num quarto vazio dentro de um mundo desconhecidos que o odeiam em segredo.

Ela tem razão, e é por isso que permiti que passasse por mim e entrasse na casa sem nada. O modo como me olhou ao passar está ardendo em minha mente, se repetindo no telefone e observo algumas fotos que tirei dela. Uma enquanto caminhava e seus cabelos estavam tão loiros ao sol, e sua pele brilhava. Estava calada... nervosa, talvez tranquila na foto. Ela é linda. Por que desejaria me ajudar? O que Landon contou sobre as bebedeiras?

Volto a colocar a touca e, depois de alguns minutos, acabo entrando. Meus olhos sobre minha cabeça está latejando quando abro a porta.

“Tessa, posso conversar com você, por favor?”, pergunto assim que ponho os pés no chão abaixado, pegando pedacinhos de porcelana para jogar dentro de um saco plástico e olho para seu rosto. E então, meus olhos descem por seu corpo, parando no dedo que ela segura sob o jato d’água na pia.

Atravesso a cozinha com poucos passos. “Você está bem? O que aconteceu?”

“Não foi nada, só um pedacinho de vidro”, responde ela. O corte parece profundo e consigo ver direito. Pego a mão dela e tiro da água. O corte tem cerca de cinco centímetros de comprimento e não é muito fundo. Ela vai ficar bem, só precisa de um curativo muito leve na minha, muito quente, e sinto minha respiração se acalmar quando a mão, e ela suspira.

“Onde tem curativo?”, pergunto a Landon.

“Banheiro.” Ele está irritado comigo. Dá para perceber por seu tom de voz. Peguei uma pequena de curativos com facilidade dentro do armário. Pego o creme antisséptico e baixo e volto para a cozinha.

Seguro a mão de Tessa pela segunda vez e passo o antisséptico na ponta

observa com atenção... talvez não saiba o que pensar. Curativos me fazem lembrar daquela noite desgraçada há muito tempo, e eu afasto a lembrança ao enrolar a tira de Tessa.

“Posso conversar com você, por favor?”, pergunto a ela, pela segunda vez. seguro seu braço, levando-a de volta ao quintal. Temos mais privacidade ali. Landon não vai ouvir.

Quando chegamos à mesa, solto o braço de Tessa e puxo a cadeira para ela. É o normal, acho. Minha mão está fria, e minha pulsação não está mais acelerada. Tranquilo.

Pego outra cadeira e a arrasto pela parte cimentada do quintal. Quando meus joelhos quase tocam os dela.

“O que você quer me dizer, Hardin?”, pergunta Tessa, parecendo totalmente desinteressada.

Tiro a touca da cabeça e a jogo na mesa entre nós. Passo os dedos pelos cabelos. Sou um idiota completo por ter sido tão imbecil alguns minutos atrás. Quero que ela saiba que não sou seu bonequinho com defeito, mas, agora que a adrenalina está começando a ver como sou otário.

“Desculpa”, digo baixinho. As palavras pairam entre nós, e ela permanece em silêncio. “Ouviu?”

“Sim, eu ouvi”, diz ela, erguendo o queixo do modo mais desafiador. Está puta de merda?”

Ela está puta?
Eu estou putado. Ela veio aqui, soube do meu drama familiar e não aceita meu pedido de desculpa?

Pego a garrafa e abro a tampa. Ela arregala os olhos para mim quando a bebida desce pela garganta. “É difícil demais lidar com você.”

“*Eu sou difícil? Você está de brincadeira? O que quer que eu faça, Hardin? Você é muito cruel.*” Seus lábios tremem, e seus olhos começam a marejar. Ela tenta endireitar-se, mas eles se encolhem; ela está mais do que chateada com isso.

Sussurro para responder: “Não é de propósito”.

“É, sim, e você sabe muito bem disso. Você faz tudo por livre e espontânea vontade maltratada por alguém em toda a minha vida.” Isso não pode ser verdade. Nem se teve uma vida bem mole se esse é o pior tratamento que já recebeu.

“Então por que continua falando comigo? Por que não desiste?”, pergunto. Se sou por que ela simplesmente não para de tentar conversar?

Ignoro a parte do meu cérebro que questiona como eu me sentiria se ela parasse d

“Eu... na verdade não sei. Mas posso garantir que depois de hoje vou desistir. Vou matricular na aula de literatura e fazer essa matéria só no próximo semestre”, avisa: braços cruzados, e o vento sopra seus cabelos atrás dos ombros. Fico me perguntando frio.

Não quero que ela largue a aula; é o único momento que tenho com ela. “Por favor

“Que diferença faz pra você? Assim não precisa ser forçado a conviver com uma como eu, certo?” Percebo a mágoa por trás de suas palavras, mas não a c para saber se é verdadeira. Gostaria de saber avaliar. Fico me perguntando conhecem de fato, sabem como ela é realmente. A garota que ergue as sobrancelhas que talvez não tenha tudo tão planejadinho quanto sua mãe imagina.

“Não é nada disso... o patético aqui sou eu.” Suspiro e me recosto na cadeira.

Seus olhos se voltam para os meus. “Bom, não vou discutir”, diz ela, com

Ela pega a garrafa, mas sou mais rápido dessa vez.

“Quer dizer que você é o único que pode beber?” Ela olha para mim com piercing da minha sobrancelha.

“Pensei que você fosse jogar longe de novo.” Eu entrego a garrafa a ela. Não gosto de beber, mas ela está disposta a brigar por isso, e eu não. Só quero que ela fique aqui que sinto quando ela está por perto.

Ela fica com ânsia de vômito assim que sente o gosto do uísque. “E você desse jeito? Até onde entendi, você não bebia.” Ela está me fuzilando com o olhar

“Fazia uns seis meses que não bebia.” Seis meses jogados pela janela. Parado na merda.

“Bom, você não deveria beber nunca. Isso faz com que fique pior que o normal”, brincalhão, mas sei que está falando sério.

“Acha que sou uma pessoa ruim?” Não desvio o olhar do chão enquanto espero a dizer que sim, como todo mundo.

“Acho.”

Não me surpreendo com a resposta, mas acabei torcendo para que dissesse não.

“Eu não sou. Bom, talvez seja... O que quero mesmo é que você...”, começo. Não sou? Poderia ser melhor, por ela, se me pedisse. Olho para Tessa, vendo a espera de que eu termine meu pensamento confuso. Quero ser bom, quero que ela

“O que você quer de mim?”, pergunta ela, sem paciência. A garrafa volta para as mãos e eu a coloco sobre a mesa sem beber.

Como responder a isso sem ser ridículo? Posso parar de beber, posso ser honesto com as outras pessoas ou só com ela. “Nada.” Não consigo encontrar as palavras certas para ela.

“Preciso ir.” Ela se levanta e se afasta de mim. Está andando muito depressa, e não dá para vê-la embora. Preciso me esforçar mais.

“Não vai embora”, eu vou atrás dela. Quando ela para, seu rosto está tão perto que sinto o cheiro de uísque em seu hálito.

“Por que não? Você tem mais algum insulto que queira fazer?”, ela grita, e as palavras saem com mais força do que o comum. Ela dá as costas para mim de novo, e eu estendo

o braço para segurá-la. Seguro seu braço e a puxo de volta.

“Não dá as costas para mim!”, respondo aos berros. Ela não pode vir aqui, bagunçar e ir embora. Estou de saco cheio de pessoas fazendo isso comigo.

“Eu já deveria ter dado as costas para você há muito tempo!” As mãos de Tessa se apertam no meu peito. “Não sei nem por que estou aqui! Vim assim que o Landon ligou! Estou sozinho — que aliás, como você falou, é a única pessoa que quer minha companhia com você!”

As palavras dela vão entrando na minha cabeça, uma por uma. Ela deixou mesmo

sozinho para vir aqui. Não tem motivo para ter vindo aqui além de mim. Pessoa tão ruim quanto imaginava, talvez ela veja isso em mim.

“E quer saber? Você tem razão, Hardin, eu sou patética, sim. Sou patética por ter sido patética por tentar...”

Elimino o espaço entre nós sem pensar e grudo meus lábios aos dela. Ela me empurra e consigo sentir seu corpo relaxando em meus braços.

“Me beija, Tessa”, imploro. Preciso dela.

“Por favor, me beija. Preciso de você.” Tento mais uma vez, pela última vez, fazer com que ela me beije. Minha língua toca seus lábios fechados, que se entreabrem. Ela enfim se abre completa e totalmente. Ela se recosta em mim, suspirando contra minha boca, e eu sinto seu rosto, protegendo-a e devorando-a ao mesmo tempo.

Minha língua passa por seu lábio inferior, e ela estremece. Eu a abraço, e sua força me dá suporte para mim. Ouço um barulho vindo da casa, e Tessa se afasta. Não volto para lá, mas continuo abraçado a ela.

“Hardin, preciso mesmo ir. Não podemos continuar com isso. Não está fazendo bem de nós dois”, diz ela.

Ela está mentindo para si mesma. Consigo perceber.

“Podemos, sim”, respondo. Não sei de onde surgiu essa esperança repentina, mas sinto uma boa sensação no meu peito.

“Não podemos. Você me odeia, e não quero mais ser seu saco de pancadas. É tudo isso.”

Em um momento, você diz que não me suporta, ou então me humilha de uma maneira íntima...”

Fiz isso mesmo, estraguei tudo. Preciso explicar o que aconteceu, e que às vezes não faço coisas de propósito. Sempre fui assim. Minha avó, certa vez, tentou fazer uma festa para mim, quando eu tinha doze anos. Distribuiu convites e encomendou um bolo para o aniversário, eu disse a todo mundo que a festa estava cancelada e fiquei triste com tudo. Não toquei no bolo. Eu estrago as coisas às vezes... mas posso encontrar uma maneira de fazer isso. Se puder beijar Tessa, se puder sentir sua entrega a mim de novo, farei.

Tento interrompê-
la, mas ela me impede pressionando o dedo indicador em meus lábios. Se não

tivesse um curativo nele, eu estaria beijando seu corte. “Então, no momento seguí
diz que precisa de mim. Não gosto da pessoa que sou quando estou com
sinto depois de ouvir tantas coisas horríveis.”

“Quem você é quando está comigo?”, pergunto. Gosto de quem ela é. É uma pess
a maioria.

“Alguém que não quero ser, uma pessoa que trai o namorado e chora o tempo tod
embargada. Ela está com vergonha da pessoa que se torna quando está comigo. Is
me sinta um merda. Quero que ela esteja contente ao ficar comigo. Quero que qu
mesmo jeito irresistível que quero ficar com ela.

“Sabe quem eu penso que você é quando está comigo?”, pergunto a ela. Meu pol
rosto, e ela fecha os olhos ao sentir meu toque.

“Quem?”, sussurra ela, quase sem mexer os lábios. O clima entre nós está
espera minha resposta.

“Você mesma. Acho que esse é seu verdadeiro eu, mas está distraída demais se p
o que os outros pensam para se dar conta disso. E sei muito bem como me compo
você gozar.” Ela se retrai ao me ouvir sendo tão direto. “Desculpa... depois do qu
o que fiz foi errado. Fiquei me sentindo um lixo depois que você saiu do carro.”

“Duvido.” Ela revira os olhos.

“É verdade, juro. Sei que você me considera uma péssima pessoa... mas v
consigo terminar. Ela está me pressionando cada vez mais, e é assustador. “Esque

“Termina de uma vez essa frase, Hardin, ou vou embora agora mesmo.” P
falando sério, com a mão na cintura e os olhos frios.

“Você... você me faz querer ser bom... Quero ser uma pessoa melhor par
murmuro, e ela solta um suspiro de susto.



Quando ela começou a pressioná-lo em busca de rótulos e provas de compromisso, ele entrou em pânico. Sentiu-se como um animal selvagem encurralado e preso. Sua jaula era a sinceridade, e ela ameaçava trancá-lo para fora sem chave. Ele não podia perdê-la, mas a cada dia ficava mais difícil mantê-la. Ela virou o jogo para cima dele, questionando coisas que ele pensou nunca perceberia. Quando ela quis mais, exigiu, e não aceitou nada diferente resposta, mas, quando ele quis mais, ela resistiu com uma desculpa atrás da outra.

“Isso não tem como dar certo, Hardin, nós somos muito diferentes. Pra começo de não namora, lembra?”, ela dispara contra mim, dando um passo para trás. Fico torço não tente sair da casa de meu pai. Parece que nosso único assunto agora é o futuro juntos, terminar, não terminar. Tessa se sente pressionada a planejar sua vida todo momento, acho que concordamos que eu não sei lidar muito bem com esse tipo de coisa. Assim, Tessa continua me estimulando a ser cada vez melhor para ela.

“Não somos tão diferentes assim... gostamos das mesmas coisas. Nós dois gostamos de ler por livros, por exemplo”, argumento.

Eu sempre tenho que me justificar para ela. “Você não namora”, ela repete.

“Eu sei, mas podemos... ser amigos.”

Amigos? Sério, Hardin?

A frustração é nítida em seus olhos. “Pensei que você tivesse dito que não poderia não vou ser sua amiga... e você sabe o que quero dizer com isso. Você quer todas as coisas de uma namorada, mas sem assumir nenhum compromisso.”

Solto o corpo dela e perco o equilíbrio. Eu me recomponho depressa. “E qual é o problema que precisa desse rótulo?” Fico contente por haver espaço entre nós e o ar sem cheiro.

“Porque, apesar de não andar demonstrando muito autocontrole ultimamente

abrir mão da minha dignidade. Não vou ser seu brinquedinho, principalmente tratada como lixo.” Irritada, ela joga as mãos para cima. “E, além disso, já sou co

Ela está usando aquele cara como desculpa? Ah, por favor! Quem ela quer enganar.

“E mesmo assim olha só onde você está agora.”

Ela está esfregando o namorado na minha cara, está usando a presença dele para e ainda reclama quando eu faço a mesma coisa com Molly. Ela não vê a hipocrisia e o uísque está deixando tudo pior hoje. Sou esperto o suficiente para saber disso, controlar e não ser imbecil. Também já bebi o suficiente para não ligar para a sala de jantar do meu pai.

Ela entorta a boca de um jeito ameaçador, mostrando os dentes e tudo. “E amo Noah e ele me ama.”

Suas palavras perfuram meu peito. A última parte atinge os meus ossos. Eu me afasto da cadeira. Que se foda a minha falta de equilíbrio.

“Não diga isso pra mim.” Levanto uma das mãos como se ela pudesse me proteger Tessa.

Ela não recua; está bem puta, e mirando direto na minha jugular. “Você só está dizendo porque bebeu. Amanhã já vai ter voltado a me odiar.”

Odiar? Eu odeio Tessa? Como poderia odiá-la?

Frustrado, eu recuo, tentando me concentrar no verde das árvores depois de “você”, digo finalmente. “Se me olhar nos olhos e disser que não quer mais nada com

Não quero ouvir isso, porque me mataria, mas, se Tessa quiser que eu me afaste,

“Juro que nunca mais chego perto de você. É só me falar.”

Tento imaginar minha vida se ela fosse embora. Ela levaria embora toda a cor pintado minha vida.

Antes que ela possa responder, eu continuo: “Pode falar, Tessa, diz que nunca mais

Pressiono os dedos em seu pescoço e delicadamente vou descendo por suas vértebras

pelo osso da clavícula. Ela praticamente está ofegante, sem conseguir falar. Eu me inclino mais, meu rosto está a dois centímetros do seu. Consigo sentir a eletricidade sob a pele distante nos distrai. “Que nunca mais quer que eu beije você...” Baixo o tom de voz.

“Diz, Theresa.” Eu insisto para que ela pronuncie as palavras que não quero ouvir.

Mal consigo escutar quando ela diz meu nome, mas sinto sua respiração contra meu rosto.

“Você não consegue resistir a mim, Tessa, nem eu a você.” Ela parece hesitante, mas não se move.

“Fica comigo hoje à noite?”, pergunto enquanto a beijo.

Os olhos de Tessa passam dos meus para a casa, e ela se afasta. Eu me inclino mais, mas ela se assustou, mas não vejo nada. Ela diz que precisa ir embora.

Não, ela não pode ir embora. Não estou pronto para ficar nessa casa sozinho ainda, mas não vou ficar aqui.

“Porra”, murmuro, passando os dedos pelos cabelos. “Por favor, fica. Passa a noite aqui. Amanhã você decide se não quer mais me ver... só fica comigo, por favor. Estou irredimível. Não sou de implorar, Theresa.”

Nunca implorei por nada na vida. É a bebida ou é ela que me deixa tão maluco? Não sei.

Tessa assente, com os olhos brilhando sob a luz. “E o que vou dizer a Noah?” Sinto um tremor na lateral do corpo ao ouvir o nome dele, e isso me faz lembrar de que Noah é meu irmão. Preciso de mais tempo com ela. “Ele está me esperando, e estou com medo de não explicá-lo.”

Ela o deixou no alojamento? Por minha causa?

Não sei o que pensar. Eles terminaram? Ele sabe que ela está aqui comigo? Eu me inclino mais, mas ela sabe meu nome. Fico maluco por não saber o quanto ela está envolvida comigo.

Steph não me conta nada, e Tessa não dá pistas.

Será que ela se importa tanto com o que o namorado pensa? Olho para a casa. As luzes estão claras demais. As paredes parecem dominar a parede de tijolos aparentes. As luzes estão claras demais. Acho que ela vai voltar à realidade. “É só dizer que você precisa ficar porque... sei lá. É só dizer.”

O que ele pode fazer?”

Estou curioso para saber por que Noah parece exercer tanto controle sobre ela. El lábio inferior se contorce, e ela parece muito preocupada, de verdade. O que pode ele contaria alguma coisa para a mãe dela? Ela tem dezoito anos... não sabe dissc

“Ele deve estar dormindo mesmo”, completo. É verdade; ele ainda não est acordado até tarde.

Tessa sacode a cabeça. Eu me recosto na parede. “Não, ele não tem como voltar p

Hotel? O cara está hospedado numa merda de hotel? Ele tem idade para reservar um quarto sozinho? “Hotel? Espera... ele não fica com você?” Estou abismado.

“Não, ele fica num hotel ali perto.” Tessa olha para o piso de madeira e desconfortável.

“E você está dormindo lá com ele?”

“Não, ele fica lá”, responde ela em voz baixa, envergonhada. Sem tirar os complementa: “E eu fico no meu quarto”.

Não acredito. Ele gosta dela? Gosta de mulheres? Porra, qual é, olha só para ela! é *hétero*?” Não consigo não perguntar. A menos que ele esteja traindo Tessa, o que — mas me ajudaria pra caramba.

Não que ela não esteja fazendo a mesma coisa com ele.

Tessa abre a boca, aterrorizada. “Claro que é!”

É uma loucura para mim que ela não veja nada de esquisito no fato de seu namora ficar no quarto com ela. “Desculpa, mas tem alguma coisa errada nisso aí. Se eu p nunca de perto de você, ia querer aproveitar toda oportunidade que surgisse para

Eu a acordaria toda manhã com meu rosto entre suas pernas. Eu a levaria para a c deixaria louca, gritando meu nome.

O rosto de Tessa fica todo corado, e ela desvia o olhar. Adoro ver como minhas p
A escuridão está me dando dor de cabeça. As árvores estão se mexendo d
retorcem de um jeito estranho. Além disso, quero entrar, ficar sozinho com
depois da noite que tive.

Eu me viro para Tessa e não consigo parar de olhar para seus lábios entreabertos.
dentro”, digo. As árvores balançam de um lado para o outro. Acho que é sinal de

Tessa olha para a casa e para mim. “Você vai dormir aqui?”

Faço que sim com a cabeça e pego sua mão. Ela também vai dormir aqui
acreditar que vou dormir na casa de Ken depois da merda que ele fez. “Sim, e voc
lá.” Seguro sua mão antes que ela possa se recusar de novo.

Entramos na casa, e ela tenta se desvencilhar de mim caminhando mais depressa
o passo quando passamos pela cozinha.

Um pouco da bagunça ainda está no chão. Muitos pedaços da porcelana q
dentro do lixo, e a maior parte do vidro já foi varrida do piso. Ótimo, Landon pod
limpeza. Afinal, ele está ganhando de presente o merda do meu pai. A ve

Alguém — ou alguma coisa — sempre teve Ken Scott. O uísque, os bare
casarão. Ele se desdobra em várias facetas, mas não tinha espaço para mir
passado, e acha que agora vou aceitar essa merda numa boa? De jeito nenhum.

Seguro a mão de Tessa com mais força enquanto atravessamos a casa e subimos a
me lembro bem, o quarto a que estamos indo é o último do corredor no andar de
de portas aqui. Não ia ser legal entrar no quarto de Landon e encontrá-
lo batendo uma.

Finalmente chegamos à última porta. Tessa ficou calada durante o trajeto,
nenhum com isso. Não quero pressioná-
la demais, e ainda estou tentando parar de pensar no meu
doador de esperma idiota.

O quarto está escuro. Eu procuro o interruptor.

“Hardin?”, Tessa sussurra na escuridão.

A cortina está levemente aberta, deixando que entre um pouco do luar. So entro. Esse maldito interruptor é impossível de encontrar. Continuo passando a m mas não encontro nada.

Cadê essa porra?

Consigo ver o contorno de uma mesa, provavelmente de uma luminária, do outro então caminho em direção a ela. A ponta da minha bota bate em algo sólido, e qu

“Porra!”, resmungo. O quarto provavelmente nem sequer tem uma maldita provavelmente só quiseram me enganar.

Quando chegamos à mesa, meus dedos procuram a luminária. Bingo! “Este quando puxo a cordinha. A lâmpada se acende, e a luz forte de uma pequena lumi algumas vezes e olho ao redor do quarto. Meu quarto.

O quarto que nunca usei. Nunca mesmo.

O quarto me lembra um hotel com uma decoração exagerada. As paredes são pint claro, com gesso branco pelo teto e no canto do piso de madeira. O carpe feitos com aspirador de pó. A cama encostada na parede mais distante é grande, c travesseiros decorativos empilhados e encostados na cabeceira de cerejeira. Uma seria necessária se Tessa fosse se deitar nua no meio do edredom cinza. Infelizme não está fazendo isso. Está de pé ao lado da escrivaninha que combina com a cam um iMac novinho. Desgraçados exibidos.

Passo a mão pela nuca. “Este é meu... quarto.” Não sei o que mais dizer sobre ele

Tessa morde o lábio inferior e pergunta: “Você tem um quarto aqui?”.

Não parece meu quarto, nem um pouco, mas teoricamente é. Ken me disse, muita tenho um quarto só meu. Como se eu fosse me impressionar com a cama computador com monitor enorme. “Pois é... Mas nunca dormi aqui... até l graça. Espero que ela não faça mais perguntas, mas sei que fará.

Tem um baú enorme no canto da cama, que eu imagino ter um único propósito: g travesseiros. Eu o torno mais útil quando me sento nele e tiro minhas bot: provavelmente formulando uma lista de perguntas para fazer, já que é tão enxerid enfio dentro das botas. Tenho alguns cortes no tornozelo. Parece que algu

entraram nos meus calçados. Que merda.

Tessa deve ter terminado a lista. Ela dá um passo à frente e abre a boca. “Ah. E p

Respiro fundo e decido responder em vez de fugir. “Porque nunca quis. D respondo com sinceridade. E detesto mesmo. Detesto o fato de que minha cama n na Inglaterra ficou com o mesmo colchão manchado e o mesmo lençol e o mesm minha infância.

Enquanto Tessa processa minha resposta sincera e formula a próxima perg calça e a tiro. Os olhos de Tessa passam de distantes a arregalados, e logo em seg

“O que está fazendo?”, pergunta ela.

“Hã.... tirando a roupa”, respondo, erguendo a sobrancelha. Sei que ela gosta de : mas por que tantas delas precisam ser tão desnecessárias?

“Sim, mas por quê?” Ela olha para minha virilha. Se está tentando ser dis está pensando no meu pau agora, está fracassando feio.

Olho nos olhos dela. “Bom, eu é que não vou dormir com essa calça ape descem pela minha testa, e eu os afasto.

“Ah”, diz ela, baixinho.

Fico esperando mais algum comentário, mas ela não diz nada. Observo seu camiseta. Ela olha para meu pescoço e desce para a minha barriga, analisa

Concentra-

se por mais tempo na árvore tatuada ali. Fico tentando imaginar se está g essa parte de meu corpo não é atraente para ela. Seu olhar me deixa inqu enquanto ela me observa. Cada parte do meu corpo pela qual seus olhos passam s

de sentir o calor sobre o qual sempre li, meu corpo fica gelado.

Tessa continua olhando, ainda concentrada no meu corpo. Eu a surpreendo jogan nela. Está hipnotizada demais por mim para conseguir pegá-la a tempo. Tento imaginar como poderia tirar sua roupa para poder observar seu corpo, com meus olhos fixos nela, observ cada pintinha em relação à qual ela se sente insegura, mas que não verei.

Gostaria de saber em que ela está pensando. Gostaria de conhecê-la melhor. Eu me pego desejando conhecê-la de um jeito diferente. Ela poderia ser minha vizinha que passa para pegar coisas emprestadas, e eu poderia fazer quantas perguntas quisesse. Eu pergunto tantas perguntas, por que sempre ergue as sobrancelhas quando está confusa ou boquiaberta que ela quer fazer da vida. Perguntaria como se sentiria se não me visse mais. Perdoar-me.

Mas estou preso à realidade, e, na realidade, continuo sendo um desconhecido para ela. Ela sabe quase nada sobre mim, e se tivesse ideia de metade das merdas que eu sou, seria curiosa. Minhas tatuagens, ou sua reação a elas, desapareceriam, e sua reação a isso seria deixaria de ser sarcástica e se tornaria cruel. Preciso tomar cuidado com isso. Se o meu mistério desaparecer, ela também desaparece.

Merda, tudo isso faz minha cabeça rodar. A embriaguez está passando, e estou começando a ficar maluca. Preciso clarear as ideias, e depressa. “Você pode dormir sem roupa para Tessa. “Acho que você não vai querer dormir só de calcinha e sutiã. Mas é claro que quer.”

“Não ligo de dormir de roupa”, diz ela com o tom menos convincente que já ouvi antes. “Não quero dormir com a saia longa e a camiseta folgada. Gosto da camiseta dela; o tom de verde claro combina bem com seus olhos. Nunca pensei isso antes... *Combina bem com seus olhos? O que isso quer dizer?*”

Ela está mexendo comigo mais do que o uísque.

“Tudo bem. Você que sabe. Se prefere ficar desconfortável, por mim, tudo bem.” Ela se levanta da cama, pego o primeiro travesseiro que vejo e o jogo no chão.

Tessa parece ofendida com isso. Ou talvez seja por eu estar seminua. Não sei onde está a ponta da cama e abre o baú. “Ei, não joga no chão. É pra guardar aqui dentro”, avisa ela, e não soubesse. Ela acha que nunca vi esses travesseiros na vida? Pensa que, por eu ser uma mãe solteira, não sei colocar almofadas caras de algodão dentro de uma caixa?

Não, Hardin, ela só está tentando ajudar... Eu me acalmo. Minha mente sempre encontra a situação possível, e eu detesto isso. Minhas inseguranças me comem vivo. Ela ainda mais cheio de frescura e o jogo no carpete. Ela resmungando, reclamando enquanto eu vou pegar.

Enquanto Tessa continua bancando a arrumadeira, eu afasto o edredom e subo na

nunca dormiu nela, percebo. É como deitar em nuvens. É melhor até que observando quando cruzo os braços atrás da cabeça. Ela está sempre de olho em

Cruzo os tornozelos quando ela joga o último travesseiro no baú e fecha a porta. Por limpeza, é o que ela é.

Ela vai ficar aqui a noite toda? Seria melhor que ela tirasse as roupas largas e deitasse comigo. “Você não vai reclamar de ter que dormir na cama comigo, né?”

“Não, a cama é grande o suficiente para nós dois.” Seu sorriso não parece nervoso, mas suas mãos trêmulas cutucando a cutícula, sim. Ela está sendo brincalhona. Adoro.

“Essa é a Tessa que eu adoro”, brinco. Ela arregala um pouco os olhos, e eu procuro um motivo. Não hoje — não vou nem começar a pensar nessas coisas hoje.

Toda sem jeito, Tessa sobe na cama depois de tirar os sapatos. Permanece sentada na beirada da cama *king size*, o mais longe de mim que consegue. Ela se deita, e eu penso em me aproximar, mas tenho medo de assustá-la e fazê-la cair. Quando visualizo sua queda, dou risada, e ela se vira para me encarar.

“Qual é a graça?” Ela está erguendo as sobrancelhas de novo. Que gracinha!

“Nada”, minto. Não acho que dizer que eu estava imaginando um tombo com ela seja uma graça.

Ainda assim, não consigo segurar o riso quando ela faz um bico.

“Conta!” Ela olha para a frente por um segundo e espicha deliberadamente o lábio inferior de ser um bico falso, ou por causa disso, seus lábios ficam uma delícia. Me sinto

com os dentes descendo lentamente pela extensão do meu pau. Pensar na cabeça dela subindo em mim me faz puxar o piercing entre os dentes. O metal está frio na minha língua.

Eu rolo para o lado, fico de frente para ela, e pergunto: “Você nunca dormiu na minha cama, né?”. Na verdade, eu também nunca dormi com uma garota. Não era o normal, mas é agora, mas até aqui tudo bem.

Fico aliviado quando ela responde que não. Sorrio para mostrar como me sinto confortável com quem está dividindo uma cama. Adoro o fato de ela ainda ter que viver muito perto de mim, tenho muito a oferecer a ela também.

Tessa está de frente para mim, deitada a poucos centímetros de onde estou demais, e isso está me deixando louco. Ela estende a mão e toca a covinha do lado do rosto. É um toque simples, mas muito delicado. Ninguém, nem mesmo mim nos últimos dez anos, pelo menos. Mesmo durante o sexo, às vezes eu beijo as pernas e passarem muito a mão pelo meu corpo.

Olho em seus olhos e percebo o pânico. Ela se afasta, mas eu seguro sua mão e a puxo para meu rosto. É bom sentir seu toque, que é muito delicado. Quero que ela me toque em todas as partes. “Não sei por que ninguém nunca comeu você, mas essa mania de planejar bastante sua capacidade de resistir”, digo para provocá-la. Tem que haver um motivo que explique sua inexperiência. Não dá para acreditar que ela não tenha experiência nenhuma se

“Nunca *precisei* resistir aos avanços de ninguém”, afirma ela. Não acredito nessas palavras em seus olhos sim. Ainda assim, é difícil acreditar piamente.

“Ou isso é uma mentira deslavada ou você estudou em uma escola para cegos. Só torna essa história bem difícil de acreditar.” Já estou de pau duro, ela poderia com certeza se me tocasse. Sinto vontade de dizer isso, mas não quero estragar o momento.

Tessa me satisfaz ao se surpreender com as minhas palavras maliciosas. De todas as maneiras como posso enlouquecê-la. Ela é como dirigir um carro zero, a excitação que se sente ao ouvir o ronronado baixo do motor pela primeira vez. Quero fazê-la ronronar — eu a faria *gritar* se Landon não estivesse aqui. Quero pegar leve hoje, mas indo um pouco a mais no riacho. Aquele foi só um de meus muitos truques.

Passo a língua pelos lábios, seguro a mão de Tessa, e levo as duas mãos à minha nuca, fundo, e eu passo sua mão por meus lábios molhados. Seus dedos estão trêmulos e o dedo indicador e mordo a ponta com delicadeza. Ela geme por instinto, e meu pau e as mãos de Tessa estão quentes quando as guio pelo meu pescoço. É muito bom ser tocado, é um prazer que toma meus sentidos. O efeito do uísque já passou quase totalmente, e eu me sinto de uma loira teimosa e sensual. Tessa afasta a mão, e eu baixo a minha para o colarinho. Seus dedos passam pela herá tatuada na base do meu pescoço. Não consigo me concentrar no caminho tranquilo que ela está traçando na minha pele.

Depois de alguns segundos de silêncio, eu falo. Estou curioso e com tesão, e vou

ela. Levo a mão de volta à dela. “Você gosta do jeito que eu falo com você, não?”

Olho para ela e vejo sua respiração se tornar cada vez mais ofegante. Ela continuo: “Dá pra perceber que sim, porque você fica vermelha e sua respiração a Tessa, usa essa sua boca para alguma coisa”. Gostaria que ela a usasse de mais de permanece em silêncio. Cara, pensei que eu fosse teimoso. Eu me aproximo dela

Tessa parece abalada, e está toda corada. Ela é viciante.

Quando penso que vai falar sobre a atração que sente, ela diz: “Você pod

Sério, Theresa? Ela acha que sou bobo? Que vou sair dessa cama confortável ond de mim? Olho para seu rosto, para seus olhos acinzentados. “Por favor.” Ela suspi para mim. Quando me dou conta do que estou fazendo, estou saindo da c dom.

Ela parece tímida quando olho para a cama. Também parece muito desconfortáve pesadas. A saia tem tanto tecido quanto o edredom. “Se está com calor, por que n quentes? Essa saia parece ser bem incômoda.”

Tessa sorri, revirando os olhos.

Mas estou falando sério... ela usa roupas horrorosas. “Você tem que usar seu corpo, Tessa. Essas escondem todas as suas curvas. Se eu não tivesse visto vc sutiã, jamais teria descoberto como é gostosa. Essa saia parece mais um saco de b

Ela ri. Isso foi melhor do que o esperado. “E o que você sugere que eu i tomara que caia?” Ela levanta a sobrancelha e espera uma resposta.

Penso em Tessa de tomara que caia e short jeans. “Não... Bom, eu até ia gostar d não. Você pode se cobrir o quanto quiser, mas usando roupas do tamanho certo. E decote, e você não devia esconder esses peitos de jeito nenhum.”

“Pare de usar essas palavras comigo!” Ela balança a cabeça, e eu dou risada quan cama. Não sei se devo me deitar perto, por isso vou me aproximando devagar até

la. Ela se senta e sai da cama. Meu peito arde.

“Aonde você vai?”, pergunto, me arrependendo de tê-la irritado.

Ela atravessa o quarto com passos apressados. “Me trocar.” Ela se abaixa e pega a sujeira do chão. Sorrio, feliz por ela querer usá-la tanto quanto eu quero que a use.

“Agora vira para o outro lado e nada de espiar”, diz ela, como se eu fosse uma criança muito bem que vou olhar.

“Não.”

“Como assim ‘não’?”, pergunta ela, frustrada.

Sou sincero quando digo: “Não vou me virar. Quero ver você”.

Ela concorda, mas acaba com minha alegria apagando a luz. Que absurdo! Resmungo o joguinho que ela está fazendo. Resmungo mais alto, para mostrar que não vou jogar. Ouço o tecido pesado cair no chão — a saia. Puxo a cordinha para acender e assusta com a claridade. Ela diz meu nome como se fosse um palavrão: “Hardin!”

Continuo a olhar para ela, das pernas aos olhos e de novo mais para baixo. Levanta os braços para vestir minha camiseta. O sutiã de Tessa é de algodão branco com detalhes. Não que precise. A calcinha combina; o modelo cobre quase seu quadril e é perfeita. Redonda e arrebata. . . Eu adoraria tocá-la também.

“Vem cá”, sussurro. Não consigo esperar nem mais um segundo para tocar seu corpo caminhando em direção à cama, transformando o quarto no cenário de um filme.

Preciso ver melhor. Eu me encosto na cabeceira, de costas. Tessa fica corada ao olhar, tornando meu prazer ainda maior.

Quando ela chega até mim, coloca sua mão pequena sobre a minha, e eu me encosto nela. Ela se inclina para mim, com os joelhos apoiados nas laterais do meu corpo. Adoraria tocar sua pele assim. Minha imaginação está a mil. Tessa se mantém erguida, sem encostar em mim. Assim não. Seguro seu quadril com cuidado e a guio para que desça e me toque. Ela morde o lábio, e no princípio desvio o olhar, porque sinto meu pau muito duro. As pernas de Tessa são como minha camiseta cobre seu corpo até as coxas e é muito sensual.

Sorrio para ela, admirando sua beleza.

“Bem melhor assim.” Espero que ela retribua o sorriso, mas isso não acontece.

“Que foi?” Toco seu rosto com delicadeza, fazendo com que sorria. Ela fez pergunta se isso seria quebrar as regras da aposta. Acho que já não ligo mais para

“Nada... só não sei o que fazer”, diz Tessa. Ela não olha em meus olhos, envergonhada.

Não quero que ela sinta muita pressão. Seja qual for seu toque, será prazer explicar nada disso nesse momento sem mostrar a ela. “Pode fazer o que quiser, T não vou ficar pensando muito.”

Tessa levanta a mão e parece estar prestes a encostar no meu peito nu. Ela não me encara. Ela olha dentro de meus olhos, pedindo permissão para me tocar. Como sempre antes. Concordo, nervoso mas excitado, e a observo. Seu dedo indicador desce pela minha barriga até a cintura. Tento ficar parado apesar de querer segurar seu braço e fodê-la.

Fecho os olhos e sinto seu dedo contornar minhas tatuagens. Gosto quando ela faz isso.

Quando ela afasta a mão, abro os olhos. Preciso de mais. Estou viciado.

“Posso... hã... tocar você?” Tessa está hesitante ao ver o volume em minha cueca.

Claro, *porra!*
Sinto vontade de gritar. Mas fico muito calmo. Mexendo a cabeça para afirmar, e imploro: “Por favor”.

Tessa parece nervosa ao descer a mão para o meu pau. Ela hesita um pouco antes de tocar a mão um pouco mais e continua a sentir. Seus dedos delicados percorrem para cima e para baixo a extensão de meu pau, que cresce por causa dela.

“Quer que eu mostre pra você como faz?”, sugiro. Quero que ela fique à vontade.

Quando Tessa assente, coloco minha mão sobre a dela delicadamente. Minhas mãos são maiores do que as suas, e as pontas dos dedos dela mal passam os nós dos meus. Ela se inclina para cima com a dela pelo meu corpo e paro em cima da cueca. Eu a ajudo a segurar meu pau com delicadeza, e eu solto um gemido e afasto a minha mão. Ela está pronta. Ela sabe o que está fazendo quando percebe que tem total controle, mas tenta se fazer de inocente. Suas pupilas são grandes e os lábios estão entreabertos, e o rosto está corado.

“Porra, Tessa, não faz isso”, digo. Vou explodir se ela voltar a fazer essa cara.

Tessa me escuta e para. Porra, eu sempre me esqueço de que ela é muito literal.

“Não, não isso. Pode continuar... só falei pra você não me olhar desse jeito”, exp

Tessa pisca os olhos do modo mais ingênuo possível. “Que jeito?”

“Com essa carinha inocente... Esse olhar me dá vontade de fazer um monte de co com você.” Muitas, muitas coisas, Theresa.

Ela está nervosa e mexe a mão. Não segura tão forte quanto poderia, mas não que vai aprender sozinha. Com certeza vou ajudá-la a aprender. Ela está mordendo o lábio, e seu movimento suave me faz gemer seu nome baixinho. Se eu pudesse ter uma coisa isso.

“Ai, Tessa, que delícia.” Minhas palavras a incentivam, mas talvez um pou aperta, e sinto uma onda de dor. “Não tão forte assim, linda.” Eu a guio cuidado para não envergonhá-la.

Ela me beija e continua em movimentos lentos. “Desculpa”, sussurra contr

encostar os lábios na minha pele. Ela passa a língua pelo meu pescoço até

Pooooorra, isso é muito bom. Preciso tocá-la, não vou conseguir aguentar muito tempo.

Minhas mãos encontram seu peito, e o sutiã mais parece uma parede entre o corp

“Posso... tirar seu sutiã?”, imploro. Quero sentir seu corpo sensual. Enfiando a m camiseta, sinto seus seios perfeitos: redondos e cheios. Tessa assente, sem tremem quando com gestos apressados abro o fecho e deixo seus seios livres. Des ombros por seus braços. Preciso de muito controle para não rasgar a peça. Tessa a mim para poder tirar o sutiã totalmente. Eu o jogo no chão, levo as mãos de volta

Delicadamente, aperto seus mamilos endurecidos, e ela geme enquanto me beija. me beija, de um jeito suave, mas intenso. Ela segura meu pau e moviment a mão baixo. Tessa está me dando prazer, na minha cama, vestindo minhas roupas.

“Ah, Tessa, eu vou gozar”, digo. Meu corpo está sem controle. Tessa se t situaçã, proporcionando sensaçõs como bem entende. Estou pegando fogo e co tempo, e preciso me controlar para não gritar seu nome. Eu me concentro em beij la, massageando sua língua deliciosa com a minha. Minhas mãos ainda estão apertando seu: mostra que está gostando. Tiro as mãos dos seios dela enquanto gozo. O calor da pela cueca é como o alívio de respirar livremente.

Quando a sensação começa a passar, jogo a cabeça para trás e fecho os olhos. Tes sentada sobre minhas coxas. Estou satisfeito. Apesar do que dizem, eu morri e fui certeza. Sinto Tessa ficando ansiosa, então abro os olhos e a encaro. Estou um po por perceber que tenho prestado atenção a suas pequenas manias. Ela sorri para m

Eu sorrio e me inclino para beijar sua testa. Ela suspira, e eu gosto desse som.

“Nunca gozei desse jeito antes”, eu conto. Gosto do fato de ela estar me experiências.

“Foi tão ruim assim?”, pergunta ela, assustada e tirando conclusões precipitadas.

“Quê? Não, foi bom demais. Geralmente preciso de muito mais do que uma esfrega da cueca.”

Ela olha para o nada e não reage. Tem alguma coisa esquisita. Tento repe segundos na minha cabeça para ver se a ofendi. Acho que não. Decido perguntar: pensando?”.

Ela não responde. Vive me acusando de não ser comunicativo, mas ela mesma é a

“Ah, qual é, Tessa, me conta”, reclamo. Então, decido fazer cócegas nela. assistia na infância me ensinaram que fazer cócegas é uma maneira fácil de fazer e, além disso, aumenta o charme do homem. Eu preciso ganhar pontos desse tipo.

“Tudo bem... tudo bem! Eu conto!”, Tessa grita, esperneando como um cavalo d. fica engraçada com o rosto todo contorcido, os dentes à mostra, me chutar fazer cócegas. Sinto a barriga doer de tanto rir.

“Muito bem”, digo, sentindo a umidade na cueca. “Só espera um pouquinho: cueca.”

Não trouxe uma troca de roupas, e só tenho camisetas no porta-malas do carro. Quando me levanto, olho ao redor à procura de uma opção. A cômoda está cheia de roupas, se gostei nada da ideia — é esquisito demais deixar uma cômoda cheia de roupas paquer nada com ela.

Foda-se. Não tenho outra opção, e Karen não é tão ruim assim. Eu quebrei a sala de jantar acho que posso deixá-la feliz vestindo as roupas que me doou como caridade. Fico torcendo pelo melhor quando abro a gaveta. Minha esperança é destruída quando vejo um mont

Azul e branca, vermelha e branca, verde e vermelha, vermelha e azul, branca e verde tem fim. Sinto vontade de fechar a gaveta com força, mas estou desesperado. Peg azul e branca, e a seguro com o polegar e o indicador como se estivesse contamin

“O que foi?”, pergunta Tessa. Ela se levanta, apoiando-se nos cotovelos, e olha para mim. Estou fazendo com que ela dê risada; ela está se divertindo aqui. Consigo ver em seus olhos que fico com ela, eu a conheço melhor.

“Esta cueca é horrível”, resmungo. Xadrez? De algodão? Tamanho extragrande comprou isso?

“Não é tão ruim assim”, ela mente. Seguro a monstruosidade xadrez branca cabeça.

“Bom, é a única opção. Já volto.” Pego a cueca feia e saio do quarto sem a cama. A caminho do banheiro, passo pelo quarto de Landon. Encosto a parede e surpreendo quando ouço um personagem de um filme dizer algo sobre duendes. Espero que Tessa não ouça. Espero para ver se ele vai atender, mas está tarde, então, pro com a TV ligada. Bato de novo, e a porta se abre. O rosto dele está relaxado, a propósito perceber que sou eu. Dou um passo em sua direção, e ele ergue as mãos à frente para defender.

“Não estou aqui para arrumar confusão”, sussurro. Ele é um idiota por achar que

Percebo que ele não acredita em mim, nem um pouco.

“Então o que você quer?”, pergunta ele de um jeito meio desconfiado.

Balanço a mão. “Posso entrar?”, pergunto, fazendo um gesto lá para dentro escuro e reparo no tamanho da televisão na parede. Deve ser de pelo men

Claro que sim. Também tem uma parede cheia de camisas penduradas em provavelmente feitas à mão por alguma senhora meiga de uma loja de artesanato. grudou tudo com o próprio suor, só para Landon. Parece que ele tem tudo o que c cinco centímetros a menos do que eu, e tem muito mais músculos. Meu corpo é a é mais baixo e mais troncado. Parece até uma versão mais jovem e mais

Está vestindo uma camiseta da WCU e calça de flanela. Um caso perdido.

Ele me mede de cima a baixo e ergue a sobrancelha ao ver minha cueca.

“Vá se foder, foi sua mãe que comprou”, digo a ele.

Ele levanta uma das mãos para cobrir a boca e poder fingir que não está rindo.

“Eu sei, por isso é engraçado.” Ele ri às minhas custas, e eu me lembro de como é

“Deixa quieto.” Passo por ele e caminho em direção ao banheiro. Eu deveria sabe tentar falar com esse cara.

Ele levanta as mãos. “Espera, desculpa. Só achei engraçado porque minha essas cuecas, apesar de eu sempre dizer que são horrorosas.”

Não rio com ele, mas na verdade é um pouco engraçado, *sim*. “Quería falar com você sobre a Tessa.”

Ele fica na defensiva. Percebo que endireita o corpo e contorce os lábios. “O que

Afasto os cabelos do rosto. “Quería saber se você sabe que ela...”

Ele ergue as mãos de novo, dessa vez para me fazer calar a boca. “A Te: fazendo, não precisa de mim para se cuidar”, diz ele. O tom de voz é firme, mas s

Não faço ideia do que dizer. Pensei que ele seria um chato, o amigo protetor que fugir de mim.

“Bom...” Fico hesitante no corredor. “Vou dormir agora.” Olho para ele enquanto vejo que está sorrindo. Ora, foi esquisito... mas melhor do que eu esperava.

Depois do banho, volto para o meu quarto e vejo Tessa na cama, enrolada como um verme. Ela olha diretamente para a cueca que estou usando. Que horror.

“Gostei”, ela mente.

Essa cueca é horrorosa. Não dá nem para ver o tamanho do meu pau. Lanço um olhar para ela e acendo a luminária. Pego o controle remoto. Fico surpreso ao ver que ela instalou uma televisão holográfica aqui. Ligo a TV em um canal qualquer e abaixo o volume quase ao silencioso. Subo na cama e me deito ao lado de Tessa,

“Então, o que você ia me contar?”, pergunto a ela. Ela morde o lábio inferior. “Não, não sou uma de tímida, você acabou de me fazer gozar na cueca.” Dou risada da ironia do comentário e a abraço e a puxo para perto de mim.

Espero a performance dramática de Tessa terminar. Adoro quando ela parece mais

Parece que eu desperto isso nela, o que é motivo de orgulho. Quando minha amiga é normal, seus cabelos estão despenteados. Madeixas soltas caem ao redor de seu rosto e toco seus cabelos e os prendo atrás da orelha. Ela está usando brincos. Eles não são de quando passei por uma fase de querer colocar alargador nas orelhas, até que Mark infeccionaram. Ficaram nojentas, e fediam.

Preciso pensar em outra coisa.

Eu beijo seus lábios com delicadeza, e ela toma conta de meus pensamentos.

“Você ainda está bêbado?” Essa pergunta é outro exemplo de como é enxada.

“Não, acho que aquela gritaria lá no quintal me deixou sóbrio.”

“Bom, pelo menos alguma coisa boa aconteceu por causa disso.”

Não sei o que fazer com meu braço. Devo passá-lo pelas costas dela? Não sei bem. Olho para ela e toco de leve suas costas. “É, acho que sim.” Descanso o braço agora, quando ela toca meu peito. Ela se movimenta a cada respiração minha, como se já tivesse se acostumado

Gosto disso.

Ela está sorrindo, um sorriso escancarado, para mim. “Acho que gosto mais do H

diz ela.

Hardin bêbado...

Quase ouço a voz de minha mãe gritando pela casa: “*Você não passa de um alcoólatra, Ken!*”.

Deixo as lembranças que ameaçam estragar meu momento com ela de lado.

E ela provavelmente estava só me provocando. Preciso tentar aprender a p

Estar com Tessa é uma boa maneira de praticar. “É mesmo?”

“Talvez.” Ela faz um biquinho. Se acha que essa tolice vai me fazer esqui resposta, está muito enganada.

Voltando ao assunto, digo: “Você é muito ruim em tentar mudar de assunto. Cont

“Bom, eu estava pensando em todas as meninas com quem você... tipo, fez essas que diz isso, ela esconde o rosto em meu peito.

É nisso que ela está pensando agora? Só consigo pensar em como adoro c piniquem meu nariz, e que ela deve ter tomado banho de perfume com fragrância vir aqui. “Por que estava pensando nisso?”

Ela suspira, como se eu devesse prestar atenção ao que está dizendo. Não

porque não tenho experiência nenhuma, e você tem um monte. E isso inclui até S em sua voz fica bem evidente. Imagino que eu me sentiria da mesma maneira se e com o Zed. Penso pouco nisso, mas a raiva vem sem que eu esperasse.

Tiro essa questão da minha cabeça por enquanto. Zed não dorme na mesma cama que ele pudesse ver como ela está me olhando, ansiosa pela minha atenção.

Não sei se está chateada, com ciúme ou curiosa. Às vezes, consigo entendê-la perfeitamente, e às vezes, o livro se fecha.

Então, como não sei, decido perguntar. “Você está com ciúme, Tess?”

Espero muito que esteja.

“Não, claro que não.”

Está mentindo descaradamente.

Resolvo provocá-
la um pouco, já que ela praticamente pediu. Seu corpo está muito quente contra o meu. Nunca fiquei assim numa cama, agarrado numa menina depois de ter gozado isso antes, e também nunca me senti tão ligado a alguém durante uma atividade sexual. Nunca dormi com outra pessoa. “Então tudo bem se eu contar alguns detalhes?”

Ela responde depressa. “Não! Por favor, não!” Eu a abraço com mais força e dou a entender que a ideia a incomoda. Prefiro furar meus tímpanos a ouvi-la dizendo que transou com outro.

Olho para o teto e tento me lembrar se algum dia pensei em como seria passar as noites na cama. Com exceção de algumas ideias malucas enquanto estava embriagado e bêbado, calada, calada demais. Acho que pode ter adormecido. Pego meu telefone sobre a cabeceira das horas são. Nem meia-noite.

“Você não vai dormir, né? Ainda está cedo”, provoco.

“Ah, é?” A voz de Tessa está rouca de sono. Ela realmente pretendia dormir, mas quero passar mais tempo com ela. Tessa boceja, e eu reviro a cabeça.

Quase minto e digo a ela que são só dez. “É meia-noite ainda.”

Aposto que ela dorme as oito horas por noite que os médicos recomendam. Por isso ela é tão sorridente, feliz e tal.

“Isso não é cedo.” O segundo bocejo consegue ser ainda mais bonitinho.

Ela costuma ser fácil de convencer, então vou ver o que consigo. “Para mim é. Al menos vou retribuir o favor.”

Tessa fica tensa nos meus braços. Consigo imaginar seu rosto corado. Sua cabeça está a toda, imaginando que uma língua quente e molhada vai escorregar por movimentos circulares em seu clitóris.

“Você também quer que eu retribua, não é?”, pergunto bem baixinho. Ela estremece e é o sinal de que preciso. Ela olha para mim, com os lábios esboçando um sorriso.

braço ao redor de seu corpo e delicadamente a viro, para ficar por cima e aberta em êxtase. Ela puxa meus cabelos, e sinto sua umidade com a língua passa uma perna pelas minhas costas e me puxa mais para perto. Meus dedos passam até seu joelho.

É bom senti-la embaixo de mim. Seu corpo é uma tentação. Tenho certeza de que ela foi enviada para me torturar, para testar meu autocontrole. Uma voz baixa na minha mente talvez, quem sabe, tenha sido mandada para cá pelo motivo oposto. Talvez ela precise ter uma nova perspectiva na vida. Provavelmente é besteira, mas talvez ela não seja castigada — talvez esteja aqui para me salvar.

“Tão macia...” Subo e desço a mão por suas pernas deliciosas de novo. Pensar que suas pernas terminam faz minha mente e minha cueca transbordarem. Ela estremece de toda arrepiada. Adoro o modo sempre ardente como seu corpo reage a mim. Não acaba, seu corpo responde a cada toque meu. Molho meus lábios e os pressionado do joelho dela. Sua pele é muito macia e tem gosto de baunilha. Eu poderia devorá-la em segundos. *Autocontrole... autocontrole...*

“Quero sentir seu gostinho, Tessa.” Observo os olhos dela, esperando sua reação. A ideia do nível de prazer que posso proporcionar. Minha língua vai deixá-la maluca — ela não vai

querer que eu pare.

Os lábios carnudos de Tessa se entreabrem, e ela se inclina para mim, esperando que eu abra a boca. Sua inexperiência é incitante e frustrante ao mesmo tempo.

“Não. Aqui embaixo.” Levo a mão a sua boceta por cima da calcinha, e ela respira fundo. Seu peito se move para cima e para baixo, e tenho a impressão de que consigo sentir sua respiração polvorosa pelo corpo. Com toques delicados, eu a provoco, e a umidade de sua carne escorre pelas pontas de meus dedos.

Ela já está encharcada, e eu digo isso em voz alta. Ela é tão linda, e sua pele é tão radiante quando ela está assim, inchada e molhada para mim.

“Fala comigo, Tessa. Diz o quanto você quer.” É uma obsessão ouvi-la implorar por mim.

Meus dedos continuam a estimulá-la, concentrados em seu clitóris.

“Eu não queria que você parasse.” Ela está ofegante. Adoro.

“Você ficou aí quieta”, respondo. “Não sabia se você estava gostando.”

“Não dava pra perceber?”

Eu ergo o corpo e me sento em cima de suas coxas. Não consigo ficar sem tocá-la. Meus dedos percorrem a pele macia de suas pernas, fazendo seu corpo se remexer sob o meu.

“Então fala”, eu insisto. “Nada de balançar a cabeça, você precisa me dizer o que linda.” Adoro ouvi-la dizendo o quanto me quer.

“Eu quero que você faça.” Ela aproxima seu corpo do meu. Tento conter minhas mãos e me diga o que quer.

Levanto a sobrancelha.

“Você quer que eu faça o quê, Theresa?”, pergunto.

“Você sabe... que você me beije.”

Eu beijo seus lábios duas vezes. Ela franze o cenho.

“Era isso que você queria?”, provoco. Ela dá um tapinha em meu braço, brincando e implora pela minha língua.

“Que você me beije... lá embaixo.” Quando me movimento para obedecer, Tessa balança a cabeça. Não consigo conter o riso quando seguro suas mãos e as abaixo uma cara feia. “Você está me deixando sem graça de propósito.” Ela está contrariada, aconteceu?

Ela revira os olhos quando tento explicar que não consigo me controlar, só para não dizer aquelas palavras.

“Esquece, Hardin.” Ela puxa a coberta para cobrir o corpo e se esconde. Ela se vira para o outro lado agora, olhando para a parede.

Detesto tornar o contato sexual uma experiência ruim para ela. Na cama c

sentir segura, podendo se desligar de todos os pensamentos e se esquecer de tudo, que estou proporcionando. Eu estraguei tudo, e agora essa experiência vai la sempre que se

lembrar disso. Eu não deveria ter insistido tanto. Ela é muito nova nisso tudo, e eu “Ei, desculpa”, digo. Odeio brigar com ela. Eu só estava provocando; só não sou! Sou um trouxa às vezes, se por acaso ela ainda não percebeu.

“Boa noite, Hardin.” Sua voz está séria. Ela não está a fim de brincar comigo, então meu controle para deixá-la em paz. A última coisa que preciso fazer é irritá-la ainda mais.

Viu, estou aprendendo, sinto vontade de dizer.

“Tudo bem, sua teimosa”, resmungo. Observo sua respiração calma, e então dormir. Ela suspira algumas vezes, murmurando pensamentos incoerentes. Quando sento e a observo por um tempo, tentando imaginar por quanto tempo vai ficar br conseguir ser um bom namorado.



21

Tudo estava mudando tão depressa em sua vida, que ele mal teve tempo de acompanhar. Estava feliz... finalmente aprendera o sentido dessa palavra. Os dias passavam depressa perceber o que estava acontecendo. Quando ela se abriu para ele, mergulhou de cabeça, criando um lar dentro dela. Ela deu a ele a parte mais profunda de sua inocência, e ele a tomou sabendo que não tinha direito, mas estaria mentindo se dissesse que gostaria que ela nunca descobrisse.

Ele a estava amando e usando, e não sabia ao certo como poderia conciliar as duas coisas. Ele a amava, e sabia que isso não

era desculpa para todos os erros que estava cometendo, um atrás do outro, mas esperava poder aproveitar o tempo que tinha com ela e possivelmente convencê-la de que merecia seu perdão.

Estou entrando no estacionamento do alojamento de Tessa e me perguntando qual tinha uma ideia clara quando saí de casa. Iria ao quarto dela, contaria tudo o meu perdão. Não era um plano totalmente sólido, mas era tudo o que eu tinha. Não estava consumindo, me corroendo, implorando para ser libertada. Fico apavorado com o que acontecerá quando eu contar, mas ela merece saber. Precisa saber.

Só bebi um pouco. Só alguns goles para me soltar.

Não posso enganá-la com meus beijos nem distraí-la com meu toque por mais uma hora. O

estacionamento do prédio B nunca fica totalmente lotado, e parar na vaga mais próxima do alojamento me faz lembrar de um prédio antigo com um monte de janelas, mas as telhas aparentes dá um toque assustador. É o menos vigiado pelos funcionários do prédio — já me expulsaram dos prédios A e D.

Digito uma mensagem de texto rápida para a Steph para avisar que ela deve ficar se estiver fora. Ela não responde, então saio do carro e torço para que não receba mensagem de texto de Tessa logo abaixo, desejando boa-noite. Eu deveria ter respondido. Por que sou tão idiota?

O corredor está vazio, e eu fico parado na frente do quarto B20, e não do B22 senão por cinco minutos, pelo menos. Não decido se devo bater à porta. Ela não está lá exatamente, mas tenho certeza de que está aqui. Não, é melhor não bater. Não tenho nada a dizer.

Minhas mãos tremem quando giro a maçaneta. Quando a porta de madeira se abre imediatamente, torcendo para não levar uma sapatada na cabeça nem encontrar Sina na boca.

Meus olhos se ajustam ao quarto escuro quando a luminária é acesa.

“O que está fazendo?”, pergunta Tessa. Ela está sentada na cama com os olhos se ajustando à causa da luz forte.

Passo pela cama de Steph e paro a poucos metros da de Tessa.

“Vim ver você”, digo e, agora que estou diante dela, algo dentro de mim muda, se vira e deita de lado, apoiando a mão no quadril. Quando se senta, os pés direção ao chão, e os cabelos loiros estão ondulados, cobrindo a maior parte da camiseta de algodão que está usando parece muito macia. Sinto vontade de tocar sua pele. Quero passar o polegar pela testa dela e afastar os cabelos soltos para tocar seus lábios.

Ela fecha a cara, franzindo as sobrancelhas, e parece um gatinho bravo.

“Por quê?” Sua voz está alta e muito estridente.

Sem saber o que fazer, eu me sento na cadeira diante da escrivaninha de

Depois de um momento de hesitação, respondo com sinceridade.

“Porque senti sua falta.”

A desconfiança e a raiva são claríssimas em seu rosto, e ela revira os olhos. Será que é falta?

Eu a conforto em seu sono como ela faz comigo ou a assusto? Não faço a menor ideia.

Ela suspira e encolhe os ombros.

“Então, por que você saiu?”

Suas palavras saem delicadas. Demoro um pouco analisando o quarto de Tessa, desarrumada pela primeira vez; o edredom está amontoado na ponta do colchão, e os travesseiros estão caindo do colchão. O lado de Steph no quarto está bagunçado. Preciso controlar o riso ao pensar em como isso deve deixar Tessa puta da vida. Fico pensando nela não limpar o quarto quando fica sozinha. Até onde sei, é o que gostaria de fazer.

Dou um suspiro e encolho os ombros, e ela cruza os braços. *Tenho muito a dizer, Tessa, por favor fique quieta pelo menos uma vez...* “Porque você estava me irritando.”

Ela bufa e bate os pés como uma menininha. “Certo, vou dormir. Você está bêbada e vai ser um babaca de novo.” Ela balança a cabeça e fecha os olhos. Meu peito arde.

e meus punhos ardem por causa da minha raiva.

Tento convencê-la de que não estou sendo mau, que só estou um pouco embriagado, e que queria vê-la. Desesperadamente tento não me sentar na cama. Quero que ela se deite la.

Continuo com meu discurso e tento fazê-la sorrir.

Ela não está acreditando.

“É melhor ir embora”, diz ela. Ela se deita de costas para mim, virando-se para a parede. Uma teimosa é o que ela é. Dá raiva, mas é bonitinho também.

Se ela quiser agir como uma criança, vou tratá-la assim. “Ah, linda, não fica brava comigo.” Seus ombros ficam tensos, e eu gostaria de ver seu rosto. Apesar de ter dito isso para ela, a palavra *linda* fica bem quando está relacionada a ela. “Você quer mesmo que eu vá quando durmo sem você.” Espero que a vulnerabilidade toque algo dentro dela.

Ela suspira de modo dramático, e eu prendo a respiração. Não quero ir embora. Não queira que eu vá.

“Tudo bem. Você pode ficar, mas vou voltar a dormir.”

Ela não se vira. Eu tento imaginar a força com que bateria em mim se eu me deitasse e segurasse seu ombro e a virasse para mim.

Não me importo que ela durma, mas gostaria de curtir sua companhia. Eu não quero quando apareci aqui, e agora está totalmente fora de questão. Ela já quer conversar se eu falar dessa merda agora. “Por quê? Não quer ficar perguntando.”

Mais uma vez, ela diz que sou um bêbado cruel. Digo que não sou nada agindo como uma criança.

“Não é uma coisa legal de dizer. Principalmente porque só perguntei sobre seu tra

“Ai, Deus, esse papo de novo, não. Deixa isso pra lá, Tessa. Não quero falar sobre

Percebo que, se eu fosse sincero, a maioria de nossos problemas desapareceria. O
ela iria embora com eles.

“Por que você bebeu?”, pergunta ela.

Parecia uma boa ideia. Eu estava tenso e triste e, quando tentei pensar, não consegui
torna minhas confissões menos importantes, menos ofensivas. Posso reclamar
negar minhas palavras amanhã.

Bosta, não consigo parar de mentir.

“Eu... eu não sei... Só gosto de tomar uma... bom,
umas. Pode parar de ficar brava comigo? Eu te
amo.” Eu a amo de verdade e preciso ficar perto dela. Detesto que esteja brava com
modo doentio, o fato de ela se importar comigo me oferece um consolo.

A raiva dela está diminuindo a cada segundo que passa. “Não estou brava com você
que a gente ande para trás. Não gosto quando é grosso comigo sem motivo
bravo, quero que converse comigo a respeito.”

O que é isso, um consultório de psicólogo?
Demoro um pouco para perceber que ela está falando
comigo como se estivéssemos namorando sério. O que está bem longe de
falando sobre nós comunicarmos melhor, mas então simplesmente se vira p

Estou me esforçando pra caramba por essa garota, e ainda assim não basta
razoável, não deixando minha raiva tomar conta, mas é difícil fazer isso com algu
me perturba o tempo todo.

“Você sempre precisa controlar tudo”, rebato. Ainda não acredito que ela
conselhos a respeito de como lidar com os meus problemas. Como se ela
acha que sabe.

“Como?” Sua voz sai estridente. Ela se inclina e apoia os cotovelos nos joelhos.

Digo que ela é muito controladora. Ela nega.

Tessa me pergunta se eu tenho mais alguma ofensa a fazer, e peço a ela para ir me fica tão surpresa quanto pensei que ficaria. Eu também, perplexo por minha boca exato momento para trazer o assunto à tona. Ela observa meu rosto com atenção, memorizando o que digo a respeito do lugar. Está animada, dá para perceber. Mas dúvida, e não é boa em esconder isso. Vou mostrar que ela não tem nada sendo uma pessoa melhor por ela e fazê-la feliz. Sei que posso. A energia entre nós mudou drasticamente, e ela está mordendo o lábio inferior e me testando, e mal para morar juntos.

O turbilhão de verdades está pairando sobre nós, rodando e aumentando, por qualquer momento. Finjo que estamos em um romance e que ela vai me perdoar por ter perdido Darcy. Se fôssemos palavras em uma página, ela estaria nos meus independentemente do tamanho do meu erro, assim como Catherine. Sentiria falta; proporciono a sua vida e acharia impossível permanecer longe, assim como pode nos alcançar se estivermos seguros no nosso mundo, no nosso apartamento,

Esse lugar será uma fortaleza, não uma prisão, prometo a ela em silêncio. As palavras saem pela minha língua, e eu me viro para ela de novo. Ela está me encarando com os olhos pela animação.

“Então, você vai morar comigo?”

Diga sim, Tessa. Por favor, diga sim.

Ela endireita os ombros, e uma alça de sutiã cor-de-rosa aparece. Eu pensava que ela só tinha lingerie preta e branca, de algodão. Fico olhando para seu ombro, esperando ver u

“Meu Deus, vamos dar um passo de cada vez. Por enquanto, vou parar de ficar brincando”, diz Tessa, temporizando à sua maneira. “Vem pra cama comigo.” Ela se levanta e vai para a mão no colchão para me chamar. De repente, eu me transformo num cachorro quando vejo que ele fosse para a cama. Desabotoo a calça jeans, desço-a pelas pernas e a jogo em cima de uma pilha de livros perto da cama de Steph. Olho para Tessa, que está concentrada em sugerindo, sem nada dizer, que eu a tire. A camiseta fina de algodão que ela está usando mas não existe nada igual a vê-la vestindo as minhas. Eu adoro quando ela as usa para dormir.

Quando ela se levanta e a coloco na frente dela, ela abre um belo sorriso e levanta a própria

pele lisa é muito sensual, assim como as curvas de seus seios macios. Meus olhos foram atraídos ao ver seu conjunto de renda. Estou acostumado com os de algodão macio, com o corpete que cobre seus seios, não um sutiã com bojo e renda nas bordas.

“Porra”, não consigo me controlar. “O que é isso?” Essa garota é tão sensual e seu rosto está muito vermelho.

Sua voz não passa de um sussurro. “Eu... comprei lingerie nova hoje.” Ela é tão apesada de parecer uma deusa, com os cabelos loiros compridos, as pernas e os pés carnudos implorando para eu enfiar meu pau entre eles...

Começo a imaginar o que mais ela comprou hoje, e como seria difícil convencê-la a experimentar tudo para mim em um show particular.

Nunca me excitei tanto com uma mulher na vida. Ela é muito sexy sem precisar de nada, tem ideia de quantas mulheres fariam qualquer coisa para ser ela, para ter seu corpo cheio de curvas. “Estou vendo... Porra!”

Tessa sacode a cabeça. “Você já disse isso.” Mas ela adora ouvir. Tessa sempre dá elogios, e é muito, muito satisfatório. Fico surpreso todos os dias por ela não perceber que realmente é. Eu repito que ela está linda, e seu sorriso se escancara. Não consigo resistir a seus seios, puxados para cima pelo sutiã, e o meu pau não se controla dentro da cueca. Tessa e eu estamos focados nele, no meu pau inchado querendo sair da cueca preta.

Os olhos de Tessa estão famintos quando ela passa a língua no lábio superior e depois no inferior levemente. Ela diz algo para mim, mas eu não conseguiria repetir nem se eu quisesse. Isso é disso.

“Hum...” Concordo com o que ela está dizendo. Não consigo pensar em mais nada que não seja como o corpo dela me chama; parece que ela foi feita para mim. Usando o joelho do meu corpo sobre o dela e pressiono minha boca contra seus lábios molhados e carnosos, que está aveludada e molhada, macia e firme ao passar pela minha, derrubando o tempo curando ao mesmo tempo.

Esse jogo que estou fazendo é perigoso, estou caminhando na corda bamba sem o meu talento e me equilíbrio. Se ela for morar comigo, vai ver como estou pronto para ser melhor. Vai ver que um erro é muito pouco em comparação a quanto a amo, em como eu posso me tornar.

Sua boca está faminta pela minha. Ela é especialista nisso; sua língua se move com cada som que emite eu me apaixono mais. Passo a mão pelos seus cabelos macios me aproximar ainda mais. Pressiono meu corpo contra o dela, precisando de um pau para a coisa pegar fogo. O alívio que toma meu corpo quando não assusta. Tessa controla minha mente e meu corpo, e não sei o que ela vai fazer com

Eu me apoio no cotovelo, observando sua beleza. Seus lábios estão rosados, estou percorrendo um livro todo de coisas que quero fazer com ela. Com a renda cor-de-rosa em seu peito; o tecido fino mal consegue conter seus seios.

Com paciência e muita delicadeza, passo os dedos sobre o bojo, por baixo da alça no tecido e sinto os mamilos duros. Ela é um paraíso.

“Não consigo decidir se quero que você fique com isto...” Eu poderia passar todos os dias com ela aqui, esperando meu toque. Aplico um pouco de pressão na gema de surpresa.

Quero seus seios nus nas minhas mãos. “Tira”, resmungo. Estou com tesão e impus ela arqueia as costas enquanto abro os fechos, quase gozo na cueca. Toco movimentando-os para cima e para baixo para ver o modo perfeito como se movem. Os mamilos são perfeitos — ela é meu fetiche encarnado. “O que você quer fazer, Tess?”

Quero fazer tudo com ela. Coisas que nunca fiz, e reviver o que já fiz no passado

“Eu já disse”, responde ela, pressionando o seio em minha mão. É uma tarada, isso

Estamos prontos? Ela está pronta? Acho que está pronta. Está ofegante, e consigo no fundo de sua calcinha à luz da luminária.

Desço a mão por sua barriga até a barra de sua calcinha de renda. Tento gême, e eu preciso ouvir mais dos meus sons preferidos. Porra, ela me tem na palma

Toco sua boceta, batendo de levinho na elevação inchada, sentindo sua umidade. toma o ar, e quero sentir seu gosto. Eu a penetro com os dedos, até os nós dos dedos

Esse som me domina quando ela me abraça para acalmar o corpo trêmulo. toco, e puxa o ar sempre que penetro sua boceta.

As mãos de Tessa estão descontroladas quando encontram meu pau duro, tocando o com a palma, apertando e me acariciando por cima da cueca.

“Você tem certeza?”, pergunto. Preciso que ela tenha certeza absoluta. Preciso perfeito para ela quanto será para mim.

Tessa demora um pouco para perceber que estou falando com ela. Seus lábios esticados, seus olhos, arregalados.

“Sim, tenho certeza. Não pensa demais.”

Abaixo a cabeça e dou risada contra seu pescoço. A ironia disso está me fazendo costuma pensar demais, mas agora sou eu. Estou muito perto de finalmente tê-la, e o momento está sendo arruinado por causa da maldita aposta. A culpa que tenho levado com a paixão que me apaixonei está pesando sobre mim. Estou vivendo um dilema: o mocinho e o vilão que é perturbado demais para amar alguém estão no meio de um mundo diferente da princesa. O garoto de preto cai no chão.

“Eu te amo. Você sabe disso, certo?”, digo enquanto a beijo. Será que ela consegue ficar em pânico?

Se consegue, não demonstra. “Sei...” Ela me beija, lenta e delicadamente. “Amo

As pernas de Tessa estão se movimentando como se seu corpo não conseguisse resistir aos meus dedos penetrando-a. Ela está gemendo meu nome e, na minha cabeça, aparecem imagens de seu corpo embaixo do meu enquanto sinto o cheiro de sua pele e tomo seu corpo.

partir dela... Esse vai ser o limite. Levo os lábios ao seu pescoço para esmagá-la de um jeito diferente. Chupo a pele macia dali, sentindo o calor do sangue correndo sob minha pele.

“Hardin, eu vou...”, ela geme quando a deixo. Está prontinha, preparadíssima para

Nesse momento, me torno um homem faminto. Preciso beijá-la. Eu me deito na cama, tiro sua calcinha e abro suas pernas. O cheiro é delicioso, inebriante. Nunca senti tanta fome que me toma por dentro. Meus lábios traçam um caminho até sua barriga. E

Sopro a região e me delicio com a maneira como ela geme, erguendo o turgor do membro. Sopro a região e me delicio com a maneira como ela geme, erguendo o turgor do membro.

Seu gosto toma meus sentidos quando passo a língua pelo seu corpo. A cada gemida, ela lambe mais forte, com mais precisão, e ela agarra os lençóis brancos para não gritar.

“Isso é bom?”, pergunto, tomando o cuidado de deixá-la sentir meu sopro.

Ela responde ofegante. “Muito...”

Eu a chupo e lambo, deixando-a toda trêmula e gemendo.

Quero dar a ela todo o incentivo de que precisa. “Isso, linda, goza para mim com a minha língua.” Ela obedece. Fico maluco ao senti-la gozar, não estou mais embriagado com a bebida; agora estou embriagado pelo poder.

Monto sobre ela, com o pau encostado a sua barriga, e a beijo. Ela sai do estado de choque e beija com intensidade. Ela já está pronta para mais. Estou impressionado. “Você tem certeza de que quer isso, para ter certeza.

Ela assente na hora, encostando os lábios nos meus.

“Shh... Sim, tenho certeza.” Ela finca as unhas nas minhas costas quando me beija. Seus lábios sugam os meus, sua língua entra em minha boca, e fico louco de novo. Ela se curva para baixo, e a sensação de estar nu e tão duro contra sua pele me deixa doido.

Preciso entrar nela... Tenho que tomar o corpo dela.

Isso vai mudar tudo. Nenhum de nós será o mesmo de novo. Ela não será mais inocente; será uma mulher com vida sexual. Terá que marcar a opção de “sexualmente ativo” ao médico. Um dia, quando se casar, terá que contar ao cara que ela traiu. O assunto sobre suas experiências sexuais do passado será a meu respeito. Eu sinto uma satisfação muito grande. É uma experiência libertadora, mas também...

“Tessa, eu...” Preciso contar. Meu corpo está se dilacerando.

“Shh...”, ela faz de novo. Não tem ideia do que está dizendo.

Sinto o peso do meu corpo sobre o dela, o encaixe perfeito. Observo seu rosto, tei

momento para sempre. “Tessa, preciso dizer uma coisa...”

“Shh. Hardin, por favor, para de falar.” Ela está me implorando agora. Seus olhos amor e excitação. Ela assume o controle antes que eu possa dizer mais alguma coisa. Sua mão segura meu pau duro, e ela começa a me masturbar, me provocando ao mesmo tempo. Respiro fundo quando seu polegar passa pela cabecinha molhada ejaculatório.

“Vou gozar se você fizer isso de novo”, aviso, gemendo. Quero sentir seu contorno a cabeça do meu pau, me provocando, me fazendo pedir mais.

Acima de tudo, preciso me enterrar dentro dela. Agora.

Ela não deve ter camisinha, e fico meio envergonhado por sempre andar com algumas regras no que diz respeito ao sexo, mas de usar preservativo eu não abro

Tessa está olhando para mim da cama enquanto pego a calça do chão e remexo no bolso. Sinto como um perverso, levando um preservativo na carteira na esperança de ter sucesso.

Olho nos olhos ansiosos de Tessa e me esqueço disso. Volto para a cama, com a calça e o preservativo.

Espero um pouco para que ela pegue da minha mão, mas isso não acontece. Provavelmente nunca viu um preservativo fora da aula de educação sexual.

“Você...” Não sei como perguntar se ela quer tentar colocá-lo em mim. Algumas mulheres gostam de fazer isso, outras não.

Ela fala mais alto. “Se perguntar de novo se tenho certeza, eu mato você.”

Eu acredito nela.

Então eu escolho a opção dois, que é aproveitar o momento. Faço que não com a calça e a camisinha na frente dela.

“Eu ia perguntar se você vai me ajudar a colocar ou se devo fazer isso sozinho, rápido, com certeza.”

Tessa parece nervosa, mordendo o lábio. Meu pau está latejando por ela. Sinto vontade sem camisinha mesmo.

Preciso me lembrar de que essa ideia é muito idiota.

“Ah, eu quero ajudar... mas você precisa mostrar como se faz.” Ela é muito sensual. Seus seios, tão pesados e redondos, estão me distraindo. Preciso acelerar.

“Certo”, concordo. Tessa se aproxima de mim e cruza as pernas. Quero ensiná-la, mas estou meio fora da realidade. Estou quase todo em cima dela, quase dentro dela. Ela está gemendo nas minhas costas e meus braços. Está implorando por mais, está gozando, e estou torcendo para que não pare.

“Nada mal para uma virgem e um bêbado”, Tessa provoca quando a camisinha escorrega.

Digo a ela que não estou bêbado, e explico que sua boca gostosa me deixa sóbrio.

“E agora?”, pergunta ela, interessada.

Eu guio sua mão ao meu pau.

“Está com vontade?”, pergunto a ela.

Ela assente.

“Eu também”, digo. Estou com *muita* vontade, nunca quis nada quanto quero isso. Ela ainda está

me masturbando; meu pau duro está em sua mão. Eu me posiciono entre suas pernas e joelho.

Mais uma vez, sua boceta está molhada. “Você está bem molhadinha, então

Consigo sentir seu cheiro de novo. Ela responde tão bem, e isso me deixa encostando os lábios nos cantos da sua boca macia, do seu nariz e da sua boca de abraça, e eu respiro fundo quando ela se ergue. Eu passo o pau em sua umidade e está impaciente, e me puxa para mais perto.

Eu a alerto. “Devagar, linda, precisamos ir devagar.” Beijo sua testa. Não quero machucá-la. Eu

não a machucaria. “Vai doer no começo, então diga se quiser que eu pare. Estou f

Olho para ela. Suas pupilas estão dilatadas, seu rosto está corado, e seus cabelos caem sobre o travesseiro.

“Tá.” Ela hesita. Olho para ela, para fazê-la se lembrar de que eu a amo, preciso dela e a valorizo.

A cada respiração, vejo que se abre mais, e a penetro com delicadeza. Sinto sua vibração em cada movimento, e paro quando ela fecha os olhos com força.

“Você está bem?”, pergunto, ofegante. Ela está assentindo, seus lábios estão muito quente, apertadinha para mim.

“*Porra*”, solto um gemido quando ela me aperta de novo.

“Posso me mexer?” Porra, eu preciso me mexer. Eu sabia que penetrá-

la seria o paraíso, mas não fazia ideia de que seria tanto assim.

Ela respira fundo algumas vezes e responde: “Sim”. Vou devagar, não quero mac
la. Consigo senti-
la mais leve em meus braços a cada beijo meu. Beijo seu pescoço, sua boca linda,

Amo cada centímetro de seu corpo. Cada centímetro do *meu* corpo.

Eu repito o quanto a amo enquanto entro e saio dela lentamente. Seus olhos ainda
mas ela não está demonstrando nenhum sinal de desconforto. Quando vinte segur
não responde, eu paro. “Você... porra... você quer que eu pare?”

Ela nega com a cabeça, e fecho os olhos de novo. Consigo sentir cada centímetro
corpo. Sua pele macia, seu corpo se moldando ao meu. Ela é minha agora
depois de sairmos dessa cama. Eu mantenho o ritmo, e ela me abraça. Consigo se
peito, bombeando e ganhando vida conforme me aproximo do limite. Nunca senti
o sexo.

Eu me sinto vivo e radiante. Quando olho para meu amor, ela está olhand
admiração, e agora sei que, de alguma forma, tudo vai ficar bem.

A força de Tessa me surpreende de novo quando uma única lágrima desce por seu
e elogio, pois ela merece. “Você está se saindo muito bem, linda. Eu te a
cabelos e beijo a pele suada do seu pescoço.

“Eu te amo, Hardin”, Tessa declara. É só disso que preciso para chegar lá.

Beijo sua boca, lambendo seus lábios e a língua com intensidade. “Ah, linda, eu v
bem?” Minha coluna está pegando fogo, sua pele está suada e brilhando. Estamos

Tessa assente, me incentivando a gozar nela. Nesse momento, sinto raiva c

Quero preenche-
la — quero que ela seja minha de todas as maneiras. Ela beija meu pescoço, e eu
fico tenso, meu corpo cede ao prazer, e digo seu nome entredentes enquanto gozo
ela, recuperando o fôlego, e ela acaricia minha pele com carinho.

Tudo mudou agora. Eu mudei tudo entre nós. Eu a conforto e ignoro a pressão da
ameaçando me queimar vivo. Enquanto a acaricio, rezo para que quem estiver ou

mundo virar um monte de cinzas.



22

Tudo começou a ir por água abaixo para ele, e o castelo de cartas que ia tornando mais frágil a cada dia. A cada menção a suas mentiras, ele entrava procurando criar uma saída. Tinha certeza de que fora amaldiçoado na infância, mas não tinha outra explicação para o sofrimento com o qual lidava. Estava começando a se perguntar se era sua salvação ou sua maior maldição. Ele a tinha, todas as partes dela, mas a afastava a cada segundo.

Tessa está no estágio quando passo pelo quarto dela alguns dias depois. Segundo ela está enlouquecendo. Existem sinais de que Steph pode estar perdendo a cabeça, e preciso ir vê-la antes que isso aconteça.

Quando chego ao quarto, Steph está deitada na cama, com os cabelos ruivos todos

As madeixas estão presas com grampos na cabeça. A maquiagem está escura; a sua pele está pálida, e suas pálpebras, fazendo com que pareça uma assombração. Sua pele está pálida, e suas pupilas são vermelhas.

“Ela não está aqui”, diz Steph, e abaixa a tela do laptop de Tessa. O que isso está

“Só estou vendo um filme. Relaxa, doente.”

Pego o laptop da cama e o enfio embaixo do braço. “Sei que ela não está aqui”, digo a ela. Ela se apoia em um dos cotovelos, e os seios se elevam embaixo da blusa, revelando uma boa parte.

“Falar comigo sobre o quê?” Seus olhos estão frios enquanto ela espera minha resposta. Ela sabe que tem um parafuso a menos, mas nunca sei até que ponto pode ser perigoso. Um ou outro parafuso solto, mas no caso da Steph às vezes parece que não é só isso.

ela fosse uma garota legal, mas acabou se mostrando bem louca.

“Você sabe sobre o quê.” Eu me sento na cama de Tessa e me viro para Steph.

“Molly ligou para você”, diz ela, ligando os pontos. “Ela está ficando tão joga a cabeça para trás e se senta. “Não vou contar nada para a Tessa. Sei que vou implorar para que eu não diga nada a ela. Não vou falar.”

“E que garantia eu tenho para acreditar nisso?”, pergunto, e ela cobre os dentes com

“Acredite se quiser. Eu já me diverti com isso. Mas agora estou entediada sentir mal por ela.” Para ser sincero, isso me surpreende totalmente.

“Ah, é?” Eu me sento na beira do colchão de Tessa e apoio os cotovelos nos joelhos

Ela começa a rir — rir alto e de verdade —, e eu suspiro. Eu deveria saber. “Não,

Mas estou entediada, sim.” Observo quando ela puxa o vestido para baixo para ex

Eu desvio o olhar.

Isso é pela Tessa. Preciso tomar cuidado para não causar um escândalo.

“Mas você já deve ter quase acabado o que tinha que fazer com ela, com certeza.”

Quase acabado? Ela está maluca?

“Não é? Você trepou com ela... agora já era. É assim que as coisas são para você

O mais esquisito é que Steph não está tirando sarro da minha cara, só está constatação. Com base no meu histórico, sua avaliação estaria correta, mas tempo do que qualquer outra.

Tessa me fez lutar por ela, porque vale muito a pena. Pena que estraguei tudo.

“Não...” Pigarreio. “Não acabei.”

Steph revira os olhos e lambe os lábios. “Sabia que não. Quantas vezes você já tre

Ela

ainda está apertada? Sei lá, mais cedo ou mais tarde você sempre estraga tudo.”

Meus olhos devem parecer prestes a pular para fora das órbitas, porque ela se afasta. “*Está?*”, Steph repete. “Tenho certeza de que ela está no jeito para você. . . . Em frente, e ela pode ir embora. Já sei que é o que vai acontecer.”

“Você não gosta dela mesmo.” Coço a nuca. Tessa pensa que Steph é sua amiga, mas não quer meter nisto se não precisar. Mas, se Steph aprontar alguma coisa para Tessa, eu vou envolver.

“Não, não gosto dela mesmo. Vamos seguir em frente. Dá um pé na bunda dela e boquete da Molly um dia sim um dia não.”

“Vou continuar com a Tessa.” Não sei como dizer isso a ela. Não quero perder o poder sobre mim do que já tem, mas também não quero que fique com a impressão de que ela é uma presença permanente na minha vida.

Ela ainda não é, mas estou torcendo para encontrar uma maneira de fazer isso acontecer.

Mas isso não é da conta da Steph. Porra, que bagunça. Uma baita bagunça.

“Por que você veio aqui, Hardin? Sei que não foi só para ver minha boca grande. Você aperta os lábios de novo e pressiona os braços nas laterais do corpo para destacar o que é sutil.”

Por um momento, perco a paciência e me levanto. “Você tem que estar longe de mim para encostar em você!”

“Tessa não é especial. Não sei por que você e Zed estão tão obcecados com ela.”

“Zed não é relevante nessa conversa.” Minhas mãos estão tremendo, e vejo Zed ficar um pouco mais contente consigo mesma e com a reação que me causou ao mencionar o nome dela.

Não se deixe afetar por ela, Hardin.

Ela está me irritando de propósito, e estou deixando. Como é que minha avó dizia?

Merda, não me lembro.

“Zed é uma parte *bem* relevante...”

“Chega.” Junto as mãos e as levo ao meu rosto. Aperto o nariz entre os olhos, insi

Vim aqui para conversar com ela sobre a preocupação de Molly, para ter certeza q
sairia prejudicada, por minha causa, em uma atitude maluca ou doente da parte de
que estou aqui, Steph está sendo um ser humano excepcionalmente terrível e, sinc
a fim de ser idiota. O fato de Steph agir como a Rainha dos Idiotas faz com que e
estou diferente do que era antes de Tessa. Pensei que fosse melhor do que
alguma forma, mas aqui estou. Vou para o inferno ao lado dela.

Não consigo me controlar e começo a perturbá-
la. Quero fazer com que ela se sinta tão mal quanto
me sinto. Olho para Steph e abro o maior sorriso. “Talvez você devesse s
namorado e com o jeito como ele olha para a Molly. Eu já vi os dois so

Digo algumas outras coisas sobre eles — nem sei o que, sinceramente — e, quan
mentira, os olhos dela estão marejados, irados, e eu estou triunfante.

“Mentira sua.” Ela está tentando controlar as lágrimas. *Isso.*

“Não é, para o seu azar”, digo a ela. Coloco o laptop de Tessa na primei
Preciso tirá-la desse alojamento, e logo.

Antes que Steph possa dizer mais alguma coisa, eu saio do quarto. Quando entro
senso retorna. Percebo que minha atitude foi muito idiota. Steph não é como a ma

Não vai controlar a raiva e esperar o momento certo para atacar. É irracional, e cc
la
informando todos os detalhes da aposta a Tessa, exagerando muito. Eu me
deveria dizer a Tessa toda a verdade nojenta antes que ela descubra. Isso
dentro.

Saio do carro e caminho de volta até o alojamento para tentar outra conversa com

Mas ouço a voz de Tessa assim que chego perto da porta. *Merda.*

Eu me recosto na superfície de madeira, ouvindo a conversa das garotas. “Acho q
teria nada com ela. Vejo como olha para você. Ele gosta de você de verd
precisa conversar com ele”, ouço Tessa dizer. Pressiono a orelha ainda mais conti

que ninguém passe por ali.

“E se ele estiver com ela?”, pergunta Steph.

Ela acreditou naquela merda?

“Não vai estar.” Tessa consola sua colega de quarto.

“Como você sabe? Às vezes, a gente acha que conhece as pessoas, mas não conhe-

ce. Que merda. Steph vai contar tudo. Vai contar *agora*.

“Har...”

Eu abro a porta.

“Oi...”, digo quando entro no quarto. Elas parecem estar bem próximas; quem pensaria que são amigas. “Hum... é melhor eu voltar depois?”

“Não, vou procurar Tristan e me desculpar.” Steph se levanta. “Obrigada, Tessa e olha para mim, deixando claro que ainda não terminou.

Distração... preciso de uma distração. “Está com fome?”, pergunto enquanto vou para sair.

“Estou”, diz ela, passando a mão na barriga. Está distraída agora, e não parece no ódio que Steph lança para mim.



A paranoia tomou conta dele, afastando-o cada vez mais. Ele tentou se apegar ao restinho de esperança de que poderia ter a vida que queria com ela. Tentou criar planos e mais planos para salvar a única coisa boa que já tinha acontecido em sua vida. Implorou aos inimigos, e pediu aos amigos, seu silêncio. Nenhum de seus planos funcionaria, nada seria

capaz de esconder o que fez com ela, e ele sabia que tudo acabaria explodindo em sua cara.

Levo Tessa ao shopping, onde meu azar prossegue quando nos sentamos na praça antes de decidir em qual lugar comer. A paranoia parece estar me assombrando todos os lados. Não consigo parar de pensar em tudo que Steph pode ter contado. O que vou fazer para não ser descoberto? Vou tentar esconder o que venho tentando esconder? Vai finalmente me ver como sou, indigno de tê-la?

Eu mexo na comida do prato, distraído, enquanto Tessa come devagar e me observa.

O que ela está procurando? Sinais de mentira vindo à tona?

“Podemos comprar sua roupa primeiro”, digo. Ainda não acredito que concordo com o casamento. Vai ser muito esquisito para mim, e meu único plano é me concentrar em não pensar em nada que aconteceu antes de três meses atrás.

“Bom, você tem a sorte de ficar linda com qualquer roupa.”

O rosto dela fica corado com meu elogio. “Você é que faz o tipo que não liga para o que está vestindo, está sempre lindo.” Ela está rindo, e meu peito dói um pouco menos ao ver seu sorriso.

“É verdade.” Sorrio para ela. Mas Tessa fica linda de qualquer jeito também. Mesmo sem eu, e nem se esforça para isso.

O telefone de Tessa vibra sobre a mesa. Ela está se comportando de um jeito que sugere que alguém que sabe que está sendo usada assim. Talvez ela esteja agindo normalmente para não me distrair até poder se vingar.

Ou talvez realmente não saiba.

“Landon”, ela diz enquanto leio o nome na tela. Meu coração dispara, descontrolado, e observo sua boca enquanto fala. Ela morde o lábio inferior por algum tempo antes de olhar de cima a baixo.

Pensei numa maneira de impedir que ela fique sozinha com Steph. Preciso mantê-la mais perto de

mim a partir de agora. Estou sendo muito relaxado em relação a tudo isso. Precisa da minha ajuda ao meu lado o tempo todo.

“Certo, vou fazer meu melhor para ele usar uma gravata”, diz ela ao telefone, e finalmente se refere quando diz “ele”.

Ela encosta a mão no rosto e apoia o cotovelo na mesa. É insistente, mas é linda. Não quer ter que se esforçar muito.

Tessa começa a dizer outra coisa a Landon, mas olho para o meio da praça de ali e vejo Zed, Jace e Logan. Estão vestidos cada um de uma maneira diferente, cada um por quem é por meio de suas roupas. Logan é o cara descolado, meio punk com cara de fodão do que os outros dois. Zed, alto e moreno, parece ser modelo de uma loja de roupas, apesar de estar no shopping no intervalo entre as aulas. Sua presença não combina com o ambiente. Parece o delinquente, aquele de quem todas as adolescentes precisam manter distância.

“Já volto.” Eu me levanto da mesa e deixo minha comida. Graças a Deus assim não vai me acompanhar. Não agora.

Logan está passando protetor labial quando me aproximo deles. Jace está com um sorriso e Zed parece bem estressado. “Que bom ver você também”, diz Logan, e bate o pé no chão. Jace ri alto, uma risada descontrolada. Os três estão com as pupilas dilatadas e com sorrisos finos nos olhos. O cheiro é de maconha e de fumaça de cigarro. Se Zed gostaria desse gosto de tabaco?

“O que vocês estão fazendo aqui?”, pergunto, olhando para Tessa de canto de olho.

“Onde? No shopping, um lugar público?”, pergunta Jace.

Respiro fundo, lançando uma ameaça silenciosa a ele. Se estragar tudo hoje, não vou hesitar em acabar com ele.

“Só estamos na área”, Logan explica. Ele dá de ombros e olha para mim com uma expressão de compreensão. Sabe bem com o que estou me preocupando, e de algum modo está certo. É esse o motivo pelo qual estão aqui. “Sério”, ele insiste, e eu relaxo um pouco.

“Onde está sua cachorrinha?” Jace põe a língua para fora de um jeito nojento. Logan ignora todos nós e olha para a tela rachada de seu iPhone.

“Ah, ela está ali!”, Jace fala mais alto, e quase parto para cima dele. É um cara m

parecido com meu amigo Mark, que tratava as pessoas como brinquedos e não se atitudes idiotas. Mas acho que sou igual, penso ao me lembrar da aposta e de que, no fim das contas, fui eu quem ficou com o prêmio.

“Para com isso”, digo, dando um passo à frente, e Jace abre um sorriso n deixar agitado. Ele está me irritando de propósito. Ele sabe disso, com cer saber também.

“Ela está vindo.” Logan ainda está olhando para o telefone, mas nos avisa da pres As palmas das minhas mãos estão ensopadas, e a pele dos meus dedos se estica se punhos. Eles vão destruir minha vida agora, aqui neste shopping em uma Estados Unidos.

“Oi, Tessa, como você está?”, pergunta Zed, e eu dou um passo à frente. vontade de arrancar os braços dele.

“Hardin, você não vai apresentar sua amiga?”, Jace se vira para mim, e seus olhos puro sarcasmo.

“Hum... sim. Esta é minha amiga Tessa. Tessa, este é Jace.”

Tessa franze o cenho com raiva, e eu olho ao redor, confuso. Por que ela está brav rosto e espero que ela olhe para mim. Não olha.

“Você estuda na WCU?”, ela pergunta a Jace. Por que ela sempre precisa mundo? Fica claro que ela não tem muito traquejo social; parece ter zero senso de

“De jeito nenhum. Não sou chegado em faculdade.” Ele ri, e Tessa relaxa todas as garotas forem como você, posso reconsiderar.”

Tessa parece um pouco assustada, e eu estou fazendo uma relação mental dos ton posso deixar a cara de Jace se começar a estrangulá-lo.

“Vamos ao porto hoje à noite. Vocês deveriam aparecer por lá”, diz Zed.

Aparecer? Vai se foder, Zed.

“Não podemos. Talvez da próxima vez”, digo, pondo fim à conversa.

“Por que não?”, pergunta Jace, claramente me desafiando na frente de Tessa e Ze

“Ela tem que trabalhar amanhã. Acho que posso ir mais tarde. Sozinho.” Deixo cl

As coisas não vão voltar ao normal entre nós. Vai ser difícil, mas sou tonto o sufi
que posso escapar dessa. Eu ganhei a aposta, ela é minha, e Zed pode apodrecer, i

“Que pena.” Jace sorri para Tessa, e eu me esforço para me controlar. Ele

Está fazendo o jogo infernal do qual concordei em participar como se eu
tivesse um belo pedaço de queijo para mim.

“Bom, ligo para vocês mais tarde quando estiver indo”, minto para ele.

Tenho que pensar no que fazer em relação a ele. Jace está louco para encontrar um
contar a Tessa sobre a aposta... ele é um idiota desse nível. Mas sei que, se eu toc
com ele, só vou incentivá-
lo a abrir sua boca grande ou plantar a ideia em sua cabeça caso ainda não
tenha pensado nisso sozinho.

Os três se afastam, e Tessa olha para eles sem esconder sua contrariedade. Fico c
acesso de raiva dela na Macy's. Ela anda mais depressa, de um jeito infantil e pet
que está brava, e também fecha a cara.

“O que foi?”, pergunto. Alguma coisa sempre parece estar errada com ela. Estou
coisa, fazendo alguma coisa, ou então alguém olhou torto para ela... sempre tem

“Ah, não sei, Hardin!”

“Nem eu! Você acabou de abraçar Zed!”, grito com ela. Só consigo pensar nela a
ela vem arrumar confusão comigo agora?

“Você tem vergonha de mim ou algo assim? Olha, eu entendo, não sou ex
legal, mas pensei...”

Não entendo aonde ela quer chegar com isso. Está pensando que sinto vergonha c

Por que sempre faz isso?

“O quê? Não! É claro que não tenho vergonha de você. Está maluca?”

Ela está maluca. Nós dois estamos.

“Por que você me apresentou como amiga? Quer que a gente more junto, amigos? O que você vai fazer, vai me esconder? Não vou ser o segredo de ninguém suficiente para que seus amigos saibam que estamos juntos, então não quero ficar

Como posso dizer que ela é mais do que uma amiga? Ela vai me odiar e se tornar meu inimigo quando meu tempo acabar. Tessa é muito mais do que um segredo tentando escondê-la. Não quero mais deixá-la escondida. Quero exibi-la com o maior orgulho, e mostrar para todo imbecil que ela é minha. Só minha. Mas sou idiota demais para coisas darem certo entre nós, e por isso tenho que esconder a coisa mais linda, o resto da minha vida toda. Tenho que escondê-la, em vez de deixar que floresça ao sol, e isso está me matando por dentro.

“Tessa! Que droga...”, digo, e ela olha em direção ao provador da seção feminina atrás de você”, aviso. Estou falando sério. Gostaria de entrar no provador e transar com o espelho de corpo inteiro.

Ela levanta as sobrancelhas e contrai os lábios. Sabe muito bem que vou atrás dela até a vala mais profunda do inferno se me pedisse.

“Quero ir para casa. Agora”, ela exige. Ir para casa? Tudo por causa de uma briga que reafirma sua posição caminhando na minha frente e saindo da loja até chegar ao estacionamento, tento abrir a porta para ela, mas Tessa não deixa.

“Já cansou de dar chilique?”

“Chilique? Você não pode estar falando sério!” Ela está gritando.

“Não sei qual é o problema de ter chamado você de amiga. Só fui pego de surpresa pela verdade.

“Se tem vergonha de mim, então não quero ficar com você.” A voz dela está tentando se controlar para não chorar. Já conheço bem seu jeito para saber que está pressionando as pernas e que os olhos acinzentados estão cheios de lágrimas. Mais lágrimas provocadas

“Não diz isso.” Passo as mãos pelos cabelos oleosos, querendo arrancá-

los fio a fio. “Tessa, por que acha que tenho vergonha de você? É ridículo.” Não tenho motivos para sentir mínimo, é o contrário. Para meus amigos, ela é uma piada; todos os momentos que a garota não valem nada. Eu transformei tudo em nada, e ela vai descobrir logo e não vai poder fazer nada para impedir que esse trem desgovernado acabe com a minha vida de novo, reconstruindo, mas agora estraguei tudo.

“Divirta-se na festa hoje”, diz ela, fazendo bico no assento do passageiro.

“Eu não vou. Só disse aquilo para o Jace sair do meu pé.” É verdade. Não quero ir com ela. Quero ficar dentro de Tessa a noite toda.

“Se não tem vergonha de mim, então me leva à festa.”

Eu deveria saber que ela faria isso. Tudo é sempre um jogo para ela, tudo.

“De jeito nenhum”, respondo.

É claro que fomos à maldita festa porque, mais uma vez, Theresa Young conseguiu.

Conforme os dias passam, eu me sinto mais à vontade com a mentira, mais do que antes.

Finjo que tudo não está ruindo lentamente, que pequenos pedaços daquilo que nos mantém juntos estão caindo a cada minuto que passa e que não conto tudo. Não posso contar. Não quero. Não quero ser um ninho de cobras e deixar que elas nos destruam. A verdade vai nos afogar; não teremos tempo de escapar.

É inevitável, assim como meu amor por Tessa.

“Então... seja bem-vinda ao lar”, digo quando o corretor sai do apartamento, finalmente. Pensei que ele nunca mais iria embora. Tessa ri, cobrindo a boca com as costas da mão, e eu sorrio de volta. Ela me abraça, agradecendo a quem quer que a tenha dado a mim e eu me sinto um pouco mais feliz antes de ser arrancada de minha vida. Mereço um pouco de felicidade.

“Nem acredito que moramos aqui agora. A ficha ainda não caiu.” Os olhos dela são animados e vivos de um jeito que só vi quando a conheci. Eu dei a ela liberdade e espaço. Dei a ela um lindo apartamento, onde pode ser quem é, a versão completa de si mesma.

nem exigir coisas. Sua mãe não está aqui para dizer que ela deve escovar, está aqui para pensar em modos manipuladores de nos magoar.

“Se alguém me dissesse que estaria morando com você, ou até namorando você, eu teria dado risada ou um soco na cara da pessoa... ou as duas coisas.” Dou risada e me escondo entre as mãos. Ela está muito quente, e as faces estão coradas de alegria.

“Ah, mas que gracinha.” Ela apoia as mãos no meu quadril e se inclina para mim, me abraçando em meu peito, minha âncora. Minha vida está perfeita pela primeira vez, até onde eu sei, ignorando totalmente a catástrofe que se aproxima, mas, por enquanto, minha vida é perfeita.

Um alívio ter um espaço só pra gente. Chega de festas, colegas de quarto e chuveiros compartilhados. Meu coração bate forte, e fico me perguntando se ela consegue ficar feliz aqui. Ela parece feliz e crescente.

“Nossa própria cama.” Escondo a sensação com bom humor. “Vamos precisar de algumas coisas, tipo pratos e tal.” Quanto mais coisas ela tiver aqui, mais difícil será de sair daqui, embora. Merda, estou preso nessa mentira, e me enrolando cada vez mais.

Essa garota linda nunca vai me perdoar, não vai.

Vou pensar nisso depois. Vou dar um jeito.

Ela toca minha testa e aplica uma leve pressão. “Está se sentindo bem?” Ironicamente, ela parece feliz. “Bonzinho hoje...” Seu sarcasmo me deixa ainda mais interessado nela.

Levo a mão dela aos lábios e a encho de beijos. “Só quero ter certeza de que você vai ficar aqui. Quero que se sinta em casa... comigo.” E quero mesmo. Nunca experimentei ter um lar antes de Tessa assinar aquela linha pontilhada para morar comigo. O que era tão irritante dela todos os dias passou a ser algo de que preciso, algo que me faltava e que eu não sabia que precisava.

“Mas e você? Está se sentindo em casa aqui?” A voz dela está muito esperançosa, uma esperança boa... ela está esperando que eu dê uma opinião sincera a respeito de como eu me sinto aqui.

Consigo ver em seus olhos; está esperançosa, mas espera o pior de mim e não quer se decepcionar. Ela recebe.

“Para minha surpresa, sim”, respondo com sinceridade enquanto tento fazer parecer que estou feliz aqui. Ela parece convencida. Eu adoro tudo aqui com ela.

“A gente precisa ir buscar minhas coisas”, diz ela, e então me conta que são livros que peguei.

“Feito.” Abro um sorriso.

Ela inclina a cabeça, confusa. “Quê?”

“Já tirei todas as suas coisas do dormitório. Estão no seu porta-malas.” Não consegui esperar.

Queria que ela visse o apartamento e nunca mais tivesse que ir embora. Porém, por isso tenho que deixá-la o mais confortável possível.

“Como você sabia que eu ia assinar o contrato? E se eu detestasse o apartamento? Queixo para mim, curiosa e desafiadora.

“Se não gostasse, eu ia procurar outro melhor”, respondo.

Ela assente, reconhecendo que estou falando sério. “Certo... Mas e suas coisas?”

“A gente pode ir buscar amanhã. Tenho umas roupas no porta-malas.”

“Por que isso, aliás?”

“Sei lá. Acho que porque a gente nunca sabe quando vai precisar de roupas intrometidas, muito intrometidas. Deixo roupas no porta-malas por muitos motivos; a maioria delas certamente não gostaria de saber. “Vamos até o mercado comprar comida”, sugiro.

Tessa se vira para mim quando saímos do apartamento. “Certo. Posso dirigir seu

“Não sei...” Eu a provoco. Mas é claro que ela pode dirigir meu carro.



PARTE TRÊS

DEPOIS

Ele finalmente estava se tornando o homem que nunca pensou que seria. A raiva foi canalizada para os textos, e ele estava ficando orgulhoso de quem era. Ela era a qual sua vida havia se transformado, e ele cairia de joelhos e agradeceria se pudesse. Ela se manteve ao seu lado até não mais ser bom para os dois, tempo para que resolvesse sua vida. Ela apoiava suas escolhas todos os meses e não deixava de incentivá-lo a ir mais longe.

Durante essa época, a cada mês que passava sóbrio, ele enviava um cartão a ela com a moda antiga, com seu nome e um coração. Ele a conhecia bem o suficiente para os dois anos que tinham passado juntos não serem fáceis para ela. Era um inferno purgatório eterno para ele.

Quando as palavras escritas à mão de seu fichário se tornaram linhas numa página, ela passou uma semana sem telefonar. Ele sabia que ela lera o livro, e teria passado a semana toda andando pelo apartamento pequeno que dividia com o irmão dele. Ele já tinha se mudado para um lugar novo, ajustando-se a uma cidade com muito vento, prédios altos e uma grande quantidade de cachorros-quentes e beisebol. Não parecia sua casa, apesar de ela visitá-lo mais vezes do que ele merecia. Seus dias transcorriam assim, trabalhando, esperando ela telefonasse ou mandasse e-mail, planejando a próxima vez em que poderia vê-la. Conforme foi se tornando cada vez mais digno dela, começou a gostar do homem que viria amanhã.

Quando aquela semana terminou e ela telefonou, finalmente, sua voz ficou embarracada na primeira palavra, e ele não conseguia encontrar a coisa certa a dizer. Quando compreendeu que não havia duas pessoas que tinham sido mais feitas uma para a outra, parabenizou pelo livro, mas com certo distanciamento. Ele se cansou, e se sentiu sozinho em sua vida, sozinho num apartamento comendo comida pronta enquanto assistia a reprises de Friends .

Semanas mais tarde, ele não conseguiu controlar a emoção quando ela ligou.

respeito de sua
ida à cidade dele, para um casamento. Ela dançou com ele a noite toda e se deitou
ao seu lado na cama por três dias...

Até ir embora, levando o coração dele com ela.

Ele a visitou depois, na caótica cidade de Nova York, e ficou impressionado
dela. Mas ele não se encontrou ali. Havia algo de bom por lá para ela: amigos e
uma vida imaginária com ela, e estava esperando que ela aparecesse para torná-la

Vendo isso como sua única esperança para uma boa vida, ele continuou a mostrar
uma pessoa melhor do que costumava ser. Muito melhor. Mais vivo.

Em algum ponto, seu desenvolvimento como ser humano, e o modo como isso afetou
comportamento com outras pessoas, começou a fazer com que ele se sentisse
com isso vinham responsabilidades mais pesadas. Seu irmão sofreu uma decepção
estava sempre presente para conversar e ajudá-lo. De modos diferentes, grandes e pequenos,
percebeu que estava sendo útil à sua família.

Ele foi o padrinho no casamento de seu irmão. Ela estava presente, radiante em
ele, e de algum modo os dois perceberam que a separação tinha cumprido
estavam amadurecidos, mais preparados para lidar com o mundo juntos. Ele havia
egoísta; ela havia entendido quem era. O tempo que passaram separados
mas eles estavam prontos para começar a vida juntos.

Juntos, eles sofreram uma decepção — maior do que tinham causado um ao outro
anos como casal — e às vezes, eles não sabiam se conseguiriam seguir e
solitário de todos, quando recolheu as coisas do quarto do filho que perderam, e
estava sendo castigado, se seus pecados do passado eram os motivos pelos quais
lidar com tamanha perda.

No dia em que seu primeiro bebê nasceu, ele também nasceu. Renasceu, e
percorrido um longo caminho, e estava diferente. Alcançar um nível mais profundo
amor e compreensão tornou-se
possível para ele. Os dedos da menina eram pequenos, mas ela
segurava o coração dele. Ele viu a garota que amou por anos se transformar
então, em mãe para sua filha. Não havia nada mais lindo do que isso...

Até ela se tornar mãe uma segunda vez, do menininho deles.

Conforme os filhos cresciam, esse novo homem e essa nova mulher... eles jovens, e se apaixonaram de novo a cada dia.

Ele se sentia muito sortudo, muito abençoado, tremendamente orgulhoso de construíram juntos; não conseguia acreditar em sua sorte.



Zed

Todo romance dá ênfase ao mocinho. A maioria dos romances usa um artifício que já estamos cansados: o triângulo amoroso. Wickham mentiu sobre o pai de Darcy para ganhar o afeto de Elizabeth. Jay Gatsby levou Daisy Buchanan para jantar, oferecendo a ela e seu marido, Tom, não podia oferecer. Linton foi a opção segura de minha protagonista Catherine Earnshaw, que o escolheu em vez de uma vida de paixão destrutiva com Heathcliff. Até mesmo um lobisomem bronzeado tentou ganhar o coração de Bella Swan, o amante vampiro cheio de brilho.

Aconteceu muitas vezes e, como ele tinha vivido história após história, o bad-boy-que-quer-se-regenerar com problemas com o pai tenta afastar a virgem inocente teimosa do coração emotivo que quer salvar as flores e o planeta de uma vez só. Os clássicos terminam com a maioria dos personagens mencionados, ou o nascimento de bebês meio humano. O tema comum: um dos dois homens nunca tem chance e, no que diz respeito ao relacionamento com ela, ele não sabia se o amor dela por ele significaria que venceria no fim.

Ainda assim, eles merecem reconhecimento, os outros caras que voltam ao jogo depois de serem derrotados pelo pretendente mais óbvio.

Outra festa. Outra festa lotada na qual todo mundo faz a mesma merda e

Bebidas são servidas em copos vermelhos, e a música toca em todos os cômodos. por quem passo ao atravessar o corredor parecem muito entediadas, por isso a primeira festa deste ano esteja muito mais lotada do que a do ano passado. De onde são essas pessoas? Todo mundo está tão entediado que prefere se juntar a uma aglomeração de vidas sociais incríveis? Estou começando a ver que a faculdade é só isso. É diferente de onde cresci, na Flórida, mas as universidades parecem ser iguais em

“Preciso mijar”, reclamo sozinho quando me encosto na parede ao lado da

Alguns momentos depois, uma garota baixinha com cabelos loiros na altura do banheiro. Ela olha em direção à porta quando passa por mim. Está usando calças compridas que desce até envolver seu quadril perfeitamente, apesar da calça jeans

“Com licença”, diz ela, e sorri para o chão de carpete ao passar por mim e atravessa

Eu entro no banheiro e fecho a porta. O cômodo pequeno cheira a spray artificial

bem incômodo, por isso me alívio depressa, lavo as mãos e abro a porta... e encontro meninas. Uma delas me mede de cima a baixo, com os olhos arregalados ao me ver ler sua mente. Ela abre a boca para falar, mas quando olho por cima de sua cabeça, o quadril de matar está de pé no topo da escada. Observo quando ela enfia a mão no bolso para pegar alguma coisa, mas não pega nada, lambe os lábios e revira os olhos para o comportamento de onde estou. Decidi não procurar ninguém por um tempo. Tessa, mas me pego atravessando o corredor em direção à loira. Não estou à procura, mas seria bom ter uma boa conversa agora.

Quando me aproximo do topo da escada, a mão pequena dela segura o poste de madeira muito delicado. Dou alguns passos para observá-la, e ela desce a escada devagar e com cuidado, apesar de estar usando tênis. Seus cabelos são grossos, cobrindo metade dos olhos ao percorrerem a multidão. Está ciente de seus arredores — percebo pelo modo como olha todos os rostos que vê. Está procurando alguém? Vejo quando ela morde o lábio superior ao me aproximar dela. Sua calça jeans está com as barras dobradas, e consigo perceber uma estrela perto do tornozelo.

“Está procurando alguém?”, pergunto a ela.

Quando ela se vira para mim, seus olhos castanhos são grandes, quase gra

rosto, o que faz com que pareça um pouco assustada. “Estava procurando meus amigos e eles foram embora.” Ela franze o cenho.

“Ah. Quer que eu ajude você a encontrá-los?”, pergunto.

Continuando a olhar ao redor, ela estende o braço e levanta um boné de um cara e resmunga e ela sorri, um pouco envergonhada e meio desesperada.

Olho para ela, me perguntando por que fez isso. “Meu amigo John está usando um boné e ela explica. Não sei se é tímida ou agressiva, mas quero descobrir.

“Não pode ligar para eles?”, pergunto.

“Não, meu telefone está na bolsa da minha amiga”, diz ela com um suspiro. “Eu trouxe uma. Sabia que não deveria ter vindo aqui. Não curto muito festas.” Sua voz baixa e ela começa a fazer um gesto com as mãos. “Mas a Macy ficou implorando sem parar para ficar aqui, divertido, que a gente só ia ficar uma horinha.”

Ela resmunga e enruga o nariz, e eu mordo meu lábio inferior para não rir.

Ela fica corada, com vergonha. “O quê?”

“Nada”, minto. Ela é bem linda. “Quer uma bebida ou alguma coisa?”

“Não tenho o costume de beber”, diz ela baixinho.

“Não tem o costume ou não bebe nunca?”

“Às vezes, mas com certeza não em festas lotadas com um monte de desconhecidos.”

“Bom, acho que isso faz sentido.” Abro um sorriso, mostrando que acho bacana e não há necessidade de encher a cara, como a maioria das meninas aqui. E dos caras também.

“Eu sei me divertir sem beber até cair.”

“Certo.” Balanço a cabeça afirmativamente, considerando-a cada vez mais atraente. “Bom, posso buscar um pouco de água ou refrigerante e você pode ficar comigo e com os outros e encontrar os seus.”

“Hum, não sei.” Ela olha para a sala de estar cheia de desconhecidos. “Não conheço festas assim costumam ser bem esquisitas.” Ela olha para os dois caras embriagados e o grupo de calouras com vestidos curtos.

Ela tem razão.

Nate balança a mão para mim do outro lado da sala, e eu olho para essa garota intencionalmente. “Bom, se você decidir que não quer ficar aqui sozinha, vai ser bem-vinda no nosso grupo logo ali.” Aponto para o meu grupo e vejo os olhos dela se arregalarem ao ver as centenas de caras que todos temos.

“Eles são mais legais do que parecem”, digo, em tom de brincadeira. Quando ela parece inseguro, acrescento: “Bom, pelo menos alguns deles”.

Ela me surpreende ao rir, e então me segue até meu grupo de amigos. Tristan se levanta e vai para o sofá, e ela agradece com educação. Eu não o conheço ultimamente, mas fico feliz por ele ter voltado da Louisiana, solteiro e off-duty. Ela parece as besteiras da Steph.

“Um brinde ao último ano de merda na faculdade.” Ele ergue o copo e encosta nele, e se une a eles e se ajeita no colo dele.

“Ah, para mim, não. Ainda tenho mais dois”, Nate reclama. A garota com quem eu estou falando acho que se chama Briana — revira os olhos, murmura o que acredito ser uma piada e pega o copo dele para tomar um gole.

“Eu deveria ter feito um curso técnico.” Ele joga a cabeça para trás, e a garota começa a rir divertindo-se. “A faculdade é uma bosta.”

“Eu disse para você fazer aquele estágio no estúdio de tatuagem”, ela o repreende com os olhos e puxa a faixa fina da alça de sua camiseta; boa parte de sua pele morena exposta não me importo nem um pouco.

“Ainda estou pensando nisso”, diz ele. Na verdade, parece uma ideia legal apesar da muita dificuldade para acabar a faculdade.

“Bom, já chega dessa besteira de planejar carreira. Quem é essa?” Molly me olha e reconhece-me no corredor.

“Esta é...” Olho para ela em busca de ajuda. Esqueci de perguntar qual é seu nome.
“Therise”, diz ela, e percebo um sotaque que não tinha notado até então.

Caramba.

“Você só pode estar brincando”, Molly ri, recostando-se em Logan.

“Belo nome.” Jace sorri, lambendo as pontas do papel que está segurando.

“Quer brincar, Therise?”, pergunta Molly com um tom que conheço. “Verd
olha para mim, e faço que não com a cabeça.

“Não, ninguém quer brincar dessa merda”, digo, arregalando os olhos para
entende, e parece ansiosa e um pouco desconfortável.

“Ah, qual é. *Aposto* que seria divertido”, diz Jace.

Molly concorda. “Sim, pelo jeito dela, talvez você consiga ganhar...”

Logan estica o braço e tampa a boca da namorada. Ainda não acredito que esses c

“Para com isso”, diz ele.

Ela revira os olhos, mas fica calada quando ele afasta a mão.

“Não vou querer um repeteco do ano passado. Foi dramático demais.” Log
Molly, e ela sorri, dessa vez com sinceridade, parecendo bem menos maliciosa.

Therise olha para mim franzindo o cenho, e depois para o restante do pessoal, cor
esquisitas. “O que houve ano passado?”, ela pergunta.

“Nada”, digo, e olho para meus amigos, esperando que eles fiquem calados. Acat
essa garota — está cedo demais para bombardeá-la com essas besteiras.

“Um cara chamado Hard...”, Molly não sabe manter a boca fechada.

“Não vamos mais falar sobre Hessa!”, Logan resmunga. “Eles são tipo o casal de
ninguém deve mencionar.”

“O que é uma Hessa?”, pergunta a namorada de Nate.

Molly levanta a mão com orgulho. “Fui eu que inventei esse nome!”, ela pratican crédito total por essa merda. Eu dei esse apelido àqueles idiotas, e espero casamento.” Ela ri. Seus cabelos cor-de-rosa estão bem mais desbotados, e ela não os tinge há um tempo. Está quase todo loiro agora, e bem curto.

“Eles não vão se casar”, digo a ela.

Estou de saco cheio de ouvir sobre esses dois. Estou cansado de ver os p Facebook. Ela está muito feliz em Nova York. Hardin está muito feliz; to caramba.

Que ótimo para eles.

“Não no momento, mas eu apostaria que sim.” Ela sorri. “E eu? Eu ganharia.” Ela traçou círculos ao redor dos olhos com lápis preto e, quando pisca para mim, parece um gato.

Logan joga sal na minha ferida ao concordar. Como se fosse uma coisa óbvia par *todo mundo*.

Molly balança a mão pedindo silêncio para o grupo. “Bom, antes de todos chegar contando uma história a respeito da ex-namorada de Zed.”

“Não é minha ex-namorada”, digo entredentes.

“Nossa”, alguém diz. Jace, talvez?

“Bom...” Therise se levanta e estala os nós dos dedos de um jeito esquisi deixa.” Ela sorri com hesitação e se afasta.

Minha expressão deve ser de incômodo ou raiva — senti todas essas coisas —, p

“É melhor você deixar pra lá; assim você só vai conseguir outro inimigo. Ela pro namorado que vai rasgar os pneus de sua picape”.

Pelo jeito, meus amigos decidiram que vão me perturbar a semana toda a respeito com erros.

A expectativa de que minha vida amorosa sempre será um desastre atrás de pouco a minha raiva. Não tenho energia para me irritar, é sempre a mesma coisa. Aquela garota era noiva, e tenho certeza de que foi ela, não o noivo, que fazendo uma careta ao me lembrar do que Jonah Soto fez com meu carro. Aquele professor aqui. É um louco de pedra.

Nate dá de ombros, tomando um gole da bebida. “Para de dormir com qualquer u

“Isso faz mais de um ano, e como eu ia saber que o noivo dela era professor daqu

Aquele fim de semana foi um desastre. Se eu soubesse que a garota estava despedida de solteira, eu não teria ido para casa com ela. Bom, existe um ditado que elas usem aquelas echarpes de penas e coroas falsas, além de fazer DESPEDIDA DE SOLTEIRA ou coisa assim. É como se fosse um aviso para que idiota — ou para que ela não faça algo idiota. A faixa seria a primeira coisa a ser sua presença é um lembrete para ela de que, sim, vai se casar. Nesse caso, no dia

Foi muito azar que, na única vez em que fiz sexo casual na vida, isso tenha acontecido levado meus amigos a acreditar numa versão bem exagerada de minha vida. (Eles precisam saber disso.) O cara foi legal, mais do que eu teria sido, mas em um programa de ciências e lutar para evitar que Hardin fosse expulso. Ninguém quis que um jovem professor defenderia um cara problemático que nem conhecia. Aquilo foi um erro no fim das contas, fiquei feliz por Hardin não ter sido expulso.

“Mas quem são vocês para falar, afinal?” Balanço a mão, englobando todo mundo. “Molly transou com metade de vocês.”

“Cuidado aí”, diz Logan, e todo mundo fica tenso.

Mas, em vez de discutir com ele, decido ir atrás da garota nova.

Não a conheço, mas ela parece bacana e é linda de morrer. Sim, ela me faz lembrar a Tess, sim, demorei muito para superar isso, e talvez seja uma má ideia — mas não é assim das vezes?

Com tudo isso passando pela minha cabeça, eu me levanto para procurá-la.

Não queria que a situação com Tessa virasse o que virou. Eu me importava com ela e não queria ferir por ser ciumento e mesquinho, querendo me vingar de Hardin por ter feito s

Eu gostava muito de Tessa, mas meus sentimentos não chegavam nem por nutria por ela.

Samantha era incrível; era divertida e alguns anos mais velha do que eu. Isso me era maluca. Desde que o lance com Tessa terminou, pensei muitas vezes que o rei com Hardin era parecido com o que tive com Samantha. Mas Samantha dormiu com o problema nisso. Agiu como se fosse uma coisa normal, dormir com meu amigo também não se importou.

Eu me importei. Fiquei arrasado e puto, e deixei as coisas se acumularem esperando o momento certo de atacar. Tessa confiava em mim, mesmo depois de na aposta no começo. Fui eu quem contei a ela os detalhes da situação, e ela sempre quando precisava de mim. Mas esse foi o problema: ela só me procurava quando eu não curto essas coisas. Não quero ser a segunda opção sempre. E, além disso, depois que irritar Hardin perdeu a graça, ficou exaustivo ficar correndo para sair e aturar o relacionamento infantil dos dois.

Eu deveria ter me afastado quando o namorado maluco dela me bateu na primeira raiva dele só me deu mais vontade de ganhar. Por que *ele* podia dormir com Samantha, e então participar da aposta e decidir quando tudo estava resolvido e terminado, só restava *mim* admitir a derrota?

Tudo foi muito infantil, consigo perceber agora. Eu não deveria ter tentado naquela noite na casa de sua mãe, e não deveria ter dito metade das merdas. A estupidez me deixou sozinho desde então, e não tenho notícias de Tessa há mais de um ano. Triste é que sinto falta de conversar com ela.

Soube que ela se mudou para Nova York com seu amigo Landon, mas com certeza muito para Hardin ir atrás dela. Por mais que eu deteste admitir, os dois têm algo descontrolados que sejam, nunca vi duas pessoas lutarem tanto uma pela outra.

Certamente, Hardin não a merece, mas isso não é problema meu, não mais.

Eu saio e observo o jardim à procura de Therise, e então a vejo sentada no muro com o que me trás mais uma lembrança. Ela está passando a mão pela pedra rachada e, quando faz um movimento indicando que quer descer.

“Espera.” Levanto a mão e faço um gesto de paz. “Posso ajudar você a encontrar arrumar uma carona para casa.”

“Não sei.” Ela me observa com atenção, à procura de sinais de que eu seja um ass talvez.

“É só uma carona. Meus amigos são idiotas, mas nenhum deles vai machucar voc se quiser. Eu bebi, por isso não posso dirigir.”

Levanto uma sobrancelha; ela balança a cabeça. “Uau, então o carinha punk e boi Ela sorri de um jeito descontraído.

“Às vezes”, admito, dando de ombros. Estendo a mão para cumprimentá-la. “Sou o Zed.”

Ela hesita por um momento antes de me cumprimentar. “Prazer em conhecer, Z-ed.” Ela diz meu

nome como se estivesse com medo.

“Prazer em conhecer também, Therise.”



Landon

Ele detestava o mocinho perfeito antes mesmo de conhecê-lo. Quando seu pai disse que ele teria um novo irmão, foi como se esperassem que se sentisse feliz. De rep importar com coisas como família, jantares e assados para poder acompanhar o pai.

Quando conheceu esse outro irmão, seu ódio só aumentou. Ele sabia que não tinha motivo nenhum, além de inveja pura, para detestá-lo, mas o detestava mesmo assim. Não conseguia se lembrar dos nomes de atletas nem de notícias do esporte como o novo fil pai, e não

*conseguia chamar a atenção no jantar. Sabia que não podia competir com o garço
mudou sua
vida, percebeu que nunca precisou fazer isso. Lutou tanto — mas tanto —
distanciar do Garoto de Ouro que, no fim, acabaria por se tornar seu amigo maior.*

Os três primeiros pensamentos que tomam minha mente todos os dias são:
Aqui está menos lotado do que pensei.

Espero que Tessa esteja de folga hoje para podermos passar um tempo juntos.

Que saudade da minha mãe.

Sim, sou estudante do segundo ano da New York University, mas minha mãe tem as melhores amigas.

Sinto muita falta de casa. É bom ter Tessa por perto; ela é a pessoa mais próxima de chamar de família por aqui.

Sei que os universitários sempre fazem isso: saem de casa e mal podem esperar para voltar à cidade, mas eu não sou assim. Eu gostava da minha, apesar de não ser a cidade original. Eu tinha um plano quando tentei entrar na NYU; só não deu tão certo como deveria. Eu queria começar meu futuro com Dakota, minha namorada do ensino médio. Não fazia ideia de passar o primeiro ano da faculdade solteira.

Fiquei arrasado. Ainda estou, mas quero que ela seja feliz, ainda que não comigo.

A cidade é fria em setembro, mas quase não chove, em comparação com Washington. Não há coisa, pelo menos.

Enquanto caminho até o trabalho, confiro meu telefone, como faço cerca de uma vez por dia. Minha mãe está grávida de minha irmã, e quero ter certeza de que, se alguma coisa acontecer, ela possa pegar um avião e chegar para ajudá-la depressa. Até aqui, as únicas mensagens que recebo dela são fotos das coisas incríveis que ela cria na cozinha.

Nenhuma emergência, mas como sinto falta das coisas que ela prepara.

As ruas estão lotadas. Estou esperando na calçada com um monte de gente, a maioria com câmeras pesadas ao redor do pescoço. Dou risada sozinho quando um adolescente pega um iPad enorme para fazer uma selfie.

Nunca vou entender esse impulso. Quando o sinal fica amarelo e o símbolo de piscar, aumento o volume nos meus fones de ouvido.

Aqui, uso fones praticamente o dia todo. A cidade é muito mais barulhenta do que acho útil ter alguma coisa que bloqueie parte do ruído, e que pelo menos dê cor a alguma coisa de que gosto.

Hoje é Hozier.

Uso os fones até enquanto trabalho — pelo menos em um dos ouvidos, para que eu possa ouvir os pedidos de café que me fazem. Hoje me distraio com dois homens, ambos com fones de ouvido pirata e gritando um com o outro, e, quando entro no café, encontro Aiden, o colega de trabalho com quem gosto menos.

Ele é alto, muito mais do que eu, e tem cabelos loiros quase brancos que o deixam parecer com Draco Malfoy, então me assusta um pouco. Além de se parecer com Draco, ele é grosseiro, às vezes. É legal comigo, mas vejo como olha para as universitárias que eu conheço.

Ele age como se o café fosse uma balada.

Quando ele sorri para elas, paquerando e fazendo com que se sintam pressionadas,

“de gato”, acho tudo muito brochante. Ele não é tão bonito assim; talvez, talvez, talvez visse alguma beleza nele.

“Cuidado, cara”, murmura Aiden, batendo em meu ombro como se estivesse jogando futebol americano.

Ele está me irritando logo cedo hoje...

Mas deixo para lá, sigo em direção ao fundo da loja, visto meu avental ao redor da cintura e confiro meu telefone. Quando bato o cartão, encontro Posey, uma garçonete que conheço por algumas semanas. Ela é bacana. Calada, mas trabalha bastante, e gosto de vê-la aceitar o cookie que damos todos os dias como incentivo para agir de modo mais eficiente no turno. A maioria dos estagiários recusa essa cortesia, mas ela comeu todos os dias que deixo para ela: chocolate, chocolate com macadâmia, açúcar e um sabor verde misterioso (

coisa natural e sem glúten.

“Oi”, digo, sorrindo para ela quando se recosta na máquina de gelo. Seus olhos estão atrás da orelha, e ela está lendo a parte de trás de um dos sacos de café moído. Quando eu me inclino para mim, sorri rapidamente e volta a ler.

“Ainda não faz sentido eles cobrarem quinze dólares por uma coisinha de pequena”, diz ela, jogando o saco para mim.

Eu o pego com dificuldade, quase escorrega da minha mão, mas consigo segurar.

“Nós.” Eu a corrijo rindo, e coloco o saco em cima da mesa, onde estava. “Nós com você”.

“Não trabalho aqui há tempo suficiente para ser incluída nesse ‘nós’”, ela brinca, batendo o punho e levanta os cabelos castanho-avermelhados e encaracolados. Ela tem muito cabelo, e prende direitinho. Em seguida, meneia a cabeça indicando que está pronta para trabalhar.

Posey me segue e espera ao lado da caixa registradora. Está aprendendo a pegar clientes esta semana e, na próxima, provavelmente fará algumas bebidas. Eu não quero pedidos, porque prefiro conversar com as pessoas a queimar os dedos na máquina de café. Sempre acontece.

Estou colocando tudo em ordem em meu espaço de trabalho quando ouço a sineta para Posey para ver se ela está pronta, e como esperava, já está atenta para receber a cliente da manhã. Duas garotas se aproximam do balcão falando alto. Uma das duas chama minha atenção, então olho para elas e vejo Dakota ali. Está usando um top esportivo, shorts coloridos. Deve ter acabado de correr; se estivesse indo para uma aula de dança, a roupa um pouco diferente, um collant e shorts mais justos. E estaria igualmente linda.

Dakota não vem aqui há algumas semanas; fico surpreso ao vê-la agora. Ela está nervosa; minhas mãos tremem, e eu me pego tocando a tela do computador sem qualquer motivo. Maggie vê primeiro. Toca Dakota no ombro, e ela se vira para mim com um sorriso aberto e coberto por uma camada fina de suor, e os cabelos pretos estão presos num coque.

“Imaginei mesmo que você estaria trabalhando.” Ela acena para mim e então para Maggie.

Imaginou?

Não sei o que pensar. Sei que concordamos que seríamos amigos, mas não sei se

estamos apenas conversando como amigos ou se isso é alguma outra coisa.

“Oi, Landon.” Maggy também acena. Sorrio para as duas e pergunto o que gostar

“Café gelado com creme extra”, dizem as duas em uníssono. Estão vestida maneira, mas Maggy é facilmente ofuscada pela pele bronzeada e pelos olhos castanhos de Dakota.

Entro em modo automático, pego dois copos de plástico e os enfio no compartimento da máquina de café, usando minha habilidade, e então puxo a alça da máquina de café e encho os dois. Dakota sente seu olhar em mim. Por algum motivo, isso está fazendo com que me sinta diferente quando vejo que Posey também está me observando, percebo que poderia — *deveria*, provavelmente

— explicar a ela o que estou fazendo.

“Você tem que despejar isto sobre o gelo; o turno da noite deixa pronto, para congelar o gelo”, digo.

É muito elementar o que estou dizendo, e quase sinto vergonha de fazer isso na frente

de Dakota. Não nos tornamos inimigos — só não conversamos nem nos vemos como antes. Isso

aconteceu quando ela terminou nosso relacionamento de três anos. Ela estava em Nova York e eu estava em um novo ambiente. Eu não quis segurá-la, por isso cumpri minha promessa e continuei sendo seu amigo. Nós nos conhecemos há anos, e sempre vou gostar dela. Dakota foi minha primeira amiga, mas o primeiro relacionamento de verdade que tive até agora. Tenho saído com Sade há três anos mais velha do que eu, mas somos só amigas. Ela tem sido ótima com Teo e eu. Ela ajudou a conseguir um emprego no restaurante onde trabalha.

“Dakota?” A voz de Aiden sai mais alta do que a minha quando começo a perguntar o que eu coloco no café, algo que costumo fazer para mim.

Confuso, observo Aiden chegar perto do balcão e segurar a mão de Dakota. Ele levanta a mão e a dela e, com um sorriso, ela gira na frente dele.

E então, olhando para mim, ela se afasta um pouco e diz de modo mais baixo: “Você trabalhava aqui”.

Olho para Posey para me distrair e não ouvir a conversa dos dois, e então finjo que olho para o horário na parede atrás dela. Não é da minha conta com quem ela tem amigos.

“Pensei que tivesse falado ontem à noite”, diz Aiden, e eu tusso para disfarçar o fato de fazer um barulho.

Felizmente, ninguém além de Posey parece ter notado, e ela faz o que posso fazer: um sorriso.

Não olho para Dakota, apesar de conseguir perceber que ela está pouco à vontade. Quando Aiden ri, ela ri como ri para minha avó quando abriu seu presente de Natal: um peixe de madeira muito bonitinho... Dakota deixou minha avó muito feliz quando riu do peixe cantado de madeira. Quando ela ri de novo, percebo que ela está *muito* desconfortável. Querendo tornar a situação menos esquisita, entrego a ela os dois cafés com um sorriso e digo que eu vou voltar em breve.

Antes que ela possa responder, sorrio de novo e vou até o fundo da loja, aumentando o volume dos meus fones.

Espero a campainha tocar de novo, sinalizando a saída de Dakota e Maggie. Provavelmente não vou ouvi-la, porque o jogo de hóquei de ontem está tocando no meu ouvido.

Mesmo o fone em um ouvido, a multidão e o barulho dos tacos encobririam qualquer coisa.

Volto para o trabalho e encontro Posey entediada com Aiden, que exibe a ela suas habilidades para servir leite quente. Ele fica esquisito com uma nuvem de vapor na frente dos cabelos.

“Ele disse que os dois fazem aulas juntos na academia de dança que ele frequenta”, digo. “Quando eu me aproximo?”

Eu paro e olho na direção de Aiden, que está distraído, perdido em seu pensamento aparentemente glorioso. “Você perguntou para ele?”, questiono, impressionado por ele parecer preocupado em relação a quais seriam suas respostas para outras perguntas envolvendo dança.

Posey assente, pegando um copo de metal para enxaguar. Eu a acompanho até a pia e ela fecha a torneira.

“Eu vi como você ficou quando ele segurou a mão dela, então pensei em perguntar rolando entre os dois.” Ela dá de ombros, e seus cabelos encaracolados balançam.

Suas sardinhas são mais claras do que a maioria que já vi, e se espalham pelo nariz. Os lábios são grandes — chegam a formar um bico —, e ela é quase das mesmas coisas que notei no terceiro dia de treinamento, quando acho que meu interesse acabou.

“Eu namorei Dakota por um tempo”, admito para minha nova amiga, e entrego a ela o prato com o qual pode secar o copo.

“Ah, acho que eles não estão namorando. Ela seria louca de namorar um membro da equipe.”

Quando Posey sorri, eu sorrio com ela.

“Você também notou?”, pergunto.

Esticando o braço entre nós dois, pego um cookie com pistache e entrego a ela.

Ela sorri, pega o cookie da minha mão e come metade dele antes mesmo de eu começar a falar. Ela é rápida.



Christian

As ligações de família deveriam ser de alma. Temos que amar nossos pais simplesmente porque nascemos com o mesmo sangue correndo nas veias. Mas eu sempre me questionava: por que? Por que eu era obrigado a amar o homem trôpego cuja voz sempre me acordava à noite? O homem que via ao entrar na sala de jantar, recostado no mantel da lareira, e se esquecia de tirar as botas? O menino se escondia atrás da parede enquanto eu tentava complicar todo e cair no chão. Então, ele voltava correndo para seu quarto quando jogava a bota perto de sua cabeça.

Ele detestava aquelas noites, e contava os dias até o amigo de sua mãe, que

ria muito, chegar para uma visita. Queria que o amigo de sua mãe fosse seu pai. Talvez esse outro a alguns lugares, ele pensava. Lembrava-se do homem que sempre levava um livro embaixo do braço. Falava sobre os livros com o menino, contava a ele sobre as histórias, os com que se sentisse inteligente e maduro.

O primeiro livro com que o homem o presenteou sempre será lembrado. A tornou o primeiro amigo de verdade do menino e, conforme ele foi crescendo e aparecia cada vez menos, passou a sentir falta do homem e dos livros durante os entre uma visita e outra. Ainda assim, mesmo nos anos de rebeldia adolescente, chegava, sempre trazia livros. O menino sabia que sua mãe amava o amigo, mas que sua vida era uma mentira por causa disso.

A casa está silenciosa. Olho para Kim, adormecida no sofá com Karina so mãozinhas da menina seguram a blusa de lã da mãe. Kim dormiu conversando com meu sotaque, contando a nossa menininha que terá uma voz linda, uma mistura da mãe e do sotaque diabólico do pai. “Diabólico”, foi o que ela disse. Como se a dizer alguma coisa. Ela é a mulher mais teimosa que existe, e eu a amo muito.

Kimberly passou de secretária a sócia, e tem bom faro para descobrir gente tenha sido por isso que ela se casou comigo. Ou talvez ela goste muito do meu filho não gostar dele.

Há um monte de páginas na minha frente sobre o balcão: um contrato para o resto

York que vamos abrir ano que vem. Por mais animador que seja, não é nada com recém-

nascida. Expandi meus investimentos em restaurantes de Washington a Nova York por Los Angeles, mas isso não é nada em comparação à alegria de poder ver essa coisa algo que não tive a sorte de fazer com meus outros filhos.

Olho para a minha esposa de novo; está roncando mais alto do que o normal doce e amoroso, pego o telefone para filmá-la. O contrato pode esperar até amanhã. Sinto falta da minha esposa. Observo enquanto ela respira; o barulho é tenebroso.

Começo a gravar e me aproximo do sofá em silêncio. Em cinco segundos, ela acc os olhos para o telefone que estou segurando, e na mesma hora eu me sinto um id seu sono, já que ela tem dormido tão pouco.

“Você não deveria estar trabalhando?”, meu amor sussurra, com a voz baixa e en estende o braço acima da cabeça, olhando para Karina.

“Sim, querida, mas perturbar você é muito mais divertido.” Dou risada, e Karina se remexe em seu peito, abrindo os olhinhos para observar seus pais chato

“Pronto, olha o que você fez”, Kimberly me repreende com um sorriso. Senta-se e ergue Karina ao mesmo tempo, e, quando faço um gesto para pegar minha filha, ela coloca a pequ

“Minha menininha linda”, digo baixinho para Karina, acariciando seu rostinho gc

Ela boceja, e vejo muito de meu sorriso em seu rosto. Smith e Hardin têm covinhas.

Eu me lembro de Anne e de Ken discutindo nomes para o menino uma noite, c todos na cozinha da casa deles. A barriga de Trish estava tão grande que ela não c os sapatos.

“Gosto dos nomes Nicholas ou Harold”, Ken havia sugerido.

Harold? Não.

Nicholas. Duas vezes não.

Trish sorria, passando a mão na barriga. “Harold... até que gosto desse.”

Confesso que não odeio esse nome, mas não parece o certo. O bebê maltratou o corpo de Trish, chutando sua barriga a noite toda e crescendo tão depressa que esticou muito a pe lutador... o nome Harold — *Harry* — seria muito doce, muito calmo.

“É muito comum”, falei antes que Ken pudesse dizer alguma coisa. “E o nome H.

Era um nome que eu tinha escolhido para o meu primeiro filho na adoles

garoto em Hampstead, acreditava que escreveria um belo romance um dia, principal se chamaria Hardin. Não é comum, mas parece verossímil na Inglaterra

Trish o disse para ver como soava. “Hardin. Não sei...”

Mas, quando ela olhou para o marido — de quem eu estava morrendo de inveja n —, ele só deu de ombros, nem um pouco interessado, mas tentando ser gentil.

“Parece legal”, disse baixinho.

Ele deu de ombros de novo, e Trish sorriu sem muita animação. “Hardin?... Harc

“Pronto, está resolvido”, Ken declarou, parecendo aliviadíssimo.

Trish não pareceu surpresa nem incomodada com a reação indiferente de Ken na de seu primeiro filho. Mas para mim era importante, e eu sabia que para Trish tan

Eu gostaria de achar que para Ken normalmente seria, mas ele estava na facultad ocupado, pensei na época. Estudava muito, e havia boatos de que havia cc enquanto se preparava para as provas de direito. Suas pupilas estavam sem tinha que estudar muito, e eu entendia. Não podia julgá-lo, mas sabia que ele não estava sendo um bom pai para o garotinho, antes mesmo da chegada dele. Isso me incomodava ma dada a situação na qual eu havia me enfiado.

DUAS DÉCADAS ANTES...

O sol está quente, escaldante para Hampstead em abril. Trish está deitada ao meu o vento sopra seus cabelos castanhos no meu rosto, e ela parece considera divertido de seus dezesseis anos de vida. Na maior parte do tempo, ela é madura j tem, fala sobre suas teorias a respeito do mundo e seus governantes, mas no mom versão de onze anos de idade de si mesma.

Afasto os cabelos dela do meu rosto pela décima vez.

“Você não ia cortar essa juba de leão?”, pergunto de modo brincalhão ao pouco do seu. Semana passada, ela disse que cortaria os cabelos por algum motiv

qual era.

O parque Hampstead Towne está quase vazio hoje, e a risada de Trish ecoa pelas cercas no gramado. Costumamos vir aqui com frequência, mas, na maior parte dos nossos encontros porque está muito ocupado.

“Eu estava pensando, mas assim é mais divertido”, diz ela. Trish rola para mais e joga os cabelos castanhos no meu rosto de novo. Eles cheiram a flores com um tom cheiro que sempre me atrai. Seu corpo está pressionado contra o meu, e ela passa da minha.

Eu deveria me afastar, mas não faço isso. É muito bom ficar assim.

“E se os bebês nascessem com cabelos compridos?”

É uma pergunta aleatória, mas não surpreende. Trish Powell é conhecida pelas pe

E se isso? E se aquilo?

É uma coisa dela, que eu considero esquisita e legal. Ela é muito diferente de todas as garotas da minha escola — nem mesmo as garotas da universidade da região.

Seus cabelos revoltos foram a primeira coisa que notei quando a conheci, maior problema na minha tarde de terça-feira.

“Nós matamos aula para falar sobre bebês nascidos com cabeleiras de roqueiros?”

Abro os olhos e me deito de barriga para baixo para olhar para ela, que tem muita vontade de ligá-las com as pontas dos meus dedos e observar seus olhos se fecharem de felicidade.

“Não, acho que não.” Ela ri, e eu noto que seus olhos estão voltados para aproxima de nós. Ken se senta na grama, e vejo que os olhos dele saem iluminados ao ver o rosto de Trish.

Ela sorri para ele, e Ken faz uma cara de quem ganhou na loteria ao caminhar pelo sei se ela percebe o modo como ele a olha. Eu sempre notei — e me acostumei a fazer meu sangue arder.

Todo mundo sabe que, entre nós dois, ele é o melhor.

O sol está esquentando demais minha pele, e eu fico de pé, protegendo os mãos.

“Vou embora... tenho um encontro”, digo, e passo as mãos na bermuda jeans bronzeado delas contra o jeans desbotado, eu me pergunto como consegui essa cor. Ela fala disso quase todo dia. Deve ser por ficar tanto tempo com ela.

Trish revira os olhos e diz algo bem feio para nós dois. Ken fica um pouco corado e os dois estão ficando compridos, e estão desganhados sobre a nuca. Ele tem olheiras como um louco para se preparar para o vestibular da faculdade de direito. Ken Scott é o constante da nossa turma; não faço ideia de como alguém como ele acabou sendo meu amigo. Acho que Trish é um pouco mais estável do que eu. Ela é brilho do sol e fogo, mas também é pedra fria e ondas constantes. Sabe quando relaxar e quando ser cuidadoso.

Sempre amei isso nela.

“Posso falar com você por um minuto?”, Ken pergunta quando me levanto. Ele é um pouco mais alto do que eu. Concordo e fico esperando por ele. Quando ele se aproxima, mas não ao lado, vejo-o olhar para Trish e percebo que quer conversar a sós e faço um gesto para que ele vá pelo caminho. Eu o sigo por cerca de vinte metros, e ele para ao lado de um banco velloso e senta primeiro e dá um tapinha no espaço vago ao seu lado.

Está todo solene — devo me preocupar? Um casal jovem passa por nós, e eu espero que eles passem, e minha preocupação começa a aumentar, até que ele respira fundo.

“Queria conversar com você sobre uma coisa”, diz ele. Seu cenho está franzido, e ele parece aparente muito mais do que dezessete anos.

“Você não vai morrer, vai?” Encosto o ombro no dele, que relaxa um pouco.

Ele faz que não com a cabeça. “Não, não, não é isso.” O som que ele emite é meio meio uma expressão de nervosismo.

Com o que pode estar tão tenso? Queria que ele simplesmente dissesse de uma vez.

“Quero-pedir-a-Trish-em-namoro”, diz ele de uma tacada só.

Minha vontade é poder enfiar as palavras de volta em seu rosto ansioso, ou desejá-lo.

fosse de fato morrer. Certo, não tão drástico, mas alguma outra coisa. Qualquer o
“O quê?” Eu me esforço para manter a compostura.

Ken revira os olhos. “Em namoro, seu idiota.”

Quero dizer que ele não pode fazer isso, que não é justo que peça primeiro.
Deixe Trish escolher, é o que quero dizer.
Era para ela ser minha, quero argumentar.

“Por que está me contando isso?”, é o que digo.

Meu amigo se recosta no banco e apoia as mãos nos joelhos. “Só queria
começa, mas as palavras estão presas em sua garganta.

E, naquele silêncio momentâneo, percebo que estou dividido entre ser sincero
amigo e deixá-lo feliz. É impossível fazer as duas coisas.

Eu sorrio, escolhendo a felicidade dele, e não a minha.

Não me surpreendo quando Trish aceita o pedido de Ken, mas estaria me
não tinha um pouco de esperança de que talvez ela me amasse também. Com
estabilidade, durante o ano seguinte, evito pensar em Trish de qualquer ou
como namorada do meu melhor amigo. Às vezes, quando eles se beijam na minha
olhando para mim em busca de apoio depois que eles se afastam. Mantenho a esp
torna meu ano muito difícil. Quando transo, penso nela. Quando beijo alguém, si

Tenho que parar com isso.

É uma tarefa fácil, no começo. Paro de comparar todas as garotas que namoro com
segurar minha mão enquanto conversamos. Começo a ver o mundo de um
não penso mais nela como um motivo para ficar na cidade. Ela não mais me pren
prende.

Hampstead ficou pequena para mim. Sei disso. Trish sabe disso. Até mesmo o pa
estranhado meu comportamento recentemente e o fato de minhas idas sema
comprar doces deixarem de acontecer.

De repente, quero mais do mundo do que viver nessa cidade. Quero me n
Unidos, para longe das mentes estreitas de meus colegas sem planos para

longe de minhas duas meninas preferidas. Eu estou segurando vela para Ken e M.

Quero conhecer mais sobre o mundo, sobre as pessoas em geral, e não posso me sentir meu redor têm raízes bem fincadas aqui. Abriram contas no banco e escolheram um trabalho com o qual consigo prever a ambição deles crescendo quando conseguirem o primeiro emprego de um de seus pais. Eles se fixam nesses papéis e não testam outros.

Trish se tornou uma deles. Deixou de se interessar pelas aulas de belas-
artes e agora mal vai à
faculdade. Ela e Ken se mudaram para um apartamento pequeno perto do campus
tempo se locomovendo. Ele está péssimo ultimamente, trabalhando muito. Está
atrás de uma pilha de livros. Trish está mais mãezona do que nunca. Programa o computador
toda noite. Cuida para que as roupas dele estejam limpas e prontas em cinco minutos.

Prepara o café dele, faz a marmita. Espera até ele voltar para casa, serve o jantar
ignorada, porque Ken se volta para os livros, e então, no dia seguinte, o jantar
repete. Ela não é mais a menina vibrante e ousada que já foi. É a mulher que espera
demais e dorme pouco. Graças aos esforços dela, o apartamento é tão limpo quanto
conseguiu deixar o lugar bem bonito. Trish até adotou um gato de rua e deu a ele
a causa de um de meus personagens preferidos. Acho que Ken não gosta do animal
ela escolheu.

As perguntas dela se tornam cada vez menos frequentes, e cada vez mais seu comportamento
ser descrito como uma ansiedade descontrolada. Ela não mais embarca em divagações
vez disso, se preocupa com coisas banais, e não sou mais um companheiro para
alguém que precisa lhe transmitir segurança, apesar de não ser o dono de seu coração.

Apesar de tudo isso, ela ainda mantém o bom humor — e rezo a Deus todas as noites
o perca totalmente. Quanto mais vou a sua casa, mais alegre ela parece ficar
semana, e então duas vezes por semana, quando ela pediu. Ken passa cada dia
deixando a casa vazia. Ela divide comigo suas preocupações e sussurra as perguntas
na sala escura. Finjo ter todas as respostas e, como um bom amigo de ambos, eu compartilho
seus medos com seu amor.

Em pouco tempo, me arrependo. Certa noite, uma rara noite na qual Ken está em
estudando, estamos todos sentados à mesa da cozinha, cada um com um copo de vinho.

Durante uma pausa na conversa, quando tentamos nos atualizar sobre os acontecimentos
vida de cada um, Ken enche seu copo. Ele não se dá ao trabalho de procurar gelo,

Trish suspira alto e se levanta, vai para a pequena sala de estar e se senta no braço do mundo todo existir em uma caixa de vidro dentro do quarto de uma criatura viveiro de formigas?” Posso jurar que o sotaque de Trish fica mais forte a cada vez

“Que puta pergunta bizarra”, eu digo, com o uísque fazendo minhas narinas sorri; nem sequer faz menção disso. Eu me levanto para me alongar, para não ser mesa com ele.

“Tudo bem. E se o mundo terminar amanhã, provando que estamos todos trabalhando tanto e dormindo tão pouco?” Seus olhos brilham na sala escura. Gat e ela acaricia sua pelagem marrom.

Começo a pensar na pergunta. Se eu morresse amanhã, ela saberia o quanto a desamo?

Ken dá risada, finalmente, mas seu comentário não é o que eu esperava. “Como se você soubesse o que é isso.”

Ele está sorrindo agora, jogando a cabeça para trás de um jeito sinistro quando se Gat parece sentir a ameaça quando Trish respira fundo. Eu nunca vi os dois começarem, vou tomar partido dela. O gato salta e parte pelo corredor. Eu lo —

deveria sair daqui e me manter longe disso, mas não consigo.

Ken leva o copo aos lábios e bebe o resto da bebida marrom.

“Desculpa, eu não devo ter ouvido bem”, diz Trish entredentes.

Ignoro o tremor de minhas mãos embaixo da mesa quando ele se levanta

Ignoro meu impulso de agarrá-lo até acordar do estado sonâmbulo em que tem ficado ultimamente, um estado no qual começa a gritar com ela, dizendo palavras horríveis, e berrando sobre ela. Ignoro a azia que sinto quando ela dá um tapa na cara dele. Ignoro as lágrimas dela queimam a pele de meus braços quando a abraço no sofá, do bêbado de cair e dirigindo por aí mesmo sem conseguir andar em linha reta — mas como saiu daqui, sem nem se virar quando o chamei, fico feliz por ele ter partido.

“E se ele não voltar?” Os lábios de Trish tremem quando ela finalmente começa a colocar a cabeça em meu peito.

“E se ele voltar?”, pergunto.

Ela suspira e aperta minha mão. Olho para seu rosto, e meu coração se aperta no mesmo ritmo com os lábios vermelhos por tê-los mordido, e com os olhos inchados de chorar. Está calma agora, olhando para minha boca.

“E se eu estiver perdendo o homem que pensei conhecer?” A pergunta de Trish surge seguinte vem logo depois. “E se eu preferir receber atenção a uma vida estável?”

Ela parece desesperada agora, passando os dedos pelos cabelos castanhos. Ela se ajoelha e se ajeitando os ombros. “E se eu confundi amizade com amor? Você acha que Ken e eu?”

Ela olha para as minhas mãos, que estão procurando por ela sem que eu percebesse.

“Não sei”, respondo, afastando as mãos para passá-las pelos cabelos e me recostando no sofá. Eu confundi amizade e amor quando escolhi a amizade e não meus sentimentos. Eu e meus melhores amigos construíram uma vida juntos. O problema que enfrentamos é a falta de tempo. Só isso. Ele a ama e, se ela fosse apaixonada por mim e não por ele, ele não estaria aqui há muito tempo.

Ela se ajoelha no sofá para me alcançar. Passa as mãos em meus cabelos e os afaseta. “E se não for tão simples?”

Será que Trish percebe o que sinto por ela? É por isso que está se aproximando a mim?”

Quando seu rosto está a poucos centímetros do meu, ela olha em meus olhos e pergunta: “Você me ama?”

O uísque em nosso hálito toma o ar, apesar de nós dois termos bebido bastante.

Aqui estou eu, falando de Ken de novo; parece que a presença dele está impregnada no ar.

Ele marcou o corpo de Trish como se fosse o dele; ele se mistura com a minha pele.

Sente os seios dela em suas mãos. Toca a pele pálida de sua barriga, de suas coxa sente seu gosto...

E eu nunca farei isso.

“Eu não deveria...”, respondo.

Mas eu seria um tolo se não pensasse em seu quadril largo e em sua pele perfeita. e sonhar com ela sempre foi algo constante e diário.

Trish gosta de minha resposta. Consigo perceber pelo modo como ela laml olha para mim, o modo como mantém os lábios levemente entreabertos. Isso quer

bem, pensado em mim? Por que mais perguntaria?

Quando ela olha nos meus olhos, e então para a minha boca, o bom senso e o auto de fazer parte do meu vocabulário e eu seguro seus cabelos e a beijo. O beijo é le pedacinho de sua língua, de seus lábios. Ela é minha nesse momento, e n aproveitando ao máximo. Em pouco tempo, ela fica mais intensa, agressiva empurra para o chão, sobe em cima de mim. Seu olhar é de profundo alívio quanc minha boca. Eu solto um gemido, erguendo o quadril para ela. Estou duro para el isso.

Seus dedos se entrelaçam nos meus, e ela os guia para o meio das pernas. Está an mostrar como está molhada; está pronta para confessar que me deseja. Tan mostro isso me esfregando nela; Trish solta um palavrão, implorando para para a próxima etapa.

Podemos mesmo...

“E se formos flagrados?”, ela pergunta, afastando-se um pouco.

Não sei se me importo como sempre pensei que me importaria.

“E se não formos?”, ela diz a si mesma e silencia qualquer outra pergunta que po língua entre meus lábios e as mãos desabotoando minha calça. Escorrega a segura, e eu derreto dentro dela. Meus medos de ser flagrado por um Ken irado, s minha, a ansiedade que sinto quando penso em sair daqui — tudo isso desaparece em me enterrar nela, desejando cada parte de seu corpo.

Puxo minha calça, e a desço com a cueca. Ela está me sentindo, me lambendo, de pela veia central inchada. Em seguida fecha os olhos, adorando o modo como sua acomodada até a garganta, e volta. Torna-se cada vez menos cuidadosa conforme vai me devorando, depressa, mas com eficiência. Está me satisfazendo como se nunca mais fosse ser vai mesmo.

“Deita de barriga para cima, com as pernas bem abertas. Quero olhar para

Preciso olhar para ela quando finalmente tenho o que quero na minha frente. Trish do carpete, arrastando a mesa de centro de cerejeira escura para o lado. Rapidamente eu não me importo, porque observá-la é demais. O vestido comprido de algodão cai a seus pés, e os braços já afastam as alças do sutiã branco simples. Meus olhos acompanham a cu seus mamilos são bolinhas sob meus olhos. Sua barriga é lisa; os músculos de sua com o quadril.

Estou latejando e muito duro quando a toco. Ela está deitada no carpete, e para mim. Meu pau fica entre nós, e consigo sentir o cheiro de sua umidade entre sentir como ela vai estar apertada. Eu me aproximo, fazendo pressão até preenchê-la lentamente. Ela parece uma luva enquanto entro e saio. Acho que não vou conseguir parar mais dela. Os olhos de Trish estão revirados, e sei que não vou conseguir mais tempo. Mexo o quadril, e ela envolve minha cintura com as coxas. Trish diz

“muito forte”, ela geme, fincando as unhas em meus braços enquanto a penetro co

Gozo dentro dela, desejando que não fosse a primeira e única vez que por corpo desse modo. Ela respira com força contra meu ombro, e beijo as m. pescoço, deixadas com as lambidas.

Minutos depois, voltamos à realidade numa mistura dolorida de braços e p respiração ofegante. Trish está sentada no chão, pernas cruzadas, e eu esto máximo de distância entre nós.

“E se não conseguirmos parar?”, pergunta ela, olhando para mim, e então, para a

Não sei o que fazer. Não sei o que quero, o que ela quer. Não sei o que é possível parar”, digo sem pensar. “Vou embora mês que vem.”

Apesar de saber disso — apesar de ter me ajudado a reservar a passagem de avião para mim de repente como se tivesse ouvido isso pela primeira vez.

E então, sem nada dizer, meneia a cabeça, e nós dois sentimos uma tempestade de perda por algo que na verdade nunca tivemos.

O MARAVILHOSO PRESENTE...

Ken era meu amigo, meu amigo mais próximo, diria, e eu era totalmente maluco.

Amava aquela mulher maluca e o fogo que sua presença trazia. Ela era desafiador ponto fraco. Era inaceitável o que estávamos fazendo, e ela sabia disso. Se nenhum de nós conseguia evitar. Estávamos presos, vítimas de um momento ruim ainda. Não era nossa culpa, eu me convencia sempre que caía, exausto e ofegante nu. Simplesmente não conseguíamos evitar; não era nossa culpa. Era o universo, de nossa situação.

Eu fui criado dessa maneira. Desde menino, aprendi que nada era minha culpa sempre certo, mesmo quando não estava, e ensinou o filho mais velho a pensar da

Fui uma criança mimada, mas não pelo dinheiro. Durante o tempo que pude absorvi sua arrogância. Meu pai nunca assumia seus erros; nunca teve que fazer isso. A vida sempre havia outra pessoa a culpar. Tentei ser um pai diferente do que ele fo

Kimberly diz que estou fazendo um ótimo trabalho. Ela me elogia muito mais do que eu aceito. Ela sabe falar mal também — tem a boca mais suja do que qualquer um das faculdade depois de beber doze latas de cerveja barata.

“Coloque a Karina na cama e depois vai me encontrar à sua espera.” Kimberly me deu um beijo no rosto e um tapinha na bunda, piscando e sorrindo ao caminhar para nosso quarto.

Eu amo essa mulher.

Karina solta um soluço enquanto dorme, e eu passo a mão em suas costas delicadamente com uma das mãozinhas e segura a minha.

Ainda não acredito que sou pai de novo. Estou velho. Fios grisalhos não j

minha cabeça.

Quando Rose morreu e ficamos só Smith e eu, nunca pensei que teria outro filho. descobrir que já tinha outro filho. Menos ainda, principalmente pelo modo começaram, nunca pensei que teria um filho de vinte e um anos na minha vida co

Hardin deixou de ser meu maior arrependimento e passou a ser minha maior aleg seu futuro, tanto que o contratei na Vance só para que tivesse um emprego.

O que eu não esperava era que ele se revelasse um gênio. Teve tantas dificuldade que imaginei que fosse arruinar ou acabar com a própria vida antes mesmo que co puto o tempo todo, e o merdinha fazia a mãe sofrer horrores.

Vi Hardin passar de garoto problemático a cara solitário, e depois se trans famoso e defensor dos jovens confusos. Ele se tornou tudo aquilo que eu poderia admira Hardin em todos os aspectos, exceto suas tatuagens, sobre as quais os dois

Smith as considera horríveis, e Hardin adora mostrar a Smith cada novo desenho fazer caber na pele já repleta.

Olho para a lindinha dormindo no berço, acendo a luminária sobre a pente silêncio, que ela vai ter o melhor pai que eu conseguir ser.



Smith

Na adolescência, ele não sabia ser um modelo de comportamento. Não fazia a menor ideia do motivo pelo qual alguém desejaria ser como ele, mas o menininho queria. O garotinho de covinhas o seguia por todos os lados sempre que o visitava e, conforme o cara foi amadurecendo, o garoto também cresceu. O garoto acabaria se tornando um de seus melhores amigos e, quando alcançou a mesma altura, tornou-se seu irmão, de fato.

Hardin vem de novo hoje, e estou mais animado do que o normal porque ele não . meses. Pensei que talvez não fosse voltar. Quando ele se mudou, prometeu que m quando, sempre que pudesse. Que bom que ele tem cumprido a promessa.

Nestes últimos dias, meu pai fica me mandando fazer coisas para me distrair, coisas matemática, guardar a louça lavada e levar o cachorro da Kim para fazer xixi. Go o cachorro, Teddy — ele é bonzinho e muito pequeno, por isso eu o levo no colo muita preguiça de andar. Mas, ainda assim, estou muito animado porque Hardin e

Hoje foi um dia comprido: escola, aula de piano e agora, dever de casa. Kimberly no outro quarto. Cara, ela faz barulho. Às vezes, chego a achar que ela pensa que não vou dizer que não. As notas estridentes dela às vezes assustam seu cachorro.

Sempre que Hardin vem aqui, ele me traz um livro. Sempre os leio, e ent trocamos mensagens de texto depois. Às vezes, ele me dá livros difíceis, com um entendo, ou livros que meu pai toma de mim por achar que sou novo demais para na cabeça de Hardin com o livro antes de guardá-lo para “um dia” me dar.

Acho engraçado quando Hardin xinga o meu pai. Isso normalmente acontece cabeça.

Um dia, a Tessa me contou que Hardin me ensinava palavras quando eu era peq lembro disso. Tessa sempre me conta coisas sobre a minha infância. Ela fala mais outra pessoa, a não ser Kim — ninguém fala tanto ou tão alto quanto Kim, mas T

Quando passo pela porta da frente, o alarme toca algumas vezes, e vejo uma pequ TV da sala de estar. O rosto de Hardin, com o nariz grande, cobre a telir também, as tatuagens fazem parecer que ele rabiscou a tela toda. Dou risada e apê falar.

“Seu pai mudou a senha de novo?”, pergunta Hardin, o que é engraçado, movimentam mais depressa na tela do que sua voz sai pelo alto-falante.

A voz dele é a mesma do meu pai, praticamente, só que mais lenta. Minha avó e r como eles também, porque todos nasceram na Inglaterra. Meu pai diz que eu estive mas só me lembro da viagem do ano passado, quando fomos ao casamento do am

Meu pai se machucou naquela viagem — eu me lembro que a perna dele moída.

Parecia

The Walking Dead (mas não diga a ele que dei um jeito de ver alguns e
Ajudei Kim a trocar os curativos, e eram muito nojentos, mas deixaram umas cicatrizes
teve que empurrá-lo numa cadeira de rodas por um mês; ela disse que fazia isso porque o ama. Se e
me machucasse e precisasse ser empurrado numa cadeira de rodas, tenho certeza
faria isso por mim.

Abro o portão para Hardin e caminho até a cozinha quando ouço os passos dele na
“Smith, querido”, diz Kim quando entra na cozinha. “Quer comer alguma coisa?”
dela estão soltos; ela meio que parece o cachorro, o Teddy, com seus pelos crespos
Eu nego balançando a cabeça, e Hardin se aproxima de nós.

“Eu quero”, diz ele. “Estou com fome.”

“Não perguntei para você. Perguntei para o Smith”, diz ela, e passa a mão no vestíbulo
Hardin dá uma risada bem alta. Balançando a cabeça, ele olha para mim.

“Está vendo como ela me trata? É terrível.”

Eu também dou risada. Kim diz que o Hardin a
perturba. Os dois são muito engraçados.

Kim abre a geladeira e pega uma jarra de suco. “Olha quem fala.”

Hardin ri de novo e se senta na cadeira ao meu lado. Está segurando dois embrulhos
papel branco. Não tem fitas nem nada escrito do lado de fora. Sei que são meus, r
mal-educado.

Olho para eles e tento ler o título dos livros através do papel, mas não consigo. Eu
janela e finjo estar olhando para fora para não parecer grosseiro demais.

Hardin coloca os embrulhos em cima do balcão, e Kim me dá um copo de suco a
armário pegar uns salgadinhos. Meu pai sempre diz para Kim não me deix
salgadinhos, mas ela não ouve. Meu pai diz que ela nunca ouve.

Estendo a mão para pegar o saco, mas Hardin é mais rápido, e segura o

cabeça por um minuto.

Ele sorri para mim. “Pensei que você não estivesse com fome.”

O furo embaixo de seu lábio faz parecer que alguém desenhou um pontinho em si um piercing, eu me lembro. Sempre falo para ele voltar a usá-lo. Ele me pede para parar de ouvir o que Tessa diz.

“Mas agora estou.” Eu me levanto e pego o saco de novo, que acaba fazendo um ruído na minha mão. Hardin dá de ombros, e parece feliz. Ele me acha engraçada o tempo todo.

Quando abro o saco, ele pega um punhado de salgadinhos e enfia na boca grande. “Presentes antes de se entupir de salgadinhos?” Pedacos de comida voam de volta, e Kim faz uma cara de nojo.

“Christian!”, ela grita chamando meu pai.

Dou risada, e Hardin finge estar assustado.

Eu pego o saco de salgadinhos. “Bom, já que perguntou, quero abrir os livros primeiro.”

Hardin pega os dois embrulhos e segura contra o peito. “Livros, é? Por que comprei livros?”

“Porque sempre compra.” Estendo a mão para pegar o mais volumoso, e ele o escorrega do balcão.

“*Touché*”, diz ele — seja lá o que isso quer dizer.

Esquecendo um pouco os bons modos, eu rasgo o papel até ver uma capa colorida de um garoto com um chapéu de mago.

“*A câmara secreta*”, leio o título em voz alta. Fico feliz com esse livro. Acabei de comprar um livro novo.

Quando olho para Hardin, ele afasta os cabelos do rosto. Concorde com meu pai para cortar os cabelos. Estão tão compridos quanto os da Kim.

Ele aponta o livro. “Foi o Landon que mandou. Ele gosta desse bruxinho.”

Meu pai entra na cozinha e xinga Hardin, que dá um tapa no ombro dele, infantis. Ela diz que eu ajo de modo mais adulto do que eles.

“Bem, que bom para ele”, diz meu pai. “Smith, não se esqueça de agradecer o am

Hardin solta um riso de deboche. “Amigo da Tessa? Ele é *meu* irmão.” Ele sorri e coça as tatuagens que tem nos braços. Quero fazer tatuagens como as dele quando não quer deixar, mas a Kim me falou que, quando eu tiver idade para sair de casa me impedir.

Vou poder fazer o que quiser quando crescer.

“Ele não é seu irmão *de verdade*”, digo a ele. Meu pai explicou que o Landon não é irmão dele de verdade.

O sorriso de Hardin desaparece, e ele meneia a cabeça. “Sim, mas, mesmo irmão.”

Quando penso no que ele quer dizer com isso, Kim pergunta se meu pai está com olha ao redor. Ele parece um pouco triste por algum motivo, de repente.

“Seu pai é meu pai. Então, a mãe do Landon é sua mãe?”, pergunto.

Hardin balança a cabeça para negar, e meu pai dá um beijo no ombro de com que ela sorria. Ele sempre a faz sorrir.

“Às vezes, as pessoas podem formar uma família mesmo não sendo filhos dos me

Hardin olha para a minha cara como se eu tivesse que responder alguma coisa que ele quer dizer, mas, se quer que Landon seja seu irmão também, por muito legal. Ele mora em Nova York, então não o vejo muito. Tessa também está escritório na cidade; é minúsculo e tem cheiro de hospital.

Hardin toca minha mão, e eu olho para ele. “Só porque o Landon é meu irmão não você não seja. Sabe disso, né?”

Fico meio envergonhado, porque a Kim está com cara de quem vai chorar assustado.

“Eu sei”, digo a ele, e olho para o livro do Harry Potter. “O Landon também pode
Hardin parece feliz quando sorri, e eu olho para cima e vejo Kim fazendo aquela
“Sim, pode.” Ele olha para Kim e diz: “Pode parar, mulher! Quem vê pensa que a
pelo jeito como está agindo”.

Meu pai xinga Hardin, e Kim sai da frente quando Hardin lança uma maç
parece um jogador de beisebol, pelo modo como se movimenta... e dá uma mord
que todos comecem a rir.

Hardin escorrega o outro livro pelo balcão, e eu o pego. O papel é mais duro para
outro, e acabo me cortando um pouco numa das pontas. Faço uma careta,
tenha notado. Se eu contar, Kim vai me obrigar a lavar a mão agora e fazer um cu
curioso para ver que livro é.

Quando rasgo o resto do papel, vejo uma cruz grande na capa. “Dra-
cula?”, leio o título. Já ouvi isso antes. É um livro de vampiro.

Meu pai se afasta de Kim e dá a volta no balcão. “Drácula? Você só pod
ainda não tem nem dez anos!” Ele estende a mão para pegar o livro.

Me volto para Kim para pedir ajuda. Ela contrai os lábios e olha feio para Hardin.

“Normalmente, eu fico do seu lado”, diz ela. Hardin responde que ela está
continua falando: “Mas Drácula? Justo esse livro? Harry Potter e Drácula... que r

Meu pai assente e fica de pé como se fosse uma estátua gigante, como se
mostrar que está certo.

Depois de um momento, Hardin revira os olhos e puxa a gola de sua camiseta pre
cara, seu pai está sendo um mala. Pode ler a
Câmara secreta agora e, quando eu vier da próxima vez, vou trazer outro...”

“Um sem violência”, meu pai interrompe.

Hardin suspira. “Claro, claro. Sem violência”, diz ele com uma voz engraçada.

Dou risada de novo. Meu pai sorri, e Kim o abraça.

Fico pensando quanto tempo vai demorar para eu ver o Hardin de novo.

“Quando você vai voltar?”, pergunto.

Hardin coça o queixo. “Hum. Não sei bem. Talvez daqui a um mês.”

Um mês parece muito tempo, mas o livro do Harry Potter parece ser *bem* longo...

Hardin se inclina para a frente, mais para perto de mim. “Mas vou voltar, sempre que vier”, sussurra.

“Como meu pai fazia com você?”, pergunto, e ele olha para meu pai. Para o nosso não o chama de pai. Ele o chama de Vance, que é nosso sobrenome. Não o de Hardin, o sobrenome que ele ganhou do pai falso dele.

Quando tentei chamar meu pai de Vance, ele disse que eu ficaria de castigo até os dissesse aquilo de novo. Não quero ficar tanto tempo de castigo, por isso eu o chamo de Hardin.

Hardin se ajeita na cadeira. “Sim, como ele fez comigo.”

Ele parece triste de novo, mas não tenho certeza do motivo. Hardin fica triste, depois ri — é assim o tempo todo.

Ele é bem esquisito.

“Como você sabia disso, Smith?”, pergunta meu pai.

O rosto de Hardin fica vermelho, e ele me pede silenciosamente para não contar.

Levanto as mãos e pego mais salgadinhos. “O Hardin disse para eu não contar.”

Hardin dá um tapa na própria testa, depois na minha, e Kim sorri para nós dois. E tempo todo. Eu também gosto quando ela ri; gosto do som.

Meu pai se aproxima de nós.

“Bom, o Hardin não faz as regras, lembra?” Meu pai apoia as mãos nos meus ombros e me dá uma massagem. Gosto quando ele faz isso. “Conte o que o Hardin disse, e levo você para comprar um trilho novo para seu trem.”

Meu trem é meu brinquedo preferido. Meu pai sempre compra trilhos novo trajeto, e, no mês passado, a Kim me ajudou a levar tudo para um quarto vazio, e quarto inteirinho só para os trens.

Hardin parece estar suando. Mas não está bravo, então decido que posso contar a Além disso, tem a promessa de mais coisas para o trem.

“Ele disse que você comprava livros para ele.” Ergo os livros pesados. “E que ele quando era pequeno como eu.”

Hardin vira a cabeça e meu pai parece surpreso com o que eu disse. Os olhos dele agora, e ele se vira para mim.

“É mesmo?” A voz do meu pai está esquisita.

“Sim”, digo, assentindo.

Hardin fica calado, mas olha para mim. Seu rosto está vermelho, e seus olhos como os do meu pai. Olho para Kim, e ela está cobrindo os lábios com a mão.

“Eu disse alguma coisa errada?”, pergunto a eles.

“Não, não”, meu pai e Hardin respondem ao mesmo tempo.

“Você não disse nada de errado, carinha.” Meu pai apoia as mãos nas minhas costas. Geralmente, quando ele faz isso, Hardin se afasta.

Mas hoje, não.



Hessa

É um dos verões dos mais quentes em Nova York quando Tessa dá à luz Auden.]
feira, dia

de lançamento do meu mais novo livro, e Tessa e eu estamos deitados no ventilador de teto que instalamos semana passada.

Não paramos de redecorar nosso pequeno apartamento, por algum motivo ou acabaremos não ficando aqui, mas não paramos de gastar dinheiro nesse lugar impulsiva de redecorar totalmente o quarto de nosso filho quando ele tinha só oito acabou sendo uma tarefa muito mais difícil do que prevíamos. Com a reforma, colocamos Auden no nosso quarto, na frente da nossa cama. O cômodo está apertado fôssemos refugiados em um barco, que decidiram dar à filha de cinco anos enquanto ocupam um compartimento menor.

Tess está adorando.

Em algumas noites, ela adormece com os pés virados para a cabeceira e segura a dois dormem assim. Na metade do tempo, eu acordo para ajustá-la, mordiscando sua orelha, massageando seus ombros tensos. Na outra metade, abraço as pernas dela e durmo tocá-la de alguma forma. De manhã, ela acaba do meu lado, mordiscando a *minha* orelha e massageando a *minha* lombar.

Eu já me sinto um idoso; minhas costas doem por causa da postura ruim na hora de sentado e curvado no sofá ou de pernas cruzadas no chão com o laptop no colo.

Tessa aponta o ventilador. “Está torto. Deveríamos pintar de novo.”

No momento, o quarto do bebê está pintado com um amarelo-claro que combina com o cômodo neutro. Queríamos manter a leveza do lugar, e já tínhamos aprendido com o erro subsequente — de termos pensado que uma menina desejaria ter paredes cor-de-rosa, como pintamos antes de Emery nascer. Mas, assim que ela percebeu que não gostava muito de-rosa, precisamos de três tardes e muitas demãos de verde para cobrir a maldita lição com isso, e Tessa aprendeu alguns palavrões novos comigo. Então, insistindo em tom pastel seria a escolha, seguimos em frente; todos sabem que eu faço de *tudo* para seguir o que minha mulher quer. Isso sem contar o fato de que será uma cor muito fácil de pintar. Auden começou a expressar suas preferências.

O quarto do bebê tem muitos tons de amarelo. Eu não sabia que existiam tons diferentes que eles eram tão diferentes uns dos outros. Cada um deles veio depois das idas e vindas à Pottery Barn, que eu juro que ocorrem pelo menos três vezes por semana. Ela pega tipos de coisas que ama e as segura contra o peito, exclamando frases como “Essa é liiiinda!” e “Esse brinquedo é tão lindo que eu seria capaz de comê-lo!”. E, no fim, a tal coisa acaba enfiada embaixo de uma almofada do sofá ou em alguma prateleira no quarto que está sempre cheio.

O quarto acabou se tornando um cubo amarelo dentro do qual Tessa não conseguiu ficar dez minutos sem enjoar. Ela me fez prometer que eu nunca mais deixaria que decidissemos muito menos um de bebê. E, agora, quer que eu pinte tudo de novo.

O que eu não faço por essa mulher?

E eu faria mais. Faço tudo o que posso.

Uma coisa que eu precisaria fazer, de algum modo, é convencê-la a pegar mais leve no trabalho.

Ela anda muito cansada ultimamente, e isso está me deixando maluco. Tessa não sei o quanto ama seu trabalho. Sua carreira é seu terceiro filho. Ela trabalha muitos casamentos mais lindos imagináveis. Ela é nova, novata no ramo, mas é incrível e

Tessa estava aterrorizada quando conversou comigo sobre a possível mudança.

Andava de um lado a outro em nossa pequena cozinha. Eu havia acabado de encher as louças e

“terminado” de pintar as unhas de Emery. Achava que estava me dando bem com as unhas, mas Emery fez Tess me demitir quando eu disse que a sujeira que estava fazendo parecia normal, que o esmalte vermelho fazia parecer com que ela havia acabado de matar

Eu não sabia que uma filha minha podia ter o pavio tão curto e um senso de humor

“Então, eu quero recusar a promoção na Vance e voltar a estudar”, anunciou Tess na mesa da cozinha. Ou pelo menos achei que fosse casual. Emery permaneceu em silêncio, do impacto que tais decisões têm na vida das pessoas.

“Sério?” Passei uma toalha num prato molhado para secá-lo.

Tessa mordeu o lábio inferior e arregalou os olhos. “Ando pensando muito nisso e eu não fiz isso, vou enlouquecer.”

Ela não precisava explicar isso para mim. Todo mundo precisa mudar de vez em quando. Eu fiquei entediado com os livros, e Tessa me deu a ideia de ser professor substituto por dias por mês em Valsar, a escola de ensino fundamental de Emery, onde Landon larguei depois de três dias, mas foi uma experiência divertida, e consegui alguns alunos e uma filha.

Como sempre, incentivei Tessa a fazer o que queria. Queria que se sentisse feliz, tanto do dinheiro. Eu havia acabado de assinar um contrato com a Vance, meu primeiro emprego em dois anos. O dinheiro do contrato foi direto para uma conta para as crianças. Bom, isso depois de eu ter comprado para Tessa um presente para me desculpar por ser tão idiota tanto tempo atrás: uma pulseira de metal para substituir a antiga, que era de pano. Ao longo

do tempo se rasgou, mas Tessa guardou as pulseiras e ficou muito animada porque conseguiu acrescentar novos pingentes conforme ela quisesse. É bem idiota, na minha opinião.

Na manhã seguinte, Tessa se reuniu com Vance e educadamente recusou a oferta de emprego, chorou por uma hora quando chegou em casa. Eu sabia que ela se sentiria decepcionada com o emprego, mas não ia ser por muito tempo. Eu sabia que Kim e Vance dariam força para que o prévio de duas semanas terminasse.

Quando ela conseguiu o primeiro cliente para um casamento, deu um grito, e eu a vi sorrir de um modo que nunca tinha visto. Eu ainda não sabia por que essa louca tinha ficado tão feliz com todas as merdas que fiz na juventude, mas fiquei bem feliz por ela ter ficado, ainda mais por vê-la tão feliz quanto estava naquele momento.

Obviamente, Tessa mandou muito bem no primeiro casamento e passou a trabalhar para mim, parar, e, com isso, conseguiu contratar duas funcionárias depois de poucos meses dela, e ela de si mesma. Analisando o que passou, parece besteira que tenha temido de Tessa, é uma daquelas pessoas irritantes que transformam merda em ouro.

Foi bem o que aconteceu comigo.

Ela trabalhava muito, e voltou à carga com tudo depois que Auden nasceu.

Eu a cutuquei. “Você precisa de uma noite de folga. Está praticamente dormindo olha para o ventilador de teto.”

Ela cutuca meu quadril com o cotovelo. “Estou bem. É você que quase não sussurra ela, encostada em meu pescoço.

Sei que ela está certa, mas tenho prazos, e não posso me dar ao luxo de quando empaco num trecho que estou escrevendo, ele gruda em mim e não assim, odeio saber que ela percebe minha falta de sono, já que sempre se comigo do que eu mesmo.

“Estou falando sério. Você precisa dar um tempo. Ainda está se recuperando viveu dentro de você”, digo, e escorrego a mão por baixo da camiseta dela em sua barriga.

Ela se retrai. “Não faz isso”, resmunga, tentando afastar minhas mãos de seu corpo mais do que o de Emery, mas, para mim, ela está mais sensual do que nunca minha mão a deixa desconfortável assim.

“Linda...” Eu afasto a mão, mas só para poder me apoiar no cotovelo. Olhando para a cabeça.

Pressionando dois dedos quentes em meus lábios, ela sorri. “Conheço essa onde você faz o discurso heroico de marido preocupado dizendo que minhas cicatrizes são lindas e que estou ainda mais bonita por causa delas”, diz Tessa, dando umas palavras.

Ela sempre foi uma espertinha.

“Não, Tess, agora é quando *mostro* como me sinto quando olho para você.”

Aproximo minha mão de seu seio e o aperto com força suficiente para expulsa-la, deixando seu corpo aquecido para mim. Ela geme quando toco seu mamilo duro e o belisco por

Ela está pronta. Eu sei, e ela sabe. Ela aceita isso abertamente, e eu reajo consigo.

Minhas mãos logo encontram seus shorts e escorregam por baixo do tecido. Com um ponto úmido na parte da frente da calcinha. Adoro senti-la molhada e quero sentir seu gosto.

Afasto os dedos e os levo aos lábios. Tessa geme, puxa meu dedo do meio e o incute nas pontas.

Caramba, essa mulher acaba comigo.

Os olhos dela estão grudados nos meus quando mordisca as pontas de meu corpo no dela, para que sinta como meu pau ficou duro com suas provocações. Seus shorts de algodão e os desço por suas pernas até os pés. Ela os afasta e a calcinha fica presa. Ela quer agora, precisa de mim agora. Chupo seu pescoço segurando meu pau. Ela está tão desesperada quanto eu quando tira minha roupa de mim, estou só de meias. As inseguranças de Tessa parecem desaparecer quando ela está no meu e leva os lábios molhados à minha ereção. Passando a língua quente pela gota de mim. Continua movimentando a boca num ritmo estável, tomando enquanto digo seu nome aos gemidos.

Eu encosto a cabeça no chão e levanto as mãos em direção a seus seios, que ainda estão devido à amamentação — uma mudança corporal que ela ama, e com certeza não estou reclamando, porque agora tenho ainda mais com o que brincar.

“Porra, como eu amo os seus peitos”, digo quando ela desce a boca pela extensão

Tessa me chupa com força, e me envolve enquanto sinto a tensão aumentar

Quando passo as mãos por seus cabelos, ela se afasta, lambendo os lábios seguidamente e apoia-se nos cotovelos e encosta os seios no meu pau. Estou ofegante como um cão à espera do carinho de seu dono depois de passar um dia todo no canil, sozinho. Tessa une os seios e escorrega meu pau entre eles. Com três movimentos, gozo em sua pele. E a língua de Tessa aparece entre os lábios, e ela abre um sorriso tímido, confortável como seu corpo reage ao fato de me dar prazer.

Ela fica de pé e então, olhando para o peito, diz: “Vou precisar de um banho”.

Ainda ofegante, pego a camiseta preta do chão e entrego para ela. Tessa ri e faz careta para mim, e toma o caminho da porta. Ao longo dos anos, ela tem se tornado

contrária à ideia de eu limpar os fluidos corporais com minhas camisetas. Parece para isso servem as toalhas, é o que ela sempre diz.

Eu a sigo até o banheiro, pensando em todas as maneiras como vou retribuir a go:

Os seios dela ficam lindos pressionados contra o vidro. O espelho na parede mostra as melhores coisas desse apartamento.



Hessa

PÁSCOA

“Hardin, o Auden acordou.” A voz de Tessa invade meu sono. “Precisamos encontrar os cestos de Páscoa.”

Ela aperta meu ombro, implorando para que eu acorde.

“Hardin, vamos.” Ela está falando baixo, mas a animação é evidente em seus sussurros.

Se eu for despertado assim pelo resto da vida, sou um cara de muita sorte.

Resmungo, quase sem abrir os olhos, quando ela me puxa contra meu peito.

“O que foi?”, pergunto, encostando os lábios em sua têmpora. Seus cabelos grudam no meu rosto e eu afasto as mechas. Ela está sem blusa, com os seios macios pressionados na lateral do meu corpo.

Ela sussurra, passando a perna pela minha. Eu me retraio, e ela me aperta mais.

“As crianças precisam encontrar os cestos, e eu quero começar a fazer o café da manhã. Você precisa acordar.”

E assim, como se não estivesse me excitando, ela afasta o corpo do meu e rola para fora da cama.

“Vem cá, linda”, resmungo, sentindo falta do calor de seu corpo.

Quando ela abre a cômoda, olho para seu peito nu. Acabo gemendo sem querer, e por não ter acordado antes para ficar com ela na cama. Estaria dentro dela: umidade e no calor da...

Um travesseiro voa na minha cara. “Saia da cama! Temos um dia cheio hoje.”

Suspirando, levanto de nossa cama *king size* e visto uma camiseta antes que ela jogue mais alguma coisa em cima de mim. Ela passou meses redecorando o apartamento, e faço certeza de que não quer estragar nenhuma das peças que escolheu com o decorado me convenceu de que precisávamos. O cara era um pirado, pintou a sala de estar e a pintar uma semana depois com um tom levemente menos nauseante.

“Eu sei, linda. Cestos, coelhos, ovos e essa merda toda.” Olho para meu r e pendurado na parede e passo os dedos pelos cabelos. Usando o elástico em cabelos e olho para Tessa. Ela está tentando não rir, mas não está conseguindo se

“Sim, essa merda toda.” Ela acaba rindo e pega a escova de cabelos. “Temos que

Landon às duas. Karen e Ken chegaram, e eu ainda não fiz a salada de batata que

Depois de terminar de cuidar dos cabelos compridos, ela me entrega a escova com

Balanço a cabeça, negando. Não preciso escovar os cabelos; meus dedos cumpri

“Vou fazer a salada enquanto você se arruma”, digo. “Agora, vamos ver as crianças e cestos.”

Ela faz uma careta, julgando minha capacidade de fazer a salada e chegando à conclusão não é uma proposta aceitável. Sou totalmente capaz de cozinhar... a não ser que no passado, quando queimei o peru.

Tessa está usando uma calça branca de algodão e uma camiseta azul-marinho; sua pele está um pouco bronzeada por passar tanto tempo no quintal cuidando da pequena horta no quintal aqui no Brooklyn; é sua parte preferida da casa que comprei para ela para um novo livro.

No corredor, ela para na frente do quarto de Emery. “Vá acordá-la, e me encontrem na sala de

estar.” Ela me dá um beijo e grita para chamar nosso filho. Eu dou um tapa em se ela se afasta, e Tessa revira os olhos — como sempre.

Quando entro no quarto de Emery, ela está espalhada na cama, com as pernas penduradas para fora por cima da colcha com desenho da Disney.

“Em”, chamo, tocando seu braço.

Ela se remexe, mas continua com os olhos fechados.

Quando encosto nela de novo, ela resmunga “Nãããooo”, e se deita de bruços, entendo no travesseiro.

Que dramática.

“Querida, você precisa levantar. O Auden vai pegar todos os chocolates se você não vier.”

E, de repente, ela levanta da cama, com os cabelos loiros todos despenteados. Seus cabelos são ondulados como os meus, e grossos como os da mãe.

“É o melhor chocolate que eu já comi”, ele diz, e ela responde: “*nem sonhar!*”, ela grita quando se levanta e calça os chinelos, correndo para fora do quarto.

Quando eu consigo alcançá-la, ela está abrindo todos os armários da cozinha.

“*Onde está o meu?*”, ela grita.

Tessa ri, e Auden desembrulha um ovo de chocolate com os dedinhos gordos e com um pedaço. Mastiga por um momento, e abre a boca.

Tessa se aproxima e tira um pedaço de papel-alumínio de sua boca, e ele sorri, com chocolate cobrindo os dentes tortos. Ele perdeu o dente da frente semana passada, e está adoeceu dele porque está falando engraçado, já que essa é uma das vantagens de ser pai: podes falar o que quiser. É um rito de passagem.

“Mãe!”, Emery resmunga no armário do corredor. “O papai escondeu o meu... não consigo encontrar!”

Dou risada do drama que ela faz. “Sim, sim, escondi.”

Ela é uma menina meiga, mas cheia de opinião aos onze anos. Por isso não tem n

Emery continua procurando enquanto Auden devora metade de seu cesto d pedacinhos de grama falsa no chão.

“Tem um tambor aí dentro também”, digo a ele. Ele assente, com a boca aparentemente pouco interessado em qualquer outra coisa que não seja feita de ch

“Papai.” Emery entra na cozinha com as mãos vazias. “Pode me dizer onde escond

Está muito difícil. Mais difícil do que o ano passado.” Ela se aproxima e passa os cintura. É bem alta para sua idade, e está tentando me fazer de bobo.

“Por favooooor”, ela implora.

“Você não engana ninguém, querida. Vou dar uma dica, mas um abraço e uma vc vão me chantagear. Você precisa se esforçar pelas coisas, lembra?”

Ela contrai os lábios ainda mais. “Eu sei, papai”, diz, agarrada a meu peito.

Sorriso diante de sua nova tática e, quando olho para a frente, vejo Tessa observan olhos desconfiados.

“Está em um lugar aonde você não vai nunca. Está onde suas roupas ficam dobrar.” Passo a mão pelas costas dela, que me solta.

“A máquina de lavar!”, Auden grita, e Emery solta um berro. Ela corre até o irmão na cabeça dele. Ele sorri e parece um cachorrinho feliz ao ser elogiado pela irmã.

Em um minuto, Emery volta correndo para a cozinha com um cesto. Pequ caem no chão. Ignorando todos eles, ela continua a olhar dentro do cesto. ajudá-la com a sujeira que a própria Emery não parece interessada em limpar.

Emery se senta no chão. Apoia o cesto nas pernas cruzadas, e está comendo um n goma. Eu me viro para Tessa e para Auden. Ele está no colo da mãe, abraçando-a pelo pescoço. No

colo dela, ele parece quase de seu tamanho. Não faço a menor ideia de como o tei como eu — um merdinha rebelde — consegui fazer filhos tão calmos e cheios de

Bom, Emery já deu seus chiliques, claro. Como quando jogou um vaso na difícil lidar com isso: eu dei uma bela bronca. Não aceito essa raiva de menina mi motivo para ser revoltada aos onze anos, não como eu tinha. Ela tem dois estão sempre do seu lado.

Sério, os dois são ótimos.

Tessa e eu sempre apoiamos nossos filhos. Eles nunca ficaram sem um ab menos dois

eu te amo durante um dia. Emery tem algumas das coisas da moda entre populares da escola. Não quero que meus filhos sejam como eu, os alunos de sap que saibam como é querer coisas como brinquedos e ensinar a eles uma r los,

fazendo coisas simples como beijar e abraçar, o que nunca vai faltar por a quando eles nasceram. Eu não seria como meu pai, como nenhum dos dois. Criar

que são amados, sem pensar que estão sozinhos no mundo. O mundo é gr sozinho, principalmente dois pequenos Scott.

Interrompi o padrão de pais ruins para não estragar essas duas vidinhas.

Dentro de uma hora, Emery está dormindo, com uma perna pendurada no braço pela lateral. Auden está no sofá preferido dele, que, apesar de ser uma “mir espaço. Tessa levou para casa apesar de meus protestos. O sofá veio com um apo caro, o que também toma muito espaço para uma sala de estar do Brookly discussão a respeito da mobília, por isso aqui estou, olhando para meu filho de se depois de comer muitos doces, ainda com manchas de chocolate no queixo comigo do que com a mãe.

“Olha como eles são lindos”, diz Tessa atrás de mim. Quando olho para ela, vejo seus olhos estão pequenos, e a pele está meio pálida.

Encosto os lábios em seu rosto, torcendo para conseguir ver um pouco de cor nele sinto suas mãos em meu peito.

“O que você pretende fazer durante esse cochilo?”, pergunto. Ela sempre c minuto do cochilo das crianças — que tem se tornado cada vez mais curto — par

Ela é ocupada demais, mas não me ouve, por isso não posso fazer nada a respeito

“Hardin?” A voz de Tessa é suave, rouca, e ela olha em meus olhos. “Enquanto pergunta ela, subindo e descendo os dedos pela minha barriga, com as unhas arranhando devagar.

“Nas crianças e quando elas dormiam na nossa cama.” Dou de ombros e sorrio para ela.

“Que esquisito”, diz ela balançando a cabeça. Mas ela sorri.

“Só é esquisito porque dessa vez eu me distraí, e não você, linda.”

Acaricio seus mamilos duros, e ela geme. Levanto sua camiseta, que cai no chão, e toco seus cabelos, fazendo com que fiquem despenteados, com as faces vermelhas e os lábios loiros revoltos e olhos famintos. Estendo a mão, passando o dedo pela costura de renda. Essa mulher usa os sutiãs mais sensuais do mundo. Enfio a mão por baixo dos seus mamilos.

“Deite-se, linda”, oriento. Ela desce a calça e a calcinha, deixando-as no chão, e se deita de costas na cama. Em seguida pega um travesseiro e o coloca embaixo da cabeça. É exatamente o que ela quer: sexo oral. Tem sido seu preferido.

Está cansada, exausta, e com os pés doloridos, por isso simplesmente quer ser miúdo. Isso será retribuído — minha mulher devolve o favor, e chupa meu pau enquanto as crianças dormem além das sete. Tessa levanta as pernas, flexiona as duas na frente. Mordo meu lábio, tentando conter um gemido.

Ela está encharcada, brilhando sob a luz, e não tenho o menor autocontrole. Quase na frente, pressionando minha boca contra sua pele úmida e macia. Minha língua firme, e chupo com delicadeza.

Ela ergue o quadril, empurrando o corpo contra mim. Passo os braços ao redor dela e puxo para a beirada da cama. Ela geme, um adorável som de surpresa enquanto eu a toco.

Minhas mãos seguram suas nádegas, e minha boca a devora enquanto ela geme. *isso e nossa*, além de mil outras coisas bem indecentes.

Adoro suas pequenas exclamações de incentivo. Isso me faz querer deixá-la com as pernas bambas, agarrada aos lençóis. Agora, ela está puxando meus cabelos, um punhadinho de cada vez.

“Har-
din...” Ela diz, e eu enfio um dedo em sua boceta, pondo e tirando, deixando-
a maluca. Faço
movimentos circulares em seu clitóris com a língua, murmurando e circular
circulando. Sinto seu gosto quando ela goza, é uma delícia.

Puxo o ar e me levanto para deitar a cabeça em sua barriga enquanto ela recupera
puxa meus cabelos, me atraindo para ela. Ainda estou excitado e, deitado em cima
não consigo pensar em mais nada além de sexo. Tessa sabe disso, e está
esfregando-se contra mim.

“Quer foder mesmo? Ainda não cansou?”, pergunto, pressionando meu pau duro

“Nunca vou me cansar...”, ela geme, e eu perco o controle quando segura meu pau
dentro dela. Eu a penetro de uma vez e observo, encantado, seus olhos se
estão pressionados contra meu peito, e suas coxas envolvem minha cintura.

“Mais”, ela implora, querendo que eu me movimente dentro dela. Obedeço
rápidas. Uma de suas mãos agarra meus cabelos, e a outra aperta minhas costas.

Não vou aguentar muito.

Nem um pouco.

Sinto as pernas dela me apertando, e atinjo meu ápice nesse momento, faz
movimentos enquanto seu corpo se contrai com o meu. Ela mantém os olhos fechados
cama.

Conforme minha respiração diminui, olho para Tessa. Seus olhos cinza-
azulados estão fechados,
os lábios estão entreabertos, e ela está tão linda quanto era no dia em que a conheci.

Mal consigo me lembrar do moleque que eu era quando a conheci, mas todos os dias da
vida juntos desde então passam por mim como uma canção.

Essa mulher teimosa ainda se recusa a se casar legalmente comigo, mas é minha esposa e
os aspectos importantes, a mãe dos meus filhos lindos. Queremos ter pelo menos
diminuir o ritmo de trabalho.

Tenho receio de colocar outro filho no mundo. Fico um pouco preocupado todas as vezes.

A responsabilidade de criar um ser humano decente pesa em mim, mas Tessa carrega o peso e me diz que somos ótimos pais. Não sou como meu pai era. Sou diferente. Cometeu erros. Mas cumpri minha pena e fui perdoado. Não sou um homem religioso, mas sou algo maior do que Tessa e eu aqui. Meu mundo foi do nada para tudo, e sinto orgulho agora. Vejo minha luz nos olhos dos meus filhos, e escuto a minha felicidade no

Sinto orgulho da diferença que faço na vida dos adolescentes com minhas doações comunitárias. Conheci milhares de pessoas cujas vidas foram afetadas por minhas páginas. Lutei por muito tempo para deixar tudo guardado, mas, quando reabriu. Teria sido egoísta de minha parte não dividir minhas experiências, não ajudar quem sofre com vícios e doenças mentais. Ao longo dos anos, aprendi a não me preocupar só com o futuro. Tenho consciência de que meus pensamentos parecem piegasia e verdade.

Vivi na escuridão por muito tempo; quero ajudar a iluminar o caminho dos outros.

Sou abençoado com uma família com a qual nem sequer poderia sonhar, e estou certo de que serão melhores do que fui.

A cabeça de Tessa cai para o lado, e eu afasto os cabelos de seu rosto. Ela tem sido meu fogo, meu ar, minha dor e, independentemente do que passei, cada segundo que chegarmos à vida que temos agora.

Arrastei Tessa comigo pelo inferno, mas estamos aqui. Depois de tudo, criamos uma versão do paraíso.



Agradecimentos

Tenho a sensação de que os agradecimentos neste livro são exatamente os mesmos. As mesmas pessoas incríveis me ajudaram com eles — então, muito obrigada a todos.

Adam Wilson: Mais uma vez, obrigada por trabalhar comigo com tanta dedicação com você e com sua paciência. Fizemos cinco livros (que são do tamanho de dez)

é maluco demais. Mal posso esperar pelos próximos três J.

Kristin Dwyer: Você é poderosa, cara. Você me mantém organizada (o má que não tenho muita prática em verificar os compromissos no meu calendário). O

Wattpad: Obrigada por ainda ser minha casa e por permanecer como é, da pessoas um lugar para fazer o que amam.

Ursula Uriarte: É muito maluco pensar que você entrou na minha vida como uma acaso gostava dos meus livros e agora é uma das minhas amigas mais próximas. / saber escrever seu nome direito, você é muito, *muito* importante para mim, para o Hardin e para a Tessa. Você os ama tanto quanto eu, e isso significa muito para eles. (Eles me dis Wilma e RK: Amo vocês duas e valorizo muito sua amizade. Vocês me ajudaram livro e ouviram meus chilikues. Amo vocês duas.

Ashleigh Gardner: Obrigada por ser a melhor amiga e agente que eu poderia ter!

Obrigada aos revisores e editores que trabalharam com afinco para cumprir apertados.

Um obrigada enorme a todas as editoras estrangeiras que me publicam, de pessoal do marketing, e todos os envolvidos. Todos vocês se empenham m comercializar os livros pelo mundo, e isso é muito importante para mim e diverti demais visitando tantos lugares e conhecendo tantos leitores do mundo toc



JD WITKOWISKI

ANNA TODD vive em Austin, no Texas, com seu marido, com quem se casou um mês depois de se formar no ensino médio. Durante os três períodos em que ele serviu no Iraque, ela teve empregos em lojas de maquiagem e escritórios da Receita Federal americana. Anna sempre foi uma leitora ávida, fã de boy bands e de livros românticos. Está vivendo um sonho desde que conseguiu combinar as três coisas e tornar-

se escritora.

Copyright © 2015 by Anna Todd

Todos os direitos reservados.

Publicado em língua portuguesa por acordo com Gallery Books,
um selo da Simon and Schuster, Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Before

CAPA Tamires Cordeiro/ Inspirada no design da capa do Grupo Planeta, Espanha;
IMAGEM DE CAPA Britt Erlanson/ Getty Images

IMAGEM DE MILOLO Departamento de Arte do Grupo Planeta, Espanha

PREPARAÇÃO Alexandre Boide

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Carmen T. S. Costa

ISBN 978-46-438-0528-3

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Playlist de Hessa](#)

[Parte um](#)

[Natalie](#)

[Molly](#)

[Melissa](#)

[Steph](#)

[Parte dois](#)

[Hardin](#)

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

[22](#)

[23](#)

[Parte três](#)

[Zed](#)

[Landon](#)

[Christian](#)

[Smith](#)

[Hessa](#)

[Hessa](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

Document Outline

- [Rosto](#)
- [Playlist de Hessa](#)
- [Parte um - Antes](#)
 - [Natalie](#)
 - [Molly](#)
 - [Melissa](#)
 - [Steph](#)
- [Parte dois - Durante](#)
 - [Hardin](#)
 - [1](#)
 - [2](#)
 - [3](#)
 - [4](#)
 - [5](#)
 - [6](#)
 - [7](#)
 - [8](#)
 - [9](#)
 - [10](#)
 - [11](#)
 - [12](#)
 - [13](#)
 - [14](#)
 - [15](#)
 - [16](#)
 - [17](#)
 - [18](#)
 - [19](#)
 - [20](#)
 - [21](#)
 - [22](#)
 - [23](#)
- [Parte três - Depois](#)
 - [Zed](#)

- [Landon](#)
- [Christian](#)
- [Smith](#)
- [Hessa](#)
- [Hessa](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Sobre a autora](#)
- [Créditos](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Playlist de Hessa](#)

[Parte um - Antes](#)

[Natalie](#)

[Molly](#)

[Melissa](#)

[Steph](#)

[Parte dois - Durante](#)

[Hardin](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[Parte três - Depois](#)

[Zed](#)

[Landon](#)

[Christian](#)

[Smith](#)

[Hessa](#)

[Hessa](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Créditos](#)